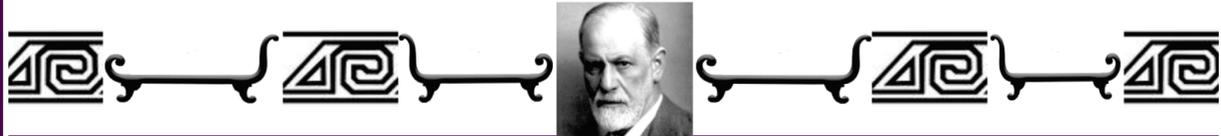


# ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 52 - DEZEMBRO/2019

## PSICANÁLISE E DIVERSIDADES:

*Inconsciente, Cultura e  
Caminhos Pulsionais*



VER-O-PESO

**XXIII** CONGRESSO DO  
CÍRCULO BRASILEIRO  
DE PSICANÁLISE

**III** JORNADA DO  
CÍRCULO PSICANALÍTICO  
DO PARÁ

Publicação do

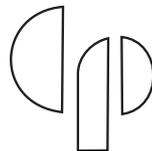
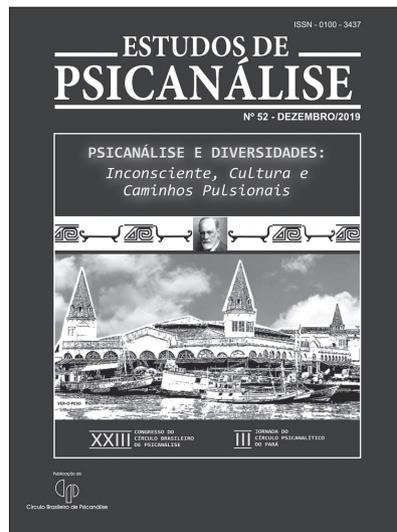


Círculo Brasileiro de Psicanálise



# ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do  
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE  
**PSICANÁLISE**

Indexada em:  
CLASE (UNAM – México)  
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – <[www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)>  
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea  
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)  
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia  
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas  
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

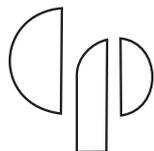
*Os artigos são de total responsabilidade dos autores.*

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Belo Horizonte. Círculo Brasileiro de Psicanálise,  
n. 52, dez. 2019. 200 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



# Revista Estudos de Psicanálise

## EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)  
Cibele Prado Barbieri (CPB)  
Messias Eustáquio Chaves (CPMG)  
Noeli Reck Maggi (CPRS)  
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)  
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

## CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)  
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)  
Carlos Pinto Corrêa (CPB)  
Déborah Pimentel (CPS)  
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)  
Marie-Christine Laznik (ALI-França)  
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)  
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

## CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)  
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)  
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

## ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Rua Maranhão, 734/3º andar – Santa Efigênia  
CEP 30150-330 – Belo Horizonte/MG  
<[www.cbp.org.br](http://www.cbp.org.br)>

## PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo/Orgânica Editorial

## FOTO DA CAPA

Belém: Mercado Ver-o-Peso

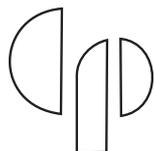
## IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Maria da Penha Andrade Abi Harb  
Samia Saady Morhy

## REVISÃO

**Português e normalização**  
Dila Bragança de Mendonça  
**Inglês**  
Anchyses Jobim Lopes





# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **DIRETORIA 2017-2019**

### **PRESIDENTE**

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

### **VICE-PRESIDENTE**

Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

### **SECRETÁRIA**

Cibele Prado Barbieri (CPB)

### **TESOUREIRO**

Ricardo de Lima Sedeu (CBP-RJ)

### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

### **EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE**

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Cibele Prado Barbieri (CPB)

Messias Eustáquio Chaves (CPMG)

Noeli Reck Maggi (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

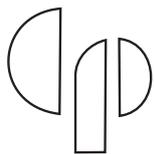
### **PÁGINA ELETRÔNICA**

Cibele Prado Barbieri (CPB)

### **REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS**

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)





# **Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP**

## **INSTITUIÇÕES FILIADAS**

### **Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: <cbp.rj@terra.com.br>

Site: <www.cbp-rj.com.br>

### **Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB**

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: <circulopsi.ba@veloxmail.com.br>

Site: <www.circulopsibahia.org.br>

### **Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG**

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: <cpmg@cpmg.org.br>

Site: <www.cpmg.org.br>

### **Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA**

Travessa São Pedro, 242 - Campina

66023-570 - Belém - PA

Tel./Fax: (91)3349-0515

E-mail: <bethlevy@gmail.com>

### **Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS**

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: <circulopsicanaliticors@gmail.com>

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

### **Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS**

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: <cps@infonet.com.br>

Site: <www.circulopsicanalitico-se.com.br>



# Sumário

- 15**    **Editorial**
- 17**    **ENTREVISTA DE ABERTURA**  
**Entrevista exclusiva com Elisabeth Roudinesco**  
**por Paulo Roberto Ceccarelli**  
*Exclusive interview with Elisabeth Roudinesco by Paulo Roberto Ceccarelli*  
Transcrição, edição e tradução: Paulo Marcolino Fonseca
- 29**    **PAINÉIS E COMUNICAÇÕES SIMULTÂNEAS**  
**— TEXTOS COMPLETOS**  
**Diante de uma filiação estranha: sofrimento e luto de mães**  
*Facing a strange affiliation: mothers' suffering and mourning*  
Anabela Silva Queiroz
- 37**    **As diversidades da clínica psicanalítica**  
*The diversities of the psychoanalytic clinic*  
Anna Lucia Leão López
- 45**    **A violência da palavra: política, lei e verdade**  
*The violence of the word: politics, law and truth*  
Cibele Prado Barbieri
- 51**    **O sujeito contemporâneo e a realidade virtual**  
*The contemporary subject and virtual reality*  
Deborah Pimentel
- 59**    **Internet e psicanálise: considerações sobre**  
**seus efeitos na forma de subjetivação da criança**  
*Internet and psychoanalysis: considerations on its effects of child subjective*  
Elizabeth Samuel Levy  
Louise Freitas Monteiro
- 69**    **Assédio do simbólico: o trauma necessário à constituição do sujeito**  
*Harrasment of the symbolic: the necessary trauma to the constitution of the subject*  
Esperidião Barbosa Neto
- 77**    **Identidades de gênero, contexto psicossocial e violência:**  
**desafios à prática clínica**  
*Gender identities, psychosocial context and violence*  
Fernanda Ribeiro de Freitas
- 87**    **Concepção de contratransferência em Pierre Fédida**  
*The countertransference conception in Pierre Fédida*  
Helena Maria Melo Dias
- 95**    **A manifestação da sexualidade indígena em um conto erótico**  
*Manifestation of indigenous sexuality in an erotic tale*  
Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa  
Paulo Roberto Ceccarelli

- 103** **A psicanálise e a dimensão política**  
*Psychoanalysis and the political dimension*  
Luís Antônio Franckowiak Pokorski
- 111** **A narrativa como intervenção na clínica com autista**  
*Narrative as intervention in the clinic with an autistic*  
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
- 119** **Relações amorosas com psicopatas**  
*Love relations with psychopaths*  
Maria das Mercês Maia Muribeca
- 127** **A psicanálise no contexto institucional da humanização da assistência em saúde**  
*Psychoanalysis in the institutional context of the humanization of health care*  
Ricardo Azevedo Barreto
- 135** **A escuta nas instituições e possíveis consequências psíquicas para o psicanalista**  
*Listening in institutions and possible psychics consequences for the psychoanalyst*  
Stetina Trani de Meneses Dacorso
- 147** **Experiências extraordinárias entre o xamanismo e a psicanálise: uma reflexão psicopatológica transcultural**  
*Extraordinary experiences between shamanism and psychoanalysis: a cross-cultural psychopathological reflection*  
Victor Cruz de Freitas  
Ka Ribas  
Paulo Roberto Ceccarelli
- 161** **CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO**  
**A sobrevivência da psicanálise no Brasil:**  
**O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras**  
*The survival of psychoanalysis in brazil: The Articulation Movement of Brazilian Psychoanalytic Entities*  
Anchyses Jobim Lopes
- 173** **TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA**  
**Ser psicanalista: um ofício meio doido**  
*Being a psychoanalyst: Kind of a crazy job*  
Luís Claudio Figueiredo
- 181** **O inconsciente é a política - ato/desato social**  
*The unconscious is politics - social act /unact*  
Messias Eustáquio Chaves
- 189** **Arkangel: o episódio mais freudiano de Black Mirror**  
*Arkangel: the Black Mirror's most Freudian episode*  
Patrícia Lins de Paula
- 193** **Normas de publicação**
- 197** **Roteiro de avaliação dos artigos**





*Por cultura, entendemos a soma das sublimações,  
todas as formações substitutivas ou reativas, enfim, tudo que na sociedade  
que inibe impulsos ou permite suas satisfações distorcidas.  
Assim, somos levados logicamente a supor que as culturas individuais podem ser  
derivadas de traumas infantis típicos, e que as culturas em geral  
(tudo o que diferencia o homem dos animais inferiores)  
são uma consequência da experiência infantil.*

GEZA RÓHEM (1891-1953)  
Psicanalista e antropólogo  
húngaro-americano



# Editorial

Ao realizarmos o XXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e a III Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará, de 07 a 09 nov. 2019, em Belém do Pará, marcamos uma posição fundamental da psicanálise no Norte do Brasil.

Nossa temática, instigante e atual – *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais* – foi tratada de modo amplo e consistente nos diferentes eixos temáticos propostos: psicanálise e cultura; psicanálise nas instituições; diversidade e alteridade; sexualidades e mudanças discursivas; psicanálise e violência; etnias e psicanálise, psicanálise no mundo virtual e temas livres.

O que têm a ver psicanálise e diversidades? Desde Freud sabemos que o inconsciente rege nossa vida psíquica, que somos divididos subjetivamente e sempre há algo que nos escapa à consciência. A psicanálise, ao especificar a singularidade do sujeito, reconhece a diversidade na constituição mesma da subjetividade humana – se somos singulares, somos diversos.

Todavia, é importante ressaltar que essa constituição só acontece no campo social, ou seja, na cultura. Parte dessa subjetividade funciona de modo inconsciente e se expressa por diversos caminhos pulsionais frente às diferenças entre os segmentos das classes sociais, as raças e as etnias, os gêneros, as formas de religiosidades e outras formações culturais.

Dessa perspectiva, Freud propõe o conceito de ‘narcisismo das pequenas diferenças’, em 1921, no artigo *Psicologia das massas e a análise do eu*, no qual analisa a sociedade europeia pós Primeira Guerra Mundial e o surgimento de uma intolerância em relação à diversidade humana. Questiona-se: será que algo semelhante pode estar acontecendo no mundo contemporâneo? Para refletir sobre esta e outras questões relevantes, o Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) propôs a realização deste evento.

No XXII Congresso Brasileiro de Psicanálise realizado em Salvador, em 2017, discutiu-se *Assim caminha a psicanálise*, com temáticas atuais e indagações, como: o que nós, psicanalistas, temos a dizer diante das transformações que os modos de vida, a subjetividade, as instituições e a civilização vêm sofrendo a partir do campo discursivo inaugurado por Freud?

Para continuar as discussões frutíferas lá iniciadas, o Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) propôs ao CPPA assumir a tarefa de realizar o XXIII Congresso em Belém do Pará, na Região Norte, onde se identifica um forte desejo de transmitir a psicanálise e discutir temas igualmente instigantes que comparecem na atualidade.

Na nossa realidade amazônica, vivemos num cenário que demanda profunda reflexão dentro da especificidade regional atravessada pelo mal-estar na cultura, que se reflete na saúde dos indivíduos e no crescimento do sofrimento psíquico. Pensamos que a psicanálise pode e se oferece a esse chamado.

Assim, realizamos o XXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e a III Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará. Após a abertura oficial do Congresso, foi apresentada uma entrevista exclusiva em vídeo com Elizabeth Roudinesco, realizada por Paulo Roberto Ceccarelli (CPMG/CPPA), em Paris, em janeiro de 2019, na qual a historiadora da psicanálise problematiza a formação e a transmissão da psicanálise no contexto atual. A entrevista foi filmada e traduzida por Paulo Marcolino Fonseca (CASM/MG),

Nossa conferencista Delia Golfarb (GER-Ações-PUC/SP) incrementou as discussões sobre a *Psicanálise em tempos difíceis*, acentuando a intolerância à diversidade. O presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise-RJ Anchyses Jobim Lopes nos apresentou em sua conferência de encerramento *A sobrevivência da psicanálise no Brasil* os impasses e os desafios, em que pudemos refletir sobre a discussão da regulamentação da psicanálise no País. Nosso encontro foi muito produtivo, rico e frutífero. Foram realizados 06 painéis temáticos por membros dos Círculos Psicanalíticos e apresentados 57 trabalhos e 08 pôsteres.

Foi muito prazeroso encontrar colegas psicanalistas dos diversos Círculos do Brasil e de outras sociedades de psicanálise, além de estudantes do curso de psicologia das instituições locais e nacionais. O evento foi realizado na Universidade da Amazônia, que nos sediou e contribuiu para o sucesso desse Congresso na Amazônia.

Acreditamos que a psicanálise tem muito a contribuir com sua posição ética que transita pela clínica de todos os tempos.

**Elizabeth Samuel Levy**  
*Presidente do Congresso*

*Entrevista exclusiva com Elisabeth Roudinesco  
por Paulo Roberto Ceccarelli<sup>1</sup>*

*Exclusive interview with Elisabeth Roudinesco by Paulo Roberto Ceccarelli*

---

Transcrição, edição e tradução: **Paulo Marcolino Fonseca**

PC - Bom dia, Elisabeth Roudinesco.

ER - Bom dia, Paulo.

PC - Primeiramente, gostaria de agradecer-lhe pela gentileza em nos ceder um pouco do seu tempo precioso, para responder e fazer algumas considerações sobre o congresso que acontecerá em Belém, 7, 8 e 9 novembro 2019. Bem, acaba de ser reconhecido em Belém um novo afiliado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, que você já visitou anteriormente em Belo Horizonte,

ER - O Círculo...

PC - Sim. E isso graças aos esforços dos colegas de Belém. O trabalho foi iniciado em 2011 e, hoje, já temos um Instituto de formação por completo, composto por analistas que foram formados por psicanalistas de Belo Horizonte. Estamos muito contentes, pois é a primeira vez que acontece um movimento de tamanha envergadura no Norte do Brasil. Evidentemente, os psicanalistas já estavam presentes no Norte, mas não havia um centro de Formação como o Círculo.

O título *Psicanálise e as diversidades, o inconsciente cultural e outros caminhos pulsionais*, é bem amplo para que tudo fosse contemplado. Ontem no seu seminário, você falava da psicanálise no Brasil e do futuro da psicanálise. Para começar, peço-lhe que faça algumas considerações sobre a importância de um tal Congresso em Belém

ER - Pois o Círculo de Belo Horizonte, se me lembro bem, pertence à Internacional chamada de IFPS (Federação Internacional

de Psicanálise) E, assim, o novo Círculo de Belém está associado ao Círculo de Belo Horizonte, o qual obrigatoriamente está associado ao Círculo Internacional.

PC - Hoje não mais está associado ao Círculo de BH: ele está ligado diretamente ao Círculo Brasileiro e, conseqüentemente, ao Círculo Internacional.

ER - Trata-se do movimento clássico de expansão da psicanálise pela mediação de uma cidade, onde já estava implantada, e daí se implanta em outra cidade. É verdade que a psicanálise já se encontra muito solidamente implantada no Brasil. E por quê? Porque ela é ensinada nos departamentos de psicologia. Não nos departamentos de psiquiatria, mas nos de psicologia, e pelo fato da existência de Instituições privadas de formação. Aí no caso, trata-se de um Instituto de Formação, como aquele existente em Belo Horizonte e no Rio. E ele funciona da mesma maneira, ou seja, os candidatos que saem da universidade e que fizeram estudos de psicologia se inscrevem nesse Instituto e seguem toda uma formação?

PC - Certamente.

ER - De quantos anos?

PC - 5 anos.

ER - 5 anos?

PC - E nem todos psicólogos, há também alunos da filosofia, teologia...

ER - Isto também quer dizer que não há uma regulamentação, tal qual existe na Europa, onde há a necessidade de um diploma de

---

1. Apresentada na abertura do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

psicólogo clínico para tornar-se, ou melhor, para se inscrever numa formação psicanalítica?

PC - Certamente.

ER - Então há licenciados em filosofia, de letras, etc. Mas é obrigatório um diploma universitário? Ou não importa qual?

PC - É obrigatório um diploma universitário.

ER - Então, é necessário, no mínimo, o equivalente de um diploma de uma disciplina de Humanas, eu suponho, sociologia, história, antropologia, filosofia. Evidentemente isto é o ideal, pois há, de um lado, toda a bagagem universitária, e isto é importante, e penso que de toda forma, a maioria é de psicólogos.

PC - Certamente.

ER - Mas penso que a força vem, do fato que vocês criaram institutos particulares, com uma formação em 5 anos, poderia até ser em 3 anos...

PC - Mas são dois momentos: 3 anos, que chamamos de primeiro tempo, onde se estuda a psicanálise sem necessariamente tornar-se psicanalista e, após, há um segundo tempo, para aqueles que realmente querem se tornar psicanalistas, onde há uma análise obrigatória, supervisão, etc.

ER - Nos primeiros 3 anos não tem a análise obrigatória?

PC - Não... e há uma discussão no Brasil sobre essa questão.

ER - Isto quer dizer que, para formar um analista, como a gente bem sabe, necessariamente, tem-se que ter sido analisado, nisso estamos de acordo, considera-se, então, que 2 anos são suficientes?

PC - Para estudar a psicanálise, sim.

ER - Para ser analisado?

PC - Isto é depois...

ER - Esta é a questão! Então, nos 5 anos, há um programa de formação teórica, um programa de estudo de textos, faz-se um ensino que prolonga os estudos universitários, mas centrado sobre os textos psicanalíticos. Mas a duração da análise, para tornar-se psicanalista, é quanto tempo?

PC - Não há uma duração estabelecida, mas...4, 5 anos.

ER - Isto quer dizer que a pessoa que entra no Instituto, ela é de alguma forma obrigada a...

PC - 7 anos, 8 anos.

ER - Essa pessoa faz uma análise paralelamente? Ou indica-se a esta pessoa analistas da própria instituição?

PC - Não. A supervisão é obrigatória na própria instituição, mas não a análise pessoal.

ER - Mas a análise pessoal que vai servir de análise didática, que permite ao aluno se instalar como psicanalista.

PC - Análise feita com um analista reconhecido.

ER - Reconhecido pela própria associação ou reconhecido por outras também?

PC - Sobretudo pela nossa Instituição.

ER - Este é o modelo ideal, com tendência a generalizar pelo mundo, mesmo sobre outras formas, mas sempre a ideia de: universidade, instituto de formação e formação de carreira. E os institutos de formação, eles são reconhecidos pelo estado?

PC - Não, não no Brasil. Não há regulamentação da profissão.

ER - Mas em Porto Alegre há alguns que são reconhecidos pela cidade de Porto Alegre.

PC - Pela cidade...

ER - Sim, não pelo estado num sentido amplo, estado federal, mas pelo município. Mas existe um reconhecimento municipal, pela capital do estado, que permite, assim, enviar pacientes, que não têm dinheiro. E de outra parte, para se ter essa formação analítica, fundamentada tanto pelo estudo de textos como pela análise pessoal (mais a supervisão), ao todo, são quase 7 anos, o que é muito. São pessoas que saem da faculdade de psicologia. Como elas conseguem financiar suas análises?

PC - É bem aquilo que você dizia ontem em seu seminário, são as pessoas que podem pagar... Existe uma clínica, que chamamos de

clínica social, para aqueles que não podem pagar muito, mas não é para aqueles que desejam tornar-se psicanalistas.

ER - Mas para pacientes.

PC - Para pacientes em geral.

ER - Para tornar-se psicanalista, um jovem?

PC - Clínica particular, tem que pagar.

ER - Um jovem que tem uma formação na universidade, como psicólogo clínico, e que tem que pagar, ele mesmo, sua análise... então, é algo reservado aos ricos?

PC - Certamente.

ER - Ou, como no sistema americano, eles podem fazer um empréstimo, mas é algo reservado a uma elite. Não há um sistema que permita... Pois na Itália, tem-se um sistema um pouco diferente, primeiro a bagagem universitária e, em seguida, três anos... três anos de formação, supervisão e análise. Em um instituto particular. Três anos de formação reconhecidos pelo município que, em contrapartida, pode enviar pacientes, pacientes que serão clientes desses analistas, de forma que o instituto pode indicar a estes jovens alunos que estão em formação e, assim, começar a praticar. O que não é nada mal! Sob supervisão. No Brasil, vocês escolheram um modelo...

PC - Clássico.

ER - Não, rico! Um modelo no qual a formação é longa, ela é necessariamente onerosa, talvez à custa de sistemas de empréstimos. A partir disso, as pessoas que têm 7 anos de estudo, de que forma elas ganham a vida, paralelamente?

PC - Eles trabalham...

ER - Com uma outra profissão?

PC - Com outra profissão, ou talvez como psicólogo, em hospitais...

ER - Então como diploma universitário, elas podem trabalhar e, assim, pagar a própria análise, mas nada muito caro, pois suponho que.

PC - Não, não, é possível negociar o preço.

ER - Sim, mas é um problema...

PC - Uma outra questão que nós gostaríamos de te de colocar, é sobre o tema escolhi-

do para o congresso, *Psicanálise e diversidade, o Inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*, e isto porque em Belém.

ER - É uma cidade de negros?

PC - Não Belém é sobretudo indígena, não se trata de Salvador...

ER - Sim, é Salvador...

PC - Lá encontramos muita gente de origem indígena. Situa-se no início da floresta Amazônica, muito próximo ao litoral, e temos Manaus bem mais ao centro. Quando comecei a frequentar Belém, vou lá quase todo mês, e isto há 20 anos. Onde dou cursos na Universidade e no instituto de formação, observamos fatos bem interessantes. Os profissionais que trabalham no hospital lidam com pessoas de origem indígena, e isto me refiro em um texto sobre o recalque cultural, pois há, ali, um outro modo de ver a doença e o psiquismo, e isso cria um problema transcultural.

ER - Creio que seja algo que o interesse bastante, pessoalmente. E o que se estuda como texto? O clássico, Freud, Winnicott, e...

PC - Etnopsicanálise...

ER - George Devereux, Géza Róheim, talvez até mais do que Devereux?

PC - Acho que igualmente. Há muitos que trabalham com Devereux, com Géza Róheim e também com os etnopsicanalistas brasileiros, que tentam verificar como utilizar a psicanálise com esses sujeitos.

ER - Sim, isso é claro, conheço razoavelmente bem os autores que se interessaram pelas questões culturalistas. Tem muitos americanos, Abram Kardiner, toda a escola cross-culturalista americana. Eu, de minha parte, sempre pensei que não temos necessidade do “etno”... para abordar...

PC - Basta “psicanálise”

ER - Isso, etnologia, antropologia, etnografia, sim, pois elas têm um sentido, trata-se de pesquisa de campo. Com efeito, o que chamamos de etnopsicanálise e etnopsiquiatria, é a ideia de praticar a psicanálise com pessoas que não são da cultura ocidental. Mas eu prefiro dizer que existem universais

para todo mundo: o inconsciente, a sexualidade, etc. E que não há uma especificidade que permitiria uma melhor compreensão do caso. Estar atento à escuta. Temos nesses casos, Devereux demonstrou, assim como outros também, que há pessoas que ainda estão em medicinas xamânicas, na crença em espíritos, imersos nessas culturas. E um problema para os clínicos. É evidente que podemos, perfeitamente, analisar pessoas assim, tendo em mente sua cultura, mas não se pode, e esta é a questão para o clínico, considerar que a neurose venha dos espíritos, não podemos fazê-lo.

PC - Sim, é outro imaginário.

ER - Sim, é outro imaginário, mas a transferência aí fica bem complicada, pois não se pode, de modo algum, tentar convencer um paciente que seu sistema de pensamento é um sistema de pensamento mágico. Eu creio que seja um problema que diz respeito mais à medicina do que à psicanálise. Vou dar exemplos: aqui na França, nas maternidades em subúrbios parisienses, alguns bebês nascidos prematuramente, filhos de famílias de migrantes, tiveram que ser colocados em incubadoras. Para muitos migrantes, eles só guardam os bebês que podem sobreviver sem sequelas. Mas eles acreditavam que, para sobreviver, eram necessárias algumas danças específicas, rituais particulares. Tudo bem, desde a condição que eles aceitassem o sistema médico, quer dizer, não se pode tirar os bebês das incubadoras. Então, eles tinham que fazer as danças e demais rituais pelo vidro. Mesmo que eles acreditem que os bebês vão sobreviver graças aos rituais. Não podemos abrir mão da ideia de que é pela ciência que eles poderão ser salvos, pela ciência médica. É isto que encontramos, provavelmente, no domínio do psiquismo, não tem nada de mais que as pessoas pensem que as coisas venham de outro lugar, pois podemos encontrar equivalentes.

PC - De fato.

ER - No campo da cultura, não no campo da medicina. Dito de outra forma, se você

tem um paciente acometido de uma doença orgânica, e que ele crê que esta doença será curada pelas plantas, pela medicina tradicional, pela transferência, não podemos, absolutamente não podemos não tratá-lo pela medicina científica, porque senão ele morre. Então, é mais desse lado que se encontram os verdadeiros problemas de confrontação. A medicina tradicional, que não cura nada, tem um efeito sobre o psiquismo, não sobre a doença. Quando somos confrontados, como psicanalistas, aos problemas psíquicos, evidente que aí há uma interferência. Mas quando você tem um paciente acometido de uma doença orgânica, por exemplo uma pneumonia, algum mal que deve ser tratado com antibióticos, não podemos deixá-lo sem a medicina moderna e científica. E aí temos problemas, é aí que intervêm os problemas. O que vocês fazem?

PC - Em relação à psicologia, têm pessoas que trabalham nas enfermarias para ver o que fazer. Você acabou de falar da história de uma criancinha. Ela tem que ser tratada. A mãe indígena diz que ela tem que estar ao lado dela, mas isto é impossível...

ER - Ao lado da criança, mas através de um vidro.

PC - ... aí deve-se conversar com o chefe, o Xamã, para que ele diga que ela pode fazê-lo. Mas é sempre este confronto, de universos, de imaginários.

ER - Sim, no domínio do psíquico, tudo se passa bem.

PC - Sobretudo se a pessoa for capaz de aceitar.

ER - Se ela aceita que, neste caso, uma criança para sobreviver, um prematuro, ela tem necessidade de ser cuidada, e com a mãe por perto.

PC - Sim, claro...

ER - Não apenas pela mãe, mas pelo sistema médico que, imagino, existe lá. ...eu falo de um adulto que estaria com tuberculose, um câncer...

PC - ...e ele pensa que são os espíritos.

ER - Sim, e que possa acreditar que, com o trabalho analítico, mais o feiticeiro, ele poderá se curar. Não é bem assim. Em nosso universo racional, do qual faz parte a psicanálise, aqui na França, por exemplo, se um psicanalista, que tem um paciente acometido de doença orgânica, se ele estiver convencido de que só a psicanálise é suficiente para curá-lo, ele será processado pela ordem dos médicos e será preso. Como se coloca essa questão no Brasil? O analista tem a obrigação de dizer a seu paciente que ele deve se tratar, não pelos espíritos, nem pela psicanálise? O que vocês fazem?

PC - Às vezes eles aceitam, às vezes eles voltam para sua casa. Não se pode obrigá-los.

ER - E continua-se a tê-los em análise?

PC - Não em análise, normalmente são psicoterapias breves

ER - Compreendo, mas, então, é-se cúmplice de um sistema de pensamento mágico... que talvez possa levá-los à morte?

PC - Não, tenta-se falar disso com o paciente, mas e se ele não quiser?

ER - Não é obrigatório? Na França sim.

PC - Não. Pode-se tentar convencê-lo, mas ele pode recusar o tratamento, dizendo que o Xamã disse que...

ER - Na França sim, o tratamento é obrigatório. Não falo do ponto de vista do paciente. Do ponto de vista do psicoterapeuta, ele tem a obrigação, se um paciente não quer se tratar, o que é seu direito. Uma pessoa pode morrer por sua própria escolha. Um psicoterapeuta não pode continuar ... Porque somos responsáveis.

PC - Bem, um tema da ordem do dia, a pedofilia.

ER - Isto é uma outra coisa.

PC - Sim, mas temos um princípio em comum: devemos prevenir a polícia.

ER - Para nós, aqui na França, não é a polícia, e sim a assistente social. Mas na realidade, na França, no que diz respeito a todas as perversões condenáveis pela lei, como a pedofilia, concretamente, essas pessoas não

vão a um analista particular. Elas são recebidas em centros.

PC - No Brasil também.

ER - E se eles vêm ao consultório particular, e continuam ativos em seus atos como pedófilos.

PC - Deve-se, então, prevenir a polícia.

ER - Sim, de fato, ou então, e isto é possível, se o analista o aceita, o paciente tem a obrigação cessar sua atividade. Bem, evidentemente, é algo perigoso, pois sabemos que ele pode recomeçar. Por exemplo, no consultório particular, algo que se pratica na França, tem-se em análise alguém que bate em sua mulher. Em princípio, qualquer pessoa que bate, devemos sinalizar para a polícia, assim como, alguém que apanha, temos igualmente a obrigação de fazer a notificação. Como a questão se coloca? Um homem que bate em sua mulher, ou uma mulher que bate em seus filhos. Isto é proibido. Mas não somos obrigados a fazer a denúncia imediatamente. Você pode dizer, bem, eu aceito te receber em análise, mas em contrapartida você tem que parar com isso. Você vai parar com isso de sua própria iniciativa. Isto pode funcionar! Evidente é necessário que haja confiança.

PC - Desde que haja uma escuta.

ER - Sim. Eu tive um caso assim, uma mulher que batia em seus filhos. Eu percebi rapidamente que, proibindo e colocando como condição do tratamento que ela parasse com aquilo. Depende também se é algo pulsional. Alguém que seja dependente do álcool, e não consegue evitar, isto complica as coisas. Mas é algo similar a ter um psicótico em análise, alguém que não é de fato controlável. Temos todo tipo de... Estamos mais protegidos, nos institutos. Os abusos sexuais devem ser denunciados. No entanto, já observei, há pessoas que vem, falo de alguns perversos sexuais, que vem para o consultório particular, e que já fizeram um tratamento anterior. Quando eles procuram a análise, é porque eles, geralmente, abandonaram a perversão punida pela lei. Eles podem iniciar uma aná-

lise a partir do momento em que renunciaram à perversão criminosa. Se eles tiverem transferido, e isto pode acontecer, sua pulsão criminosa pelas crianças por bonecas, tornam-se então fetichistas, não há problema.

PC - Sim, o outro não está mais em questão.

ER - Os dependentes de álcool, não: é bem difícil! Muito difícil. É por isto que se criam cada vez mais centros. E depende também do grau do alcoolismo. E em seguida, as vítimas, as mulheres agredidas que temos em análise, no consultório. Não aquelas acolhidas numa instituição. Muito complicado. Pois mulheres que apanham do companheiro, acaba sendo muito raro que possamos curá-las pela análise. Acaba-se tendo que pedir que façam recurso a um centro especializado para mulheres que apanham. As agressões ocorrem todas as noites, ou todas as semanas. É muito difícil tirar uma mulher vítima. Eu falo mulheres vítimas, pois são a maioria. Há menos homens agredidos por mulheres, do que mulheres espancadas por homens. É difícil, a análise não é o suficiente. Tem que ter a participação de um centro. As pancadas, as pessoas que apanham, são como uma toxicomania. Elas têm horror disso e, ao mesmo tempo, elas retornam para isso. Eu não estou dizendo que elas são os carrascos, mas estou afirmando que todos esses casos não são nada simples. Então, retomando, o instituto que foi aberto em Belém, ele poderá receber esse tipo de paciente? É por isso que falei sobre reconhecimento.

PC - De fato.

ER - Sim, então é bom um reconhecimento do município. Quero dizer com isso que, para aceitar toxicomaníacos, perversos condenáveis, agressores, é necessário um sistema de proteção dos terapeutas.

PC - Paralelamente ao CPPA, fundamos o Instituto Paraense da Sexualidade exatamente para receber esses casos, e contamos ter esse reconhecimento.

ER - E suponho que tenham as mesmas leis, que vigoram em muitos países, leis essas

que distinguem as perversões não passíveis de punição daquelas passíveis de punição. Os fetichistas, etc., não são mais considerados criminosos

PC - Com efeito ... E, agora, uma última questão: ontem você abordou esse tema no seu seminário, como você vê o futuro da psicanálise no Brasil, e sobretudo em Belém onde o Círculo acaba de ser fundado?

ER - Em Belém...

PC - Sim, pois, digamos, Belém é a São Paulo dos anos 40...

ER - De modo geral, quando uma novidade chega num lugar mais ou menos virgem, embora virgem seja algo que não existe. Vimos, por exemplo, isso acontecer na Rússia.

PC - Sim, foi incrível.

ER - Quando não havia mais a ditadura. Assistimos à criação de associações psicanalíticas. Este é um sinal de que não há mais ditadura. Pois, toda ditadura proíbe, primeiramente, a liberdade associativa e, em seguida, se não há o estado de direito, a ideia que o sujeito seja livre para se exprimir qualquer coisa, isso incomoda muito os sistemas ditatoriais. Então, quando há a abertura de algo... No Brasil, Belém talvez seja um tanto virgem, mas o Brasil não o é!...

PC - De jeito nenhum.

ER - Belém está no Brasil. Não é, de fato, uma implantação nova. Difícil de termos uma classificação da situação da psicanálise no país. Mas em pouco tempo Belém alcançará as demais cidades. O que é mais interessante, é quando a psicanálise se reimplanta ou implanta-se em países onde antes não havia nada. O exemplo russo é interessante. A psicanálise acabou na Rússia em 1930. Bem, quando ela retorna nos anos após a queda do muro de Berlim, e é sobretudo com Gorbachev. É ali que tudo recomeça, a liberdade de criar associações, etc. Nesse momento, os russos não tinham mais a memória do que existia anteriormente a 1930. Eles buscam, inicialmente, as antigas traduções dos textos em russo, mas a nova implantação se faz a partir da formação que alguns receberam em

países estrangeiros. Nos anos da Perestroika, encontramos ali um grupo de base germanó-fona, que foi formado em Zurique, um grupo anglófono que foi formado em Londres e outro de base francófono, formado em Paris. O que produz não uma linha da psicanálise, mas sim uma implantação de quem foi analisado por quem em algum lugar. Ficou tudo muito dividido, muito rápido, uma corrente germanófono, uma corrente anglófono e uma francófono. O que resulta que os anglófonos são de tendência kleiniana, os francófonos bem lacanianos e os germanófonos muito culturalistas, uma vez que em Zurique predomina essa corrente. Morgenstern, etc. Percebe-se que, rapidamente, um país virgem junta-se ao status da psicanálise no mundo. Ela chega ali muito rápido, muito rápido, ela não refaz o percurso.

PC - A universidade Federal do Pará tem o maior Centro de Antropologia do Brasil, e completamente “psicanalisado”.

ER - Exatamente, o que se constata no Brasil, é que existe conexão, e isto é o que produz a força da psicanálise no Brasil: existe conexão nos departamentos de psicologia, com os departamentos de antropologia. Tem psicanálise por todo lado. Eu suponho que nos departamentos de letras também. Mas talvez nem tanto nos departamentos de filosofia. Penso que não. Provável. Depende do que é predominante como filosofia na universidade. Se for a filosofia francesa, ou a filosofia alemã, nesse caso sim. Se for a filosofia analítica, não. Não! E vocês têm uma corrente de filosofia analítica no Brasil. Então concentra-se, sobretudo, nos departamentos literários. Nos EUA, por exemplo; é nos departamentos chamados de “Estudos franceses” ou nos departamentos de línguas latinas, ou de antropologia que existe um ensino, digamos, da teoria. É aí que o corpo psicanalítico é muito estudado. Mas absolutamente nada nos departamentos de filosofia, que são exclusivamente de filosofia analítica. Tem tudo isso. Eu penso que no Brasil vocês têm uma legislação muito flexível, li-

beral, onde se pode criar um Instituto com uma certa facilidade. O que é absolutamente impossível na França. Tem muitos controles. Muitas condições para criar, avaliar, aceitar, etc. Não é nada simples. As sociedades psicanalíticas sim, pois estas sociedades não têm necessariamente um instituto de formação. A Sociedade Psicanalítica de Paris tem um instituto de formação, reconhecido de Utilidade Pública. Temos vários que obtiveram esse reconhecimento, o que traz uma garantia do estado. Mas a ideia de criar institutos privados como no Brasil não, não é o mesmo sistema.

PC - Bem, você comentava ontem, e hoje também, e para terminar, eu pensei nas linhas psicanalíticas. No Brasil encontramos, e imagino que por todo lado, os kleinianos, os lacanianos e outros... os freudianos, tudo

ER - Todo mundo é freudiano...

PC - Sim, todos são freudianos, mas como você vê o futuro da psicanálise em um universo assim? Belo Horizonte é bem milleriano, mas Rio e São Paulo bem menos...

ER - Acho que não. Talvez eles sejam majoritários, mas não por muito tempo. Com certeza que não será por muito tempo. Não deve ser algo formalizado, simplesmente porque, não existe, seja no Brasil ou em outro lugar qualquer, uma ditadura de estado que imporia que o lacanismo seja praticado unicamente pelos partidários de Miller. Eles até que gostariam, mas tudo isso acabou. Hoje pode-se, perfeitamente, ser laciano sem pertencer a uma escola como a de Miller, que é o herdeiro legítimo de Lacan. Mas não existe herança legítima em nenhum domínio. Existe, sim, o direito moral sobre uma obra. Mas a obra pode ser lida como bem entendermos. Podemos nos chamar lacianos sem ter a necessidade da autorização dos detentores legais dos direitos sobre os textos. Então, se em Belo Horizonte, no momento, o lacanismo é Miller, isto não vai durar. O que eu vi no Brasil, como também um pouco por todo lugar, é que os psicanalistas são hoje, em sua maioria, “multicartas” eu diria.

Tudo muito misturado. Vê-se, no interior de um mesmo grupo psicanalítico, profissionais que são sobretudo kleinianos, outros que são lacanianos.

PC - Isso mesmo, é o caso em Belém...

ER - Outros que são ligados à psicologia do ego, outros sobretudo culturalistas. Mas todos eles coabitam no seio de um mesmo grupo. Isto é o Brasil, e a Argentina, mas a Argentina um pouco menos. Isto é bem brasileiro, pois espelha-se na Europa, e depois organiza-se o ecletismo, cada um a sua maneira. Esta é a tendência que vai se desenvolver. Os grupos lacanianos que não têm a política ortodoxa da Escola da Causa de Miller; estão em progressão em relação à Escola da Causa. Pois temos Lacan e também outros pensadores. O lacanismo não serve de referência de leitura para as outras teorias psicanalíticas. Uma teoria psicanalítica torna-se um dogma quando ela serve de base de leitura para toda representação de mundo, de toda política. Na realidade o que vai acontecer é que o ecletismo ganhará espaço em detrimento dos sistemas dogmáticos. Isto é certo.

PC - Em Belém são três psicanalistas no CPPA, e eu faço o vai e vem entre BH-Belém...

ER - E o polo sul, terminou?

PC - Pelo momento sim, mas nunca se sabe.... então, nós tentamos fazer um estudo profundo de Freud. De outros autores também, mas Freud é a base. Fazemos assim em Belém.

ER - Bem, eu diria que, se fosse eu que fizesse o programa, o que seria sensato de se fazer hoje, ao criar um Centro de Psicanálise, seria de estudar primeiramente Freud. Necessário também um ensino de história, e não somente de clínica. Deve-se abordar Freud e sua história. Existem muitos psicanalistas no mundo hoje, totalmente ignorantes...

PC - ...de Freud...

ER - ...não dos textos clínicos, mas da história, da história. E, com efeito, não sabem sequer que tudo começou em Viena. Dá para imaginar? Francamente...

PC - Pensam que Freud era psiquiatra...

ER - Isso, imaginar que, com esse clinicismo, que consiste a estudar somente o corpo clínico, possamos imaginar que os estudantes não saibam sequer que Freud era vienense? Que eles não saibam nada... Isto é ..... Eu vi, nos lacanianos extremamente dogmáticos, da linha de Miller, da Escola da Causa, que chegaram mesmo a confundir os conceitos freudianos com os conceitos lacanianos. Tivemos, em determinado momento, lacanianos que procuravam em Freud o conceito de forclusão. Isto é muito laciano, muito laciano. Os kleinianos não. Eles fazem perfeitamente a diferença entre os conceitos de Melanie Klein e os conceitos de Freud. E por quê? Porque os dois permaneceram na IPA. Então não se confundem. Não se pode esquecer que Lacan deixou a Internacional. E assim se desenvolveu de modo autônomo. Na IPA sabe-se o que são as correntes. Nos lacanianos não. Para eles Lacan serve como referência de leitura pra tudo. Onde a importância, e para os lacanianos ainda mais, em minha opinião, de seminários de História. Porque senão, e já se vê isso, forma-se clínicos lacanianos dogmáticos que creem ver em Freud, conceitos de Lacan. Eles não têm mais o menor relativismo. Em minha opinião isso é importante. Bem, nos kleinianos existe um dogmatismo também, mas não é o mesmo; ele é clínico. Os kleinianos não desenvolveram a ideia, como fizeram os lacanianos, de que tudo poderia se “kleinizar”. Fazer com que servisse de referência de leitura a tudo. Já existiu, contudo. No momento do 11 de setembro, houve analistas kleinianos que explicaram que os terroristas queriam se introjetar, se introduzir na vagina materna, e que as torres gêmeas representavam a mãe, nas quais eles enfiavam o avião.

PC - É forte, hein?

ER - Tivemos isso, sim. E tivemos isso nos lacanianos também. Quer dizer, a aplicação sistemática da teoria nos acontecimentos. Isso existe! E eu diria que acontece mais nos

lacanianos do que nos kleinianos. Isso acontece desde que se seja dogmático. E existe também nos freudianos. A ideia de aplicar tudo a tudo. Isso é a morte da psicanálise. Quando se torna psicologia de boteco que permite pensar qualquer coisa.

ER - Eu diria que, um instituto de formação ideal, deveria apresentar os textos em sua cronologia. Explicar por que vem Freud primeiro, o que se passou. O pensamento inovador de Klein. Ela partiu de quê? De um questionamento do complexo de Édipo de Freud. Deve-se tentar compreender a razão. Por quê? Porque ela queria, a escola kleiniana queria, analisar as crianças bem pequenas. Então ela trouxe algo de novo que não estava em Freud. Foi essa ideia: que poderíamos ter acesso ao inconsciente de crianças pequenininhas, inclusive daquelas que ainda não falam, o que não deixa de ser arriscado! E depois havia nos kleinianos essa ideia de compreenderem a origem das psicoses da infância. Eles realmente trouxeram algo de novo. Isto é incontestável. E penso que, hoje, um psicanalista bem formado, é necessário que ele tenha todas as culturas. Ele tem que conhecer todas as culturas! O risco é que talvez ele faça uma salada de frutas, uma salada-sobremesa de tudo pegando um pouco do kleinismo, um pouco do lacanismo. Mas é um risco, que é menor, em minha opinião, do que o risco de não conhecer a existência da cultura psicanalítica. Penso que agora, com mais de 100 anos do nascimento da psicanálise, pois em 2019 faz mais de 120 anos. A partir desse ponto, deve-se compor os institutos com um estudo histórico da gênese e do desenvolvimento do movimento psicanalítico. Não somente o desenvolvimento em todos os países, isto seria a geo-psicanálise, mas a exposição de todas as doutrinas, obviamente evitando fazer mistura. Mas tem que se ter um conhecimento da riqueza do movimento psicanalítico.

PC - Eu estou muito contente que você fale e refale da história, porque começamos o curso em Belém, e sou eu o responsável pelo

primeiro seminário intitulado “O Percurso de Freud”. Falo de tudo: o início de Freud, etc. E isto graças a você e a seus seminários.

ER - Obrigada.

PC - O iluminismo em Freud, etc. Bem, quando não sabemos isso, não compreendemos a história.

ER - Não compreendemos. Bem, pode-se ser ameaçado de historicismo. Isto é um perigo. Pode-se, de outro lado, estar ameaçado de dogmatismo. É preciso os dois: conhecer a doutrina, a clínica, etc. Mas deve-se igualmente conhecer sua própria história. A psicanálise na França está morrendo...

PC - Morrendo!!??

ER - Sim.

PC - Isso é triste.

ER - Morrendo... ela vai sobreviver, mas sob uma nova forma. De fato, alguma coisa acabou, vários aspectos acabaram. De um lado a supremacia, que foi tão importante. Fomos o país, não somente o mais freudiano do mundo, mas também aquele que exportou uma certa visão do freudismo com Lacan, e não somente Lacan. Este período terminou. Os psicanalistas franceses não se dão conta, que não está excluída a possibilidade de que um dia eles sejam colonizados, por sua vez, por aquilo que eles levaram ao estrangeiro. Em todo caso eles não são mais imperiais. Não há mais imperialismo francês na psicanálise. Este é o primeiro ponto. Segundo ponto, partindo do fato do que foi essa supremacia francesa, que estava ligada à particularidade francesa, à Revolução francesa, à capacidade de reinventar um Freud muito particular, rebelde, inovador. Isto é um fenômeno francês. Sobra, evidentemente, ainda alguma coisa, mas de modo geral acabou. Acabou porque agora isso se passa em outro lugar. Dito de outra forma, se ainda somos um dos países mais freudianos do mundo, não é mais graças aos psicanalistas. Isto permanece graças à cultura. O que significa que, Freud, hoje, faz parte da cultura francesa. E faz parte a um ponto que não fazemos ideia.

ER - Não haveria existido Derrida, Foucault, Deleuze, essa geração, se não tivesse existido Freud. São leitores de Freud, também. Vou mais longe: os estudos literários levam em conta o campo psicanalítico. Enfim, os melhores comentadores de Lacan na França não são psicanalistas, são filósofos. Os melhores comentadores de Freud, não são psicanalistas, são historiadores e também os filósofos, na França, extra psicanálise. A cultura psicanalítica é transmitida, hoje, de forma positiva, sem os psicanalistas. Então, é aí que marca o fim de algo: não são mais os psicanalistas que transmitem a cultura psicanalítica. E o que eles transmitem? Evidentemente um saber fazer. Eu diria uma técnica. Um saber clínico. Os psicanalistas não são mais capazes de transmitir outra coisa, que não seja um saber clínico. Quer dizer, eles formam psicoterapeutas, eles formam psicólogos freudianamente, lacanianamente. Em todo caso, por conseguinte, não há mais produção intelectual, não tem mais. E é até por isso que não há mais editoras; estão reduzidas às poucas que conhecemos hoje. Então, com efeito, a psicanálise, tal qual a conhecemos, vai morrer. O que não quer absolutamente dizer que a cultura freudiana e a cultura psicanalítica vão desaparecer. Agora, os clínicos, evidentemente coerentes, diriam: “espere aí, se a psicanálise desaparecer como clínica, é uma catástrofe. Ela vai se tornar um objeto de museu”, e é verdade.

PC - Uma ciência sem essência.

ER - Verdade. Este é o problema. Onde a urgência dos psicanalistas determinarem qual objeto eles transmitem. Se eles são capazes de transmitir apenas a clínica, que eles transmitam a clínica. Mas, que não imaginem que sejam os únicos detentores dessa disciplina. E último ponto, em relação à morte de algo que conhecemos, que eu conheci. Primeiramente, a psicanálise não vai subsistir na universidade, e nas faculdades de psicologia. Isto é uma questão de anos...

PC - No Brasil é similar.

ER - É o que me dizem.

PC - Vai levar ainda um tempo, mas...

ER - Sim, vai levar um tempo, mas atenção: quanto mais tempo leva, mais é imprevisível. Pois tem-se que levar em conta as viradas. O cognitivismo também não vai durar. Todas as teorias não duram, e então, em seguida, há algo que se faz. Vem um retorno a... sob uma outra forma, diferente. Tem-se que tomar cuidado quando se diz “isso será assim”. Na França é iminente, é agora. Ela será suprimida dos departamentos de psicologia nos próximos anos. Só que a psicanálise não sabe se reconverter. Os psicanalistas não sabem ao certo, no momento, se reconverter. Eles não têm as instituições, Institutos, etc. Eles sentem, sobretudo, um grande mal-estar. Se eles continuarem a transmitir o saber fazer, psicoterapia, clínica, sim, mas a clientela vai faltar. Isto não se percebe na França: os psicanalistas menos do que os outros, ainda não se deram conta da ruptura da demanda de análise entre a geração dos de 60- 65 anos, e a geração de hoje com 30 anos. Hoje em dia, um psicanalista de 30 anos que se estabelece, ele não tem clientes; ele tem três. Então, ele não consegue se firmar no consultório particular. Ele torna-se, então, assalariado de uma instituição de psicologia clínica, onde recebe clientes. Só que, simplesmente, ele é mal pago. Tem algo aí, na formação dos psicanalistas. As pessoas com 30 anos hoje, que tentam se estabelecer, não têm nada a ver com as pessoas de 30 anos que se estabeleceram nos anos 70! Eles simplesmente não têm pacientes. Em todo caso, não o suficiente para fazer carreira. Último ponto: o que carregava a psicanálise era a psiquiatria. A partir do momento em que ela se tornou exclusivamente biológica, o que é, convenhamos, o caso, não há mais psiquiatras que se tornam psicanalistas. Isto está desaparecendo.

PC - Eles estudam a psicanálise, mas não se tornam psicanalistas.

ER - Hoje em dia, os psiquiatras não são mais formados segundo a abordagem dinâmica. Não é mais porta-voz da psicanálise. Ora, do ponto de vista do poder isso é im-

portante, pois o poder psiquiátrico é o poder médico. Era o poder de introduzir e instalar o saber psicanalítico, e sua clínica, nos hospícios, nos hospitais psiquiátricos. Isto está desaparecendo. E todos os dias fala-se da catástrofe, imagino que seja no mundo todo, pacientes psicóticos que são tratados exclusivamente por medicamentos. E numa condição miserável. Não tem muitos psiquiatras no Brasil, na psicanálise...

PC - Não.

ER - Mas nunca teve muitos, esta é a diferença.

PC - Eles conheciam a psicanálise.

ER - Mas nunca teve muitos. Na Argentina sim.

PC - Eu quero muito agradecer sua gentileza em nome do CPPA.

ER- E você vai projetar isso?

PC - Sim, você terá uma cópia.

ER - Que ótimo, muito simpático.



## *Diante de uma filiação estranha: sofrimento e luto de mães<sup>1</sup>*

*Facing a strange affiliation:  
mothers' suffering and mourning*

Anabela Silva Queiroz

### **Resumo**

Este trabalho reflete sobre a experiência de atendimento clínico às famílias com bebês acometidos pela síndrome congênita do Zika vírus. A partir da especificidade da escuta psicanalítica das mães, destaco a singularidade da função materna desenvolvida, as feridas narcísicas de difícil cicatrização e a ameaça de uma gravidez interminável. Discuto as situações de sofrimento psíquico e risco para o desenvolvimento da criança na compreensão da primeira infância como o tempo prioritário para a constituição psíquica. A reflexão sobre a condução clínica de algumas intervenções justificadas pela angústia sentida pelos pais em função da perda do filho esperado, do trauma e das limitações impostas pelo diagnóstico apontam para as respostas e produções fantasmáticas. A apropriação dessubjetivante do filho pela ciência e a consequente destituição de saber dos pais dificulta-lhes o fazer das esperadas marcas espontâneas sobre o filho.

**Palavras-chave:** Síndrome congênita do zika vírus, Maternagem, Ferida narcísica, Gestação interminável.

Início com uma assertiva de Lacan para justificar e contextualizar o drama de vida sobre o qual concernem estas considerações. Tal assertiva encontra-se em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, texto de 1953, o conhecido *Relatório do Congresso de Roma*. Texto inicial de Lacan, porém decisivo e desafiador em relação à prática da psicanálise de então.

Aí vamos encontrar a seguinte ‘recomendação’:

[...] que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época (LACAN, [1953] 1998, p. 322).

Isso significa que o analista não deve recuar a pensar, a operar sobre as demandas e acontecimentos históricos de seu tempo. É assim que abordarei um fato importante no campo da saúde, causador de intenso sofrimento, entendendo, pois, que lidamos com uma psicanálise histórica, que atravessa os muros do privado e dialoga com outras ciências refletindo sobre as questões dos sujeitos no campo do Outro.

Lacan apontava com essa advertência para os riscos de endossarmos uma identidade pétrea do analista (bem a propósito à época de 1953, quando o analista americano se oferecia como modelo egoico (ao modo de uma psicanálise *made in USA*). Freud, antes

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

de Lacan, também demonstrou forte interesse nas questões culturais, contemplando a subjetividade e os modos de sofrer de sua época.

No final de 2015, aqui, no Brasil, enfrentamos uma epidemia, que posteriormente veio a ser identificada sob a alcunha de ‘síndrome congênita do zika vírus’ (SCZV). Trata-se de uma síndrome grave, causada pela picada de um mosquito identificado como *aedys aegypti*, o qual tem potencial para provocar, além desta síndrome, outras enfermidades. Porém, a especificidade da SCZV diz respeito ao fato de ser provocada em bebês ainda em formação no ventre da mãe quando picada durante a gestação.

Pesquisas realizadas nestes últimos anos atestam uma correlação estreita entre o período gestacional em que se encontra a gestante quando picada e a abrangência e a gravidade dos danos causados pela síndrome: quanto mais precoce o período gestacional, maiores os danos. Por ser uma síndrome nova, primeira aparição em nosso continente, à época as respostas eram escassas, e as perguntas, abundantes.

Apresento algumas reflexões produzidas sobre a experiência de atendimento às famílias, sobretudo às mães de bebês acometidos pela SCZV em uma unidade de saúde pública. O trabalho é no campo da intervenção precoce em que se presta atendimento interdisciplinar a bebês até 03 anos de vida.

Busco discutir aqui, a partir da especificidade da escuta psicanalítica das mães envolvidas, a singularidade da maternagem desenvolvida nessas condições difíceis, os sofrimentos enfrentados e o processo de elaboração da perda, de luto pelo filho que não nasceu conforme desejado.

Este trabalho se apoia inicialmente em um entendimento, um princípio que enquadra a apreensão do que está em questão e, ainda que aparentemente óbvio, é necessário para nos posicionar bem longe de ideologias sumárias sobre a maternidade – ‘a boa maternidade’.

Refiro-me à ideia de que o amor materno inato é mítico, não existe como tal. A autora dessa ideia é a historiadora e filósofa francesa Elizabeth Badinter (1985) cujo livro *Um amor conquistado, o mito do amor materno* desmonta a concepção do amor maternal como sendo natural, incondicional e indefectível. Badinter demonstra exaustivamente que se trata de uma idealização mítica, sustentada sobre bases religiosas, morais e sociopolíticas, pois se trata de um amor construído, que nem sempre se fará presente, não é automático como ocorre nas fêmeas animais e que as mães são em sua maioria medianas e nada ideais. Em uma entrevista, Badinter chega a afirmar que a mãe ideal é tão rara quanto um Mozart!

Considerando o conceito de pulsão, e não de instinto, a esse respeito somos todos deficientes. Ao longo da história, essa crença mítica reforçou o atrelamento da vida da mulher à maternidade quase como único destino, uma vida voltada às atividades de cuidado e ao sacrifício do seu corpo em pro do outro, refletido no verso “ser mãe é padecer no paraíso”.<sup>2</sup> A recusa *a priori* dessa naturalização do amor materno nos possibilita acolher mães que podem ser inviáveis, mães que recusam ou lamentam a maternidade, sem que isso as desqualifique como mulheres plenas.

Faço esse esclarecimento porque o universo de nosso trabalho não corresponde à vinda de bebês sonhados, e as mães se debatem com essa exigência de amar e cuidar de quem não se deseja. Trata-se aqui de bebês atingidos precocemente, antes mesmo de nascerem, por danos à sua conjuntura orgânica, anatômica, neurológica e psicológica.

Antecipo a dimensão psíquica considerando que a data da concepção de um bebê é, em termos lógicos simbólicos, antecedida em muito daquele momento X do parto e,

2. Último verso do soneto *Ser mãe*, de Coelho Neto (1864-1934). Disponível em: <<https://www.portaldafamilia.org/artigos/texto054.shtml>>.

paradoxalmente, o nascimento do sujeito, a constituição do sujeito será, por sua vez, ainda posterior à data do dito nascimento biológico.

Como se trata de uma experiência de atendimento e de uma problemática complexa e transdisciplinar, faço três recortes centrais, não necessariamente nesta ordem:

- os efeitos estruturais da comunicação da má notícia;
- a singularidade da maternagem desenvolvida;
- o processo de luto e gestação interminável.

Nossa primeira reflexão recai sobre o impacto da comunicação da má notícia acerca das condições de desenvolvimento do bebê acometido pelo que veio a ser posteriormente diagnosticado como SCZV. Além da microcefalia, a síndrome caracteriza-se por lesões cerebrais, responsáveis por significativas afetações das funções auditiva, visual, cognitiva e motora, pobre interação com o outro implicando em importante atraso do desenvolvimento neuropsicomotor e déficit de capacidades. A olhos vistos, é indistigável!

As mães vivenciam a comunicação do diagnóstico como um trauma. A compreensão não se dá no “instante de ver”; é preciso um tempo mais alargado até que algum entendimento ocorra – “um tempo para compreender”.

Nesse intervalo, entre a primeira comunicação (comumente feita pelo médico) e o entendimento efetivo, as reações são de choque, negação – nada querer saber –, incompreensão, descontrole emocional e raiva pelo portador da má notícia.

A acusação é, um tempo depois, invertida e são as mães que, posteriormente, acusam o ‘comunicador’ de maus-tratos, descuido no falar, ausência de empatia. A questão que se impõe é: poderia alguém comunicar algo tão devastador e ser bem interpretado? Ou se trata de uma reação de recusa estruturalmente inevitável, não importa o nível de cuidado

desse dizer, necessariamente ‘mal-dito’?! Ou seja, o quanto há, nessa recusa de saber que faz a mãe, uma luta por garantia da própria saúde mental? Será que haveria tantos profissionais inaptos para a tarefa de poder comunicar de modo minimamente aceitável?

Eis o que nos esclarece Alfredo País (1995):

Que las respuestas que darnos ante la comunicación de cualquier noticia inesperada en la que nos encontremos involucrados, son absolutamente subjetivas y, por lo tanto, impredecibles; que ciertas noticias pueden implicar riesgos para quien las recibe y que, quien tiene la misión de transmitir las, se encuentra invariablemente en una posición, por lo menos, dificultosa (PAÍS, 1995, p. 19).

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud ([1914] 1974) utiliza a expressão em inglês *His majesty, the baby* numa suposta referência a um quadro da Academia Real, que retratava a interrupção do concorrido trânsito de carros em favorecimento de um carrinho de bebê. Era uma alusão ao lugar privilegiado de intenso investimento libidinal ocupado pela criança, assim colocada em uma posição de exceção frente aos infortúnios da vida e às leis da natureza como marca reprodutora do próprio narcisismo dos pais.

Conhecemos bem seu olhar sobre a economia libidinal dos pais:

Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.[...] A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão (FREUD, [1914] 1974, p. 108).

Esse pacto narcisista reflete a possibilidade de a criança ocupar um lugar no desejo

dos pais. Encontro essas mães feridas narcisicamente, com restos não simbolizados, restos reais da gestação, do parto e puerpério, atordoadas com as urgências próprias postas pelo nascimento de um bebê e desamparadas diante de um diagnóstico que retira dela as possibilidades de fazer marcas originais e espontâneas sobre o filho.

Diante de um bebê estranho, tomado como objeto da ciência médica, a mãe se 'des-orienta' por um saber estranho a ela, estranho como o filho. As marcas identificatórias são perdidas, e o filho não é visto como alguém que possa representá-la. A relação mãe-filho porta, assim, uma centelha de morte, muitas vezes de morte negada. Possivelmente disso nos falem os muitos silêncios mortíferos.

Durante os atendimentos, busco escutar algo que resgate o saber materno sobre o próprio filho, uma filiação familiar, não o referenciando ao saber médico científico circulante, buscando introduzir na linguagem o que aparece imobilizado no microcérebro. Reagem com surpresa ao ouvirem "me fale de seu filho" produzindo um corte em um discurso explicativo sobre as calcificações cerebrais.

Winnicott faz referência ao nascimento de um bebê, estruturalmente, como uma decepção no sentido de não correspondência entre a antecipação por parte dos pais do bebê esperado e o bebê que nasce.

Corroborava esse mesmo pensamento a assertiva de Mannoni (1964, p. 18):

Qualquer que seja a mãe, o nascimento dum criança não corresponde nunca exatamente ao que ela espera.

Essa distância entre o bebê imaginizado e o bebê que nasce porta uma diferença que se faz espaço para o desejo. Mas no caso da SCZV, a distância é demasiada dificultando sua elaboração e afetando a função materna. De um só golpe, o bebê idealizado perde os significados imaginários dos quais os pais o

revestiam; perde a potência para sustentar os sonhos, ideais e as promessas de reparação narcísica da mãe. Esse bebê sindrômico que lhes é anunciado, então, não poderá saldar suas dívidas simbólicas, não lhes promete mais nada. O temor e o desamparo se instalam.

Algumas mães reagiram depressivamente; outras processam ainda seu luto pela perda de um sonho do qual foram destituídas tão precocemente. A maioria das mães, entretanto, elaboradas as feridas narcísicas, se engajou em grupos reivindicatórios de direitos à plena assistência clínica e ao suporte social, o que vem lhes dando um novo sentido de vida. Outras se ocupam missionariamente dos cuidados ao filho.

Sabemos que a primeira infância é o tempo prioritário para a constituição psíquica e o estabelecimento do laço pais-bebê. Mesmo em se tratando de uma situação em que o determinismo orgânico representa um papel importante – preponderante? – nos cabe levantar algumas questões concernentes à maternagem desenvolvida por essas mães e a singularidade do estabelecimento do vínculo mãe-bebê.

Para além do caráter determinante dos fatores orgânicos, perguntamo-nos sobre as lesões fantasmáticas que recobrem o real da lesão. Ainda que haja uma condição neurológica tão explícita, o destino da criança vai depender também do modo como a mãe vai interpretar, vai traduzir essa lesão de acordo com os seus fantasmas.

Naquela específica constelação familiar, que sentido tomou o diagnóstico da SCZV?

"Estragou a minha vida e a do meu filho", vociferou uma mãe que, precocemente, decide realizar (atuar?) uma ligadura de trompas encerrando sua fertilidade precocemente.

"Minha filha é meu troféu", diz uma outra em tom reparador, firmemente voltada para a reivindicação dos direitos e benefícios sociais que lhes cabem, ocupando uma posição de prover intensamente a filha, e a si própria.

Eis como sintetiza Maud Mannoni (1964, p. 19):

Porque pode acontecer que sejam os fantasmas da mãe que orientam a criança para o seu destino. Mesmo nos casos em que está em jogo um fator orgânico, a criança não tem só que fazer face a uma dificuldade inata, mas ainda à maneira como a mãe traduz este feito num mundo fantasmagórico que acaba por ser comum aos dois.

Diante do caráter irrecuperável do que institui o diagnóstico, resta renunciar à idealização do filho e vivenciar uma angústia muito difícil de partilhar. A escuta testemunha falas autoculpabilizantes reveladoras da admissão da própria falta de valor de si como mãe: “devo ter merecido isso”; “minhas irmãs disseram que eu tinha que pagar”; “devo ter feito algo que precisava pagar”. Pergunto-me se isso reflete algo que já estava no seu fantasma.

Alguns autores referem o temor pela saúde do filho e a culpa sentida ao retorno de fantasias incestuosas: “O que fiz para merecer isso?”, são ecos que não admitem resposta.

O ponto central recai sobre a estranheza sentida pelo filho que nasce: onde encontrar ancoragem para uma maternagem *suficientemente boa*? Os sinais produzidos pelo filho não são decifráveis, estão fora do código e do léxico materno: espasmos, hipertonia, convulsões, microcefalia, calcificações...

A angústia surge na impossibilidade de nomear, de interpretar, de traduzir o que se passa com seu bebê estabelecendo as demandas. Algo resta não simbolizado, não traduzido em palavras, o real resiste. Assim, nas modulações da maternagem desenvolvida, mãe e filho mal se separam. As mães não cessam de fazer apelos aos médicos e vão, de consulta em consulta, preenchendo o cotidiano da vida numa gestação interminável. Por isso, qualquer menção ao desejo de voltar ao trabalho é considerada bem-vinda.

Assim como o drama de uma vida é tecido muitas vezes bem antes do seu nascimento, é a um tempo *só-depois* deste evento que se mira: a criança espera ser apropriada

pelo desejo de seus pais no plano pulsional. Em função das infundáveis urgências de cuidados especiais, a criança fica reduzida ao estado de objeto, manipulado e falado pelo Outro, ali onde é preciso se fazer brechas e se deixar interrogar para além da funcionalidade do corpo do filho.

A escuta psicanalítica possibilita às mães encontrar na linguagem palavras que possam simbolizar aquelas vivências tão fortes como a gestação e o parto. Historicizar esses eventos busca humanizar, construir narrativas próprias, o suficiente para que possam emprestar suas referências ao filho, fazer-lhe inscrições simbólicas.

A criança que nasce com problemas fere o narcisismo materno, torna-se objeto de exame frequente, é conduzida pela mãe para lá e para cá, onde um vai o outro vai, a criança colada ao seu corpo de forma parasitária. Explícita-se o desejo por um corpo funcional, comemora-se cada pequena aquisição, contentam-se com o quase nada: “Tudo que quero é ver minha filha andar”.

Andar, sim, como um corpo autônomo, em relação com o outro. Não pernas que se movem, ou uma boca que abre, um corpo retalhado, sem unificação possível. São crianças mantidas como objeto dos alongados cuidados maternos; o pai, na maioria das vezes, mergulhado no trabalho de prover a família, tampona melhor sua angústia? Outras vezes entendendo que a criança ‘é mais da mãe’, afinal trata-se de uma gestação interminável.

A aparição da SCZV em bebês diz respeito a uma questão de saúde pública bastante complexa, em grandes proporções e com caráter inédito. Ao tempo em que se acolheram as famílias atingidas, se pesquisava e se identificava a causalidade em jogo. Diversos setores no campo da saúde e os organismos governamentais se mobilizaram em torno da questão e, por longo tempo, o interesse da sociedade se concentrou e fez desta questão o objeto de abordagem maciça dos meios de comunicação.

Esse cenário social rondou os lares dessas crianças, colocando as famílias sob o holofote intenso da mídia e do interesse público gerando reações contraditórias: ao tempo em que foram geradas informações sobre prevenção e contágio, foram gerados também, como efeito de rebote, certo pânico e o excessivo aguçamento do olhar alheio curioso sobre os bebês acometidos da síndrome.

Nada disso passou incólume. O mesmo se registre da importância do suporte social de caráter humanitário, fruto de ações solidárias de agrupamentos da sociedade organizados para esse fim e que ainda hoje ajudam na função prioritária de provisão de itens e serviços de outro modo inacessíveis para as famílias de baixo poder aquisitivo. Não houve inércia social.

A enorme mobilização da mídia, conforme descrevemos, contribuiu para o fortalecimento de políticas públicas de saúde e, como efeito de rebote, mães se politizam lentamente, ainda que calcadas na reivindicação de ações de reparação: “Era um sonho que virou pesadelo”.

A ponto, ainda, para o paradoxo evidenciado pelas produções subjetivas daí advindas: ao se verem em um lugar social que as identifica como ‘as mães dos bebês acometidos pela SCZV’, se veem sendo reconhecidas, saídas do anonimato de sua vida, empoderadas pela própria batalha, ainda que por uma marca original tão custosa.

Assim, a existência dessas mães passa a englobar a enfermidade do filho, ou seja, paradoxalmente, o que passa a dar sentido a sua vida é a luta travada, como afirma Collette Audry, prefaciando o livro de Mannoni *A criança atrasada e a mãe* (1964, p. 10)

[...] lutando pelo filho – para o curar sem o curar – era antes por si que lutava, com risco de acabar por lutar também contra ele [...]; será isso que atesta a mãe quando me diz “minha filha é meu troféu!?”

Esse processo de *coisificação* da criança é outra face do que aqui chamo de *gravidez interminável*.

E para que este texto não se contamine com esse caráter de infinitude, encerro aqui, reiterando o caráter de reflexão sobre um atendimento clínico que tem sua singularidade e insiste em apresentar muitas questões.

#### **Abstract**

*This work reflects on the experience of clinical care for families with babies affected by congenital Zika virus syndrome. Based on the specificity of the mothers' psychoanalytic listening, I approach the singularity of the maternal function developed, the narcissistic wounds of difficult healing and the threat of an endless pregnancy. It discusses the situations of psychic suffering and risk for the child's development in the understanding of the first childhood as the priority time for psychic constitution. The reflection on the clinical conduct of some interventions, justified by the anguish felt by parents due to the loss of the expected child, the trauma and limitations imposed by the diagnosis, point to the answers and fansmatic productions. The desubjective appropriation of the child by science and the consequent dismissal of knowing from parents makes it difficult for them to make the expected spontaneous marks on the child.*

**Keywords:** *Congenital Zika virus Syndrome, Motherhood, Narcissistic wound, Endless pregnancy.*

## Referências

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

JERUSALINSKY, J. *A criação da criança*. Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma, 2014.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (1953). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

MANNONI, M. *A criança atrasada e a mãe*. 3. ed. Lisboa: Moraes, 1981.

PAÍS, A. De una tragedia a la construcción del destino. In: Apostila do curso *Clínica com bebês: uma abordagem transdisciplinar*. São Paulo: IP-USP, 1995. p. 19-30.

SZEJER, M. *A escuta psicanalítica de bebês em maternidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VANIER, A. *Lacan*. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

WINNICOTT, D. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 08/12/2019

## Sobre a autora

### Anabela Silva Queiroz

Psicanalista.

Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB).

Mestre em Educação

pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Especialista em diagnóstico

e tratamento dos problemas

do desenvolvimento na infância/adolescência

pelo Centro Lydia Coriat.

Docente da Escola Bahiana

de Medicina e Saúde Pública.

Psicóloga do Centro de Prevenção

e Reabilitação de pessoas com deficiência (CEPRED)

da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia.

### Endereço para correspondência

E-mail: <anabelaqueiroz@hotmail.com>



# As diversidades da clínica psicanalítica<sup>1</sup>

*The diversities of the psychoanalytic clinic*

Anna Lucia Leão López

## Resumo

Este trabalho pretende refletir sobre o lugar do analista diante das diversidades da clínica psicanalítica. Como os analistas lidam com a diversidade? Como os analistas lidam com as diversidades dos analisandos? Essas questões serão sustentadas teoricamente em Freud e Lacan. A autora traz uma contribuição, em processo de construção, a partir da sua prática clínica e acadêmica, que denomina, nesse momento, de “código de barra do sujeito”.

**Palavras-chave:** Desejo do analista, Traço mnêmico, Neutralidade, Sexualidade infantil, Código de barra do sujeito.

*É de meus analisandos que aprendo tudo,  
que aprendo o que é a psicanálise.*

JACQUES LACAN

O presente trabalho tem início com a apresentação do caminho trilhado até o momento pela autora para compreender o seu *lugar de fala*, que é importante para clarificar a perspectiva de sua fala.

Musicista formada em musicoterapia, a partir do momento em que entra para a clínica musicoterápica é conduzida para a análise pessoal, justamente para poder suportar essa clínica. E a análise pessoal, por sua vez, a leva à formação em psicanálise, capturada pela psicanálise.

Cursou uma especialização em educação psicomotora para buscar ferramentas que lhe permitissem lidar com as questões que se apresentavam na clínica musicoterápica, na Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), onde permaneceu por uma década, e em uma escola com o propósito de

inclusão de crianças ditas “normais” com outras que eram consideradas “excepcionais”.

A ABBR é considerada uma instituição de reabilitação física, todavia tem como proposta a reintegração social daqueles que passam por lá. E a partir dessa vivência clínica, surge a compreensão de que as questões psíquicas transbordavam, uma vez que estavam para além das questões físicas.

Instigada pela clínica com crianças autistas em ambas as instituições, busca a especialização em psicanálise e saúde mental na UERJ e, em seguida, o mestrado também em psicanálise e saúde mental, ambos com tema autismo infantil, sob a orientação de Luciano Elia.

No Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ (CBP-RJ), desde os anos 2000, como membro efetivo e psicanalista, tem minis-

1. Trabalho apresentado no *Painel 2 – Psicanálise, clínica e cultura* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

trado aulas no curso de formação, em cursos livres, cursos de férias, supervisão. Por causa dessa trajetória e como fruto do mesclado, fundou o primeiro Núcleo de Estudos da Instituição, que veio ocupar a ausência de um espaço de reflexão dedicado à clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. Então, em 2011, com sua bagagem clínica e acadêmica, cria o Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e da Adolescência, o NEPSI, reconhecido e instituído em assembleia do CBP-RJ.

A contribuição apresentada neste artigo é o resultado das reflexões sobre essa construção, esse trilha percorrido. O lugar construído pela autora na instituição CBP-RJ é o efeito dessa travessia teórico-clínica.

Por isso, esta fala tem uma relação direta com a troca de conhecimentos em sala de aula e a vivência como coordenadora do NEPSI, onde ocorrem supervisões, estudos e discussões de casos clínicos, uma vez que o objetivo do NEPSI é justamente realizar a costura entre teoria e clínica psicanalítica com crianças e adolescentes.

Desde 2016, anualmente a coordenação do NEPSI, junto com os candidatos, membros efetivos da instituição e convidados de outras instituições, organiza jornadas internas que propõem pensar e discutir uma clínica tão fundamental para o analista, não somente para aqueles que trabalham diretamente com criança. É oferecida a participação a todos do CBP-RJ, uma vez que nós, analistas, devemos pensar, mesmo na clínica com adulto, na 'criança' que nos fala. Pois na clínica trabalhamos supostamente com adultos, cronologicamente com adultos, mas quem se senta na nossa frente como analisando é a 'sua' criança.

Essa contextualização é importante, pois acreditamos que aquilo que construímos na teoria é costurado com o nosso trilha, ou seja, o nosso lugar de fala. A história pessoal de cada autor da psicanálise (só da psicanálise?) tem uma costura com o caminho teórico escolhido pelo sujeito.

O XXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e III Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará, cujo tema foi *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*, abordando a questão da diversidade com ousadia e coerência com os dias atuais, oportunizou uma reflexão apresentada no presente trabalho, que propõe pensar a diversidade, tantas vezes calada ou rejeitada, e o lugar do analista frente à diversidade na clínica psicanalítica.

Nesse sentido, a contribuição proposta neste artigo é refletir sobre o lugar do analista diante das diversidades na clínica psicanalítica propondo algumas questões constantes para o ofício do analista:

- Que lugar é este que nós ocupamos como analistas?

Um lugar a ser ocupado e como ocupá-lo.

Assim, desdobramos a questão anterior em outras questões:

- Como nós, analistas, lidamos com as diversidades dos analisandos?
- Como nós, analistas, lidamos com a diversidade?
- Como nós, analistas, lidamos com as nossas diversidades e especificidades?

Para isso, buscamos sustentação teórica tanto em Freud quanto em Lacan, no sentido de contribuir para o ofício do analista, que surge a partir da clínica em consultório e dos seminários ministrados no CBP-RJ, que a autora denomina como "código de barras" do sujeito. Consideramos, portanto que cada sujeito possui um "código de barras", construído na sua constituição de sujeito.

Sustentada em Freud, toda a construção teórica apresentada neste trabalho é efeito da clínica, uma vez que Freud traz a sua teoria a partir da clínica. O efeito da clínica não apenas na perspectiva de nós, analistas, mas também a clínica em nosso lugar de analisando.

Portanto, nós, analistas, não deixamos de ser analisandos. Porém, no momento em que estou ocupando o lugar de analista não posso deixar minhas questões de analisando virem à tona. Tenho que calá-las.

Candidatos que estão na formação do CBP-RJ, durante as aulas ministradas, mas ainda não autorizados para atender na clínica, dizem: “Mas eu não estou na clínica!”. Daí pergunta-se: “Você está em análise pessoal? Se está, você já está na clínica. “Só que você está em outro lugar da clínica. Você está no lugar do analisando”.

Então, está na clínica ou, mais do que isso, está sendo atravessado pela psicanálise. Pois, tanto a teoria quanto a prática têm que nos atravessar. A teoria não pode ficar no livro. Ela tem que estar entranhada em nosso corpo. Ela tem que fazer parte de nós.

E esse atravessamento, algumas vezes, nos dá uma trombada, que nos faz cair, levantar e seguir em frente, ficando mais atentos ao que nos afetou. Isso para sustentar a importância do lugar da análise pessoal na constituição do analista. Freud nos fala que o analista se faz em seu próprio divã. E é ali que fazemos a passagem do vir a ser analista.

Portanto, este trabalho é efeito de uma trajetória clínica e acadêmica de mais de duas décadas, que leva a uma constante reflexão sobre o lugar do analista no processo analítico. É fundamental para o analista pensar constantemente sobre o lugar que ocupamos.

Neste ponto, ressaltamos a contribuição do curso livre de *Conceitos psicanalíticos*, realizado no CBP-RJ, de autoria de dois psicanalistas que não estão mais na instituição (Leonardo Ferreira de Azevedo e Silva e Maria Victória Marçolla Torchetti), que consideramos porta de entrada para a formação na instituição. Afinal, esse é o caso da autora e de muitos outros profissionais que hoje estão na instituição.

Originalmente, o curso livre *Conceitos psicanalíticos* era composto por cinco blocos de conceitos, um dos quais é oferecido a cada semestre. Chamamos de bloco, um grande conceito psicanalítico a ser trabalhado ao longo do semestre com aqueles conceitos que sustentam esse conceito-chave.

Atualmente, o curso foi revisado, reformulado e ampliado pela autora para nove

blocos de conceitos. O curso tem como objetivo “apoiar teoricamente e clinicamente a formação dos candidatos e membros efetivos da instituição” e tem como função aproximar e agregar novos parceiros. Esse curso vem ao encontro daquilo que Lacan propõe como formação permanente do analista.

Qual a proposta desse curso? A condução do curso tem o propósito de colocar uma lupa sobre os conceitos psicanalíticos para depois ser ampliados e contextualizados na obra freudiana. É utilizado como bibliografia o *Vocabulário da psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1992), além de textos freudianos.

Dentro desse curso, no bloco *Psicanálise como um todo*, aparece um conceito que fisga/captura a autora, e que é utilizado para sustentar o que vai chamar de “código de barra do sujeito”: o traço mnêmico. Aquelles traços que vão sendo inscritos na nossa constituição de sujeito.

É ao longo desses seminários ministrados no curso *Conceitos psicanalíticos* que a autora vem construindo o que chama de “código de barra do sujeito”, construção oriunda de um caminho anterior que foi o encontro com o conceito do “desejo de analista” de Lacan, fundamental para se pensar o lugar ocupado e a função a ser exercida pelo analista.

Outros conceitos freudianos que consideramos importantes para refletir sobre o que chamamos, neste momento, código de barra do sujeito.

Tais conceitos são:

- Neutralidade: Isso não está na nossa vestimenta, não é esse o lugar da neutralidade que Freud nos apresenta. Quando Freud nos fala na neutralidade, entendemos como “neutralidade da escuta”. Não se trata de não ter foto nenhuma no consultório, de se vestir o mais neutro possível. O que importa é que eu estou ali na função de analista e não como sujeito. Portanto, a neutralidade da escuta é o que deve estar no *setting* e, por isso, eu tenho que me calar enquanto sujeito.
- Sexualidade infantil: Lidamos constan-

temente com a presentificação da sexualidade infantil, que é constitutiva do sujeito. Na análise, o analista escuta a sexualidade infantil do analisando, que é atualizada nas relações, ou seja, atualizações do passado nas situações presentes. E para conseguir escutar a sexualidade infantil do analisando, o analista tem que ter escutado a sua sexualidade infantil e continuar escutando seus efeitos. Isso é condição para o analista escutar o analisando e se calar. Caso o sujeito do analista compareça no *setting*, este se cala para permanecer na escuta do analisando, cabendo ao analista trabalhar na sua análise pessoal. Pois, o analista, por sua própria resistência, pode calar a sexualidade do analisando. Para Lacan, “quem resiste é o analista”.

No texto *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud ([1912] 1969) observa com precisão que há necessidade de uma autoanálise permanente, nos colocando para pensar o lugar do analista. De pensar constantemente o que aconteceu no *setting*, com o analisando e com nós mesmos, analistas. O que nos afetou? O que nos calou? O que nos fez calar o analisando? Essas reflexões são necessárias fazermos após a análise de cada sujeito.

No mesmo texto, Freud traz à luz dois conceitos que consideramos importantes para a reflexão do presente trabalho: a “atenção flutuante” e a “opacidade do analista”. Em relação à atenção flutuante, o analista precisa desse calar para se manter nela. Sobre a opacidade, destacamos que cabe ao analista no *setting* devolver para o analisando a sua própria fala. E devolver com delicadeza, pois devemos perceber se o analisando suportará a devolução, qual é o momento em que ele tem condições de se escutar. A delicadeza é uma ferramenta necessária para nós, analistas.

Para Freud, o analista

[...] deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o

que lhe é mostrado (FREUD, [1912], 1969, p. 157).

Também vale ressaltar que a poltrona do analista não tem nada de confortável. Essa poltrona é desconfortável, é espinhosa. Não é à toa que nos mexemos, muitas vezes incomodados com que o analisando nos fala e outras vezes desejando escutar mais. Podemos dizer que a movimentação do corpo do analista no *setting* tem um sentido.

Segundo Freud ([1912] 1969, p. 157), o analista tem que ter uma ausência de ambição educativa e/ou terapêutica, ou seja, o analista deve

[...] guiar-se pela capacidade do paciente, ao invés dos seus próprios desejos.

Quem nos guia é o próprio analisando. Quem nos leva, não sei para onde, é o analisando. De acordo com Lacan, a análise é uma aventura psicanalítica. E nós, na função de analistas, se aceitamos ser analista daqueles sujeitos precisamos nos aventurar.

Nessa direção, para pensar o desejo do analista, o Lacan parte do conceito de contra-transferência. Logo na abertura do *Seminário I*, Lacan já apresenta uma preocupação em relação ao conceito da contratransferência e diz

[...] Freud sabe que só fará progresso na análise das neuroses se se analisar (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 10).

E continua:

[...] O ideal da análise não é o domínio completo de si, a ausência da paixão. É tornar o sujeito capaz de sustentar o diálogo analítico, de não falar nem muito cedo, nem muito tarde (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 11).

Refletir sobre o desejo do analista nos coloca algumas questões. O que acontece nessa mão dupla da transferência? Do analisando para o analista e do analista para o analisando. Escolhemos nossos analisandos, e eles

nos escolhem. Sempre há uma escolha em jogo.

Mayerhoffer (2019, p. 85) diz que

[...] o desejo do analista é o desejo que advém de uma experiência de análise.

Portanto, só posso assumir esse desejo do analista se realmente eu passo por uma experiência de análise suficiente para que esse desejo possa comparecer e possa ser sustentado no *setting*, “é o desejar uma função e fazer desejar”. A nossa função é fazer o outro desejar. Não é o nosso desejo que está em jogo. É o desejo do outro.

Segundo Mayerhoffer (2019, p. 87):

[...] não é o analista que proporciona a análise por si; ele é quem pode, ou não, possibilitar que o sujeito trabalhe uma construção de uma posição frente ao desejo que ele próprio desconhece, cabendo ao sujeito psicanalisar, e ao analista, o ofício de sustentar tal trabalho.

Tal trabalho vai acontecer, só se houver analista e analisando. O desejo do analista não é um desejo de cura nem é pedagógico: ele se fabrica no próprio processo analítico. E está sustentado pelo ato da escuta e pelo acolhimento da palavra ou do ato do sujeito.

Lacan ([1960-1961] 1992, p. 184) admite que

[...] não existe em ninguém qualquer elucidação exaustiva do inconsciente, por mais longe que seja levada uma análise.

A nossa análise pessoal nos possibilita ficar advertidos de que nos resta uma reserva de inconsciente e que sempre poderá nos colocar frente a uma armadilha.

Mayerhoffer (2019) aposta que, como o analista tem a possibilidade de lidar com a sua subjetividade, com a sua especificidade de sujeito, com a sua diversidade, ele tem a possibilidade de lidar com a subjetividade, a especificidade e a diversidade do outro. O

aparelho psíquico está para todos. Mas como cada um constrói e se constitui como sujeito, é único e específico.

Maria Rita Kehl (2002, p. 148) nos diz que

[...] o analista, ao mesmo tempo que precisa criar um estilo próprio de intervenção que lhe dê liberdade suficiente para trabalhar, nunca deve se esquecer da sua subordinação à psicanálise.

Ou seja, essa constituição do analista tem a ver com a nossa própria constituição. Tem a ver com a criação de um estilo próprio e do reconhecimento da diversidade de sujeitos únicos que somos.

Cada um é um enquanto analista. Cada processo psicanalítico, no qual estão implicados analista e analisando é único. A psicanálise é a prática da dúvida – e não da certeza. Um método investigativo. Frente ao analisando nós, analistas, não sabemos nada sobre o sujeito.

Na análise, se o analisando chega à sessão e o analista tem a ilusão ou a arrogância de que “sabe do outro”, ele já saiu do lugar de analista. Lacan contribui com o conceito da “ignorância doura”, que é saber não saber. Nós, analistas, precisamos escutar nossos analisandos sabendo que não sabemos desse sujeito.

É angustiante entrar no *setting* sem saber para onde vai ser conduzido, não saber nada daquele sujeito que está a sua frente e não saber o que será convocado de nós, analistas, o que irá nos fisgar, o que pode nos capturar naquela fala do outro.

Por isso, os espaços dentro das nossas instituições são considerados fundamentais para a nossa sanidade. Ali podemos encontrar troca e diálogo, tão preciosos para o analista. Os eventos – os congressos, as jornadas, os cursos – são espaços que permitem essa troca e nos sustentam, uma vez que a prática psicanalítica é muito angustiante.

Todavia, enquanto analistas, suportar essa angústia cabe a nós. Pois só veremos o efeito

da clínica *a posteriori*. Então, temos que nos inquietar na clínica e utilizar esses espaços proporcionados para a troca de experiências e conhecimentos no sentido de apaziguar essa angústia e ocupar o nosso lugar de analista. Afinal, só *a posteriori* faz algum sentido, assim como na nossa constituição.

Para concluir o ‘inconcluível’, ao investigarmos as especificidades do sujeito, ou seja, o que é específico de cada sujeito, nossa aposta é que o sujeito tem um “código de barras”, fabricado no processo de constituição do sujeito.

Como Freud nos diz, são “indestrutíveis esses traços mnêmicos”. Estão lá, marcados e registrados. Não há escapatória.

Laplanche e Pontalis (1992, p. 512) definem os traços mnêmicos como

[...] expressão utilizada por Freud, ao longo de toda a sua obra, para designar a forma como os acontecimentos se inscrevem na memória.

De acordo com esses autores,

[...] os traços mnêmicos, segundo Freud, são depositados em diversos sistemas; subsistemas de forma permanente, mas só serão reativados depois de investidos (LAPLANCHE, PONTALIS, 1992, p. 512).

Essas lembranças estarão inscritas no sujeito, mas sua evocação vai depender de como serão investidas, desinvestidas, contrainvestidas.

A partir de Freud, entendemos que nosso aparelho psíquico é também um aparelho de memória. Os textos pré-psicanalíticos são importantes (os quais considero psicanalíticos), nos trazem a construção do aparelho psíquico.

Em 1891, no texto das *Afásias*, Freud afirma que nosso aparelho psíquico é visto como um aparelho de linguagem; em 1895, com *O projeto*, um aparelho neuronal; em 1896, na *Carta 52*, um aparelho de memória. Essa é a

construção para se chegar ao aparelho psíquico proposto por Freud em 1900. Ou seja, nosso aparelho psíquico é um aparelho de linguagem, de memória e neuronal.

O “código de barras” estaria ligado a esse aparelho de memória e está no campo do traço. Esses traços inscritos no nosso psiquismo formariam esse código – específico e único de cada sujeito.

A contribuição deste trabalho é pensar na constituição desse código de barras e a importância de o analista reconhecer que o analisando possui seu código de barras e a sua especificidade.

Diríamos para os analisandos como na música do grupo Paralamas do Sucesso: *Seja você! Seja só você!*

#### **Abstract**

*This paper aims to reflect on the analyst's place in the face of the diversity of psychoanalytic clinic. How do analysts deal with diversity? How do analysts deal with the analysands' diversity? Issues that will be theoretically supported in Freud and Lacan. The author brings a contribution, in the process of being built based on her clinical and academic practice, which she calls, at this moment, the subject's barcode.*

#### **Keywords:**

*Analyst's desire, Mnemic trait, Neutrality, Infantile sexuality, Subject bar code.*

## Referências

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1912). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 12).

KEHL, M. C. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Dulce Duque Estrada. Revisão de Romildo do Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Direção de Daniel Lagache, Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAYERHOFFER, M. O que o desejo do analista articula na sustentação política de não regulamentação da psicanálise como profissão? In: SIGAL, A. M.; CONTE, B.; ASSAD, S. (Orgs.). *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2019. p. 85-102.

SIGAL, A. M.; COMTE, B.; ASSAD, S. (Org.). *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2019.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 08/12/2019

## Sobre a autora

### Anna Lucia Leão López

Pós-graduada em Psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ.  
Pós-graduada em Educação Psicomotora pelo Centro Universidade Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR).  
Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ.  
Musicista pela Escola de Música da UFRJ.  
Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário.  
Psicanalista e Membro do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).  
Professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.  
Presidente do CBP-RJ nos períodos: 2004-2006, 2006-2008, 2018-2020,(2020-2022).  
Fundadora, Coordenadora e Supervisora Clínica do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e da Adolescência (NEPsI) desde 2011.  
Coeditora da revista *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro e Psicanálise (2010-2014)

### Endereço para correspondência

E-mail: <anna\_lopez@globo.com.br>



# A violência da palavra: política, lei e verdade<sup>1</sup>

*The violence of the word:  
politics, law and truth*

Cibele Prado Barbieri

## Resumo

Partindo do texto freudiano sobre os chistes, pode-se fazer uma leitura das narrativas recentes com as quais nos deparamos para compreender os discursos em sua peculiar estrutura e consequências não apenas no plano individual, mas também no grupo, no social e, mais além, no plano histórico, político e civilizatório. A análise feita por Freud a respeito do cômico revela o poder da palavra e o grau de virulência que esta pode imprimir nos efeitos que a lei, a justiça e a verdade determinam no âmbito do trágico, seu avesso. Quando a mentira se traveste de verdade, isso exige do sujeito uma resposta cômica, caricatural, para suportar o Real em jogo.

**Palavras-chave:** Política, Psicanálise, Violência, Piada, Perversão, Discurso.

Num dos muitos textos que recebo pelas redes sociais, deparei-me, certa vez, com uma citação de Oscar Wilde que ratifica o saber psicanalítico sobre a palavra.

As ações são a primeira das tragédias humanas, sendo as palavras a segunda. As palavras talvez sejam as piores. Elas são implacáveis... (Oscar Wilde).<sup>2</sup>

O fato de ter tido acesso a esta citação através das redes sociais demonstra a inserção, a circulação e a atualização dos saberes nas narrativas cujos efeitos sofremos nestes tempos de agudização da informação e, também, da desinformação. Se o ato mostra, demonstra, e a imagem configura uma representação possível da *Coisa (Das Ding)* – causando o prazer

ou o horror ao ‘êxtimo’, ao Real, (como nas artes, por exemplo) – a palavra também convoca e promove os mesmos afetos na medida em que o significante, o representante representativo da pulsão carrega em si os efeitos de sentido e sem sentido produzidos pela sua natureza polissêmica. Daí a tragédia.

É essa tragédia que experimentamos quando uma verdadeira “inversão dos polos magnéticos” – se não do planeta, pelo menos do nosso país – acontece e se revela nos discursos. É o que nos ensina Freud em seu texto sobre o chiste; embora o que se pretenda com esses discursos não seja, de modo algum, da ordem do cômico.

Penso que o que mais nos afeta nesse caso é o fato de que, por mais humor que se possa ter, por mais que se recorra ao cômico,

1. Trabalho apresentado no *Painel 4 - Psicanálise e violência* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

2. Citado por Maria Helena R. R. de Souza no texto *As palavras são implacáveis*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/as-palavras-sao-implacaveis/>> Acesso em: 07 jul. 2019.

como propalado por um conhecido programa de televisão, “está difícil concorrer com a realidade”.<sup>3</sup> O resultado é que os efeitos de tragédia excedem o potencial de satisfação que deveria gerar prazer, – objetivo fundamental do chiste – deixando o sujeito ainda mais vulnerável diante da situação real, em seus efeitos nada cômicos, diante de prenúncios pessimistas, de incertezas e de privações reais.

A ‘des-idealização’, a precarização da confiança nos ideais, a falta de substrato de confiabilidade da lei que possa em seu exercício dar alguma garantia da ordem das coisas, exacerbam a própria inversão dos “polos magnéticos” que os discursos das autoridades que norteiam e comandam os rumos da sociedade promovem e dão vez ao desnorreamento, à melancolia subjetiva e ao adoecimento generalizado. Isso se alastra tornando o mal-estar cada vez mais óbvio e predominante na sociedade, mas também, e principalmente, usurpando o efeito cômico e ressaltando o aspecto trágico, pois esses discursos não são produzidos para ser lúdicos. Suas técnicas estruturais não visam o gozo prazeroso. Eles, sim, produzem um gozo da ordem do mais além do princípio do prazer, nas sendas do mortífero e do derrisório da violência. Por isso, as palavras aqui são violentas e implacáveis, pois não passam ao largo, não contornam a *Coisa*; ao contrário, a expõem em todo o seu horror.

Silêncio. Silenciamos diante da violência que nelas se expõe e se dissemina.

Como nos diz Celso Lafer, “Na política, a palavra é componente da ação. O tom faz essa música das facções, do ódio e do desentendimento”.<sup>4</sup>

No campo da política, a função da palavra absorve e configura as fronteiras da verdade

e da mentira, da qualidade e da direção do ato, pois quem as diz está investido do poder de representação de alguns. Quem as diz é alguém que recebeu de um grupo a incumbência de representa-lo. Isso significa que aí está implicada a vontade de muitos indivíduos que se identificam com esse representante colocado como líder, que fala por eles. Digo “indivíduos” porque aqui não se trata mais do sujeito; no grupo não há sujeito, o grupo promove o apagamento do sujeito, que perde sua capacidade crítica e suas coordenadas subjetivas, como nos ensina Freud (1921), e é tragado pela compulsão a seguir o mestre e satisfazer seus impulsos mais adversos aos valores, às normas e às regulações que cotidianamente costumavam estruturar suas ações, sua moral e sua ética.

Podemos, então, nos perguntar como entender essa conjuntura civilizatória, na medida em que o campo do cômico não dá conta, onde o cômico está sendo restringido – no âmbito da liberdade de pensamento e expressão – a alguns poucos lugares (cada vez menos e menores<sup>5</sup>) e, ainda mais, quando o cômico não se justifica (!) na medida em que repercute na vida e nos destinos de uma sociedade tão precariamente autônoma.

O que vemos nos relatos de psicanalistas, psicólogos, psiquiatras, médicos clínicos, etc. é um testemunho estupefacente do incremento de mal-estar generalizado, das demandas sintomaticamente centradas no adoecimento psíquico fruto de um sofrimento relativo à impotência e a perspectivas negativas de reagir a um futuro sombrio, violentamente anunciado, que produz mortificação em massa. Não só silenciamos como também paralisamos. Obviamente, nessa conjuntura,

3. *Zorra total*, veiculado pela Rede Globo de Televisão.

4. Celso Lafer, ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil durante as gestões de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, citado por Marina Dias no artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, em 04 ago. 2019.

5. explosão de comichidade que assistimos durante o carnaval de 2020, nas escolas de samba e nas ruas de todo o País, mostraram o triunfo do Cômico como crítica e denúncia da tragédia, contrariando ou, pelo menos, relativizando essa afirmativa, que foi elaborada no ano anterior. Podemos constatar o poder e a eficácia do carnaval como fermento para a produção do cômico.

o Cômico fracassa, se desvanece e se precipita no Trágico.

Como isso é feito? Qual o instrumento usado para produzir tantos efeitos? A palavra. Como psicanalistas, não nos surpreendemos.

No texto *Os chistes e suas relações com o inconsciente*, Freud (1905) trata dos

[...] desvios em relação ao pensamento normal – o deslocamento e o absurdo – como métodos técnicos de produzir uma forma chistosa de expressão.

Ele diz que

Um chiste é um juízo *lúdico*, [...] exatamente como a liberdade estética consiste na contemplação lúdica das coisas [...] Seria possível que da liberdade estética brotasse uma espécie de juízo liberado de suas usuais regras e regulações, ao qual, devido a sua origem, eu chamarei juízo lúdico. [...]

“A liberdade produz chistes e os chistes produzem liberdade”,<sup>6</sup> diz Fischer, citado por Freud nesse texto, assim como Jean Paul [Richter], que diz: “Fazer chistes é simplesmente jogar com as ideias”.

Para entender melhor, tomo os exemplos que Freud nos dá na página 80 sobre a técnica do chiste: o do caldeirão e o do agente matrimonial.

‘A. tomou emprestado de B. um caldeirão de cobre e após devolvê-lo foi acionado por B. já que o caldeirão tinha agora um grande furo que o tornava inutilizável. Sua defesa foi: “Em primeiro lugar nunca tomei emprestado um caldeirão de B.; e em segundo lugar o caldeirão já estava furado quando eu o peguei emprestado; e em terceiro lugar, devolvi-lhe o

caldeirão intacto”. Cada uma destas defesas é válida por si mas reunidas excluem-se mutuamente. A. estava tratando isoladamente o que se devia considerar um conjunto tal como o agente matrimonial faz com os defeitos da moça. Podia-se dizer: ‘A. usou um “e” onde era possível um “ou” (FREUD, 1905).

[...] O agente [...] insistia pois em tratar isoladamente cada defeito e recusava-se a adicioná-los num total.

A mesma omissão é o núcleo de outro sofisma a propósito do qual muito se tem rido embora se deva duvidar da correção quanto a chamá-lo chiste (FREUD, 1905, cap. II).

Os “desvios em relação ao pensamento normal – o deslocamento e o absurdo”, que num primeiro momento geram um efeito chistoso, quando aplicados a questões legais, adquirem um sentido nada cômico na medida em que subvertem a ordem do discurso e suas conclusões, eximindo o sujeito de sua responsabilidade sobre seus atos através de afirmações divergentes e mutuamente exclusivas. É a fórmula usada pelo perverso quando divide o outro para governá-lo fundamentando e desmentindo a castração: ‘A mulher é castrada, mas, mesmo assim, é fálica.’

É o que escutamos quando ouvimos: “as conversas foram obtidas ilegalmente”, “não tem nada de mais nas conversas”, “as conversas foram manipuladas”. “Cada uma destas defesas é válida por si mas reunidas excluem-se mutuamente”, diz Freud, que nunca foi tão atual, explícito e convincente!

E é claro que estava certíssimo sobre a comicidade desse tipo de sofisma. Mas há quem o aceite como argumento insofismável. As afirmações e as negações simultâneas, e a ambiguidade intrínseca geram a desconfiança e a insegurança: o desamparo e o medo. Entrincheirar-se numa mentira confortável e cômoda pode ser necessário para quem depende de certezas.

6. Lúdico: Que também pode ser traduzido como “desinteressado”. FISCHER, 1889; RICHTER, J.-P., 1804, parte II, parágrafo 51. *Apud* FREUD, 1905, cap. II - *A técnica do chiste*.

Como disse Santo Agostinho, as pessoas costumam amar a verdade quando esta as ilumina, porém tendem a odiá-la quando ela as confronta. Quando o paranoico expulsa e o perverso desmente a verdade, capturamos como num *flash* os efeitos de horror que a verdade pode produzir no sujeito. O neurótico não está imune a tais efeitos se não estiver muito bem ancorado e nortado nesse jogo da palavra para discernir a mentira da verdade.

É a partir desse horror que a palavra – como representação – pode carrear o sentido de violência que uma interpretação pode adquirir no processo de uma análise; mesmo sabendo que nenhuma palavra é capaz de dizer o Real todo: a verdade do sujeito. Na política assim como na psicanálise, quando lembramos que Lacan (1966-1967) nos legou o entendimento de que “O inconsciente é a política”, a palavra é componente da ação. Pode ser usada como cura, mas também como arma que produz a desconstrução, a desconfiança, o desalento, a desordem e a destruição do equilíbrio frágil de muitos sujeitos.

Vivemos tempos em que a mentira foi travestida de verdade, disseminada em nome de um projeto de poder patrocinado para impor um modo de vida que parecia ter sido ultrapassado, enraizado na repetição de relações que revelam as pulsões mortíferas, verdadeiramente destrutivas. Desconstrução das ciências, do saber acumulado, crenças doentias e deletérias fundamentando o desmonte de estruturas de funcionamento econômico, jurídico e subjetivo, pois influem na visão de mundo dos indivíduos.

Momentos que a lei da “verdade, toda verdade, nada mais que a verdade” demonstra sua impossibilidade, seu caráter utópico. Não porque seja uma utopia indesejável, mas por ter sido sabotada por seus próprios representantes e não poder sustentar-se sobre a lei escrita, eficaz e realista, para organizar e pacificar o mal-estar da civilização. Além disso, lembro Lacan quando diz:

Digo sempre a verdade. Não toda [...] pois, dizê-la toda, não se consegue [...]. Dizê-la toda é impossível, materialmente [...] faltam as palavras. É justamente por esse impossível [...] que a verdade tem a ver com o real (LACAN, [1973] 2003, p. 509).

Levada ao seu extremo trágico pelos próprios métodos técnicos de que dispõe, a palavra se distancia da lei subvertendo sua vocação e finalidade originais. Recurso que deveria constituir-se como antídoto civilizatório à passagem ao ato violento, apresenta-se hoje como imagem, destituída de seu fundamento simbólico necessário ao acordo. E assim, resta a violência da palavra sempre que falha o ancoramento na lei. Seguindo Lacan, corremos o risco de parecer pessimistas. Seria possível que todos os seres humanos se alinhassem à lei? O que seria dos paranoicos? Existiriam perversos? Certamente seria a Utopia.

Quando a imposição de silêncio invade a cena pública retirando o diálogo, a possibilidade de falar e de ser ouvido sacralizando a Mentira travestida de Verdade, cai por terra, retrocede todo o esforço civilizatório em direção à possibilidade de sublimar, resignificar os efeitos adversos da história e da estrutura discursiva.

Isso pode explicar os resultados catastróficos em termos de suicídios e adoecimento em massa a que assistimos. O silêncio, a palavra calada, que não pode ser dita, permanece viva e registrada, é também, e mais ainda, violenta e virulenta.<sup>7</sup>

Por tudo isso, concluo que a instituição psicanalítica que, atenta às narrativas de seu tempo, convoca a rever e rearticular seus conceitos, à discussão de ideias e teorias, levando em conta os fatos e acontecimentos reinantes, põe à prova e amplia o alcance da psicanálise. As instituições que, ao contrá-

7. Por exemplo, retirar das escolas os profissionais de psicologia e assistência social significa tirar os ouvidos e silenciar as palavras. Cortar a palavra ‘no talo’.

rio, cerceiam e silenciam seus membros em nome de uma aparente paz e harmonia de pensamento decretam sua destituição como tal: a psicanálise não se subverte ao “Cale-se!”

### Abstract

*Starting from the Freudian text about the joke, one can read the recent narratives we are faced with to understand the speeches in their peculiar structure and consequences not only at the individual level, but also in the group, in the social and, beyond, at the historical, political and civilizing levels. Freud's analysis of the comic reveals the power of the word and the degree of virulence that it can have in the effects that the law, justice and truth determine in the context of the tragic, its reverse. When the lie is dressed as truth it demands from the subject a comic, caricatural response to support the Real at stake.*

**Keywords:** Politics, Psychoanalysis, Violence, Joke, Perversion, Speech.

## Referências

DIAS, M. *Trump e Bolsonaro investem em falas ofensivas para manter bases de apoio*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/trump-e-bolsonaro-investem-em-falas-ofensivas-para-manter-bases-de-apoio.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1984. (*Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 8).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921) Rio de Janeiro: Imago, 1984. (*Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 18).

LACAN, J. A lógica da fantasia; resumo do seminário de 1966-1967. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 323-328. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 14: a lógica da fantasia (1966-1967)*. Inédito.

LACAN, J. Televisão (1973). In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 508-543.

LAFER, C. *apud* DIAS, M. *Trump e Bolsonaro investem em falas ofensivas para manter bases de apoio*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/08/trump-e-bolsonaro-investem-em-falas-ofensivas-para-manter-bases-de-apoio.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

SOUZA, M. H. *As palavras são implacáveis*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/noblat/as-palavras-sao-implacaveis/>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

**Recebido em:** 10/12/2019

**Aprovado em:** 15/12/2019

**Sobre a autora**

**Cibele Prado Barbieri**

Psicanalista. Psicóloga.

Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB).

Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) 2006-2008.

Membro da Comissão Editorial da Revista *Estudos de Psicanálise* do CBP.

**Endereço para correspondência**

E-mail: <barbieri.cibele@gmail.com>

# O sujeito contemporâneo e a realidade virtual<sup>1</sup>

*The contemporary subject and virtual reality*

Deborah Pimentel

## Resumo

A autora tece comentários sobre o mundo virtual, as novas formas de relacionamento nas redes sociais e a ausência de privacidade afetando a nossa subjetividade, a nossa individualidade e as relações do cotidiano e apontando para algum tipo de desconforto, ainda não bem esclarecido e descrito.

**Palavras-chave:** Internet, Redes sociais, Mundo virtual, Subjetividade.

*Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir  
fica convencido de que os mortais  
não conseguem guardar nenhum segredo.  
Aqueles cujos lábios calam  
denunciam-se com as pontas dos dedos;  
a denúncia lhes sai por todos os poros.*  
SIGMUND FREUD

A internet nos trouxe ganhos inimagináveis em muito pouco tempo: transmissão de informações que favorecem o desenvolvimento técnico e científico, acesso direto a bancos de dados importantes com informações preciosas para os nossos estudos nas nossas áreas de interesse, resgate de amizades aparentemente perdidas na nossa infância, agilidade do noticiário (o que acontece do outro lado do mundo pode ser acompanhado em tempo real), abrangência das campanhas de toda natureza, que alcançam mais rapidamente o maior número de pessoas no menor tempo.

Temos a necessidade de buscar respostas sobre o desejo de saber como as novas formas de relacionamento ocupam a nossa vida.

Como será que este jeito novo de comunicar nas redes sociais funciona dentro da gente?

Como a mídia afeta as relações do cotidiano?

Estariamos escamoteando a nossa subjetividade e cerceando a nossa capacidade de refletir e enfrentar as vicissitudes impostas pelo dia a dia?

Vivemos na sociedade da internet, do espetáculo e do hiperconsumo, que põem em risco a nossa subjetividade e nossa individualidade. As empresas de telefonia nos bombardeiam oferecendo vantagens se as contratarmos. Entre outras coisas, nos dão um celular recém-lançado, utilizando os nossos pontos velhos e assumindo uma dívida nova em 24 meses.

Se tivéssemos mais maturidade, deveríamos renunciar à satisfação dos nossos desejos, assim diz o que está escrito nos cânones da psicanálise (FREUD [1920], 1969). Será que resistir à aquisição de um celular novo seria saber lidar melhor com a castração e com o desamparo frente às redes sociais e à nova cultura? Somos educados para seguir o princípio da realidade e ignorar o princípio do prazer (BOCCA, 2019).

1. Trabalho apresentado no Painel 5 – *Psicanálise e mundo virtual* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE E DA III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

Não há dúvidas de que os desejos dos novos tempos são tratados como necessidades que se satisfazem a cada lançamento de um equipamento ultramoderno, criando ilusões de felicidade, bem-estar e completude. E os desejos inconscientes são substituídos pelas exigências de consumo que favorecem as demandas de identificação (PIMENTEL, 2000; PIMENTEL *et al.*, 2016).

Se esse super *smartphone* não existisse, as pessoas não precisariam dele. A castração simbólica perdeu o seu efeito. A aquisição de um bem socialmente cobiçado poderá trazer, ainda que momentaneamente, a sensação de conquista e felicidade, que parece colocar o sujeito mais próximo de outros indivíduos que vivem estampando na internet sua eterna felicidade.

Aliás, nas redes sociais, espaço superdemocrático, todos são extremamente realizados e felizes por possuírem tudo o que desejam, são detentores da casa mais linda e confortável, do carro mais veloz, do marido mais companheiro, dos filhos mais bem-sucedidos, do corpo malhado com a barriga mais chapada do planeta, viagens lindas. E os internautas 'facebookianos' acreditam em tudo o que veem. Não querem pensar sobre o custo daquelas aquisições e conquistas. Não lhes interessa se houve dedicação, persistência, suor ou montagem. Se está na internet (tudo está lá), eles creem.

Seria um mundo perfeito se na solidão essas pessoas não sofressem, se diante de si mesmas não ficassem despidas de desejo próprio: o seu desejo é apenas o desejo da mídia, do mercado voraz, das redes, dos falsos amigos, do número de seguidores, dos *likes* incontáveis que são muito sedutores e as fazem querer mostrar mais e mais.

O sujeito perde sua identidade, e o seu desejo é confundido com o desejo do outro e elimina as diferenças: todos iguais, alienados ao poder da mídia eletrônica, que é capaz não só de ser formadora de opiniões, mas também de alterar a nossa subjetividade (PIMENTEL, 2000; PIMENTEL *et al.*, 2016).

As imagens que desfilam no mundo da fantasia (leia-se: nas redes sociais) buscam apenas tamponar o grande buraco promovido pelo Real, portanto uma impossibilidade de simbolização desse frágil sujeito. O sujeito do inconsciente feneceu. Não consigo achá-lo no discurso, nem nos chistes, nem nos sonhos e nem nas palavras que tropeçam e que confessam (LACAN, [1953-1954] 2009).

Na verdade, esse sujeito apenas faz parte da massa manipulada e não percebe que é apenas uma pequena peça de um tabuleiro gigante, capturado pela mágica da internet, que tudo sabe, tudo promove e, através das imagens e dos sons, o impede de refletir e ser ele mesmo, ainda que com dor. Há um profundo vazio. E parece que só resta a pulsão escópica, que favorece o consumo de qualquer coisa, até mesmo as inimagináveis, até porque tudo é descartável e rapidamente se perde o interesse sobre o que quer que seja: objetos e pessoas.

O tal *smartphone* é um perigo, pois sabe tudo sobre o seu usuário. Ele é uma extensão do seu dono. Vivemos em um momento tal que o celular nos empareda em uma rede de vigilância. Ele chega ao requinte de identificar quando eu ligo o carro e que, por se tratar de uma segunda-feira às 7 h da manhã, o meu destino invariavelmente teria que ser o hospital universitário, e aponta, sem que eu peça, qual a rota eu devo seguir para não me atrasar e em quantos minutos estarei no meu destino. Eu nunca dei essa informação diretamente para o *Google Maps* nem para o *Waze*, mas eles aprenderam a me observar e sabem de toda a minha rotina.

O *site* da Amazon, entre tantos outros megainteligentes disponíveis, sabe do que gosto de ler e consumir, e se antecipa de forma magistral ao meu desejo, me oferecendo coisas, e o que é pior, me convencendo de que elas são tudo o que preciso para tornar minha vida mais confortável e mais feliz.

Não se trata apenas do meu celular e dos aplicativos de GPS. A farmácia também me manda mensagens graças aos seus robôs, sobre os remédios de uso contínuo que ainda

não comprei neste mês, ou ainda, o banco que insiste em me avisar que estourei o cheque especial e, por isso, eles estão preocupados em me oferecer uma linha de crédito, sob medida e com juros mais camaradas.

Ou seja, há um Outro que me controla atrás da tela do meu *smartphone* ou do meu computador e que tem algoritmos que dizem de mim, onde eu mesma não me sei.

As pessoas gostam de ver e exercitar essa pulsão escópica, olhando cegamente, sem nada enxergar, sem o genuíno desejo de conhecer e saber, sem um interesse concreto em nada; mas gostam também – e muito mais – de ser vistas, por isso se expõem despidamente aos olhares através das inúmeras *selfies* de grande cuidado estético, entre outros detalhes, que revelam para todos, favorecendo e facilitando o trabalho desse deus onipotente que tudo vê e tudo sabe e exercitando um exibicionismo exacerbado. Exibicionistas e *voyeurs* alimentam, lado a lado, as pulsões sexuais que permitem a livre expressão de traços perversos próprios do ser humano e que são aceitos socialmente nas redes (GEREZ-AMBERTÍN, 2016).

É impressionante como a internet e as redes sociais varreram os famosos caderninhos da minha infância e juventude, onde eu escrevia com parcimônia o meu diário, guardado a sete chaves. Era um momento reflexivo e para consumo próprio. Hoje todos se expõem nos diários abertos das redes sociais, comunicando a Deus e ao mundo o que fizeram, com quem fizeram, aonde foram e aonde pretendem ir, o que desejam, o que sentem, o que planejam, o que comem, o que maltrata; expõem a dor, a raiva, a angústia e o que promove júbilo.

Romperam-se os limites entre o público e o privado. Não basta ser feliz: temos que publicizar a felicidade, do contrário ela não será real. Para ser real tem que ser virtual? Como ser feliz sem o olhar do outro? Hoje não basta expor a própria imagem.

Os sujeitos são compelidos a revelar os seus sentimentos mais profundos como se

estivessem em um confessionário e a se mostrar também às pessoas que estão ao seu redor: têm que revelar as suas mazelas e as suas alegrias. Mas não só. É necessário expor a do companheiro, dos pais, dos amigos e dos filhos, sem pedir licença. Todos têm acesso ao que se supõe seus pedaços. O que importa mesmo é alcançar o olhar do outro, quer de admiração, quer de inveja, e ter a maior visibilidade possível: esse é o *feedback* que o outro vai dar com os seus *emojis*. Nessa fala que se expressa nas redes, não há um para além de si, mas apenas a própria imagem refletida na sua ‘página-espelho’ em uma cena montada para a sociedade do espetáculo que pode dar notoriedade e criar celebridades.

Esse exibicionismo virtual é sinal dos tempos ou é sintoma patológico? Quantos psicanalistas, mestres e doutores têm o seu perfil no *Instagram* e no *Facebook* e se identificam neste meu discurso? Estariam doentes?

Será que não seria um sonho transformar-se em um formador de opinião, no linguajar atual, um *digital influencer*, um *youtuber*, um *coach*, ou outro nome, mas que signifique que esse sujeito sabe das coisas, dá dicas e que existe para seus seguidores que o admiram e o tiram do anonimato, oferecendo-lhe um novo *status*.

As conexões virtuais são sedutoras por permitir uma liberdade que jamais alguns experimentaríamos fora desse espaço. Na internet e nas redes sociais, as pessoas são aquilo que desejarem ser, com um perfil totalmente *fake*, com dados e imagens não necessariamente verdadeiros, dando ao corpo contornos totalmente imaginários, criando possibilidades também imaginárias que não necessitam do corpo e nem do espaço real.

Não temos dúvidas de que nas redes sociais o sujeito pode construir uma identidade virtual, ter uma vida dupla e ter diversas e novas experiências. Em oposição à realidade com corpos tangíveis e materializados, a ausência de existência, pode definir o virtual. Virtual significa possibilidade viável, porém sem consequência real (MICHAELIS, 2020).

Não são mundos necessariamente paralelos, porque existe possibilidade de haver uma interposição entre eles, haja vista a fronteira quase imperceptível entre o que ocorre no mundo virtual e no mundo real. Ou seja, as experiências vividas no espaço virtual, considerado ilusório, falso ou fantasioso, têm efeitos na vida real do sujeito, via linguagem e, assim, o que não existia passa a fazer parte ou ser potencialmente parte do mundo real (NICARETTA; PRETTO, 2017).

Há uma nova modalidade, ainda não compreendida, de relações objetais, em que a falta de referências de alguém que se conhece nas redes causa curiosidade, medo e desejo (CHARLOT, 2000; SFOGGIA; KOWACS, 2014).

Onde não há certezas, tudo pode acontecer e é um convite para a fantasia. Aliás, há que pensar que a profusão de fantasias propiciadas nas redes é um exercício do deslizamento constante do desejo que não se sustenta e não se realiza.

As *stories* construídas favorecem essa pseudorelação com o outro. A grande novidade é o aplicativo chinês TikTok, que está entre os *apps* mais baixados entre os jovens da geração Z e que está sendo capaz de influenciar o jeito como a molecada conta piada, canta e dança, criando vídeos divertidos de apenas um minuto para ser lançado nas redes sociais a partir do *smartphone*. Um jeito engraçado de ser e ser reconhecido, algo da ordem do ideal do ego.

Para os mais desavisados, a geração Z é aquela composta por pessoas que nasceram entre 1995 e 2010 e estão entre 10 e 25 anos de idade. O aplicativo está fazendo tanto sucesso que o *Facebook* copiou e faz algo parecido. Tudo isso nada mais é do que uma nova fórmula de se exibir e ganhar *likes* dentro da tribo. Vale lembrar que ser reconhecido dentro da tribo também significa ser igual aos outros, em um apagamento da alteridade (BIRMAN, 1997).

Aliás, o mundo virtual é assustador no que tange à capacidade de influência, para o bem ou para o mal, inclusive na política.

Obama foi o primeiro presidente americano a usar o *Twitter*, o primeiro a fazer uma *live* no *Facebook* e o primeiro no *Snapchat*, uma plataforma que fez muito sucesso e agora está quase descontinuada. Dilma Rousseff em 2014 se beneficiou na sua reeleição, e recentemente Trump fez uso de perfis falsos e robôs para ter algumas vantagens e Jair Bolsonaro também praticamente se elegeu graças à internet.

Há algum tempo temos notícias da *deepweb* ou *darkweb*, que funciona sem marcos regulatórios, sem deixar registros da origem das mensagens, ao arrepio da lei. É nas profundezas desse mar sombrio que vivem e trocam mensagens de forma anônima os pedófilos, os terroristas e os traficantes, entre outros.

Temos agora uma nova ferramenta que são as *deepfakes*, capazes de fazer manipulação virtual, com criações digitais, avatar de personalidades capazes de entreter ou enganar quem assiste e causar assombros com *fakenews*. Com a nova tecnologia insere-se rostos reais em cenas falsas, criando um vídeo em que alguém, por exemplo, aparece dizendo algo que não disse. A maioria dessas *deepfakes* tem natureza pornográfica colocando famosos em alguma cena, mas em novas campanhas políticas, a tecnologia pode ser usada.

Os congressistas americanos já estão pedindo providências ao *Facebook*, ao *Twitter* e outras redes, no sentido de evitar vídeos enganosos na próxima campanha, evitando a máquina da desinformação que gera insegurança. Tarefa difícil. Trata-se de um perigoso recurso de manipulação, que pode destruir a vida de alguém ou mudar o destino de uma nação.

Estamos em crise, quero dizer, mais uma, e estamos sempre em permanente construção dialética. *To be or not to be?* O sujeito contemporâneo é plural, suas relações e sua subjetividade são fragmentadas.

A verdade é que perdemos as nossas referências de quase tudo que era posto como

padrão: o Nome-do-Pai, a religião, a política, a família. As verdades já não são dogmáticas, e somos convidados pelos novos tempos a uma reestruturação dos nossos pensamentos e valores. Alguns têm tentado pensar em um mais-além, fora da caixinha, como dizem os mais jovens. Ainda estamos construindo novas teorias e formando também novas subjetividades, e, enquanto isso, alguns mais vulneráveis no processo de identificação se perdem no caminho.

Ainda que favoreça encontros e conexões com os amigos e entes queridos distantes, o espaço criado dentro das redes sociais é de pura solidão e é por causa dela que as pessoas vivem conectadas diuturnamente por dificuldades com o encontro consigo mesmas, algo fundamental para a construção da identidade.

Quando objetos internos ficam empalidecidos, sem cor, há um predomínio do vazio e se busca, na demanda do outro, respostas e preenchimento da falta, aplacamento da angústia que não se nomeia. No mundo virtual, o sujeito parece ter, no “faz de conta que é de verdade”, o controle da brincadeira, tal qual uma criança que repete o papel dos adultos e que traduz o desejo de crescer e poder fazer o que eles fazem.

As pessoas acreditam que, ao lhes oferecer múltiplos contatos diários, a internet é capaz de favorecer a sociabilidade. Quanto mais amigos, mais seguidores, se imaginará mais popular e mais feliz com elevada autoestima. Há aqueles também que acreditam que a internet e seus tentáculos, as redes sociais, serão capazes de criar e manter relacionamentos como um benefício secundário e, assim, justificam o uso do *Tinder*, aplicativo de namoro, encontros e sexo, que fomenta encontros reais ou não, entre pessoas que partilham, nos seus perfis, das mesmas expectativas, quais sejam, encontrar alguém interessante para ficar, apaixonar-se e até namorar e casar.

As realidades virtuais existem como uma fértil possibilidade de construção de um

novo modelo de identidade, realização de fantasias, fomentando possibilidades. As fantasias surgem como resultantes de uma mistura inconsciente das pulsões sexuais e agressivas dentro da realidade psíquica daquele sujeito desejanter e insatisfeito, que usa as redes como um imenso caldeirão e que nelas busca inconscientemente respostas/saber e gozo. De alguma sorte realiza os seus desejos, ao tempo que exercita os seus mecanismos de defesa.

Não basta ignorar que as fantasias amorosas sobre um determinado perfil trazem traços e detalhes críticos da relação desse sujeito com figuras parentais no romance familiar, bem como com identificações e escolhas objetais e narcísicas. O encontro será, na realidade, um reencontro com o objeto perdido (COELHO JR., 2002).

As pessoas, no perfil pessoal, dizem de si o que elas desejarem, com dados verdadeiros ou não, e se lançam em uma vitrine virtual transformando-se em objetos de consumo, para uso e descarte. Enfim, se der *match*, combinação perfeita que só a máquina com seus critérios sabe apontar, os amores surgem no espaço virtual, ainda que para consumo rápido, pois são líquidos, sem profundidade e sem amarras. Começam e são interrompidos pela internet. Não há espaço para envolvimento mais sérios, pois os envolvidos não suportam as frustrações que a intimidade real impõe (BAUMAN, 2004).

Os laços sociais, cada vez mais frouxos, tornaram-se virtuais, prevalecendo a necessidade de olhar e ser visto e dando a ilusão de que o sujeito é importante dentro desse universo de pseudoamigos, haja vista o enorme aparente interesse que todos têm por este, reforçando o seu jeito de ser com os *likes* e os *emojis*.

Em 2016 realizei uma pesquisa sobre o uso abusivo da internet entre estudantes de medicina. Não foi difícil perceber que esse uso tem efeitos sobre o cotidiano, e o estudo revelou que a internet tem o potencial de promover danos psíquicos que desafiam psi-

quiатras e psicanalistas. Claro que essas questões ainda carecem de mais estudos para se entender o que faz com que as pessoas usem excessivamente os seus dispositivos eletrônicos, em especial os *smartphones* (PIMENTEL *et al.*, 2016).

As pesquisas são capazes de apontar associações entre internet com sinais e sintomas de transtornos psíquicos, porém não trazem a informação de causalidade.

Na nossa pesquisa constatamos que 1/3 dos nossos alunos investem um tempo significativo (mais de cinco horas diárias) no uso da internet para atividades lúdicas, com prováveis perdas e danos em várias áreas de sua vida e provavelmente sem perceber isso. Entre os alunos que deixam o celular ligado nas madrugadas, 53,1% respondem às mensagens recebidas. Os que verificam as redes sociais ao acordar de madrugada tiveram associação significativa com o fato de não dormir bem à noite, o que provavelmente compromete o rendimento escolar (ZHENG *et al.*, 2014; PIMENTEL *et al.*, 2016).

O sujeito dos tempos atuais é entediado com absolutamente tudo. Não se estimula nem se sente desafiado no dia a dia e revela oscilação de humor, além de uma busca intensa de prazer e emoções sem se entregar a nenhuma paixão. Não sabe o que quer e traz um profundo vazio no lugar da demanda e da falta, ou seja, sofre de um mal-estar difuso e inominável. Usa a internet para fazer suplência daquilo que lhe falta e na ausência desta, agrava-se o seu estado afetivo com muita irritabilidade e sensação de esvaziamento (PIMENTEL *et al.*, 2016).

Com a internet o sujeito reconhece a sensação de estar vivo. O sujeito só está vivo se plugado na rede. É lá que adquire uma identidade com o seu perfil divulgado, onde é reconhecido, vê e é visto. Trata-se, sem dúvida, de uma nova subjetividade.

Quanto mais jovens, menos tempo esses sujeitos dedicam a atividades no ambiente social real e estão mais propensos a sofrer depressão. Não é à toa que os colegas psi-

quiатras apontam no cotidiano dos seus consultórios que adolescentes adictos de internet apresentam mais depressão, fobia social, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade e hostilidade.

Um outro dado da minha pesquisa é que 60,2% desses jovens, quando estão com familiares, professores, amigos ou em um evento como este, acessam a internet sem cerimônia, e 78% não conseguem desligar o *smartphone*. E o agravante é que têm o hábito de conversar simultaneamente com terceiros na internet, durante as aulas, as apresentações e os encontros (PIMENTEL *et al.*, 2016).

Ou seja, além das obrigações do cotidiano, que roubam o tempo afastando as pessoas, a internet despudoradamente convida os usuários a um isolamento, empobrecendo a comunicação e a convivência direta das pessoas que se amam e trazem para dentro desse espaço pessoas e mensagens sem nenhum valor, gerando queixas, mágoas e sentimento de abandono.

O celular tornou-se um hábito socialmente irritante para professores, pais, palestrantes, entretanto é uma válvula de escape para o usuário porque alivia seu estresse.

Nesse novo cenário, o sujeito desconectado das redes e da internet sofre. O nível de dependência é tão grande que, quando não estão conectados, os alunos da nossa pesquisa referiam tédio, ansiedade, irritabilidade e mostravam-se tensos, tristes, com sensação de esvaziamento, apatia, insônia, medo de perder o contato com os amigos, além de alterações do apetite (PIMENTEL *et al.*, 2016).

Não se sabe o que é normal. Estar *online* todos os dias não significa dependência e as mídias sociais são não necessariamente negativas, mas apenas um jeito novo de elaborarmos certos aspectos do eu, do nosso exercício com as nossas habilidades sociais. Mas também podem ser um meio favorável para a repetição de comportamentos inadequados socialmente.

O DSM-5, no qual a American Psychiatric Association descreve e diagnostica as

doenças mentais, ainda não reconhece esse distúrbio, mas faz recomendações para novos estudos, porque é uma condição associada não só à perda de controle sobre o uso da internet com resultados psicossociais e físicos, mas também ao impacto na vida laboral, social, acadêmica (APA, 2014).

Somos contemporâneos de uma grande revolução científica, tecnológica e comportamental. Nossa subjetividade sofre inúmeras transformações no mundo atual. Construimo-nos na relação com o outro. Este, por sua vez, também não pode ser pensado separadamente das relações interpessoais, quer sejam reais, quer sejam virtuais, estabelecidas ao longo da sua vida e que moldarão a nova subjetividade do sujeito. Não há eu sem o outro.

A verdade é que não temos a mesma métrica para avaliar os comportamentos da vida real e da vida virtual. Já ouvi argumentos como “conversar horas a fio no telefone, pode”. Mesmo considerando que é um contato também virtual e diferente de um bate-papo cara a cara, é socialmente aceito. Conversar no WhatsApp, por horas, é suspeito. Ficar isolado lendo um livro nos dará a chancela de cultos. Porém, se gastarmos as mesmas horas *online* lendo um livro no *iPad*, algo anormal deve estar acontecendo conosco e nossa escolha em usar esse recurso poderá ser interpretada como alguma manifestação patológica, como fuga da realidade e isolamento social.

Esse é um universo ainda desconhecido no que tange a seus efeitos, e temos dificuldade de lidar com o novo e com as mudanças, muitas delas radicais, no cenário social, a partir das novas tecnologias. Psicanalistas precisam estar atentos a essas metamorfoses.

Hoje o cliente nos alcança para marcar consultas pelo *e-mail*, pelo *Whatsapp* ou pelas plataformas digitais coletivas de agendamento. Bisbilhotam a nossa vida e nos escolhem conforme as fantasias tecidas em torno do que expomos nas redes sociais.

O Conselho Federal de Psicologia já liberou as terapias por *Skype* ou via outros recursos virtuais. E o nosso Conselho de Medicina está, via telemedicina, flexibilizando a relação médico-paciente. Só no *a posteriori* saberemos os efeitos disso tudo. Daqui há alguns anos, na virada do próximo século, será que teremos consultórios nos moldes atuais para receber os nossos pacientes?

Temos que reconhecer as novas formas de comunicação e de subjetividade, e não mais demonizar os meios de comunicação e os dispositivos usados. A psicanálise aponta como ilusória a dicotomia que separa indivíduo e cultura. As pessoas vivem diferentes experiências quando estão no mundo virtual e essas vivências têm dependência direta daquilo que o indivíduo carrega consigo: o seu universo simbólico entendido como seus valores e suas crenças, aquilo que ele já viveu ou pensa, dentro ou fora da rede.

Temos de nos oferecer para ser interlocutores entre esses segmentos da sociedade pós-moderna, mas apenas se formos capazes de sair do viciado discurso e não sucumbirmos à nova realidade. Nesta nova era, esse homem contemporâneo quer resolver seus problemas de forma rápida e indolor, gozando rápido e sem obstáculos, e, de preferência, sem limites.

É preciso lembrar que a psicanálise não interdita o gozo, mas aponta a desarmonia entre o sujeito e o seu gozo.

### **Abstract**

*The author comments on the virtual world, the new forms of relationship on social networks and the lack of privacy affecting our subjectivity, our individuality and everyday relationships and pointing to some type of discomfort, which is not yet well explained and described.*

**Keywords:** *Internet, Social Networks, Virtual world, Subjectivity.*

## Referências

- APA - American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAUMAN, Z. *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- BOCCA, F. V. Princípio do prazer como regulador de uma civilização em declínio. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, n. 1, p. 123-152, jan./mar. 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v42n1/0101-3173-trans-42-01-0123.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- COELHO JR., N. E. Intersubjetividade: conceito e experiência em psicanálise. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 61-74, jun. 2002. Publicação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 12-75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18)
- GEREZ-AMBERTÍN, M. O olhar planetarizado e o espetáculo onivoyeur (nas conexões digitais). In: LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 13-27.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. 4. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).
- MICHAELIS, H. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=virtual>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- NICARETTA, F.; PRETTO, B. Facebook e a era da visibilidade: algumas composições com a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 39, n. 74, p. 83-89, dez. 2017. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952017000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- PIMENTEL, D. *et al.* Padrão de uso da internet e redes sociais. In: LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 41-79.
- PIMENTEL, D. Psicanálise: um século de sonhos. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 23, p. 72-78, set. 2000. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- SFOGGIA, A. KOWACS, C. Sexualidade e novas tecnologias. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, v. 16, n. 2, p. 4-17, 2014.
- ZHENG, F. *et al.* Association between mobile phone use and inattention in 7102 Chinese adolescents: a population-based cross-sectional study. *BMC Public Health*, v. 14, 2014, p. 1022-1029.

**Recebido em:** 10/12/2019

**Aprovado em:** 20/12/2019

### Sobre a autora

#### Deborah Pimentel

Mestre e doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Professora titular e coordenadora do módulo Habilidades de Comunicação do curso de Medicina da Universidade Tiradentes.

Professora Adjunta IV das disciplinas Ética Médica e Habilidades de Comunicação; além de Medicina Legal e Deontologia do Departamento de Medicina da UFS. Membro do Comitê de Ética em Pesquisas da UFS (2007-2016).

Membro do Círculo Psicanalítico de Sergipe.

Imortal da Academia Sergipana de Medicina. Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

#### Endereço para correspondência

E-mail: <[deborah@infonet.com.br](mailto:deborah@infonet.com.br)>

# *Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança<sup>1</sup>*

*Internet and psychoanalysis:  
considerations on its effects  
of child subjective*

Elizabeth Samuel Levy  
Louise Freitas Monteiro

## **Resumo**

Não podemos mais ignorar as transformações que se impõem em nossa cultura e suas vicissitudes, de modo que existem efeitos concretos nas formas de mal-estar que se apresentam na contemporaneidade. A psicanálise vem tentando compreender esse fenômeno com mais perguntas do que respostas e ainda é surpreendida com o que de inédito se apresenta. A internet traz o fascínio pelo encontro a qualquer minuto e nos coloca frente ao que Freud ([1905] 1980) em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* chamou de onipotência de pensamento: “*Eu quero, eu posso!*”, o que remete ao discurso da criança, que tem a fantasia egocêntrica de que ela e o mundo fazem *Um*.

**Palavras-chave:** Internet, Crianças, Identificação, Desamparo.

## **Introdução**

A psicanálise vem tentando compreender o fenômeno do mundo virtual que nos atravessa a todos, mais com perguntas do que com respostas e ainda é surpreendida com o que de inédito se apresenta.

Vive-se, hoje, em uma dimensão em que realidade e virtualidade se confundem; onde se dorme e acorda em estado de conexão constante, em uma atmosfera de contato imediato. O fascínio pelo encontro a qualquer minuto nos coloca frente ao que no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexu-*

*alidade*, Freud ([1905] 1980) chamava de onipotência de pensamento: “*Eu quero, eu posso!*”, o que remete ao discurso de uma criança que tem a fantasia egocêntrica de que ela e o mundo fazem *Um* (LEVY, CECARELLI; DIAS, 2017).

No entanto, sabe-se que o uso de telefones celulares, bem como de outros equipamentos de tecnologia da informação que permite rápido acesso à *internet*, acaba transformando os comportamentos, as subjetividades e as formas de se relacionar (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2010).

1. Trabalho apresentado no PAINEL 3 – *Psicanálise e subjetividades contemporâneas* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

Os jogos, os *sites* e a infinidade de “mundos” apresentados pela internet colocam seus usuários diante de uma janela aberta em que qualquer um pode entrar, de modo que seu rápido acesso pelas crianças pode gerar um misto de fascínio e perigo (LEVY, CECCARELLI; DIAS, 2017, p. 43).

Assim, é importante considerar esses novos riscos à saúde física e psíquica para a geração da era digital, muitas vezes gerados pelo excesso de horas de uso da internet, causando problemas de diversas ordens, chegando inclusive a quadros de angústia, queda de rendimento escolar, sedentarismo, obesidade infantil e insônia ou sono agitado e outros quadros graves com traços autistas.

Com esse novo contexto estabelecido, as crianças e os adolescentes passam a viver em dois mundos: aquele que todos conhecemos, o mundo real, e o mundo digital ou virtual, que parece muito mais interessante e surpreendente, porque oferece aventuras, oportunidades e a busca pela autonomia.

No entanto, destaca-se que a confusão entre fantasia e realidade permeia o imaginário infantil independentemente da internet, já que o advento da tecnologia produz um movimento de busca pela satisfação plena e imediata de acesso a essa fantasia, acompanhadas de um notável pensamento mágico, que parece tamponar a falta constitutiva do ser humano inerente aos processos de subjetivação.

É possível vislumbrar a ordem de complexidade envolvida na relação estabelecida entre a criança e a *internet*, especialmente se analisada pelo olhar da psicanálise. Assim, nos interessa aqui, ancoradas pelo aporte teórico psicanalítico de identificação e desamparo, analisar algumas formas como os sujeitos infantis podem ser atravessados por sua relação com a internet, bem como a angústia que isso pode desencadear.

Quando os pais ofertam a tela de cristal líquido aos filhos que são bem pequenos, a consequência disso, para o sujeito que

está em constituição, segundo Jerusalinsky (2017), é repetir feito um autômato e a produção de linguagem é realizada através da ecolalia, de falar de si em terceira pessoa, da parasitação de ruídos eletrônicos que reproduzem sem se dar conta e pela repetição de enunciados em um apagamento do sujeito da enunciação. Outro fato são bebês e crianças de um ano e meio a três anos que chegam ao consultório com suspeita de autismo, por não responderem quando chamados ou por não estarem em busca dos outros. Ou observa-se crianças que falam de *youtubers* como se estivessem falando de amigos, sem que haja nisso nenhuma reciprocidade, essas crianças conhecem os detalhes íntimos da vida desses *youtubers*, porém desconhecem a vida daqueles que lhe são mais próximos. (JERUSALINSKY, 2017).

Para Jerusalinsky (2017), o ser humano da atualidade é um ser exaurido pela compulsão em viver mais e mais da Era Digital; além disso, houve uma mudança na relação tempo-espço de nossas vivências e no modo como representamos o que nos acontece, assim como ocorreu uma descontinuidade nos modos de estabelecer o laço social e nas formas discursivas de sustentar subjetivamente as experiências.

Não podemos esquecer que é necessário que a criança se relacione com sua família, sua escola, seus amiguinhos e faça um laço social necessário para que se constitua como um sujeito desejante.

### **Desamparo e subjetivação contemporânea**

Nas últimas décadas, constituiu-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental, que é a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Dessa forma, em todas as novas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada. O que agora está em pauta é uma leitura da subjetividade em que

o autocentrimento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade.

Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica e, sob essa perspectiva, a existência de uma “cultura do narcisismo” e da “sociedade do espetáculo” são instrumentos teóricos agudos para que se possa realizar a leitura das novas formas de subjetivação na atualidade (BIRMAN, 2007).

Freud já previa que a civilização caminhava para uma organização permeada pelo mal-estar. Viana e Lazarinni (2009) defendem a ideia de que, por um lado, a contemporaneidade ampliou as possibilidades de um viver mais diversificado, por outro lado, passou a expor o sujeito a um desamparo maior, uma solidão mais difícil de lidar. Nesse contexto, há o retorno e o represamento do eu da libido, que passa a ser investida mais narcisicamente. Torna-se, então, difícil um investimento em um objeto que, no caso, caracteriza a saída para a alteridade.

Contudo, parece que, nesse processo, entre a possível realização imediata dos desejos e os limites impostos pelo trabalho de cultura (*Kulturarbeit*), há um certo desconforto gerado principalmente pelo inevitável confronto do sujeito com sua incompletude e, fundamentalmente, com seu desamparo (LEVY; DOLZANY; ARAÚJO, 2010).

Para Freud ([1926] 1980), diante da experiência de desamparo do eu, constitui-se um estado automático de angústia, em virtude dessa situação traumática. A angústia seria uma resposta do eu diante dessa ameaça que, por sua vez, constitui uma situação de perigo que se modifica no decorrer da vida do indivíduo, mas tem uma característica comum, que é o fato de envolver a separação ou a perda de um objeto amado, ou uma perda de seu amor – uma perda ou separação que poderá, de várias maneiras, condu-

zir a um acúmulo de desejos insatisfeitos e, assim, a uma situação de desamparo (FREUD, [1926] 1980).

Tal situação guarda semelhanças com o desamparo psíquico, que ocorre quando o *eu* do indivíduo é prematuro, logo incapaz de lidar psiquicamente com o pulsional (LEVY; CECCARELLI; DIAS, 2017, p. 43).

O que Freud nos mostra é que, se não fosse pela presença do outro, o ser humano morreria. É pelo trabalho de ligação da força pulsional do outro que o organismo humano se constitui. Seria pela transmissão ofertada por um outro e não pela natureza em si. Assim, para Birman (2007), o humano se constitui pelo trabalho do outro, pela mediação de uma dependência da qual jamais se libertará mesmo que, posteriormente, ele tenha recursos para tal, relativizando sua dependência. Mas como a força pulsional é constante e contínua, ela recoloca o sujeito na condição de desamparado.

A representação do desamparo que o pai morto deixou é sempre revivida no mesmo desamparo que o infante vive nos seus primeiros momentos de vida e, para supri-lo, buscará, através de uma renúncia, apropriar-se das relações simbólicas possíveis às quais se encontram num social em que o outro, de quem ele tanto depende, está inserido.

De acordo com Ceccarelli, Levy e Dias (2017), para a existência da civilização, a organização e a diferenciação do homem, é imprescindível que o recalque se instaure. Dessa forma, abandonamos os nossos primeiros objetos de amor e podemos, então, interessar-nos por outrem. Porém, isso não ocorre sem sofrimento.

Freud (1930] 1996, p. 124) adverte que

[...] constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou.

A civilização deve proporcionar ao sujeito outras satisfações substitutivas, para que ele possa suportar a renúncia pulsional sofrida.

Contudo, as satisfações ofertadas pela cultura são, por definição, incompletas. Jamais alcançarão as renúncias outrora realizadas, o que gera o mal-estar sofrido pelo homem (LEVY; CECCARELLI; DIAS, 2017). Isso nos leva a pensar que a criança, quando entra em contato com a realidade virtual que, frequentemente, apresenta uma felicidade exagerada e possibilidades infinitas, cria uma referência irreal. E por ainda não conseguir discernir realidade de fantasia, desejará alcançá-la. Dessa forma, a criança se depararia de uma forma mais angustiada com o desamparo, uma vez que acreditaria serem reais a facilidade e as possibilidades que a internet oferece.

O sujeito também poderia se voltar contra o outro, uma vez que

[...] o outro, o diferente que nos remete à castração, constitui o alvo, por excelência, de nossa agressividade: somos agressivos porque somos castrados. O mal-estar revela o nosso desamparo (*Hilflosigkeit*) contra o que nada podemos fazer (LEVY; CECCARELLI; DIAS, 2017, p. 45).

E o sujeito se volta para si mesmo, o que dificulta a saída para a alteridade. O reconhecimento do outro estaria cada vez mais prejudicado, como se não houvesse esse outro na relação?

Diante da condição de desamparo fundamental, o infante precisa, a partir do encontro com seus semelhantes, fazer seu próprio caminho para a constituição de si enquanto sujeito psíquico. Freud ([1914] 1994) afirma que o que é fundado nesse período de sua constituição provém do narcisismo dos pais. Simbolicamente, as coisas que antecedem esse período para o sujeito possibilitam a criação das condições para a sua estruturação.

Assim,

[...] não se trata, pois, do tempo cronológico, mas do tempo poético em que o simbólico revela assim sua ascendência (MACIEL *et al.* *apud* KAUFMANN, 2016, p. 334).

Podemos compreender o egocentrismo e a onipotência narcísica infantis como estágios que, pelo desejo e pelo afeto que os constituem, revelam-se como condições que devem ser confirmadas para que a realidade seja produzida.

É preciso que essa condição se confirme para que adentremos nesse mundo simbólico, analógico, do futuro, em que a realidade, inclusive do tempo, não é um dado, mas uma relação (MACIEL, *et al.* *apud* KAUFMANN, 2016, p. 334).

Maciel *et al.* (2016) salientam que a permanência do infantil no sujeito quando adulto, é tributária desse tempo em Freud e aponta ainda que o reconhecimento do outro coincide com o estabelecimento do ideal de eu. É na fundação desse processo que está a composição dos ideais e das identificações.

### Sobre identificação e internet

O que chama a atenção da criança nos jogos, nos aplicativos e demais recursos da mídia tecnológica? Neste ponto, para compreendermos a criança do século XXI e sua relação com a tecnologia, faremos uma aproximação com o que, em seu texto *Psicologia de grupo e a análise do ego*, Freud ([1921] 1980, p. 133) chama de identificação – a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. A identificação desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo.

Gradativamente, o conceito de identificação atraiu valor central na obra de Freud, o qual se tornara não apenas mais um mecanismo psíquico, mas uma operação constitutiva para o ser humano. A evolução está correlacionada essencialmente ao fato de o complexo de Édipo ter sido reconhecido em primeiro plano por seus efeitos estruturais, além da

[...] remodelação introduzida pela segunda teoria do aparelho psíquico, em que as instâncias que se diferenciam a partir do id são

especificadas pelas identificações de que derivam” (XERFAN *apud* LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 23).

Antes das primeiras identificações, o que há é o id, do qual o eu irá se constituir incorporando a si seus objetos de desejo (XERFAN, 2016, p. 29).

Nesse período correspondente à fase oral primitiva, ainda não há distinção entre a identificação e o investimento objetal. Com a maturação do bebê, essa distinção ocorrerá, de maneira que fica evidente que tendências eróticas partem do id em direção ao objeto de amor, e o eu ou as reprime, ou submete-se a elas.

A identificação, como a forma mais primitiva de expressão de vinculação com o outro, é um processo que se inicia na relação da mãe com o bebê, na qual, antes de qualquer investimento objetal, o bebê se identifica com a mãe e com o pai de forma direta e imediata.

E (FREUD, [1921] 1980, p. 134) afirma que

[...] a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.

Isso ocorre tanto por imitá-lo quanto por tê-lo assimilado em si, salienta Xerfan (2016).

Dessa forma, pode-se depreender que o vínculo existente entre as pessoas provém de suas identificações, seja por uma qualidade emocional importante em comum, seja por uma ideia. Tendo em vista que o fenômeno da internet interfere no contexto das relações interpessoais, as identificações entre as pessoas e suas vinculações, a relação entre as crianças e os geradores dos conteúdos do espaço virtual – como os *youtubers* ou *digital influencers* – são uma expressão desse fenômeno.

Atualmente, os *youtubers* ou *digital influencers*, através da comunicação e do ape-

lo visual, influenciam os seus espectadores de diversas formas. Tornam-se uma espécie de líder para os seus seguidores, que muitas vezes se unem e se denominam virtualmente como um grupo de fãs, adotando nomes designados a isso. Freud, em 1921, suspeitou que a base em comum que os une encontrasse-se na natureza do vínculo existente com o líder. Logo, o sentimento pelo líder, pela figura da maior importância, liga os participantes. Sem nunca se terem visto ao vivo ou comunicado entre si, são unidos pelo interesse em comum pelo líder e pelos conteúdos por ele compartilhado.

O som inicial que o bebê escuta vem da mãe ou substituta, que introduz e nomeia o universo da linguagem. Mas e quando esse som vem do *iPad*? É possível que para a criança em seu fascínio, *iPad* o repita para esse outro?

No texto *Psicologia das massas e a análise do eu*, Freud ([1921] 1980) aborda o conceito da identificação e do fascínio, os quais são processos próximos, com distinções importantes. No caso da identificação, o objeto foi abandonado ou perdido e, então, introjetado no eu, que efetua em si próprio uma alteração parcial de acordo com o modelo do objeto perdido. No que tange ao fascínio, o objeto é mantido pelo eu, que despende a ele superinvestimento às suas próprias expensas. Esses não são processos contraditórios; eles podem, inclusive, ocorrer concomitantemente. Dessa forma, um mesmo sujeito pode se encontrar em um estado de ‘servidão’ a um outro, tendo substituído seu constituinte da maior importância pelo objeto (característica do fascínio) e ao mesmo tempo tê-lo introjetado parcialmente em si próprio (característica da identificação).

Assim sendo, podemos relacionar o uso que algumas crianças fazem do mundo virtual à forma fascinada de vinculação a um objeto. Nessa relação, em que se apresenta a sujeição do eu aos conteúdos e ao seu transmissor, há a redução da iniciativa do sujeito, dado que o sujeito alienador assume o

lugar de ideal do eu, similar ao que ocorre nos casos de hipnose, como descreveu Freud (1921).

A psicanalista Nádia Lima (2006), em sua pesquisa sobre o ciberespaço, recorta o aspecto fascinado e alienante relacionado à sua utilização, defendendo a hipótese de que essa relação fascinada do sujeito com a internet é consequência de dois fatores: a posição do sujeito diante do virtual e o poder fascinante próprio das imagens.

Subsidiada pela literatura psicanalítica que define a alienação imaginária como estruturante e constitutiva, a autora ressaltou

[...] a sua dimensão de submissão e subserviência, que pode ser expandida em uma cultura marcada pela virtualidade e em determinadas interações com o ciberespaço (LIMA, 2006, s/p).

Investigou ainda

[...] a possibilidade de a imagem eletrônica provocar o aparecimento de um fenômeno semelhante ao fascínio hipnótico, favorecendo o efeito de um rebaixamento da ação reflexiva do pensamento (LIMA, 2006, s/p).

Esse rebaixamento, que propiciaria uma posição de submissão a um outro alienador, constitui um significativo desdobramento da incursão das crianças no mundo virtual. Ainda em fase de maturação e de desenvolvimento, ao entrar em contato prematuramente com esses estímulos, as crianças podem se encontrar vulneráveis e mais propensas a esses efeitos descritos, que envolvem a alienação a um outro e uma baixa na sua capacidade reflexiva e de iniciativa.

Nos últimos anos, tem sido recorrente nos consultórios a presença das primeiras gerações de bebês e pequenas crianças que, desde o nascimento, convivem com a existência de *gadgets* eletrônicos. Essas crianças já trazem as consequências dessa realidade, na medida em que esses aparelhos são ofertados a elas

no lugar de brinquedos e elas convivem com adultos que não têm mais tempo, porque a borda entre o espaço de lazer e de trabalho está se desconfigurando. Os adultos estão ali com eles de corpo presente, mas psiquicamente ausentes (JERUSALINSKY, 2017).

### **Para concluir...**

Essa espécie de “chupeta eletrônica”, sobre a qual Jerusalinsky (2017) comenta, e junto à qual as crianças comem, tomam banho e deslocam-se pelo bairro, é a razão pela qual os bebês chegam ao consultório padecendo de intoxicações eletrônicas.

Para Jerusalinsky (2017), uma vez que está estabelecida a relação da mãe com o bebê, é importante que ela ofereça a ele, de forma progressiva, objetos substitutivos que vão passar a representar a relação do bebê com o Outro – paninhos, chocalhos, brinquedos que vão derivar depois o objeto transicional apontado por Winnicott.

No lugar disso, porém, esses objetos substitutivos acabam por se interpor na relação, supostamente “poupando” o trabalho de se relacionar com todo o mal-estar e os equívocos que isso comporta. Como assinalam Levy e Ceccarelli (2012), cada época utiliza dos meios que tem para enfrentar o mal-estar. E os expedientes usados para nomear o que nos aflige variam segundo o discurso dominante do momento sócio-histórico no qual estamos inseridos.

De acordo com Levy, Ceccarelli e Dias (2017), Freud elucida que, a fim de não ser afetado pelas pulsões desagradáveis advindas do interior, o eu lança mão de métodos iguais aos utilizados para evitar os desprazeres que vêm do exterior. Além disso, se não for compensado economicamente, esse processo poderá dar início à construção de significativos distúrbios psicopatológicos.

Nesse contexto, podemos depreender que o mundo virtual guarda fascínios e perigos que constituem a cultura e o processo de subjetivação (LEVY; CECCARELLI; DIAS, 2017). Desse modo, se faz essencial que os

familiares atentem ao uso que as crianças vão fazer da internet e de seus dispositivos, preocupando-se com o 'valor' e o 'lugar' que os sujeitos infantis irão desempenhar no mundo virtual, o que resguarda o processo de subjetivação e formação psíquica do sujeito infantil de dificuldades que vão além das constituintes e estruturantes.

Conforme vislumbramos nesse artigo, a relação com a internet, como tudo na vida, tem dois lados. Por um lado, temos essa ferramenta que estimula a criança em vários níveis, tanto psíquicos como sociais e, por outro, pode ter efeitos nocivos na formação do psiquismo.

Nesse sentido, o sujeito infantil pode ser invadido com informações em demasia, o que contribui para que o infante invista mais ainda na fantasia em detrimento da realidade, e pode seduzi-lo para uma relação fascinada com o mundo virtual. Além do mais, pode dificultar a saída para a alteridade, a qual se revelou como um dos mais significativos efeitos, já que é a manifestação do interesse em objetos externos a si próprio, e o que possibilita sua troca, a sua socialização.

A psicanálise se faz necessária para fomentar a análise do nosso contexto e, assim, conhecermos e cuidarmos da realidade que se apresenta e nos desafia com questionamentos e realidades antes impensadas. A psicanálise não tem como responder às inúmeras questões colocadas diante desta temática tão peculiar do universo chamado internet, mas nos convoca a pensar a posição do sujeito contemporâneo frente às vicissitudes do sofrimento psíquico.

### **Abstract**

*We can no longer ignore the transformations that are imposed on our culture and its vicissitudes, so that there are concrete effects on the forms of malaise that present themselves in contemporary times. Psychoanalysis has been trying to understand this phenomenon with more questions than answers and is still surprised by what is unheard of. The internet brings the fascination with the encounter at any minute and puts us in front of what Freud (1905) called omnipotence of thought: "I want, I can!", Which refers to the speech of the child who has the egocentric fantasy that she and the world make one. As children get in touch with the possibilities within reach of their little toes with little motor coordination, and soon the little ones learn to access their favorite tools on tablets or mobile phones, for example. What affects in the psyche of the constituting child this parallel world? Thus, in the present work, from a theoretical study, some hypotheses will be raised about possible influences and effects that the use of the internet can bring to those who use them from an early childhood. Based on psychoanalytical concepts of identification and helplessness, we seek to analyze the subjectivity of the child crossed by the culture of the technology world.*

**Keywords:** *Internet, Children, Identification, Helplessness.*

## Referências

- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CECCARELLI, P. R. *Ética, mídia e sexualidade*. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/etica-midia-sexualidade.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. B. Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Rev. Hosp. Univ. Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 42-52, 2011. Disponível em: <[http://revista.hupe.uerj.br/detalhe\\_artigo.asp?id=105#citar](http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=105#citar)>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: \_\_\_\_\_. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 81-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 67-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 79-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 119-231. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- JERUSALINSKY, A. Homo Web: o fascínio da lógica eletrônica. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017. p. 56-62.
- JERUSALINSKY, J. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017. p. 39-55.
- JERUSALINSKY, J. Que rede nos sustenta no balanço da web: o sujeito na era das relações virtuais. In: JERUSALINSKY, J.; BAPTISTA, A. (Orgs.). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017. p. 13.
- LEVY, E. S.; ARAÚJO, J. B.; DOLZANY, F. S. *Uma segunda vida? Considerações sobre relacionamentos virtuais, desamparo e subjetivação contemporânea*. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e X Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 4-7 set. 2010, Curitiba (PR).
- LEVY, E. S.; CECCARELLI, P. R.; DIAS, H. M. M. Violência e terror nas redes sociais: considerações sobre cultura, desamparo e narcisismo. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 48, p. 43-51, dez. 2017. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LIMA, N. L. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. *Arquivos Brasileiros de psicologia*, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p. 38-50, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672006000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000200005). Acesso em: ago. 2018.
- MACIEL, M. R.; MARTINS, K. P. H.; PASCUAL, J. G.; MAIA FILHO, O. N. A infância em Piaget e o infantil em Freud: temporalidades e moralidades em questão. *Revista Psicologia escolar e educacional*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 329-337, maio/ago. 2016.
- STENNER, A. S. A identificação e a constituição do sujeito. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- VIANA T. C.; E. R. LAZARINNI. A demanda clínica e as patologias do narcisismo na cultura contemporânea. CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PSICOLOGIA, 6, Belém (PA) 2009.
- XERFAN, C. C. *A gente só é bonito quando a mãe da gente acha: psicanálise e adoção*. Curitiba: Appris, 2016.

Recebido em: 12/11/2019

Aprovado em: 08/12/2019

## **Sobre as autoras**

### **Elizabeth Samuel Levy**

Psicanalista do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).  
Psicóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Docente do Curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA).  
Coordenadora da Clínica de Psicologia da UNAMA de 1999 à 2019.  
Psicóloga Hospitalar (CRP 10).  
Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).  
Filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise/ (CBP).  
Membro da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

### **Louise Freitas Monteiro**

Psicóloga (UNAMA), Especialista em Avaliação Psicológica (IPOG), Psicanalista em Formação pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

## **Endereço para correspondência**

### **Elizabeth Samuel Levy**

E-mail: <bethslevy@gmail.com>

### **Louise Freitas Monteiro**

E-mail: <louise\_freitas\_@hotmail.com>



# *Assédio do simbólico: o trauma necessário à constituição do sujeito*<sup>1</sup>

*Harrasment of the symbolic:  
the necessary trauma to the constitution of the subject*

---

Esperidião Barbosa Neto

## **Resumo**

A experiência traumática inicial do indivíduo é fundante, a partir dela emerge o sujeito. A construção da subjetividade se inicia por força do Real do trauma, segundo a ideia lacaniana de Real, Simbólico e Imaginário como dimensões da vida psíquica. A posição adotada, neste artigo, é de que o trauma inaugural é efeito do assédio do simbólico, evento este traumatizante, mas necessário à confirmação do propriamente humano. Nosso objetivo é apresentar a experiência traumática inicial do recém-nascido como primeiro passo da construção subjetiva e, na sequência, o advento da Lei, considerando o que chamaremos de “assédio do simbólico”. Primeiro, discorreremos sobre *A anterioridade do sujeito e sua imersão na linguagem*; depois, *Assédio do simbólico: arrebatamento do puramente instintivo*; por último, *A Lei: corte de uma relação que não se sustenta*. O trabalho é teórico, as reflexões se nutrem da prática clínica. Conclui-se que toda ação humana se encontra, inclusive, no campo da incerteza em relação ao alcance dos seus efeitos, a ressonância de cada ato repercute em futuras gerações. Alcançamos o campo da ética e do vínculo, cada existente é responsável pela história psíquica da humanidade, seja por anteceder e cuidar do novo ser ou por se posicionar como sujeito.

**Palavras-chave:** Real-Simbólico-Imaginário, Trauma inaugural, Real do trauma, Assédio do simbólico.

*Para se chegar à fonte,  
é preciso nadar contra a corrente.*

STANISLAW LEE,  
escritor polonês,  
1921-2006.

## **Introdução**

O sofrimento é inerente ao ser humano. Homem algum se encontra livre do mal-estar e da angústia que habitam cada um de

nós, marcados pelo trauma. Traumática é uma situação pela qual grande intensidade de excitação externa invade a organização psíquica, impossibilitando-a de assimilar. O

---

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

trauma mobiliza o aparelho psíquico, que se posiciona defensivamente, um

[...] acontecimento [...] destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis (FREUD, [1920] 1976, p. 45).

O *trauma inaugural* e o *civilizatório* são fundantes. O homem não nasceu para ser feliz (FREUD, [1929/1930] 1974), no entanto pode construir a felicidade; a linguagem que institui o sujeito também o reconstitui.

Nosso objetivo é apresentar a experiência traumática inicial do recém-nascido como primeiro passo da construção subjetiva e, na sequência, o advento da Lei, considerando o que chamaremos de “assédio do simbólico”.

Trabalhamos:

- A anterioridade do sujeito e sua imersão na linguagem;
- Assédio do simbólico: arrebatamento do puramente instintivo e
- A Lei: corte de uma relação que não se sustenta.

Concluimos: o trauma assedia, mas humaniza; atingiremos o campo da ética ao situar o sujeito como responsável pelo seu discurso.

Os *tempos* da construção subjetiva, que serão mais ou menos delimitados neste trabalho, têm caráter “fronteiriço”. Não se trata de momentos estáticos e bem demarcados. Há uma mobilidade pela qual cada *tempo* estrutura o anterior e, concomitantemente, antecipa o seguinte. O próprio texto que os descreve não estabelece, com nitidez, o limite (idade) de cada um; contudo, a escrita não compromete a sequência evolutiva gradual entre os *tempos*.

### **A anterioridade do sujeito e sua imersão na linguagem**

O humano é feito de sentido. O sujeito se encontra imerso na linguagem desde o princípio; antes de falar ele é falado, e, ao falar,

vai além do que diz. Pensamos a linguagem como um jogo combinatório de elementos simbólicos operando de maneira pré-subjetiva. Ela se encontra na cultura, no não dito ou negado, na expressão humana mais ínfima. No contado está o contador, disse Lacan (1964); o sujeito é levado em conta desde antes da sua aparição no mundo.

Para Lévi-Strauss (1976) tudo é estruturado segundo uma linguagem; o sentido da vida, como pensa e vive um povo nas suas relações entre si e com o mundo, é tecido pela organização histórica e social. O desejo do Outro (pensando-se uma coletividade) ressoa nas gerações posteriores, embora seus traços e seus efeitos nem sempre apareçam na geração seguinte, e sim bem mais adiante. Nesse caso, a geração afetada nem se dá conta, expressando-os com clareza, sutilmente ou através da negação.

A ontogênese repete a filogênese, aponta a escrita freudiana. Cada um carrega a marca dos seus antepassados, embora inconscientemente. O desejo, portanto, é vinculante; desde os pais dos pais, dos avós e muito além do alcance cogitado:

[...] antes mesmo que se inscrevam as experiências coletivas que só são relacionáveis com as necessidades sociais, algo organiza esse campo, nele inscrevendo as linhas de forças iniciais (LACAN, [1964] 2008, p. 28).

Segue o autor, na mesma página,

[...] antes ainda que se estabeleçam relações e que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas.

Ao nascer, passamos a respirar o simbólico.

Lacan (1975) é enfático ao dizer que o vivente nasce com todas as condições para ser humano. Ele é permeado pelo Real, Simbólico e Imaginário, dimensões psíquicas ainda não enodadas, restando ao vivente trançá-las.

O Real, diz o autor em outro seminário, está no corpo, no “fracasso de uma relação esperada entre uma ordem simbólica e a resposta do real”, ou “quando as cavilhinhas não entram nos furinhos” (LACAN, [1959-1960] 1997, p. 130), onde o sujeito não funciona.

Simbólico, no sentido grego do termo, quer dizer união de fragmentos em direção à unidade; trata-se da organização de um sentido, do “encaixe” de fragmentos.

Nesse caso, às “cavilhinhas” se encaixam. O imaginário se encontra na relação especular com o outro, o que implica dizer, também, consigo mesmo (eu-eu). É a imagem de si em jogo, contínua tentativa de buscar no outro o que se perdeu de mim. Imaginarizar é especular a partir do outro, um esforço para se recompor como sujeito, ajustar-se no sentido de unidade, modulação do “eu sou”. O trançamento dessas três dimensões, após o nascimento, constituirá a dimensão psíquica, subjetividade em permanente construção.

### **Assédio do simbólico: arrebato do puramente instintivo (trauma inaugural)**

Posto no mundo, embora cruzado pela linguagem desde antes, o vivente ainda não opera o simbólico. Ele tem que vencer o momento transitório e pré-subjetivo, passagem da situação parasitária da vida uterina ao início do trançamento que enoda o Real-Simbólico-Imaginário. A passagem é o limite, região fronteira nada tênue, um *entre*, que separa o *não ser* do *ser*. Advertimos, no entanto, que o sujeito não surge segundo a ideia de uma “tábula rasa”, tampouco determinado biologicamente; nesse momento ele não se reduz a um animal qualquer.

A esse momento pré-subjetivo, isto é, *entre* o nascimento e início do trançamento do RSI, Vorcaro (1997) o denomina de *posição zero*. Nela o bebê vive em estado de gozo pleno, funciona no simbólico embora não o opere. Há uma matriz simbólica mí-

nima. A autora enfatiza, a propósito do que preconizou Lacan ([1959-1960] 1997, p. 127) sobre a linguagem, que nessa posição já se encontram postas as linhas que representam as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário, “[...] três linhas vizinhas e maleáveis que sofrerão deformações contínuas” a partir do enodamento que engendra a construção subjetiva.

Na *posição zero*, o recém-nascido funciona sob um estado de regularidade automática de alternância, movimento mínimo e constante de caráter binário: tensão-alívio (*t-a-t-a-t-a...*). O “*t*” remete a “*a*”, este conduz a “*t*”, repetição circular movida pela diferença de um em relação ao outro. Paradoxalmente “*t*” e “*a*” são também iguais na medida em que um substitui o outro: um é, a um só tempo, o outro, mesmo na diferença. O bebê chora (*t*) e é satisfeito (*a*); saciado, a tendência do organismo é a tensão novamente. Isso o acomoda, poupando-o de qualquer esforço, inércia que o faz deslizar de um ao outro (*t-a-t-a...*). O gozo não vai longe, uma ruptura o supera e dá lugar ao *tempo 1*.

- Tempo 1: O Real incide sobre o simbólico, continua Vorcaro (1997). A presença do Outro desestabiliza o gozo na medida em que perturba o vivente, rompendo a regularidade da alternância em curso. O impacto se deve à intrusão do Outro materno que representa o mundo organizado pela linguagem (simbólico). Isto é, a mãe age de maneira especular em relação à necessidade do bebê, ela faz uma tradução dele: todo gesto, todo cuidado (ou descuidado) e toda palavra etc. se dão a partir da subjetividade dela ao imaginarizar o corpo do outro; a interpretação tem como referência sua própria a imagem. Ela o nomeia: supõe o desconforto e a satisfação do vivente, cuida do seu modo, isto é, cobre a criança com o manto do próprio desejo.

Não sendo perfeita, a mãe falha, padece do mal-entendido. Seu auxílio pode chegar

antes da necessidade ou tardiamente, e nunca na medida exata.

Dunker (2006) observa que a criança, eventualmente, chora e recusa o seio materno embora sinta fome. Há uma confusão de línguas, diz o autor, desencontro entre a assistência do adulto e o que, de fato, a criança recebe e interpreta:

[...] quando a mãe aparece, em resposta a esse choro, tudo o que ela poderá oferecer jamais corresponderá ao traço da memória formado pela criança (DUNKER, 2006, p. 15).

O cuidado nem sempre corresponde ao nível da suposta demanda do desamparado.

O sentido da ação materna é legítimo do ponto de vista cultural, ela “se encaixa”, mas esse descompasso é imperceptível. Para o vivente, no entanto, a mãe se apresenta como imposição, “não se encaixa”. O impacto é avassalador, traumático na medida em que impõe a alternância terciária *t-a-a-t-t-t-a-t-a-a-t-a-t-t...*, suspendendo a regularidade binária (*t-a-t-a...*).

É nesse ponto que o Outro simbólico assedia, segundo a ideia forjada por nós. A mãe marca o corpo do bebê, toma posse dele, apreende-o; o outro não chega a pedir, a intromissão apaga seu apelo precocemente: “ele quer isto”; “não quer aquilo”; “tem fome”; “se parece com o pai” etc.

Para Quinet (2012), é do Outro que vêm os elementos que dão origem a todo o simbólico, os quais engendram a história do sujeito; o Outro é a senha para produção de sentidos,

[...] o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido (QUINET, 2012, p. 21).

Porém, o novo ser não entende, o que lhe chega são apenas significantes, e a força assediadora o arrebatada do puramente instintivo, instalando um vazio.

No dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001), *assédio* quer dizer “cerco posto a um produto para tomá-lo”, cujo verbo pode ser dito: *assediar*, no sentido de “pôr assédio ou cerco”. Assim, o Outro materno encurrala o vivente, ferra-o (marca, tal a impressão do ferro no gado), toma conta do seu corpo e o nomeia, eximindo-o da possibilidade de uma vida predominantemente biológica. Sem trégua, o vivente é acochado, inclusive pelas marcas/cerco do mundo simbólico já existente. Como saída para o conflito, o vazio causado pela experiência traumatizante precisa ser superado, lugar para outro tempo.

- Tempo 2: O imaginário incide sobre o Real. O vazio do trauma impele o bebê à busca do estado anterior, o gozo pleno. Enquanto falado pela mãe, seu corpo é imaginarizado: “mamãe, estou com fome”; “eu sou o queridinho da mamãe”; “o que seria dela sem mim?” – diz o Outro materno. A criança procura coincidir com esses dizeres, imaginariza a partir do que foi imaginarizado pelo Outro, tenta se vê como é vista. O jogo imaginário vai suspendendo a força do assédio que dá lugar à sedução, cujo sofrimento é amenizado. Porém, o estado anterior é inalcançável e, ao invés do gozo absoluto, a criança vislumbra a possibilidade de outro gozo, agora na via do simbólico.
- Tempo 3: O simbólico incide sobre o imaginário. A criança se localiza a partir do imaginário da mãe, aliena-se a ela; ambos se tornam unidade. É a posição fálica pela qual cada um representa para o outro o objeto que falta. Não se trata apenas de alívio da tensão. A criança opera o simbólico na medida em que encarna o poder do Outro e o exerce – falo.

### **A Lei: corte de uma relação que não se sustenta (trauma civilizatório)**

A relação fálica é condenada, desde o início, ao fracasso, embora necessária enquanto

simbólico transitório. Não tarda, essa posição vai se tornando duvidosa para a criança; ela será surpreendida e forçada a se descolar da imagem do Outro. Na medida em que deixa de ser o atrativo primordial para a mãe sua ilusão de completude cai, e, pior ainda, não entende o fato de ser barrada, destituída do poder fálico. A tormenta do Real a atinge outra vez, no tempo 4 – o segundo trauma.

- Tempo 4: Segunda incidência do Real sobre o simbólico; para nós, o *trauma civilizatório*. Se no tempo 1 a mãe aparece como terceiro, agora é o pai quem faz esse papel; ele surge como intruso que desestabiliza, desalojando a criança da posição fálica. A figura paterna se apresenta como legislador, pai-Real, inassimilável e intransponível. A mãe, por sua parte, confere a legislação:

[...] ela funda o pai como mediador de qualquer coisa que está além dela e de seus caprichos (VORCARO, 1997, p. 116).

Ela se afasta, cada vez mais; volta a gerir sua própria vida, seja pelo trabalho, seja relação com as outras pessoas, seja principalmente pela reaproximação/dedicação ao pai.

Dito melhor, primeiro foi o Outro simbólico na figura da mãe, agora na figura do pai, ambos com efeito de Real. Repete-se a cena traumática de separação (primeiro da condição instintiva, agora do objeto primeiro amor). O pai se impõe como Lei e, na sequência, não deixa de assediar, enquanto separa, nem de portar seu lado sedutor. Antes, no *trauma inaugural*, a mãe “salvou” a criança do puramente instintivo, agora, no *trauma civilizatório*, o pai a “salva” do gozo fálico junto a mãe.

Nesse contexto, diz Vorcaro (1997, p. 114), a criança é marcada por terrível angústia,

[...] vivida como o desejo da mãe se exercendo na direção da criança, em sua insaciável voracidade [e que] revela ao sujeito que ele pode perder-se.

Diante da angústia, a criança pode imaginarizar. Ela já o fez em relação à mãe e o fará diante do pai (no tempo 5).

- Tempo 5: O Imaginário incide sobre o Real. A criança procura solucionar o conflito ao imaginarizar o pai como poderoso, grande; não há como detê-lo na sua onipotência. Ela brinca: bandido, policial; bom e mau; monstro, fada; é a lei e transgressão dela. Escuta histórias terríveis, por exemplo, pedindo para que sejam repetidas do mesmo modo, tentativa de saída da realidade traumática. O movimento imaginário produz efeitos, a superação ocorre no tempo 6.
- Tempo 6: Finalmente, o Simbólico incide sobre o Imaginário, causando furo no Real. Toma curso o processo de elaboração de afetos sem representação, a criança opera o simbólico. Para ela o pai deixou de ser apenas privador, ele também protege. Ela assimila sua Lei, vai encontrando o lugar e tempo para cada coisa: mãe, pai; como se portar diante de determinadas situações (onde, quando, como). Torna-se aliada do pai. A estrutura básica da subjetividade se encontra posta.

A Lei dá sentido na medida em que organiza o disperso, a princípio deslizante entre a tensão e o alívio. No âmbito da cultura, o sujeito se vê como um não-todo, castrado. Rocha (2012) apurou que o termo “castrado” está relacionado, inclusive, ao vocábulo “casto”, aquele que pertence ao clã. “Cesto” também se inclui na história dessa palavra; o que se encontra nele é puro. Para pertencer à casta, o indivíduo precisa se tornar puro, passar por um ritual, deixando de ser incasto.

No contexto do que estamos examinando, somente com o advento da Lei ele se purifica, torna-se aquele que tem “horror ao incesto, à transgressão de tudo aquilo que se tornava tabu” (ROCHA, 2012, p. 105). Completa o autor, na mesma página:

[...] essa vivência, proveniente de um processo de castração, só ocorrerá se aquele que ocupar a função materna for, efetivamente, um semelhante, isto é, se além de um outro humano for também portador dessa lei que interdita.

Nesses termos, o autor nos apresenta a mãe como coadjuvante na medida em que confere ao outro a função paterna.

A redoma civilizatória exige do vivente tornar-se não inteiro. Criadores de gado costumavam denominar o touro de *inteiro*, aquele que não sofreu perdas, com poder absoluto sobre as fêmeas, ao passo que o boi castrado (não inteiro) perdeu a força, fez-se dócil e apto a outras funções ao invés de exclusivo reprodutor. Nesse contexto, e do ponto de vista psíquico, o humano é não natural (não inteiro), feito de linguagem; ele aliena-se a um Outro para, na sequência, descolar-se deste e construir sua própria imagem – contínua passagem do eu ideal para o ideal do eu. Sem a experiência traumática (marca da subjetividade) isto não seria possível.

Tornar-se humano, desse modo, não é possível sem a presença do Outro, aquele que desacomoda, rompe a relação harmoniosa e gozante do princípio. O sujeito há de portar a Lei, cuja constatação é: a mãe não foi feita para o filho, nem o filho para ela; impossibilidade de volta ao estado anterior. O pai, como terceiro, faz a mãe sair de cena para, ao mesmo tempo, permanecer na condição de objeto do desejo; do mesmo modo ele, o pai, uma vez simbolizado, desaparece como tal, permanecendo como Lei. Daí em diante, a cada encontro com o outro semelhante (“espelho”) o sujeito é apontado: “você não é isto, não é o que pensa ser”, rompendo-se a constatação sobre si próprio, de até então, possibilitando-o nascer outra pessoa.

O sujeito se constitui segundo o tecimento de um nó (borromeano), a partir de incidências do Real sobre o simbólico. *Incidir* é cortar, fazer furo, atingir alguma coisa, ocupar um espaço. No Nó, o Real incide duas vezes

sobre o Simbólico, ocupando praticamente todo o espaço deste; o Imaginário duas vezes sobre o Real, cobrindo-o com um véu imaginizado, assim possibilitando o alcance da elaboração simbólica. O Simbólico não incide sobre o Real, ele o faz sobre o Imaginário, também por duas vezes. O que o simbólico pode sobre o Real é indiretamente, pela via do Imaginário. Isto é, o Real não é transformado em simbólico; no Real são feitos furos, apenas. Eis a leitura do *Nó borromeano* (LACAN, 1975).

### Considerações finais

O Outro assedia, mas humaniza. O trauma é o ponto de partida,

[...] o que inscreve o sujeito na ordem da linguagem, [e] funda a memória do homem como sujeito falante (MACÊDO, 2014, p. 46).

Na clínica, pacientes em estado de intenso sofrimento, e em vias de superação, retomam um passado marcado por conflitos aterrorizadores cuja origem não se alcança.

Emma tinha reações de pânico, queixa que a fez procurar a análise; no percurso do tratamento se lembra de uma cena aos 12 anos de idade, “cena I”, sendo levada à “cena II”, quando tinha 8 anos (FREUD, [1895-1950] 1969). Para nós, Freud sabia que a origem do trauma de Emma teria elementos anteriores aos oito anos, impossíveis de recordação.

Em outro texto ele afirma,

[...] há um tipo especial de experiências da máxima importância, para a qual lembrança alguma, via de regra, pode ser recuperada (FREUD, [1914] 1969, p. 195).

Seriam os primeiros traumas.

D., da nossa clínica, relatou sobre sua infância. Nutriu fantasia “amorosa” pela professora, depois em relação à cunhada. Ao se deitar para dormir, lhe vinha a tormenta, era envolvido por “uma coisa enorme”, sem forma, insuportável, capaz de engoli-lo (ele

disse: “essas palavras não retratam a imagem nem o pavor sentido, não sei dizer como isso funcionava”). A escuta permitiu associar elementos de uma idade ainda mais distante, indícios de situações severamente angustiantes.

Silva (1987, p. 35) anotou resposta de um menino de seis anos frente a IV lâmina do método Rorschach:

[...] parece um gorila grande e feroz (pausa), mas se ele tirar a fantasia é um homem. É um homem fantasiado de gorila.

Eis o conflito edípiano.

Na medida em que o simbólico assedia, ele não apenas humaniza, mas faz elo entre gerações. Somos responsáveis pelos efeitos do trauma (embora não culpados), assim como pelos nossos deslizes, que não são poucos nem brandos. É preciso levar em conta o desejo (LACAN, [1959-1960] 1997). Por um lado, somos marcados pelo trauma; por outro, seus efeitos podem desviar as gerações da direção de uma humanidade refinada (no sentido da canalização pulsional, efeito do trabalho psíquico).

Nossos pais cometeram faltas, escreveu Lacan ([1955] 1985, p. 118),

[...] estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que eu retome o discurso que ele me legou, [...] porque não se pára (*sic*) a cadeia do discurso, e porque estou justamente encarregado de transmiti-lo em sua forma aberrante a outrem.

O trabalho psíquico opera sobre a linguagem, reconfigurando o discurso do Outro na medida em que o tomo como significante e, assim, dou-lhe nova configuração, embora a longo prazo. O sujeito precisa se responsabilizar pelo desejo, posicionando-se, moduladamente, entre a força restritiva da cultura e o imperativo da pulsão, geradores da experiência traumática desde o princípio.

É uma questão ética que devemos retomar.

### **Abstract**

*The initial traumatic experience of the individual is foundational, from which emerges the subject. The construction of subjectivity begins with the Real of trauma, according to the Lacanian idea of Real, Symbolic and Imaginary as dimensions of psychic life. The position adopted in this article is that the inaugural trauma is the effect of harassment of the symbolic, traumatizing event, but necessary to the confirmation of the proper human. Our objective is to present the initial traumatic experience of the newborn as the first step of subjective construction and, consequently, the advent of the Law, considering what we will call “harassment of the symbolic”. First, we will discuss the subject’s anteriority and its immersion in the language; then Harassment of the symbolic: rapture of the purely instinctive; finally, The Law: cutting a relationship that does not hold itself. The work is theoretical, reflections are nourished by clinical practice. It is concluded that all human action is even in the field of uncertainty as to the extent of its effects, the resonance of each act has repercussions on future generations. We reach the field of ethics and the bond, each existing is responsible for the psychic history of humanity, whether by preceding and caring for the new being or by positioning himself as a subject.*

**Keywords:** *Real-Symbolic-Imaginary, Inaugural Trauma, Real Trauma, Symbolic Harassment.*

## Referências

- DUNKER, C. I. L. O nascimento do sujeito. *Viver mente e cérebro*, São Paulo, 2, p. 14-26, 2006.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio*: Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização [1929-1930]*. In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 75-278. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica [1895-1950]*. In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 381-517. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 191-203. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- LACAN, J. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 22: R. S. I. (1974-1975)*. Paris: Éditions de l'Association Freudienne Internationale. Publication hors commerce, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.
- MACÊDO, L. F. *Primo Levi: a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (Col. Passo a Passo, 94).
- ROCHA, F. *Entrevistas preliminares em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- SILVA, M. D. V. *Rorschach: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1987.
- VORCARO, A. M. R. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 08/12/2019

### Sobre o autor

#### Esperidião Barbosa Neto

Doutor em Psicologia Clínica, linha de pesquisa em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP). Especialista em Filosofia Política, Psicologia Social e Psicopedagogia, todos pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Psicologia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC). Professor Assistente II da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

#### Endereço para correspondência

E-mail: <esperidiaobneto@gmail.com>

# *Identidades de gênero, contexto psicossocial e violência: desafios à prática clínica<sup>1</sup>*

*Gender identities,  
psychosocial context  
and violence*

---

**Fernanda Ribeiro de Freitas**

## **Resumo**

Nascimento do Grupo de Trabalho de Neo e Transexualidades (GTNTrans) em 2015. Início do trabalho do grupo em agosto de 2016 numa instituição que abrigava indivíduos da comunidade LGBTQI em situação de vulnerabilidade. Necessidade de um setting psicanalítico diverso. Reuniões semanais de 90 minutos com adesão facultativa. Vivências de extremo sofrimento e discriminação precoces no ambiente familiar. Reedição dos traumas devido a precariedade emocional e financeira. Muitos viviam da prostituição. Transexuais longe das alucinações de Schreber. O interesse e a participação dos residentes. Configuração de um tipo de campo ampliado, conceito cunhado por Baranger. Movimento transferência-contratransferência fora do enquadre tradicional. Apropriação da ideia de elasticidade da técnica psicanalítica proposta por Ferenczi. Término do trabalho na instituição em dezembro de 2018 devido a perda do imóvel que ocupava.

**Palavras-chave:** LGBTQI, transexualidades, grupo, setting psicanalítico, campo ampliado, elasticidade da técnica.

*A confiança em nossas teorias  
deve ser apenas uma confiança condicional,  
pois num dado caso  
talvez se trate da famosa exceção à regra,  
ou mesmo da necessidade de modificar  
alguma coisa na teoria até então.*  
FERENCZI, 1927

## **Introdução**

Primeiramente, gostaria de agradecer à comissão organizadora do XXII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise – em espe-

cial aos colegas do Círculo Psicanalítico do Pará. Têm sido dias de troca intensa e rica com os pares, nesta bela cidade com seu povo acolhedor.

---

1. Trabalho apresentado no *Painel 6: Sexualidades e mudanças discursivas* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

O objetivo do presente trabalho é relatar um pouco da experiência clínica mais impactante e enriquecedora que tive até aqui. Ampliou meus limites de elasticidade técnica e me chamou à responsabilidade pela relação analítica como nunca. Regressão no *setting* e construção em análise foram vividos de forma aguda. Desde então, os aspectos relativos à intersubjetividade vêm tomando protagonismo em minhas pesquisas teórico-clínicas.

Não foi uma experiência solitária. Em primeiro lugar, foi graças à confiança e ao acolhimento do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, em especial do Prof. Anchyses Jobim Lopes, cofundador, coordenador geral, defensor feroz e supervisor do GTNTrans – Grupo de Trabalho sobre Neo e Transexualidades do CBP-RJ. Também dos colegas que embarcaram nessa empreitada.

### O começo de tudo

No início de 2015 alguns de nós – todos ainda psicanalistas candidatos à época – começamos a nos interessar por estudos de gênero a partir de teóricos da psicanálise. Mas abordar o tema dentro da sociedade sempre despertava afetos intensos, impedindo qualquer elaboração mais relevante. Sem um espaço de discussão exclusivo não haveria produção construtiva. Assim, em agosto de 2015 nasceu o GTNTrans. Semanalmente nos reuníamos para discutir teoria. Foi um período frutífero: publicamos artigos, organizamos uma jornada, participamos de congressos e recentemente lançamos um livro.

Ainda assim, não havia demanda clínica nem de longe voltada a questões de identidade de gênero. E era possível entender a razão. Por exemplo, ainda em 2015, todos nós inscrevemos trabalhos num congresso latino-americano de psicanálise. Gênero e sexualidade era um dos subtemas. Para nossa surpresa, ficamos todos na mesma mesa. Ao longo das discussões, vimos colegas deixarem a sala com visível desconforto. Ao final, deu-se uma discussão acalorada – ao mesmo tempo que havia interesse por nossas referências

bibliográficas, aparentemente uma novidade para boa parte da audiência.

Se tanta intensidade e uma dose de negação ocorriam entre os pares, era fácil apostar a dificuldade que teriam analisando LGBTQ – especialmente indivíduos trans.

Em agosto de 2016 fui apresentada a uma instituição que abrigava indivíduos da comunidade LGBTQI em situação de vulnerabilidade. Propus que nosso grupo fizesse visitas semanais à instituição por aproximadamente dois meses para que os residentes tivessem contato com a psicanálise. E depois desse tempo, os interessados escolheriam o profissional de sua preferência para iniciar sua análise individual.

No entanto, o plano não considerava alguns fatores fundamentais: primeiramente, o formato surgiu exatamente no momento da minha conversa com a direção da instituição. O encontro não fora planejado e não houve tempo hábil para entrar em contato com os demais integrantes do grupo de trabalho. Não havia garantias de que os profissionais aceitariam a proposta nem de que seria algo factível. Sua execução implicaria uma enorme flexibilidade de nossa parte em relação ao enquadre psicanalítico. Felizmente, o grupo de trabalho recebeu a novidade de braços abertos.

Foi impressionante a disponibilidade de todos. Algo bastante análogo ao que Luís Claudio Figueiredo (2003) denomina “contratransferência primordial”: a aceitação do paciente em análise, a disponibilidade para se tornar suporte da transferência – o que acontece sempre que um analista aceita um novo analisando. Só que, neste caso, especificamente, tanto paciente quanto *setting*, quanto enquadre demandavam uma boa dose de criatividade e flexibilidade dos profissionais. Pode-se dizer que foi uma experiência de contratransferência “mais-que-primordial”.

No primeiro encontro entre o grupo de trabalho e os residentes, alguns elementos se destacaram: a reiteração constante da diferenciação entre o grupo como unidade e os seus participantes individualmente. Ao

mesmo tempo, a preferência inicial da maioria por encontros coletivos. Além disso, a situação financeira extremamente precária impossibilitaria atendimento em consultórios particulares mesmo que as sessões não fossem cobradas.

Alguns deles já faziam atendimento psicológico individual, mas eram encontros mensais que dependiam de sua disponibilidade financeira para deslocamento, por isso não era possível manter a regularidade de sessões. Também ficaram perceptíveis as questões concernentes ao uso de drogas. Uma parcela do grupo é constituída por analfabetos funcionais.

Talvez pela curiosidade, o primeiro contato contou com a participação da maioria dos residentes e foi repleto de acolhimento. A proposta era proporcionar uma experiência de escuta sem juízos de valor, sem impressões preestabelecidas. Falando, eles poderiam ouvir a si mesmos e, conseqüentemente, organizar seus pensamentos, nomear seus sentimentos e elaborar afetos que talvez dificultassem seus relacionamentos interpessoais.

Nesse mesmo encontro, ficou estabelecido que as reuniões aconteceriam uma vez por semana e durariam 90 minutos com adesão facultativa.

O abrigo contava com 30 residentes, em média. As portas estavam sempre abertas, e ninguém era proibido de entrar ou obrigado a sair. Sendo assim, a população do local contava com um percentual de residentes fixos e outros eventuais. As razões para estadias curtas eram as mais diversas. Por exemplo, fuga de um relacionamento abusivo, proteção contra ameaças de desafetos, hospedagem durante a espera de cirurgias de adequação de gênero para pacientes vindos de outros estados. O mesmo ocorria com os residentes fixos: primeira experiência de algo parecido com um lar, identificação com os pares, admiração pela fundadora.

O que residentes fixos e eventuais tinham em comum? Vivências de extremo sofrimento e discriminação, que começavam muito

cedo, no ambiente familiar. Seus traumas eram reeditados constantemente em virtude da precariedade emocional e financeira. Muitos viviam da prostituição. Ainda que não haja nada de errado ou condenável nisso, o cotidiano da profissão é permeado por situações de humilhação, descaso, abuso físico e emocional.

As idades variavam bastante. A residente mais nova com quem tivemos contato era uma adolescente de 14 anos. As mais velhas tinham aproximadamente 35, 40 anos. Talvez por uma realidade estatística, talvez por uma percepção do desamparo, que colocava a morte como uma possibilidade muito real e próxima, as pessoas com mais de 30 anos costumavam se descrever como pessoas muito velhas. “Travesti morre cedo”, era uma afirmação frequente.

### Os encontros

Quanto aos profissionais, em maior ou menor proporção, todos fomos convocados a lidar com nossos fantasmas internos, nossas preconceções – tanto sobre a vida cotidiana quanto sobre a prática clínica. A extrema precariedade do ambiente, refletida nos residentes tornava a experiência bem mais desafiadora. Dito de outra forma, apesar de a psicanálise estar muito mais difundida na contemporaneidade, ela permanece privilégio de quem tem possibilidades financeiras. Mesmo que o advento da clínica social tenha aproximado os profissionais às classes menos favorecidas, esse público ainda tem casa, alguma fonte de renda e o mínimo de educação formal. No entanto, a elaboração psíquica, o espaço de escuta e a ajuda ao indivíduo na descoberta do próprio desejo não podem nem devem ser privilégio de poucos. Mas como proceder, face a tamanha carência de recursos – não só dos analisandos? À época não encontrávamos suporte teórico-clínico que desse conta da demanda que se nos apresentava.

Eliana Borges Pereira Leite (2005) faz uma analogia entre os ofícios do ator e do

analista. Enquanto o ator busca elementos em sua memória emocional para dar corpo e vida ao personagem criado pelo autor, o psicanalista tem sua memória, sua imaginação e seus pensamentos inconscientes afetados pela fala do analisando. Oferecer um recolhimento de sentido, como propõe Ferenczi, torna-se ainda mais desafiador quando o analista tem pouco repertório interno sobre a precariedade e as intensas experiências de abandono. Em retrospecto, minha aposta é de que essa experiência só foi possível porque havia uma rede de sentido, porque operávamos como um grupo muito sólido, ainda que respeitando as singularidades de cada profissional.

Nos primeiros meses, não era raro que no horário marcado todos ainda estivessem dormindo ou não se lembrassem quem eram os analistas: Seriam integrantes de alguma igreja? Partido político? Sindicato? Quando nos reconheciam e estavam acordados, muitas vezes resistiam a participar.

Como qualquer analisando, eles precisavam testar os limites do abandono e da sobrevivência do objeto. Além disso, não pedíamos nada em troca. Não cobrávamos pelo nosso tempo, não exigíamos atenção – apenas permanecíamos disponíveis, semanalmente no mesmo horário.

Vale lembrar que no cotidiano da maioria daqueles analisandos, afeto, em geral era reconhecido pelo tamanho da compensação financeira. O indivíduo vale quanto custa – seja um serviço prestado ou um presente. Muitos trabalhavam na prostituição e não havia nada mais ofensivo do que a negociação com os clientes. Se um programa custasse R\$ 40,00 e a profissional aceitasse trabalhar por R\$ 20,00, a desvalorização monetária era normalmente percebida como desvalorização, degradação pessoal.

Nós também tivemos que aprender a acolher analisandos entorpecidos – seja por álcool, seja por drogas. Aquele nível de sofrimento talvez não pudesse ser acessado, ao menos inicialmente, de outra forma.

Sendo assim, contar com analistas que oferecem ritmo, confiabilidade, não impõem nenhuma interação e ainda não cobram pelos seus serviços mostrou-se uma enorme mudança de paradigma para aquele grupo.

Quatro integrantes do grupo de trabalho se dispuseram a atender semanalmente no abrigo. Logo após as sessões, era realizada uma supervisão coletiva exclusiva para o GT-NTrans com todos os integrantes. A atividade era coordenada pelo Prof. Anchyses, que atendeu no abrigo algumas vezes. Foi importante contar com um supervisor que sabia exatamente como se configurava o ambiente, que conhecia as instalações e a dinâmica dos residentes, mas que não participava periodicamente das sessões. Essa experiência é permeada de peculiaridades, de dinâmicas muito distantes da classe média, majoritária branca e cisgênero. O *setting* não é aquele conhecido por psicanalistas: uma sala onde o analisando vai até o analista, com duas poltronas, um divã e possivelmente uma sala de espera. Ao supervisor deste trabalho era necessária uma visualização mais concreta da experiência. Por outro lado, não participar do atendimento semanal proporcionava o distanciamento necessário à supervisão para uma escuta à posteriori.

Na fala dos analisandos não comparecia o discurso estereotipado do transexual difundido pelo senso comum. Havia indivíduos mais ou menos integrados psicologicamente, que experimentam sofrimento extremo, sentem e, em sua maioria, ainda não entraram em contato com o próprio desejo. Essa fala mais honesta e subjetivada pode ser atribuída ao fato de perceberem a disponibilidade de escuta dos analistas. Um dos analisandos chegou a expressar que conosco não se sentia num zoológico, numa vitrine – sentimento frequente nas interações com visitantes do abrigo interessados em ajudar, mas que não percebiam os residentes como indivíduos inteiros.

Muito longe das alucinações de Schreber, alguns almejavam a cirurgia de adequação

genital, outros diziam preferir manter a genitália de nascimento porque é fonte de prazer. Havia também aqueles que rejeitavam a própria genitália, mas não sabiam o que fazer a esse respeito. Todos com quem tivemos contato se mostravam conscientes de sua anatomia original.

Quanto à organização psíquica, tudo era muito familiar e análogo aos nossos analisandos de classe média com suas patologias neonarcísicas. Com poucas exceções, eles pareciam ter tido um ambiente suficientemente bom no começo da vida. O que os diferencia? Dificuldades inimagináveis, total desamparo e, acima de tudo, ao longo da vida não foram autorizados a reconhecer sua própria dor.

No último ano, com a chegada de dois novos analistas, decidimos nos dividir em dois grupos, e cada trio atendia quinzenalmente. No entanto, as supervisões semanais com todos os analistas permaneceram. Logo percebemos que alguns analisandos começavam a sessão de onde haviam parado na semana anterior, mesmo que com um analista diferente. Inconscientemente eles sabiam que os profissionais se comunicavam, trocavam percepções e relatos das sessões.

Vimos se configurar uma espécie de campo ampliado.<sup>2</sup> Conceito cunhado por Bangerter (1961, 2010), o campo abarca toda a situação analítica, incluindo o *setting* e as regras; a compreensão recai nas fantasias inconscientes do par analista-analisando, estruturado a partir de duas vidas mentais e identificações projetivas cruzadas. Em sua contribuição sobre o mesmo conceito, Ferro (1995) afirma que o analista seria capaz de acolher e transformar as identificações projetivas de seus analisandos.

Na experiência descrita no presente artigo, o campo do analista foi ampliado, incluindo todos os analistas autorizados por determinado analisando a acolher e trans-

formar suas identificações projetivas. Não é um processo consciente muito menos perceptível, mas amplia os limites da escuta e sugere que o que conhecemos como *setting* possa ser ampliado também.

Corroborando a percepção de um campo ampliado o fato de que, diferentemente do que ocorre muitas vezes na relação analítica, aqueles analisandos demonstravam pouco interesse sobre a vida pessoal dos analistas. Era comum não usarem nosso nome. Éramos, em geral, “o pessoal, a menina, o rapaz da psicanálise”.

A preferência por um ou outro profissional só ficou explícita no último ano de trabalho. Alguns deles fizeram visitas pontuais ao nosso consultório; outros continuaram o trabalho de escuta de forma remota, depois do encerramento das atividades coletivas. O que todas as sessões em consultório têm em comum foi o fato de aqueles indivíduos não estarem residindo no abrigo na época. Isso indica o quão importante era a experiência de escuta para alguns deles.

Pessoalmente, recebi um residente com quem já convivía há pouco mais de um ano. Prestes a mudar de cidade, ele solicitou uma sessão. Por aproximadamente uma hora ele descreveu vivências e fez elaborações que nós havíamos discutido anteriormente. Era claro o movimento de fechar um ciclo antes do recomeço iminente. No abrigo, ainda que preservando a assimetria necessária à relação analítica, havíamos experimentado todas as possibilidades de elasticidade da técnica. Mas naquela sessão individual a demanda era de enquadre. E estiveram presentes todos os elementos e discussões de uma sessão de encerramento. *A posteriori*, ficou bem clara a importância daquele encontro tanto para o analisando quanto para o analista.

É comum, depois desta descrição, que perguntem se o que fazíamos era psicanálise.

Bom, nunca é demais lembrar que, em suas *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud ([1912] 1976) não descreve a psicanálise pelo que ela é, mas jus-

2. Não confundir com o conceito de campo expandido nas artes plásticas (KRAUSS, 1978).

tamente pelo que não é. Não há um manual de instruções, um *checklist*. E assim como as formas de satisfação pulsional se modificam em relação ao tempo histórico e a uma determinada cultura, a técnica psicanalítica, desde seus primórdios, vem mostrando sua plasticidade.

Em *Elasticidade da técnica psicanalítica*, Sándor Ferenczi ([1928] 1992) propõe que o analista seja catalizador de novas significações, mas ainda numa relação assimétrica, a fim de garantir a ética psicanalítica. Analisando e analista trabalham juntos, mas em posições distintas, garantindo a realização do trabalho.

E foi exatamente assim na experiência aqui descrita. Mesmo quanto ao *setting*. Os analistas iam até os analisandos, é verdade. Mas considerando-se os obstáculos que indivíduos tão marginalizados teriam que enfrentar para chegar a um consultório tradicional, ainda que fossem pagos para isso, não seria esta a única maneira de proporcionar a experiência analítica àquele grupo?

Convido o leitor a imaginar a seguinte cena: uma trans mulher pobre, com roupas velhas, sujas e curtas, no transporte público durante o horário comercial. Depois ela segue em direção a um prédio comercial de classe média para realizar sua sessão de análise. Ela realmente conseguiria acessar o prédio? O acesso seria negado com respeito ou rispidez – ou mesmo palavras ofensivas? Não é só o risco de assédio moral. Os riscos à integridade física são altos também.

Um dos residentes já expressou que fica na janela observando a vida, aqui compreendida como a rotina normal de pessoas que circulam livremente pelos espaços públicos sem ser notadas ou estigmatizadas.

Um segundo questionamento: não seria a troca financeira essencial para a relação analítica? É verdade, mas num contexto de tamanha precariedade, talvez a maior demonstração possível de comprometimento fosse a presença deles nas sessões.

Além do mais, para alguém tão acostumado a relações em que o dinheiro é peça central, relacionar-se e comprometer-se sem pagamentos ou valores monetários envolvidos, essa seria uma excelente oportunidade de valorização para além do dinheiro: Meu valor não tem preço; eu valho porque SOU, porque EXISTO e SOU VISTO.

E quanto ao movimento transferência-contratransferência? Seria possível fora do enquadre tradicional? Lembrando Ferenczi (1909), transferência é o fenômeno psicanalítico por excelência, muito comum, que se encontra na base de toda relação humana. A transferência não compareceu em todos os residentes, experiência análoga na clínica tradicional.

Como citado anteriormente, muitas vezes os analistas percebiam a transferência, não específica a um analista, mas se apresentando em direção a um bloco, uma ampla entidade. Esse fenômeno nos chamava ainda mais à responsabilidade: como manejar contratransferência?

Como sinaliza Pinheiro (2016), o que precisa vir primeiro é a contratransferência. Eu não posso me apoiar a uma parede, se não houver uma parede. O analisando não pode se entregar à própria vulnerabilidade, às fantasias, se não houver um analista pronto a sustentar a relação.

Também já fui questionada quanto ao que realmente contribuímos num grupo tão precário. Nós oferecíamos a escuta a partir de um universo bastante desconhecido. E esse choque cultural e socioeconômico propicia a abertura de novas possibilidades tanto subjetivas quanto concretas. Utilizar o analista como um espelho pode operar mudanças bastante significativas. Eles podiam, na regressão em análise, experimentar o SER antes do FAZER.

Estatísticas (ainda imprecisas, devido ao enorme índice de subnotificações e resistência das autoridades em nomear corretamente os crimes), indicam que somos o país que mais mata transexuais no mundo. A forma-

lização da identidade de gênero transexual está mais fácil, mas não é simples. Muitos desses indivíduos permanecem com seu nome de batismo. Outros, por terem sido expulsos muito cedo de casa ou terem vivido nas ruas, nem possuem documentação. Aqui falamos de indigentes.

Por exemplo, uma das residentes foi expulsa de casa aos 14 anos de idade, porque não conseguia mais esconder sua real expressão de gênero. Seria de esperado de alguém tão jovem, lidando com angústias impensáveis, que se lembrasse de levar consigo a certidão de nascimento?

### O encerramento do trabalho

O trabalho se encerrou em dezembro de 2018. O abrigo funcionava numa ocupação irregular e, depois de anos de ameaças, o grupo foi despejado. Todos já estavam cientes da ordem judicial, mas foram tantas ao longo dos anos, que nem residentes nem analistas levavam a sério as notificações. Por isso, eu e um colega fomos testemunhas das últimas horas daquele grupo com algum endereço fixo.

Ao chegarmos ao prédio, avistamos por volta de 30 residentes na calçada, com seus pouquíssimos pertences. Não tinham para onde ir nem como pagar o transporte dos móveis e das bolsas. Por ética profissional ou por maciça contratransferência, permanecemos com eles durante 90 minutos, escutando, trocando, como se ainda estivéssemos dentro do edifício.

Eventualmente recebemos notícias de algum residente. Um telefonema, uma mensagem de texto. São eventos pontuais, mas que o grupo faz questão de compartilhar.

Há pouco tempo, encontrei uma das residentes em um evento público. Eu rapidamente fui levada por ela a uma área mais reservada, e ela falou como se nunca tivéssemos nos afastado. Quando eu me surpreendia com as novidades de algum residente, ela demonstrava espanto: “Como ninguém te disse isso? Como você não sabia?”. Então percebi que

o analista havia sido introjetado. Não especificamente eu, a analista. Mas aquele bloco único de escuta que ofereceu aos residentes a oportunidade de escutar a si mesmos e validar a própria dor.

### Considerações finais

Identidade de gênero não define a subjetividade, não é o único portador de problemas ou soluções. Esse aspecto só terá relevância na medida em que nós, psicanalistas cisgêneros, não entramos em contato com nossos próprios fantasmas, não aprofundamos a nossa análise pessoal.

Em seu *Manuscrito de 1931*, Freud ([1931] 2017) lembra que todos os seres humanos são bissexuais – possuem elementos masculinos e femininos. Não somente seus aspectos psicológicos, mas também fisiologicamente. Homens e mulheres possuem os mesmos órgãos sexuais – o que os difere é a extensão do desenvolvimento e a alteração ou perda de função. E vai além: masculino e feminino (atividade e passividade) são expressões que começam a surgir com as primeiras relações objetais. Mas masculinidade anatômica e masculinidade psicológica com frequência não se apresentam juntas. No entanto, como isso ocorre, não sabemos. Afinal, a psicologia deve apenas aceitar esses fatos, não explicá-los.

Ontem, aqui no congresso, falou-se que o governo silencia vozes. É verdade. Mas o analista também tem esse poder. Ele também pode reeditar traumas.

Para encerrar, compartilho aqui uma conversa-consulta em grupo de RH, numa rede social profissional:

Uma dúvida, uma funcionária mulher que optou em ser um homem trans conseguiu na justiça a mudança de sexo nos documentos de feminino para masculino, porém agora está grávida. O que fazer, pois a licença-maternidade é um direito das mulheres e não dos homens?

Aqui testemunhamos os desafios de um indivíduo transexual que tem emprego fixo, acesso a documentação e direitos civis. A consulta, ainda que denuncie falta de conhecimento do colaborador do RH, é legítima e demonstra interesse em ajudar.

Respondendo a esses questionamentos, esclarecemos:

- A mulher não optou por ser um homem. O homem apenas adequou sua identidade de gênero, que não estava em sintonia com o sexo biológico designado no nascimento.
- O funcionário em questão não está “grávida”, está gestando um bebê. Ser capaz de gestar um filho não é prerrogativa do gênero feminino, mas de qualquer indivíduo que possua útero, ovários e trompas em plenas funções.
- Sendo assim, licença-maternidade, é privilégio não da mãe, mas de quem deu à luz.

A boa notícia é que o mundo está em constante transformação e que há uma demanda enorme por uma escuta empática e disposta a aprender. Não é privilégio da contemporaneidade e há uma infinidade de fontes bibliográficas à nossa disposição.

### **Abstract**

*Birth of the Neo and Transsexuality Working Group (GTNTrans) in 2015. Beginning of the group's work in August 2016 in an institution that housed individuals from the LGBTQI community in a vulnerable situation. Need for a diverse psychoanalytic setting. Weekly 90-minute meetings with optional membership. Experiences of extreme suffering and early discrimination in the family environment. Reissue of trauma due to emotional and financial precariousness. Many lived on prostitution. Transsexuals away from Schreber's hallucinations. The interest and participation of residents. Configuration of an extended field type, a concept coined by Baranger. Transfer-countertransference movement outside the traditional framework. Appropriation of the idea of elasticity of the psychoanalytic technique proposed by Ferenczi. End of work at the institution in December 2018 due to loss of the property it occupied.*

**Keywords:** *LGBTIQI, Transsexuals, Group, Psychoanalytic setting, Expanded field, Elasticity of technique.*

## Referências

BARANGER, W.; BARANGER, M. A situação analítica como um campo dinâmico (1961-1962). In: *Controvérsias a respeito do enactment e outros trabalhos*. Livro Anual de Psicanálise, Tomo XXIV. São Paulo: Escuta, 2010. p. 165-212.

FERENCZI, S. *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928). São Paulo: WMF Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, v. 4).

FERRO, A. *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista: da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 35-42.

FIGUEIREDO, L. C. *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, S. *Manuscrito inédito de 1931*. São Paulo: Blucher, 2017.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 145-159. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LEITE, E. B. P. *A escuta e o corpo do analista*. 2005. 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

MINERBO, M. *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

PINHEIRO, T. *Ferenczi*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.

ROCHA, P. S. (Org.). *Cata-ventos. Invenções na clínica psicanalítica institucional*. São Paulo: Escuta, 2006.

WINNICOTT, D.W. *Psychoanalytic explorations*. London: Karnac, 1989.

**Recebido em: 12/11/2019**

**Aprovado em: 08/12/2019**

## Sobre a autora

Fernanda Ribeiro de Freitas  
Licenciada em Letras: Português/Francês pela UERJ.  
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).  
Participante do Grupo de Trabalho sobre Neo e Transsexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.  
Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

## Endereço para correspondência

E-mail: <fernandafreitas.psi@gmail.com>



# Concepção de contratransferência em Pierre Fédida<sup>1</sup>

*The countertransference conception  
in Pierre Fédida*

Helena Maria Melo Dias

## Resumo

A problematização do fenômeno da contratransferência emerge no campo psicanalítico a partir da década de 1910 e promove um aprofundamento na especificação da técnica analítica a fim de evitar os 'desvios' à regra fundamental. Mas é a partir da década de 1940 que emerge uma vasta literatura que enfatiza os efeitos do processo contratransferencial no trabalho analítico, principalmente dos casos considerados difíceis à regra técnica freudiana. O objetivo deste trabalho é destacar a elaboração da contratransferência em Pierre Fédida.

**Palavras-chave:** Regra fundamental da técnica psicanalítica, Metapsicologia, Transferência, Contratransferência.

## Introdução

O presente texto trata da concepção de contratransferência de Pierre Fédida. Considero que esse autor amplia o estudo desse fenômeno clínico ao retomar a proposta ferencziana da elaboração da metapsicologia da técnica psicanalítica, a qual envolve os processos psíquicos do paciente e do analista, ou seja, o encontro analítico numa situação singular movida pela transferência, que traz em seu bojo uma memória regressiva do paciente, bem como um potencial de resistência à revelação dessa memória e o resto não resolvido do analista na sua própria análise.

Defendo a tese que ressalta a relevância da contratransferência como um dispositivo clínico analítico (DIAS, 2007). Nesse sentido, entendo a contratransferência como a capacidade do analista de observar e de compreen-

der suas próprias reações íntimas àquilo que o paciente lhe comunica na sua interlocução com o objeto alucinatorio da transferência, e aos poucos vai se configurando a singularidade dessa organização e dinâmica psíquica. Além disso, compreendo o fenômeno como as imagens que se formam no analista com sua escuta ao paciente, o desenho interno da fala, o que isso lhe informa dessa clínica.

Para maior compreensão do complexo e fecundo pensamento do autor, apresento em seguida um breve esboço da formação de Fédida.

## Sobre Pierre Fédida

Pierre Fédida (1934-2002), psicanalista francês de formação freudiana, foi membro da Association Psychanalytique de France (APF). Como professor da Université Paris VII - Denis Diderot, dirigiu a Formation

1. Trabalho apresentado no *Painel 2 – Psicanálise, clínica e cultura* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

Doctorale de Psychopathologie Fondamentale-Psychanalyse-Biologie e fundou, em 1979, o Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse; depois, em 1993, o Centre du Vivant. Formou centenas de psicanalistas, dirigindo notadamente as teses de Maud Mannoni [https://fr.wikipedia.org/wiki/Maud\\_Mannoni](https://fr.wikipedia.org/wiki/Maud_Mannoni), Patrick Guyomard e Monique David-Ménard, Mário Eduardo Costa Pereira, Denise Fontes, entre outros. No Brasil, em fevereiro de 1995, fundou, junto com Manoel Tosta Berlinck, o Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Neste trecho de sua biografia publicada pela Federação Brasileira de Psicanálise, destacam-se aspectos de sua concepção sobre a formação e a transmissão da psicanálise:

Em necrológio para o jornal *Le Monde* de 6 de novembro de 2002, publicado por ocasião da morte de Fédida, a psicanalista Elisabeth Roudinesco relembra que, percorrendo a trilha de Daniel Lagache, Didier Anzieu e Jean Laplanche, Fédida considerava que o ensino da disciplina freudiana não deveria ser uma exclusividade das associações psicanalíticas. Precisaria, sim, confrontar-se com outros domínios do saber. Sua posição levou-o a inovar o ensino nos departamentos de psicologia clínica após tornar-se professor da Universidade de Paris VII, em 1979. Ali, estabeleceu um “verdadeiro diálogo, de um lado, com os freudianos de obediência lacaniana, e, de outro, com os outros universitários, permitindo, assim, que a universidade se tornasse um lugar de confrontação entre as diversas correntes freudianas e entre elas e as outras disciplinas (CARNEIRO, s.d, p. 1).

No entanto, Fédida não formou escola, e essa posição – de não se deixar apreender pelo formato de escola – é sustentada na sua formação com diferentes autores de diversas escolas e, principalmente, por sua experiência clínica.

Sua marcante preocupação com a atividade clínica e com as manifestações psicopatológicas conduziu-o à investigação da metapsicologia da técnica e à transmissão da psicanálise. Ministrou vários seminários com psiquiatras em formação e pesquisadores no Hospital da Salpêtrière e no contexto do Centro de Pesquisas em Psicanálise e Psicopatologia da Universidade de Paris VII, com temas como este: *Modelos teóricos da clínica e da técnica na prática psicoterápica*.

Fédida reverencia o rigor do pensamento metapsicológico freudiano ao precisar a interpretação dos sonhos como paradigma do trabalho analítico. A especificidade desse modelo determina a regra fundamental da técnica que visa ao estabelecimento das condições de engendramento da linguagem. Ele especifica que o discurso da metapsicologia é um discurso heurístico, de descoberta, de desvelamento e é desse modo que, na clínica psicanalítica, a escuta tem um sentido metaforizante tanto para o analista quanto para o paciente, ao escutar sua própria história. Então, no trabalho analítico, o pensamento metapsicológico opera no desvendamento do inconsciente, que encontra sua polissemia na linguagem poética.

### **Contratransferência**

Fédida sustenta sua concepção de contratransferência com base em Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Bion, Winnicott, Harold Searls e nos seus estudos sobre a psiquiatria fenomenológica, na sua formação como filósofo, psicólogo e psicanalista e em sua interlocução com arte, mas, principalmente, em sua experiência clínica, nas suas supervisões e nos seminários clínicos que fundamentam sua leitura da técnica psicanalítica.

Defendo a tese de que essa vasta e consistente formação lhe permitiu uma compreensão mais ampla e fecunda da contratransferência. Essa concepção refere-se à metapsicologia dos processos psíquicos do analista e não à pessoa do analista. No entanto, esclareço como próprio do seu estilo, que ele não

propõe uma teoria acabada, mas sim que as investigações sobre essa noção se ampliem, já que considera que por esse meio se pode compreender melhor a metapsicologia da técnica.

Em termos do pensamento freudiano, a contratransferência deve ser controlada pelo analista por meio da autoanálise e da análise pessoal. Todavia, à medida que Freud foi se apropriando da disciplina e da clínica psicanalítica, foi se dando conta da complexidade do psiquismo e do fenômeno da transferência. Então, até ao final de suas obras, como *Análise terminável e interminável* ([1937] 1989), *Construções em análise* ([1937] 1989) e *Esboço de psicanálise* ([1940/1938] 1989), revela sua inquietação com a estranheza da transferência.

Fédida examina com cuidado a famosa analogia entre o inconsciente e o receptor do telefone que Freud emprega metaforicamente em *Conselhos ao médico no decorrer do tratamento* ([1912] 1989), em que observa que o analista deve ser seu próprio inconsciente como órgão receptor ao inconsciente emissor do doente,

[...] comportando-se em relação ao analisado como receptor do telefone com respeito à platina (FÉDIDA, 1991, p. 206).

Assinala que, em nome da análise das resistências que são sempre reforçadas por uma personalização afetiva do papel do analista no tratamento, ao qual recomenda a frieza dos sentimentos, essa fórmula

[...] segue-se às considerações sobre a mobilidade exigida do analista, a necessária evitação de qualquer especulação ou ruminação e o cuidado de deixar de lado os afetos e a compaixão humana (FÉDIDA, 1991, p. 206)

Para Fédida (1991, p. 206),

[...] tal disposição garante certas condições de continuidade da análise e permite ao analista 'poupar sua vida afetiva'.

Dessa forma, ele considera que é promovido um ideal técnico de regulação baseado na exigência de um inconsciente do analista, cuja receptividade é função de sua análise pessoal. Acerca desse ideal ligado à axiologia técnica como condição de linguagem, Fédida observa que a situação analítica comporta em relação à linguagem um conjunto de disposições formais *a priori*, sem as quais ela não pode ser instaurada. Quer dizer, a condição de instauração da situação analítica está referida à condição de linguagem, e disso resulta que, na técnica analítica,

[...] o analista deve, portanto, permanecer impenetrável (*undurchsichtig*) e, 'como superfície de espelho, não mostrar nada além do que lhe foi mostrado' (FÉDIDA, 1991, p. 207).

A referência a esse axioma freudiano torna possível a especificação de que

[...] o que nos faz terapeutas é a existência da regra fundamental em nosso pensamento, assim como de tudo o que se passa entre nós e o paciente como desvios em relação a essa regra ideal (FÉDIDA, 1988, p. 31).

Desse modo, o enquadre está referido ao estabelecimento da regra fundamental da psicanálise, segundo a qual o paciente deve falar tudo o que lhe vier à cabeça, sem censura, orientado por um pensamento livre associativo, e o analista deve manter uma escuta movida por uma atenção flutuante à fala do paciente. Essa regra estabelece um compromisso do analista e do analisado com o enquadre no processo analítico.

Como diz Berlinck (2000, p. 260),

[...] a regra é fundamental porque funda, constitui, dá início ao tratamento e, por isso, precisa ser explicitamente declinada pelo psicanalista e formalmente aceita pelo analisado.

A regra fundamental não só funda como mantém a especificidade da situação psicanalítica.

Fédida realiza um rigoroso estudo da obra de Sándor Ferenczi, em especial sobre a concepção de contratransferência. Assim, no artigo *Modalidades da comunicação na transferência e momentos críticos da contratransferência* (1989), esse pesquisador retoma a conferência *Elasticidade da técnica psicanalítica*, pronunciada por Ferenczi em 1927, na Sociedade Húngara de Psicanálise. Ao examinar o referido artigo, chama-nos a atenção a expressão “metapsicologia da técnica”, a qual consideramos inovadora, pois

[...] incita o psicanalista a não deixar sua técnica tornar-se uma técnica psicológica da suposta comunicação interpessoal e impede a fácil satisfação com resultados favoráveis conseguidos no tratamento, desprezando a liquidação das formações do supereu que geralmente sustenta e mantém a transferência (FÉDIDA, 1989, p. 93).

Observa-se a sagacidade ferencziana ao correlacionar a metapsicologia da técnica à metapsicologia dos processos psíquicos do analista no tratamento, que exclui a possibilidade de conceber a metapsicologia como pura e simples pesquisa intelectual (de natureza filosófica ou psicológica) e impõe, em contrapartida, que os modelos provenientes da prática clínica sejam sempre virtualmente transformáveis no decorrer dos processos psíquicos do analista.

Com isso, Ferenczi mantém os pressupostos básicos do pensamento freudiano na aceção da metapsicologia que envolve a análise dos processos psíquicos sob os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico. É dessa perspectiva que esse autor concebe a elasticidade da técnica psicanalítica. A elasticidade é um assunto de tato, isto é, de sensibilidade constante e de vigilância quanto à situação analítica e de sua dinâmica.

A análise da dinâmica de cada sessão, de cada caso, a revisão das experiências vividas durante o próprio tratamento analítico fazem Ferenczi reconhecer o complicado trabalho do psicanalista, que exige a elaboração de uma higiene particular do analista.

Quer dizer, o

[...] próprio da contribuição deste autor é chamar a atenção para o aspecto da presença, do peso ontológico, se assim podemos dizer, da realidade ‘situacional’, da realidade da sessão (MEZAN, 1993, p. 26).

Ferenczi foi o primeiro a se engajar no projeto de formular uma teoria da contratransferência ao insistir na necessidade de voltar uma atenção clínica e crítica a tais processos, pois, no pensamento desse autor, há lugar para a dimensão psicopatológica do funcionamento do analista, no sentido de uma experiência que se constitui como conhecimento subjetivo pelo contato com as paixões humanas. É justamente ao lidar com as paixões que a normalidade se torna ideal fictício, e o psicopatológico é o ‘acontecimento crítico’ que irrompe na continuidade do curso dos processos psíquicos.

Indubitavelmente, é o psicopatológico que rege o que nos é analiticamente conhecível de nós mesmos e dos outros analistas. Nessas condições, é o que nos permite pensar metapsicologicamente a respeito dos processos psíquicos da atividade de analista, na medida em que caracteriza esses processos. Isso é ainda mais provável, já que cada paciente, no seu tratamento, faz vir à tona e reativa nossa psicopatologia pessoal.

No dizer de Fédida (1989, p. 119, grifo do autor),

[...] certamente não seria falso ousar pretender que os analistas são analistas e continuam sendo porque continuam a engajar com seus pacientes – transferencialmente – este ‘resto não resolvido’ de sua própria análise.

Joyce McDougall trata desse resto não resolvido na sua escrita sobre *A mulher analista e a mulher analisanda*, na qual estuda a dimensão da homossexualidade inconsciente na situação analítica. Apresenta um caso clínico que parece bem pertinente para ilustrar a relevância de se tomar em consideração os efeitos da contratransferência como dispositivo clínico. Na evolução do processo terapêutico de sua paciente Marie-Josée, a analista tem um sonho contratransferencial que foi precioso no desvendamento dos aspectos psicopatológicos. Diz ela:

[...] minha surdez contratransferencial, juntamente com minhas fantasias recalçadas tinham funcionado como uma tela opaca, impedindo que a 'luz' analítica iluminasse não somente a vida sexual adulta insatisfatória de Marie-Josée, mas também um elemento fantástico predominante de sua frigidez parcial: a saber seus desejos homossexuais não reconhecidos (MCDUGALL, 1997, p. 32).

Após a análise desse sonho, a analista se deu conta do quanto sua paciente – resto diurno – mobilizava esse resto não resolvido dos seus próprios desejos homossexuais, o qual emergiu livremente no sonho e possibilitou o desenrolar da análise de sua paciente.

É esse o lugar de ressonância em que consiste o dispositivo da contratransferência para a instauração e o engendramento da situação analítica, pois permite que o analista recupere sua condição como estranho/estrangeiro, cujo silêncio, em sua negatividade, favorece a escuta e oferece à fala uma recepção em sua máxima potência de constituir a linguagem como portadora do tempo e da memória do infantil.

O modelo do sonho, tão caro a Freud, orienta essa formulação teórica da técnica, cujo valor Fédida nunca deixa de sublinhar. O sonho, em sua estranheza e intimidade, é o guardião da memória adormecida. E McDougall nos traz essa memória que, adormecida, se deixa mobilizar pelos restos diurnos oriundos da análise de sua paciente.

Nesse sentido, a contratransferência, em sua função de recepção e transformação das transferências, permite ao analista ser o guardião do sítio em que se torna possível a construção da linguagem na análise.

É dessa perspectiva que o autor problematiza essa natureza da técnica, ao observar que ela não seria uma regra psicanalítica se não comportasse a capacidade de avaliação interna do resto não resolvido. Desse modo, ele faz uma leitura singular do resto não resolvido: em vez de considerar esse resto como “insuficientemente analisado” ou ainda de conceber esse resto “insuficientemente analisado” como marca de uma análise incompleta, esse resto não resolvido torna o inacabamento da análise constitutivo de uma prática técnica (FÉDIDA, 1991).

Nessa prática técnica, sublinha a relevância da posição do terceiro, o analista-supervisor, que representa a condição constitutiva de uma comunidade profissional dos analistas entre si sustentada na clínica psicopatológica.

No seu entender,

[...] não seria abusivo pretender que é dela que conviria esperar uma metapsicologia da técnica e uma metapsicologia dos processos psíquicos do analista na análise (FÉDIDA, 1989, p. 121).

Com base nesses estudos da situação analítica constitutiva do sítio do estrangeiro, Fédida critica os processos de intelectualização teórica do analista, bem como o movimento do empirismo da espontaneidade,

[...] que inevitavelmente leva o analista a fazer depender a eficácia de suas intervenções de investimento narcisista de sua própria pessoa (FÉDIDA, 1989, p. 100).

A pertinência dessa crítica advém desde a célebre obra *A interpretação de sonhos*, na qual Freud ([1900] 1989) especifica o rigor

da técnica para desvendamento dos processos inconscientes que implica da parte do analista o abandono das representações conscientes do paciente, para que emerja o conteúdo oculto, não familiar.

Por isso, Fédida adverte quanto à familiarização da fala, pois isso aumenta as representações conscientes do pensamento, reforça o império e o domínio do representável em detrimento do figurável e, por fim, diminui, na mesma medida, a esperança da linguagem em suposto benefício do imaginário eu, numa relação interpessoal.

Concebe que a responsabilidade do analista, com respeito à fala do paciente, concerne, portanto, à instauração pelo analista da 'situação analítica' em psicoterapia. É dessa responsabilidade que procede a uma resposta, que é dada pelo engajamento de responsabilidade implicado na instauração da situação analítica (FÉDIDA, 1989).

### Considerações finais

Fédida parte da teoria do sonho como paradigma da técnica analítica, especificada por Freud na regra fundamental como referência à máxima liberdade de expressão do paciente, sem nenhuma censura a tudo que lhe vem ao pensamento, de modo livre associativo. E ao analista cabe manter uma escuta flutuante, que exige certa mobilidade no seu modo de funcionamento psíquico promovida por sua análise pessoal. Com o estabelecimento dessa regra, delimita-se o enquadre analítico e torna-se possível a identificação do processo de transferência como operador da análise.

Além disso, o autor destaca a importância de retomar a proposta de Ferenczi na elaboração da 'metapsicologia da técnica', que envolve tanto os processos psíquicos do paciente quanto os do analista na clínica psicanalítica. É dessa perspectiva que a concepção de contratransferência de Fédida comporta 'as transferências', e sua investigação implica uma atividade metapsicológica que difere da pesquisa intelectual, pois seus modelos são transformáveis, regidos pelos modos de for-

mação do sonho e da transferência. Disso ressalta a importância da posição do analista-supervisor para maior elucidação da evolução do processo analítico.

Essa concepção teórica de contratransferência acentua a especificidade de uma técnica que, em lugar de se desenvolver pela aplicação de um saber teórico, transmite-se pela análise do analista, pela investigação e descoberta dos seus próprios processos psíquicos.

### Abstract

*The countertransference phenomenon problematization emerges in the psychoanalytical field in the 1910s and promotes a deepen on the specification of the analytical technique in order to avoid "deviations" to the fundamental rule. But it is from the 1940s that emerges a vast literature which emphasizes the countertransferential process effects in the analytical work, mainly for cases considered as difficult for Freudian technical rule. This paper's objective is to highlight Pierre's Fédida elaboration about countertransference. I defend the thesis that this author broadens the debate on the subject by resuming the Ferenczian proposal for metapsychology elaboration of the psychoanalytic technique, which involves both the patient's and the analyst's psychic processes, in other words, the analytical encounter in a singular situation moved by transference which in its core, brings a patient's regressive memory and a potential for resistance to this memories revelation, as well as involves the analyst's unresolved rest in their own analytical process. Thereby, the countertransferential manifestation is equivalent to a device inherent in the analytical situation, capable of resonance and continence to the patient's state of anguish and appropriate to the language in the treatment.*

**Keywords:** *Fundamental rule of the psychoanalytical technique, Metapsychology, Transference, Countertransference.*

## Referências

- BERLINCK, M. Reflexões sobre a regra fundamental. In: \_\_\_\_\_. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 259-269.
- CARNEIRO, C. A. *Biografias: Pierre Fédida*. Disponível em: <<https://www.febrapsi.org/publicacoes/biografias/pierre-fedida/>>. Acesso em: 20 out. 2019. Publicação da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI).
- DIAS, H. M. *Contratransferência: um dispositivo clínico psicanalítico*. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Laboratório de Psicopatologia Fundamental, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- FÉDIDA, P. A ressonância atonal. Sobre a condição de linguagem do analista. In: \_\_\_\_\_. *Nome, figura e linguagem*. A linguagem na situação analítica. São Paulo: Escuta, 1991.
- FÉDIDA, P. Amor e morte na transferência. In: \_\_\_\_\_. *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.
- FÉDIDA, P. Modalidades da comunicação na transferência e momentos críticos da contratransferência. In: FÉDIDA, P. (Org.) *Comunicação e representação*. São Paulo: Escuta, 1989.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: \_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 247-290. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- FREUD, S. A psicologia dos processos oníricos (1900). In: \_\_\_\_\_. *A interpretação de sonhos*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. Cap. VII, p. 543-664. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 5).
- FREUD, S. Construções em análise (1937). In: \_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 247-290. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- FREUD, S. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: \_\_\_\_\_. *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 247-290. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- MCDOULGALL, J. A mulher analista e a mulher analisanda. In: \_\_\_\_\_. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução de Pedro H. B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 19-34.
- MEZAN, R. Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. *Percurso: Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano 6, n. 10, p. 19-30, jan.-jun. 1993.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 28/11/201

### Sobre a autora

#### Helena Maria Melo Dias

Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre (2001) e doutora (2007) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-doutora (2014) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF). Sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

#### Endereço para correspondência

E-mail: <[hmelodias@uol.com.br](mailto:hmelodias@uol.com.br)>



# *A manifestação da sexualidade indígena em um conto erótico<sup>1</sup>*

*Manifestation of indigenous sexuality in an erotic tale*

Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa  
Paulo Roberto Ceccarelli

## **Resumo**

Este trabalho tem como proposta apresentar algumas considerações sobre a sexualidade presente na obra *Moqueca de maridos*, a partir do conto erótico *O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante*. Os mitos fazem parte de toda cultura e influenciam na formação do imaginário de cada sujeito. A sexualidade presente no conto também é componente significativo da constituição do eu. O conto fornece elementos da sexualidade indígena do Norte do Brasil, alvo de perseguição pelos ditos ‘civilizados’. Freud estabelece uma relação do mito de origem com a constituição do eu. Este trabalho reafirma a hipótese freudiana sobre a presença da sexualidade nos mitos constitutivos de cada sujeito.

**Palavras-chave:** Índia, Sexualidade, Recalque, Repressão, Cultura.

## **Introdução**

As sociedades se organizam à medida que um conjunto de sujeitos se reúnem, identificando traços concebidos a partir de um passado em comum. As narrativas presentes no Norte do Brasil desde o período pré-colonial revelam a força da mitologia indígena e sua influência no desenvolvimento e na consolidação do imaginário das sociedades. A chegada dos portugueses ao Brasil provocou profundas modificações na cultura. O ingresso das grandes navegações no território brasileiro interveio nas relações, nos costumes e nas práticas indígenas.

Aos poucos, o processo de aculturação foi tomando consistência e a vida dos autóctones locais foi sendo afetada pelas imposições dos colonizadores. Vale destacar que os po-

vos indígenas foram tratados como primitivos, agressivos e imorais.

Dentre os inúmeros exemplos que podemos citar que ocorreram no Brasil, há a ideia generalizada que se criou, em um primeiro momento, sobre os povos que os portugueses encontraram ao chegar aqui: selvagens, primitivos, sem moral, e, às vezes, canibais. Tais ‘pré-conceitos’ continuam a assombrar o nosso imaginário cultural (CECCARELLI, 2016, p. 710).

Na tentativa de manter o ideal europeu e se resguardar das influências dos povos indígenas, os portugueses recusaram os costumes e a cultura dos que viviam no território brasileiro. Ao desembarcar neste solo, im-

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

plementaram suas práticas, desprezando os hábitos e os costumes dos povos que aqui residiam. O olhar etnocêntrico colaborou para sobreposição de uma cultura sobre a outra, causando prejuízos aos povos indígenas.

Passaram-se anos, e não se pode contar a história de uma forma generalizada, sem perceber a subjetividade e as iminentes características que despontam do vasto território brasileiro. É inadmissível não reconhecer que cada sociedade é única e precisa ser investigada na íntegra.

### Sexualidade e cultura

Uma das narrativas eróticas presente no livro *Moqueca de maridos*, de Betty Mindlin<sup>2</sup> (1997) é *O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante*. A narrativa é rica de elementos significativos, constitutivos do eu e nos fornece traços do caráter organizador e repressor presente em uma cultura.

Em *O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante*, Betty Mindlin (1997) relata a história de uma menina que não gostava de seu marido, o “evitava sempre que possível”, olhava os rapazes da aldeia, e

[...] graciosa, andava leve como uma corça, sempre dançando, e não lhe faltavam candidatos para namorar (MIDLING, 1997, p. 29).<sup>3</sup>

A liberdade de evitar o marido, seu jeito, sua maneira e a forma como ela é cobiçada, demonstrando interesse em outros rapazes da aldeia, nos levam a pensar em uma sexuali-

dade inerente à índia, subjetiva, que como em toda sexualidade é única.

Certo dia, indo colher frutos na floresta, encontra ao acaso o guerreiro mais valente. Não precisou muito para que os dois se permitissem, rolando pelo chão.

Para fugir melhor das investidas do marido, a moça pendurava sua rede num canto da maloca, um pouco afastada dos demais, e adormecia encostada na parede de palha (p. 29).

[...]

Um dia, já quase deslizando no sono, ela sentiu mãos que a acariciavam. Começaram pelo rosto, de leve, os dedos desenhando com ternura seus olhos, nariz, boca, face, pescoço. Foram descendo sem pressa, demoraram-se nos seios e nos picos dos peitos. Ela se lembrou dos gestos do namorado nas escapadas raras demais e ficou caladinha, morta de medo que alguém os interrompesse. As mãos desceram sábias, não deixaram um cantinho sem tocar e se refestelaram na xoxota (p. 30).

A menina passou a ser visitada pelos braços enormes de um espírito chamado Txopokod. No início era tocada por mãos que desciam e refestelavam sua xoxota, os dedos puxavam o pinguelo, enfiavam ousados como se fosse uma lança masculina. A índia se deleitava na experiência prazerosa de ser tocada e acariciada em sua xoxota.

Ao pôr do sol esperava os moradores da aldeia buscar lenha ou tomar banho, para procurar um lugar fechado na mata, longe do olhar do outro, tentando escapar da vigilância da tribo e temendo ser pega com terra ou gravetos grudados pelo corpo.

A história conta que sua preocupação era ser pega em flagrante pelas crianças no momento de seu deleite. Seu maior desejo era receber o guerreiro amado na rede, sem ser vista na calada da noite e evitava qualquer suspeita sobre sua conduta. A procura por lugares fechados no meio da mata não passa despercebida. Demonstra seu interesse em não ser vista por ninguém

2. Antropóloga, com doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e economista, com mestrado pela Universidade de Cornell. É uma das fundadoras do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMÁ), uma instituição não governamental sem fins lucrativos, criada em 1987. É autora de *Tuparis e Tapupás* (Ed. Brasiliense/Edusp/IAMÁ) e *Vozes da origem, histórias sem escrita, narrativas dos índios Suruí de Rondônia* (Ática/IAMÁ), e trabalha há anos em projetos de pesquisa e apoio a inúmeros grupos indígenas. Em 2010 Betty Mindlin esteve em Belém (PA) onde participou do I Encontro Internacional de Psicopatologia Transcultural.

3. A partir deste ponto, será indicada apenas a página da citação quando se tratar do conto em estudo.

da aldeia nem ser interrompida no apogeu de sua satisfação.

Dia a dia, a moça foi percebendo que seu pinguelo vinha crescendo. Vivia repleta de satisfação erótica, mas aquele pedacinho tão pequeno, tão imperceptível aos outros mesmo na nudez da aldeia, começava a perturbá-la. Passada uma semana, já estava do tamanho do de um homem nos arroubos do amor. Morta de vergonha, ela se escondia de todos, não andava mais para canto nenhum (p. 30).

A índia passa a ser questionada pela mãe, por se esconder dos demais integrantes de sua família:

Por que você vive se escondendo, por que não vem mais conosco à roça, nem senta perto de nós e do seu marido? – estranhou a mãe (p. 30).

A mãe é a primeira pessoa da família a quem a índia resolve revelar seu segredo. Podemos supor pelos relatos que a menina se sentia constrangida porque sua xoxota arrastar-se no chão, por isso evitava estar na presença de familiares.

A mãe, ciente do que estava acontecendo com sua filha a quem se refere pelo adjetivo “ingênua”, afirma que não se tratava de um homem da aldeia, mas que a menina era visitada por um espírito ou fantasma, que atende pelo nome de “Txopokod” e vinha namorá-la usando as palhas.

A mãe se solidariza com a filha e

[...] convoca todos os parentes para darem cabo do Txopokod e o marido traído era o que mais estimulava os outros à vingança. A aldeia toda estava mobilizada a dar cabo do culpado. Hoje à noite saberemos arrancar os braços desse bicho imundo! (p. 31).

Os homens do povo passaram o dia preparando seus instrumentos de caça como se estivessem se preparando para uma batalha. Esperam a noite cair para espreitar a menina

em sua rede com o pinguelo pesado aguardando a visita do Txopokod.

Quando o Txopokod chegou, ela gritou para os homens, que “cortaram o braço”. “O Txopokod fugiu para o mato” (p. 31). O braço além de ser “[...] esquisito, é coberto de pulseiras de tucumã, de dentes, de plumas, enfeitado” (p. 31). O braço foi lançado em fogo alto, fervia e não se desfazia. O tempo passava, já era hora de amanhecer e a noite continuava e nenhum sinal do sol. “A manhã virara noite, a noite estava esticada como o pinguelo da moça [...]” (p. 31).

O fogo não podia se apagar, “[...] é no escuro que os Txopokods vêm para comer os homens” (p. 31). Todo mundo corria atrás de lenha para queimar. Assim uma noite se estendia por três dias. Tiveram que queimar o próprio alimento, milho e a mandioca para manter o fogo aceso. E a ordem do cacique foi clara: “Joguem fora o braço desse Fantasma!” (p. 32).

Eram muitos os Txopokods que rodeavam o terreiro, e como se estivessem preparando um banquete de extermínio de todo o povo.

Terminaram por desistir e jogar o braço no terreiro. O dono, o txopokod namorador, correu e grudou o braço outra vez no próprio corpo. Mais que depressa procurou um igarapé, porque seu braço estava queimando. Jogou-se na água. Dizem que por isso a água desse igarapé é quente, porque lá é que o braço fervente mergulhou [...] (p. 32).

O espírito do Txopokod nadou por vários rios e igarapés. O fogo do braço do Txopokod só se apagou perto da cachoeira Paulo Saldanha. “Por isso esse igarapé tem água fria” (p. 32).

Este conto de Mindlin (1997) nos faz pensar sobre as consequências de satisfação da menina do pinguelo gigante. É uma demonstração de que elementos como o recalque e experiências de satisfação contribuem para a moral sexual da tribo.

Cortaram o pinguelo da mulher e jogaram dentro d'água – virou poraquê, o peixe-elétrico. A cuia onde levaram o pinguelo virou caranguejo. O marido traído não a quis mais, teve medo. Quando ao namorado, não sabe se ainda a quis, tudo é segredo [...] Mas o Txopokod nunca mais voltou (p. 32).

Esse mito, que teve como narrador Iaxuí Miton Pedro Mutum Macurap, tradutor Alcides Macurap e narradores para língua portuguesa, Buraini Andere Macurap e Menkai-ká Juraci Macurap, fornece traços de uma sexualidade indígena. Ele nos coloca diante de uma máxima: os mitos, que fazem parte de todas as culturas, influenciam na formação e construção do imaginário de cada sujeito. Eles podem variar de uma cultura para outra, mas não deixam de transferir sentido à formação da cultura e do sujeito.

### Mitos e imaginário cultural

Para que um determinado relato mítico tenha valor de verdade ou de revelação, para que seja sagrado, ele deve ser atribuído às divindades supra-humanas e eternas, as únicas detentoras de uma autoridade inquestionável (CECCARELLI, 2007, p. 181-182).

Podemos, portanto, considerar que por trás de todo mito existe um “saber inquestionável” que se mantém como um totem.

A narrativa apresenta a história de uma menina, que vivencia sua sexualidade com naturalidade e liberdade. A menina era casada, mas, por algum motivo que não é apresentado na narrativa, rejeita o marido. O exemplo dessa recusa ao seu companheiro ocorre quando, para fugir das “investidas do marido”, pendura a rede num canto da maloca.

Além disso, descreve, uma menina que cortejava e era cortejada pelos rapazes que faziam parte da aldeia. “Vivia espiando os rapazes da aldeia”; “E não lhe faltava candidatos a namorar” (p. 29). Aqui temos uma

mulher livre que vivencia sua sexualidade plenamente.

Uma das considerações sobre a dinâmica da sexualidade na narrativa indígena é que o sujeito não procura a satisfação apenas em outro objeto. Ele pode concentrar em seu próprio corpo o destino da pulsão que deveria ser dirigida a outro corpo, outro objeto ou genital. A origem ou fonte de tal estimulação estaria relacionada à origem da vida e da sexualidade infantil. Assim, o sujeito pode passar pela infância, pela puberdade e permanecer em sua experiência de autossatisfação.

Ao chegar ao território brasileiro, os portugueses tiveram contato com povos autóctones, cujo código de conduta era baseado nos seus próprios relatos de origens. A repressão (*Unterdrückung*) da cultura portuguesa não era a mesma presente na cultura dos povos indígenas. Os preceitos, os princípios e as bases de origem não eram os mesmos: é exatamente esse contato que vai promover um estranhamento em relação à cultura do outro.

Podemos chegar a conhecer e trabalhar essas referências, mas nunca as incorporaremos de fato. Por isso, a perda dessas referências produz um choque identitário, cujas consequências podem ser devastadoras tanto para o sujeito quanto para a cultura. Trata-se do mesmo “choque” que ocorre, embora de forma mais branda, em todos os encontros significativos com outros sujeitos que questionam a solidez de nossa leitura de mundo; algo semelhante às resistências que vivenciamos quando lidamos com teorias que ameaçam nossas verdades (CECCARELLI, 2016, p. 709).

O contato dos portugueses com os povos indígenas que habitavam a Região Norte brasileira produziu um choque cultural. Ao desembarcar no Brasil, os portugueses trouxeram consigo a repressão característica da cultura portuguesa, a influência do imaginário judaico-cristão, além da ideia da sexualidade como pecado original, presente na moral agostiniana. O terreno estava pronto para

os julgamentos que se sucederam às práticas sexuais dos povos autóctones.

Aos poucos, os portugueses foram impondo sua própria repressão à sexualidade dos que aqui habitavam. A influência desse imaginário judaico-cristão no Norte do Brasil foi determinante para a consolidação da sexualidade regional. Em contato com a cultura do índio e do negro, os portugueses passaram a reprimir todo tipo de conduta que não refletisse a sua representação cultural.

Nossa hipótese é que o imaginário belenense é atravessado tanto pelo processo repressor português, quanto pela leitura dos mitos indígenas acerca da sexualidade e do imaginário das culturas africanas. Foi a partir desses traços que se estabeleceu a sexualidade belenense, na qual a cultura indígena, embora reprimida pelos portugueses, ainda mostra suas marcas.

Quanto ao corpo e à excitação sexual presentes na narrativa erótica, o sujeito não se excita unicamente pelo seu genital. Todo o corpo é tomado por terminações nervosas que favorecem a descarga sexual e a libido circula pelo corpo. Ao serem exploradas, algumas partes do corpo carregadas de excitação, estimulam a psique e promovem a satisfação. Essa excitação pode partir de uma zona específica do corpo, que posteriormente pode deixar de receber investimento, deixando de ser excitatória.

A escolha do objeto sexual está relacionada com as primeiras manifestações de satisfação da vida sexual do sujeito. A partir do narcisismo primário, os investimentos libidinais começam a traçar o caminho para a escolha do objeto, tendo como apoio o exercício de quem exerce a função de preservação da vida, se separando no decorrer do tempo, tornando-se mais tarde subjetiva (FREUD, [1914] 2010).

Com o conceito freudiano de ideal do Eu, encontramos a menção das primeiras identificações fundamentais do sujeito. Essas identificações estão ligadas ao narcisismo primário e secundário. Ainda de acordo com

Freud, é o ideal do eu que responde a tudo que se espera do homem.

É fácil demonstrar que o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem. Como substituto de um anseio pelo pai, ele contém o germe do qual todas as religiões envolveram. O autojulgamento que declara que o ego não alcança o seu ideal, produz o sentimento religioso de humildade a que o crente apela em seu anseio (FREUD, [1923], p. 51-52).

Dessa forma, as escolhas feitas por uma pessoa estão inteiramente interligadas com a suas primeiras experiências de satisfação, ou seja, a pessoa que representa esse objeto sexual é quem ocupa função materna. De acordo com Moreira, o supereu é não apenas um reflexo de nossas primeiras escolhas objetais, mas também uma reação a tais escolhas.

Ora, a grande questão colocada pelo feminismo à psicanálise freudiana é que Freud teria proposto que às mulheres restavam apenas duas saídas do conflito edípico: ser como a mãe, ou seja, identificar-se com ela e abandonar o pai como desejo de amor, passando a ter como ideal ter um filho, ou identificar-se com o pai e desenvolver-se no sentido da masculinidade (MOREIRA *et al.*, 2012, p. 24).

As mulheres passam por mudanças fisiológicas durante o seu desenvolvimento, ocasionadas pelas transformações ocorridas na puberdade, mudanças que dirigem a libido, promovendo a maturação de seus órgãos sexuais que antes estavam em estado latente e intensificando o seu narcisismo original. Para além do corpo orgânico, existe um ser social, que em muito inibe a mulher do exercício de sua satisfação, sujeitando-a a sua autossuficiência e a não necessidade de amar e ser amada.

Freud ([1921] 1996) reconhece que, assim como a fantasia individual, a fantasia social se reproduz. Certamente existe uma relação

que se estabelece entre o coletivo e o individual. Elementos globais, universais e singulares se articulam na cultura.

Gostaria de suscitar uma inquietação: teria a experiência de prazer cedido lugar a uma experiência de angústia no mito da menina do pinguelo gigante? “A menina chorava, chorava, chorava, com o pinguelo já arastando pelo chão” (p. 31).

De acordo com Freud ([1915] 2010), quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, tende a aumentar a distância dele:

Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância entre ele e o Eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo (FREUD, [1914] 2010, p. 76).

No parágrafo anterior, temos o esclarecimento sobre a relação entre o mito, a sexualidade e a moral presente na cultura. Se considerarmos que o recalque é um movimento presente em todas as culturas e sociedades, está posta a condição indispensável para a dinâmica pulsional do sujeito.

Já a repressão seria consequência dos sistemas de valores que sustentam o imaginário social, como esclarece Ceccarelli (2010, p. 31):

A hipótese que desenvolvo neste trabalho pode ser assim enunciada: ainda que o recalque (*Verdrängung*) da sexualidade seja o movimento universal que marca o modo de circulação pulsional própria do humano, sendo a condição primeira para a existência do estado de cultura, a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade que se seguirá geradora da moral sexual é tributária do sistema de valores que sustenta o imaginário social. As origens deste sistema devem ser procuradas nos mitos fundadores da cultura em questão.

Dessa forma, devemos considerar que toda cultura tem a sua moral sexual, isto é, regras, tabus e liberdades em relação às práticas sexuais. Elas refletem a tradição e a organização de determinado povo. E cada cultura, com suas leis e regras, vem ao longo do tempo regulando as formas de receber e promover a satisfação.

### Conclusão

A chegada dos portugueses no território brasileiro trouxe inúmeras consequências para a vida dos povos indígenas. Com o choque entre culturas, os portugueses trouxeram de Portugal seus valores morais, seus costumes e práticas, um modelo de sexualidade e repressão inerente a sua própria história de vida, o que se diferencia dos valores e da repressão dos povos indígenas que habitavam o Norte do Brasil.

Embora o contato entre diferentes culturas provoque mudanças significativas, o mito, o recalque, a repressão e a sexualidade estão presentes em ambas as culturas e são fundamentais para compreendermos a moral sexual de um povo.

**Abstract**

This paper aims to present some considerations about the sexuality present in the work “Stew de husbands”, considering the erotic tale “The lover txopokod and the girl of the giant penguin”. The myths are part of every culture and influence the formation of the imaginary of each subject. The sexuality present in the tale is also a significant component of the constitution of the self. The tale provides elements of the indigenous sexuality of northern Brazil, the target of persecution of the so-called “civilized”. Freud establishes a relation of the origin myth with the constitution of the self. This paper reaffirms the Freudian hypothesis that there are strong indications of sexuality with the myths of the origin of each subject.

**Keywords:** Indians, Sexuality, Repression (Unterdrückung), Repression (Verdrängung), Culture.

**Referências**

CECCARELLI, P. R. Contratransferência-cultural e método clínico. In: *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*: São Paulo, v. 19, n. 4, p. 707-719, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v19n4/1415-4714-rlpf-19-4-0707.pdf>> Acessado em 12 de set./2017.

CECCARELLI, P. R. Mito, sexualidade e repressão. *Ciência e Cultura*, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 64, 1, p. 31-35, 2012. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n1/13.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2017.

CECCARELLI, P. R.; SALES, A. C. T. C. A invenção da sexualidade. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 60, p. 15-24, set. 2010. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/texts/invencao-da-sexualidade.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2017. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

FREUD, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. O recalque (1915). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (1911-1915). Coordenação-geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 175-193. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. (1923). *O ego e o isso*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-54. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

MINDLIN, B. O amante txopokod e a menina do pinguelo gigante. In: \_\_\_\_\_. *Moqueca de maridos: mitos eróticos*. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1997. p. 29-32.

MOREIRA, A. C. G.; LEVY, E. S.; FRANCÊS, I. Se seu corpo ficasse marcado... As delicadezas do Eu corporal. In: VILHENA, J.; NOVAES, J. V. *Corpo para que te quero?: usos, abusos e desusos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012. p. 21-35.

**Recebido em:** 15/11/2019

**Aprovado em:** 12/12/2019

## **Sobre os autores**

### **Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa**

Psicólogo.

Psicanalista.

Licenciado em Ciências da Religião - UEPA, 2011.

Especialista em Docência do Ensino Superior

- UFPA, 2013.

Sócio do Círculo Psicanalítico do Pará

- CPPA, 2019.

Mestrando em Psicologia, PPGP, UFPA, 2019.

Belém (PA).

Pós-Graduando em Psicanálise

com Crianças e Adolescentes

pelo Instituto de Pós-Graduação-IPOG.

### **Paulo Roberto Ceccarelli**

Psicólogo.

Psicanalista.

Doutor em psicopatologia fundamental

e psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.

Pós-doutor pela Universidade de Paris 7.

Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade

(IMSEX <[www.imsex.com.br](http://www.imsex.com.br)>).

Diretor científico do Centro de Atenção à Saúde

Mental (CESAME <[www.cesamebh.com.br](http://www.cesamebh.com.br)>).

Membro da Société de Psychanalyse Freudienne -

Paris, França.

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em

psicopatologia fundamental.

Pesquisador do CNPq.

Professor Adjunto IV da PUC Minas.

Professor e orientador de pesquisas do mestrado

de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP,

da Faculdade de Medicina da Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG).

Professor e orientador de pesquisas na pós-

graduação em psicologia da Universidade Federal

do Pará (UFPA).

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais

(CPMG).

Sócio fundador do Círculo Psicanalítico

do Pará (CPPA).

## **Endereço para correspondência**

### **Kelvinn Modesto Carvalho Barbosa**

E-mail: <[psikelvinn@gmail.com](mailto:psikelvinn@gmail.com)>

### **Paulo Roberto Ceccarelli**

E-mail: <[paulorcbh@mac.com](mailto:paulorcbh@mac.com)>

Homepage: <[www.ceccarelli.psc.br](http://www.ceccarelli.psc.br)>

# A psicanálise e a dimensão política<sup>1</sup>

## Psychoanalysis and the political dimension

Luís Antônio Franckowiak Pokorski

### Resumo

Este artigo busca examinar a dimensão política constituinte do ser humano e como o poder se tece na dinâmica da clínica e da instituição psicanalítica em um processo de vitalização (como pulsão de vida) ou de desvitalização (como pulsão de morte). Analisa a dimensão do poder e da psicanálise para além da clínica e da instituição, bem como o seu papel na sociedade. Para tanto, está embasado, especialmente, nos estudos de Freud, Zimmerman (2001, 2004) e Roudinesco (2000). Ao se propor uma reflexão sobre as instâncias de poder envolvidas na clínica, evidencia-se a importância de ampliar o olhar para além do *setting* e das instituições que amparam e consolidam o fazer psicanalítico. A percepção do analista em relação ao poder deve considerar também seu aspecto social, de intervenção na sociedade.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Clínica, Instituição, Política, Sociedade.

### Introdução

Maffesoli (2011, p. 13) afirma:

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve. Trata-se, na realidade, indo ao encontro da etimologia, *invenire*, de fazer vir à luz do dia o que já existe, vivido amplamente na experiência cotidiana, embora os hábitos de pensar impeçam-nos de vê-los.

Tudo o que é humano pode ser abordado por um olhar psicanalítico. Nosso fazer(-se) profissional (de professor) é sempre, de alguma forma, expressão do que somos, imprimindo nossa marca e estilo de ser psicanalista. Assim, entre tantas facetas da realidade, a dimensão do poder sempre esteve presente. Desse modo, autorizamos-nos ao escrito neste trabalho que partilhamos com o leitor, neste fazer psicanalítico.

Freud ([1925] 1996), no prólogo de um tratado de pedagogia de um amigo educador, indicava os três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar. Como aponta Goldenberg (2006), Freud nunca fez da política objeto de reflexão filosófica ou científica, nem um tema para a psicanálise, por se interessar mais pelo viés prático do que pelo teórico. E o “impossível” da tarefa política, como educar ou analisar, anuncia não uma impotência, mas as condições de sua possibilidade, seu núcleo utópico.

Neste trabalho, os termos “poder” e “política” serão tratados como sinônimos, uma vez que a ideia de política tende a se confundir com a ideia de poder. São termos e realidades que se entrelaçam, confluem, aproximam-se. São expressões do ser humano e da relação entre os seres humanos em que o aspecto determinante é a capacidade de agir ou

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

influenciar a ação do outro, e não algo ligado apenas à organização do Estado. Em todas as situações da vida, manifestam-se relações de poder, que estruturam, organizam, cimentam uma ordem humana, que é social. Para além das relações de poder institucionalizadas, segundo Lebrun (1981), a ordem social também é sustentada pelos costumes, pelas leis, pelas paixões coletivas, pelas crenças.

Em um primeiro momento, propomos a examinar a dimensão política constituinte do ser humano, compreendendo que, herdeiros de um horizonte positivista, muitas vezes corremos o risco de focar mais um aspecto do fenômeno, da realidade, aqui, compreendida como o ser em geral. Temos uma compreensão do conhecimento como processual, instituinte, em construção. Procuramos conceber a realidade como uma dimensão de complexidades. Partimos de uma concepção dinâmica da realidade, em que suas partes, suas parcialidades, interagem, entrecruzam-se em seus múltiplos aspectos.

Em um segundo momento, refletimos sobre como o poder se tece na dinâmica da clínica e da instituição psicanalítica e como se tece nas manifestações de relação vincular, de inveja, narcisismos, nos vínculos de empoderamento, entre outros, em um processo de vitalização (como pulsão de vida) ou de desvitalização (como pulsão de morte).

Por fim, analisamos a dimensão do poder e da psicanálise para além da clínica e da instituição e o seu papel na sociedade. O tema e a realidade da política estão presentes como dimensão humana e, aqui, procuramos refletir sobre ela e seus possíveis entrelaçamentos com a psicanálise.

A realidade humana é biopulsional, estética, subjetiva, cósmica, psíquica, moral, social, econômica, política, cultural. Focar o olhar sobre um aspecto da realidade não a empobrece, na medida em que se procura contextualizá-lo, costurá-lo ao tecido de sua integralidade, totalidade, dialeticidade.

Em outros termos, é do que trata Maffesoli (2011, p. 18), abordando a transfigura-

ção do político e da tribalização do mundo, quando afirma que

[...] deveremos compreender que, em determinados momentos, em todos os domínios, político, intelectual, religioso, cotidiano, a potência do instituinte sacode, sem dificuldade, todos os poderes estabelecidos.

### Uma compreensão da dimensão política

O termo “política” vem do grego *politeía*, derivado de *polis*, “cidade-Estado”, referindo-se à atividade humana ligada à cidade, ao Estado, à administração pública e aos cidadãos. Cotrim e Fernandes (2016, p. 345) abordam o tema da política na obra *Poder e sociedade*, de Harold Dwight e Abraham Kaplan. Nela, o conceito é visto como “processo de formação, distribuição e exercício do poder”.

Assim, compreendemos a política como a ciência do poder, e a política em si é a dimensão do poder, fenômeno social presente na relação entre os seres humanos e onde se dá a capacidade de influir na ação e no modo de vida do outro.

Hannah Arendt (1989) destaca que não existimos isolados, politicamente, mas coexistimos agindo sempre em conjunto. Bobbio (2000), caracterizando as formas de poder econômico, ideológico e político, destaca que, em seu conjunto, elas contribuem para instituir e manter sociedades desiguais, sendo que o último (político) subordina os demais.

Segundo Guareschi (2012, p. 90):

O poder é outra realidade que, semelhante à comunicação e à ideologia, pode ser percebida como onipresente nos grupos, nas comunidades, em qualquer sociedade. Ela perpassa todos os departamentos do cotidiano, está presente, na maioria das vezes sem ser percebida, em todos os meandros da vida social.

O autor aborda, em um primeiro aspecto, o poder como recurso, qualidade, no sentido de se poder fazer, produzir, algo que se apro-

xima da vontade de potência nietzscheana. Todos temos poderes, potências, possibilidades. Também toma o poder como relação, colocando aí a dimensão do outro: para ser, de algum modo, precisamos do outro.

Ou seja, a essência de um grupo, da sociedade, são as relações. Esses relacionamentos “podem ser relações de cooperação igualitária, amor gratuito, solidariedade companheira” (GUARESCHI, 2012, p. 91).

Maffesoli (2011) refere que a política está entre as categorias que perduram em todas as épocas, citando Simmel, que a aborda como uma configuração anterior ao indivíduo, uma instância necessária à vida, dando sentido e especificidade, determinando a vida social, limitando-a, constringendo-a e permitindo a sua existência.

Além disso, trata da força imaginal do social, do político, uma força que o funda, garante e legitima ao longo da história humana como uma ideia fundadora, uma *libido dominandi*. O político começa com o encontro com o outro, que me nega, e devo me compor com essa negação. O político é a gestão e a solução dos conflitos, os quais são, preferencialmente, atravessados pelo afeto. A paixão desempenha um papel fundamental na vida social. Ela está na origem de toda a vida social, seu lençol freático. Sua gestão é a arte suprema de toda boa política.

### **A dimensão da política no contexto da clínica**

A clínica se constitui horizonte primordial da psicanálise. Zimerman (2001) desenvolve a dimensão do desejo do poder, aponta como esse termo é bastante usado em textos psicanalíticos, sempre como um traço inerente à condição humana. Salienta também seu aspecto excessivo como uma forma psicopatológica.

No tratamento analítico, temos o cuidado com o *setting*, o enquadre que, dinamicamente, “normatiza” e cria condições possibilitadoras ao processo psicanalítico, ao tratamento. Permite-nos, conforme Zimer-

man (2001), a preservação daquilo que foi acordado nessa relação vincular, garantindo o estabelecimento de um aporte à realidade exterior, com suas frustrações e privações; o predomínio do princípio da realidade sobre o princípio do prazer; uma delimitação entre o eu e os outros, desfazendo a especularidade e a gemelaridade típicas nas transferências narcisistas; em casos de pacientes mais regredidos, diferenciar, separar e individualizar, apontando limites, limitações que desfazem a ilusão da simetria funcional imaginada pelo paciente com o analista.

Tudo isso funciona como um fator terapêutico psicanalítico, criando um espaço transferencial, onde as partes adultas do paciente podem ajudar no trabalho de superação das partes infantis do paciente.

Sendo o poder uma *afirmação do poder*, no espaço de tratamento analítico, ele procura se firmar e se reafirmar em todos os momentos do tratamento e do espaço terapêutico. Nas queixas do paciente com autoestima baixa, uma desnarcização coloca o paciente em flerte com as pulsões destrutivas, de morte, em certo processo e vivência de um empoderamento de si mesmo. Outros pacientes se empoderam em suas manifestações narcisistas, protegendo-se de suas fragilidades.

Pacientes controladores tiranizam os relacionamentos, procurando sufocar suas angústias de separação, em uma vincularidade adesiva ou de empoderamento. Vazios e pauperizações internas são fetichizadas pela busca obsessiva de beleza e prestígio.

### **A dimensão política na instituição psicanalítica**

Parece-nos salutar pensar na dimensão do poder na dinâmica existencial da instituição psicanalítica. De certo modo, estamos filiados a alguma instituição psicanalítica e a muitas outras instituições integrantes de nossa vida. Nosso ser analista, forjado e atravessado pelo desejo, sustentado pelas vivências da análise pessoal, seminários teóricos, supervisão e outras instâncias, está relacionado, de algu-

ma forma, à instituição. Esta se constitui de pessoas que constroem sua identidade e um espaço peculiar de pertencimento. E ali onde está o humano, o vincular, a instituição, está a dimensão do poder, do político, tecendo e entretecendo as relações, a palavra que pode se fazer diálogo, as diretrizes, os planejamentos, o regimental, e assim por diante.

A instituição, desejosa de vivenciar um processo de vitalização, como pulsão de vida, precisa estar em um contínuo processo de autoanálise, atenta no sentido de perceber se suas relações de empoderamento promovem vida, crescimento, coesão ou não. Se, no *setting*, na atenção flutuante, ficamos atentos ao que nos fala o inconsciente do paciente e o nosso, é salutar um cuidado com a escuta desse inconsciente institucional.

Na instituição, a dimensão do político pode se dar em um processo desvitalizante. Zimerman (2004, p. 455-456) afirma que:

[...] o exercício do poder na instituição manifesta-se tanto por evidências diretas (nos casos exagerados: um flagrante jogo de sedução, conchavos, ataques sutis, calúnias dissimuladas, intrigas, boatos...) quanto indiretas. Neste segundo caso, os sinais de exercício e de disputa pelo poder aparecem disfarçados, seja sob a forma de uma sólida e bem costurada racionalização, seja um deslocamento para causas ideológicas, que é feito com um toque de sutileza, a idealização de uma certa corrente psicanalítica, fanatismo nas crenças, paixões fundamentalistas, uma catequese retórica e, principalmente, um rodízio de poder entre as mesmas pessoas, por meio de eleições democráticas e legais.

Considerando a dimensão do poder na instituição psicanalítica, pensamos ser importante, na perspectiva vitalizante, segundo Sigal, Conte e Assad (2019), salientar as atividades do *Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras*, composto por aproximadamente 18 instituições, que, desde 2000, caracteriza-se por ser um espa-

ço gerado para a discussão e a defesa da psicanálise de tentativas de regulamentação no Congresso Nacional. A *Articulação* defende que a experiência da psicanálise não pode ser regulada, já que surge de uma ética e tem a transmissão sustentada por um tripé indissolúvel: a análise pessoal, a prática supervisionada e o estudo teórico.

Concebendo o processo psicanalítico como essencialmente dialético, Fachini (2001) aborda o poder e a transgressão na psicanálise desde Freud, passando por Klein, Ferenczi, Winnicott, Bion e Lacan. Situa a psicanálise como a segunda maior transgressão da humanidade. Critica a psicanálise instituída, salientando a utopia da invenção desejante da psicanálise, que, em seu núcleo, é alteridade, esvaziada em um contexto de perda da função paterna, onde tudo é possível, o que gera desamparo e desorientação.

Saleme (2008) aborda a normopatia na formação do analista, condição que perpassa a comunidade analítica, perdendo-se aí uma potência criativa por não suportar a diferença e a diversidade. Inspirada em Joyce McDougall, aponta para o excesso de normalidade. A autora defende a possibilidade de transgressão em um sentido de criar, vinculada a uma ética, abrindo caminhos a novas verdades, à potência de resistência, desenvolvendo a vivacidade da comunidade psicanalítica.

Em seu livro *Por que a psicanálise?* Roudinesco (2000) apresenta um capítulo no qual faz críticas às instituições psicanalíticas. Afirma que a psicanálise, desde seus primórdios, pretendeu se tornar um grande movimento de libertação, aplacando os sofrimentos humanos a partir da exploração do inconsciente. Ela passou por um processo de normatização, devido à profissionalização do analista e à mundialização do freudismo. A autora ressalta ainda um enfraquecimento em todos os grupos psicanalíticos franceses, onde nenhuma sociedade detém o monopólio da boa clínica:

Todas foram enfraquecidas pelas cisões, pelos conflitos e pela esclerose institucional, e todas perderam prestígio a tal ponto que inúmeros terapeutas já não procuram aderir a elas, ou, ao contrário, não hesitam em ser membros de duas (ou três) instituições ao mesmo tempo (ROUDINESCO, 2000, p. 159).

### **A dimensão política para além da instituição**

Zimerman (2001) aborda a psicanálise aplicada, indicando que, inicialmente, na *Sociedade Psicológica das Quartas-feiras*, os seguidores de Freud, principalmente Rank, traziam temas apaixonados, versavam sobre a aplicação da psicanálise na literatura, nas artes, na mitologia, na religião, na história, apontando certa ambiguidade de Freud sobre tal enfoque.

Roudinesco (2000) destaca que, ao cultivar mais a norma e não a originalidade, a globalização e não o internacionalismo, ao centrar-se nos notáveis, a psicanálise desertou do debate político e intelectual.

Julgando-se intocável, não mais se preocupou – a despeito da coragem individual de inúmeros de seus praticantes anônimos – com a realidade social, com a miséria, o desemprego, os abusos sexuais e as novas reivindicações provenientes das transformações da família patriarcal: sobretudo as dos homossexuais, a quem, como sublinhei, ela continua a recusar o direito de se tornarem psicanalistas. Em suma, ela se desinteressou do mundo real para se voltar para suas fantasias de onipotência (ROUDINESCO, 2000, p. 152).

Registramos a experiência da *Psicanálise na Praça*, um coletivo de psicanalistas de Porto Alegre, que, inspirados por experiências já existentes em outros estados brasileiros, propõe, de forma independente, um trabalho de escuta analítica no espaço público da cidade, levando a escuta psicanalítica para as ruas, a fim de possibilitar um maior alcance da psicanálise a todos os que com ela desejam se

encontrar. Cremos ser importante um olhar para essa experiência do fazer psicanalítico, onde algo se potencializa.

### **Considerações finais**

A dimensão política do poder nos é constituinte. Cabe a cada um pensar como tece e vivencia em si essa dimensão em nível pessoal, com as suas ressonâncias em sua subjetivação e como ela se manifesta em sua realidade vincular, no horizonte intersubjetivo, onde se ampliam as vivências do poder. Concebemos o poder como *Eros*, libido vitalizadora, onde há uma manifestação de vida, de crescimento saudável. Em sua contrapartida, temos o poder como energia, manifestação humana patologizante, mortífera, negando uma oxigenação da subjetividade, esvaindo-se numa libido de morte.

Pensar nessa dinâmica política do humano é pensar um aspecto que é parte de nosso ser. Psicanaliticamente, também somos tecidos pela dinâmica do poder em sua dinâmica histórica, na experiência da análise pessoal, na instituição psicanalítica em que buscamos uma pertença, alargando-se para o horizonte de todo o social.

O objetivo deste artigo é justamente propor uma reflexão sobre o tema. Desenvolvê-lo e dividi-lo com mais pessoas já nos coloca em uma dimensão de vida, de efetivação pulsante de um poder constituinte e instituinte.

### Abstract

This article seeks to examine the political dimension that constitutes the human being and how power weaves in the dynamics of the clinic and the psychoanalytical institution in a process of vitalization (as life drive) or devitalization (as death drive). It analyzes the dimension of power and Psychoanalysis beyond the clinic and the institution, as well as their role in society. Therefore, it is based, especially, on the studies of Freud, Zimmerman (2001, 2004) and Roudinesco (2000). By proposing a reflection on the instances of power involved in the clinic, it becomes evident the importance of broadening the look beyond the setting and the institutions that support and consolidate psychoanalytic practice. The analyst's perception of power must also consider its social aspect, of intervention in society.

**Keywords:** Psychoanalysis, Clinic, Institution, Politics, Society.

### Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- BOBBIO, N. et al. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 2000.
- COTRIM, G.; FERNANDES, M. *Fundamentos de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.
- FACHINI, N. *Psicanálise: o crepúsculo dos deuses e a transgressão de Prometeu*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- GOLDENBERG, R. D. *Política e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GUARESCHI, P. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- LEBRUN, G. *O que é o poder?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MAFFESOLI, M. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SALEME, M. H. *A normopatía na formação do analista*. São Paulo: Escuta, 2008.
- SIGAL, A. M.; CONTE, B.; ASSAD, S. (Orgs.). *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2019.
- ZIMMERMAN, D. E. *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ZIMMERMAN, D. E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

**Recebido em:** 08/11/2019

**Aprovado em:** 27/12/2019

### **Sobre o autor**

#### **Luís Antônio Franckowiak Pokorski**

Psicanalista pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).  
Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição.  
Especialista em Administração Educacional pela Faculdade Porto-Alegrense, Sociologia pela PUC-RS e Pedagogia Inaciana, pela PUC-RJ.  
Doutorando em Psicologia Social pela Universidad Argentina John F. Kennedy (UFK).  
Autor de artigos sobre psicanálise e do livro de poesia *E-ternidades*.

#### **Endereço para correspondência**

E-mail: <pokorski17@yahoo.com>



# *A narrativa como intervenção na clínica com autista<sup>1</sup>*

*Narrative as intervention in the clinic with an autist*

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

## **Resumo**

Este artigo apresenta um estudo de caso clínico de uma criança que chegou ao nosso consultório com o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA). Além da descrição de algumas intervenções com o menino e sua família, destaca-se a importância da narrativa para a subjetivação. A proposta deste trabalho é analisar a escuta da família, que visou fazê-la perceber mais as potencialidades do filho e não apenas o diagnóstico fechado, em se tratando de uma criança em formação. A partir desse contexto, pretende-se examinar a constituição do sujeito e investigar as estruturas descritas por Freud, os respectivos mecanismos de defesas e o autismo. A finalidade é apresentar uma síntese do autismo na psicanálise, os três tempos pulsionais constituintes do bebê descritos por Laznik e o trabalho coordenado por Kupfer e sua equipe da USP, que instituíram os parâmetros dos indicadores de risco de desenvolvimento infantil (IRDI).

**Palavras-chave:** TEA, Constituição do sujeito, Narrativa, Família.

*É uma alegria estar escondido,  
mas um desastre não ser achado.*  
(WINNICOTT)

## **Introdução**

O artigo objetiva analisar a escuta da família de um caso clínico, cujo filho fora diagnosticado com autismo, do tipo síndrome de Asperger. Inicialmente, é importante esclarecer que a escrita de um caso clínico tem a intenção de se constituir como uma troca e ampliar as possibilidades de intervenção. Cientes de que, para descrever fragmentos de um caso clínico, necessitamos contar com

a anuência da família, através de uma autorização assinada, isso foi providenciado assim que a família anunciou mudança de residência para outro estado brasileiro.

Além do caso de um menino de 11 anos de idade, consideramos relevante analisar as possíveis alterações na subjetivação, a partir de situações histórico-culturais e tecnológicas. O artigo apresenta fundamentos sobre a constituição do sujeito, examina o conceito

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

de transtorno do espectro autista (TEA) e descreve os principais mecanismos de defesa de cada estrutura psíquica, levando em consideração o questionamento sobre a possibilidade de o autismo ser entendido ou não como uma estrutura. Desse modo, faz-se referência a alguns analistas que atenderam autistas antes das contribuições de Laznik e de Kupfer no tratamento de crianças com essa condição.

Por último, são descritas algumas intervenções realizadas com o menino. Nesse processo, destaca-se a importância da narrativa e da escuta periódica da família.

### O processo de subjetivação

Antes de seguirmos com a exposição do caso, cabe revisitar alguns fundamentos capazes de auxiliar no melhor entendimento do que é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA), denominação dada pelo DSM-5 (APA, 2013). Enfatizam-se as contribuições da psicanálise no que se refere ao processo de subjetivação. Para a psicanálise, o autismo é o primeiro e mais arcaico dos níveis de organização psíquica, ou seja, o autismo refere-se a alguma falha no início da vida do bebê.

Bleuler, em 1911, foi quem utilizou pela primeira vez o termo “autismo”, referindo-se ao autoerotismo, mencionado por Freud (1905). Freud definiu autoerotismo como o esboço de um amor por si mesmo, da sensação de prazer no próprio corpo. Além das contribuições mais recentes para a psicanálise do estudo de casos clínicos de Laznik (2004) e Kupfer (2010), podemos citar escritos de Bettelheim, Mahler, Meltzer, Tustin, Dolto, Winnicott, Alvarez, inclusive o caso Dick, de Melanie Klein, atendido na década de 1930 e descrito por Lacan ([1954] 1986) como um caso de autismo.

Segundo López (2001), a síndrome de Asperger é um dos tipos de autismo, nome designado por Hans Asperger (1944) um ano após a definição de Kanner (1943) de autismo, quando o diferenciou de psicose infantil.

Para López (2001, p. 20),

[...] o termo ‘síndrome de Asperger’ tende a ser reservado às raras crianças autistas quase normais, inteligentes e altamente verbais.

Muitos casais na atualidade ficam preocupados com a possibilidade de o bebê receber um diagnóstico de autismo, uma vez que sua incidência tem aumentado, conforme apresentam Kupfer, Bernardino, Mariotto e Talois (2016). Na década de 1990, havia 1 caso em cada 4 mil crianças. Em 2012, 1 caso em cada 88.

Qual a diferença na constituição psíquica do sujeito de hoje em relação aos tempos de Freud? Lebrun (2008) anuncia que há uma nova economia psíquica se organizando no ser humano e, a partir dela, surgem novas psicopatologias. Assim, a clínica psicanalítica não tem mais como centro apenas a pedra angular do recalque, e sim a renegação ou o desmentido, ou seja, defesas de um funcionamento psíquico mais primitivo.

Bauman (2004) nos alerta sobre as relações humanas serem mais líquidas, fluidas, portanto são tecidas e desmanchadas com mais facilidade.

Assim, para Bernardino (2016, p. 414), o sujeito

[...] cobra do mundo que a satisfação que busca lhe seja dada, estando na posição de cobrar seus direitos perante a sociedade, mas muito pouco disposto a cumprir seus deveres.

Lacan ([1949] 1998) descreve a formação da personalidade a partir de um tripé: o desenvolvimento, a concepção de si mesmo e a tensão nas relações sociais.

E apresenta o estádio do espelho com três momentos:

- o bebê não se reconhece, a mãe representa o espelho da criança e vai contribuir para que a criança se dê conta disso;
- o bebê vê a diferença entre si e a mãe, e fica alienado do outro;
- é o momento da entrada do pai para separar (castrar) a relação mãe-bebê. O pai é o portador da Lei, do simbólico.

Cabe uma observação de Garcia-Roza (2002), quando destaca que não devemos considerar o estágio do espelho o momento da constituição do sujeito. Essa etapa é ainda dominada pelo imaginário, e o que aí se produz é apenas um ego especular. Somente a partir da passagem do imaginário ao simbólico é que será produzido o sujeito, ou seja, por meio da linguagem.

Alguns autores, entre eles Laznik, afirmam que o autismo é anterior ao estágio do espelho, que há ausência de laço com o Outro – fora do discurso e da linguagem, uma ausência de subjetivação, portanto. A ausência do olhar atesta a não constituição do laço. Para Laznik (2004), um diagnóstico precisa observar três sinais, uma vez que há um fracasso nesses três tempos.

No autista, há falhas nessa *organização do olhar, da voz e do terceiro tempo pulsional*, que é de o bebê se oferecer ao Outro primordial. Nesses três tempos, são fundamentais o olhar e a voz (manhês) nas trocas entre mãe e bebê.

Minerbo (2016), ao examinar o que pode afetar o psiquismo do bebê, deixando marcas ou falhas na estruturação psíquica, faz uma analogia com o processo de preparar um pão. Para virar alimento, o pão necessita de um processo de preparação desde a espiga do trigo. O psiquismo do bebê não pode trabalhar com matéria-prima em estado bruto.

É preciso transformar os traços mnésicos da experiência, as espigas, em farinha, que corresponde às representações-coisa. É a simbolização primária (MINERBO, 2016, p. 82).

A autora acrescenta:

A representação-coisa já é psíquica. Mas, para ser inscrita no aparelho de linguagem, a representação-coisa precisa se ligar a uma representação-palavra. É a simbolização secundária (MINERBO, 2016, p. 83).

Nos casos de autismo, podemos inferir que os processos de simbolização primária e secundária estão afetados.

A partir do referencial freudiano sobre as três estruturas e suas defesas, entendemos que, na neurose, o principal mecanismo de defesa é o recalque; na psicose, é o repúdio ou a forclusão; na perversão, é a recusa, uma vez que o gozo é o que importa. No autismo, para Laznik (2011), o mecanismo de defesa é a elisão do primeiro registro de inscrição, ou seja, dos sinais perceptivos, com um fechamento autístico. Jerusalinsky (2012) defende que o autismo é uma quarta estrutura – a da exclusão pela ausência de sujeito.

Kupfer coordenou um trabalho significativo sobre os indicadores de risco de desenvolvimento infantil (IRDI), tendo como base uma pesquisa realizada no período de 2000 a 2008, em vários estados do Brasil, objetivando

[...] detectar já no primeiro ano de vida a interrupção do laço da criança com a figura materna (KUPFER, 2010, p. 15).

Um dos propósitos era possibilitar, durante o tratamento, que a criança ou o adolescente pudesse se constituir como sujeito. Os 31 indicadores IRDI foram resumidos em quatro eixos teóricos, previstos para acompanhar crianças de zero a 18 meses:

(a) suposição de sujeito; (b) estabelecimento da demanda; (c) alternância entre presença e ausência; d) função paterna (KUPFER, 2010, p. 15).

Após revisitarmos alguns fundamentos sobre os significados do autismo nos séculos XX e XXI, voltamos a especificar alguns fragmentos de nosso estudo de caso. Trata-se de um menino de 11 anos de idade, o sexto de sete filhos, diagnosticado com TEA aos 5 anos de idade. A avaliação foi realizada com um neurologista, que o encaminhou à especialista em psiquiatria e esta especificou tratar-se de síndrome de Asperger.

Aqui vamos chamá-lo de Dudu. O menino frequentava, em 2018, o 5º ano de uma escola pública de Porto Alegre (RS). Os pais são profissionais liberais com ensino superior completo. Ao escutar a família de Dudu nos primeiros atendimentos, percebeu-se que havia algumas dúvidas sobre o diagnóstico e sobre o significado da síndrome de Asperger. Por parte da escola, faltava um programa de conteúdo adaptado.

Os atendimentos com Dudu foram semanais, intercalados com atendimentos aos pais, sempre que a necessidade era percebida ou solicitada. Parte de cada sessão ficava reservada para que Dudu brincasse, assim podendo expressar a essência de si mesmo. Percebeu-se que utilizava muito a imaginação, a criatividade, demonstrando boa memória, capacidade de representar ou dramatizar situações vividas, verbalizando-as com bastante espontaneidade. Sua capacidade de vínculo evoluiu de modo significativo. Infelizmente, após seis meses, o tratamento foi interrompido por causa da mudança de residência da família.

### **A importância da narrativa para a subjetivação**

Pensar intervenções para quem apresenta algum autismo é sempre delicado, uma vez que o psiquismo dessa criança pode mostrar algumas falhas em sua constituição, especialmente no que diz respeito à relação com o outro. Cognitivamente, alguns autistas podem operar sem apresentar grandes dificuldades.

Laznik (2016, p. 44), a partir da clínica com crianças autistas, ao examinar a trança do nó borromeu do Real, do Imaginário e do Simbólico, constatou que elas

[...] têm falha no campo Imaginário. Não somente o corpo não se mantém com as outras instâncias, mas geralmente elas apresentam dificuldades de imaginar histórias. Mesmo autistas de alto nível apresentam essa dificuldade.

Independentemente da estrutura psíquica da criança, consideramos a narrativa uma das ferramentas mais promissoras de intervenção. Ela é capaz de adubar aquele psiquismo escasso de sementes, arbustos ou ervas em um solo ainda empobrecido, oferecendo-lhe um mundo com novas possibilidades, sugerindo ideias e imagens até então não vislumbradas.

É narrando que a vida se transmite e permanece, seja nos escritos, seja na construção oral. [...] Não sabemos se a morte é o fim da história, mas a falta de história significa a morte psíquica. Mortos-vivos são aqueles que não podem contar. Porque não puderam contar para eles (GUTFREIND, 2010, p. 28-29)

Tendo isso como parâmetro, vamos comentar algumas intervenções de nosso caso clínico. Dudu ocupava-se, em alguns momentos da sessão, com massa de modelar e; repetidas vezes; construía uma mãe com um minúsculo bebê no colo, realizando as miniaturas com cuidado e com todos os detalhes possíveis. Em uma das brincadeiras na casinha, Dudu verbalizou o diálogo de dois personagens:

- Você é importante por aquilo que cativa!
- O personagem pergunta:
- O que significa cativar?
- O outro responde:
- Cativar é criar laços!

Muitos, ao escutar essa fala, provavelmente associariam o diálogo à narrativa *O pequeno príncipe*, de Saint Exupéry (2009). Realmente, Dudu dizia gostar muito dessa história, mas, em se tratando de criança, nossa escuta implicou perceber a emoção, a forma do diálogo entre os personagens.

Em relação à narrativa, valemo-nos das gravuras CAT-A, sem o protocolo de teste, apenas utilizando as imagens como recurso para ele escolher uma dentre as demais para contar uma história e a analista realizar a es-

crita. Vamos mencionar apenas alguns fragmentos de duas histórias.

A primeira teve como título *O coelhinho sozinho na casa assombrada com os amigos*. Iniciou com “Há muito tempo, num campo das flores silvestres...”. O enredo referia que, na noite de Natal, Miguel havia ficado sozinho e que, no quadro de Elisabete, a imagem havia se movido, a pintura dela começou a tremer... Finalizou narrando que, ao amanhecer, o quadro havia voltado ao lugar e que a família havia retornado. Em alguns momentos da narrativa, substituiu a palavra “quadro” por “espelho”.

Ao escolher a segunda gravura, o título ficou *A corda mais longa*. A história iniciou com “Numa bela tarde, três ursos...”. Contou que um dos três ursos ficou sozinho e triste. Havia uma competição por um pote de mel. A bruxa fez um feitiço. Os três enfrentaram a bruxa, e ela os transformou em abóbora, forno e flor. Parece que aqui, inicialmente, discorre sobre seus sentimentos, nomeando-os como solidão e tristeza. Além disso, está falando de uma disputa por um pote de mel – provavelmente em referência ao lugar junto à boa mãe, uma vez que ele tem mais seis irmãos. Além da boa mãe, também aparece a parte da bruxa, que, pela transgressão dos ursos, vinga-se e transforma-os em abóbora, forno e flor, ou seja, vegetais ou objeto, não mais ursos.

As duas histórias apresentam início, meio, fim, coerência, criatividade e imaginação. Nelas se percebe como Dudu fez colocações de seu mundo interno, como se ele tivesse percebido que alguma coisa lhe havia acontecido, quando “a imagem do quadro/espelho havia se mexido”, mas que, no final, havia voltado ao lugar. Essa “mexida”, quando se encontrava sozinho, possivelmente deixou alguns traços de ranhuras que precisam ser mais bem nomeadas. Na segunda história, os ursos, por sua transgressão, foram transformados naquilo que, em sua essência, não eram. Aqui, abrem-se várias interrogações para as fantasias, as defesas, os medos, os

fantasmas..., que tenham povoando o psiquismo de Dudu.

### Considerações finais

Na clínica, o caso de Dudu teve que vivenciar mais uma ruptura após um vínculo estabelecido. A família, por questões de trabalho dos pais, optou por morar em outro estado. Essa ruptura foi trabalhada e nomeada por Dudu durante certo período. A família seguiu nossa recomendação de continuar o tratamento com uma profissional com formação em psicanálise. Todavia, Dudu demorou a se adaptar à nova escola, e a professora da sala de recursos solicitou uma avaliação com fonoaudióloga e psicóloga, que trabalhavam em parceria.

Mesmo morando em outro estado, a mãe do menino manteve contato conosco e trocou mensagens via WhatsApp. Alguns meses depois, ela nos enviou o resultado da avaliação psicológica, em que diagnosticaram e enquadraram Dudu, a partir do teste Whisky, como criança limítrofe, ou seja, com deficiência mental leve, classificado em CID F70, segundo o DSM-5.

Acreditamos que o caso Dudu seja um exemplo pertinente para abrir o debate sobre as diferentes formas de se olhar/escutar um mesmo perfil. Será que devemos dar mais atenção às potencialidades e capacidades já construídas ou apontar aquilo que falta? O caso nos alerta sobre o peso de um diagnóstico fechado, em especial em idade precoce. Em se tratando de crianças, a plasticidade neurológica e psíquica deve ser considerada, apesar de ser possível estabelecer um diagnóstico inicial. As pesquisas com IRDI têm como finalidade perceber em tempo quando há uma possibilidade de risco no desenvolvimento ou na estruturação psíquica.

As intervenções precoces com bebês e famílias têm mostrado possibilidades da não instalação e da reversão do autismo, conforme demonstram os escritos de Laznik (2004, 2016), Kupfer (2010), Bernardino (2011, 2016), entre outros.

Para finalizar, apresento como reflexão um pequeno poema autoral:

### A ruptura do laço

*Ao amanhecer tudo me pareceu muito estranho.  
Senti ter perdido o paraíso.  
Chorei, gritei, buscando um acalento.  
Logo uma agonia me invadiu.*

*Os dias passaram e ela continuava a me alimentar.  
Ela arrumou um quarto só para mim.  
Sinto o seu cheiro, mas não a percebo.  
Ela me chama pelo nome, mas não o (re)conheço.*

*Ela vai e volta, mas não encontro a sua voz.  
Não encontro o seu olhar, tudo é muito estranho.  
Ela me cuida, me troca e quer brincar comigo.  
Mas não a encontro.*

*Vejo e toco os muitos brinquedos, objetos,  
Coisas que ela me oferece.  
Mas tudo é muito confuso e desconhecido.  
Um mundo em que não consigo me encontrar no Outro.*

### Abstract

*This paper presents a case study of a child who came to our office with the diagnosis of Autistic Spectrum Disorder (ASD). In addition to describing some interventions with the boy and his family, the importance of narrative for subjectivation is highlighted. The purpose of this paper is to analyze the listening in the family, which aimed to make it better understand the potential of the child and not just the closed diagnosis, considering the subject is a child in development. From this context, we intend to examine the constitution of the subject and investigate the structures described by Freud, the respective defense mechanisms and autism. The purpose is to present a synthesis of autism in Psychoanalysis, the three drive times constituent of the baby as described by Laznik, and the work coordinated by Kupfer and his USP team, which established the parameters of the Child Development Risk Indicators.*

**Keywords:** ASD, Constitution of the being, Narrative, Family.

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERNARDINO, L. Os “tempos de autismo” e a clínica psicanalítica. *Estilos clínicos*, São Paulo, n. 2, v. 21, p. 412-427, ago. 2016.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- JERUSALINSKY, A. *psicanálise e autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2012.
- KUPFER, M. C.; BERNARDINO, L. F.; MARIOTTO, R. M.; TALOIS, D. Metodologia IRDI nas creches: um acompanhamento do desenvolvimento psíquico na primeira infância. In: KUPFER, M. C.; SZEJER, M. *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês: novas pesquisas, saberes e intervenções*. São Paulo: Instituto Langage, 2016.
- KUPFER, M. C.; PINTO, F. S. C. N. (Orgs.). *Lugar de vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAZNIK, M. C., TOUATI, B.; BURSZTEJN, C. *Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância*. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

LAZNIK, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.

LAZNIK, M-C. *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

LEBRUN, J-P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LÓPEZ, A. M. L. Reflexões sobre a contribuição da psicanálise no entendimento do autismo infantil. Revista *Estudos de Psicanálise*, Recife, v. 24, p. 19-30, dez. 2001.

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

**Recebido em:** 08/11/2019

**Aprovado em:** 28/12/2019

**Sobre a autora:**

**Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski**

Psicanalista pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Psicopedagoga titular.

Mestre em Educação pela

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora em Psicologia Social

pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Professora da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) de 1996 a 2017.

Trabalha em Consultório

no Lindoia Center, Porto Alegre, desde 1995.

Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise.

Autora do livro *O mutismo seletivo no espaço escolar*.

**Endereço para correspondência**

E-mail: <melaniawagnerfp@gmail.com>



# Relações amorosas com psicopatas<sup>1</sup>

## Love relations with psychopaths

Maria das Mercês Maia Muribeca

### Resumo

Estudar a psicopatia é perceber que, embora sejamos todos seres humanos, não pensamos e sentimos da mesma maneira porque não funcionamos de acordo com os mesmos padrões de consciência moral, ética e honradez. A psicopatia vai além das categorias de gênero e de sexo. É, pois, uma condição individual, de causa multifatorial e pode ser alimentada mediante estruturas sociais, culturais e políticas. Neste artigo, elegemos analisar as relações amorosas entre homens psicopatas integrados ou ditos subclínicos (narcisistas, perversos e maquiavélicos) e suas parceiras mulheres (complementárias). Uma relação emocional, tecida e fiada, em linhas de sedução, encantamento, manipulação, humilhação, *gaslighting*, desprezo e aniquilação. É sob as consequências nefastas dessa montanha russa de sentimentos contraditórios que essas mulheres (vítimas ativas de um vampirismo psicológico violento) chegam ao consultório, no intuito de lograr romper com a sina inexorável desse encontro amoroso mortífero.

**Palavras-chave:** Relações amorosas tóxicas, Psicopatia, Psicologia criminal, Psicanálise.

### Prolegômenos

*Acabamos sempre por nos tornar  
personagens da nossa própria história [...]  
A verdade é sempre difícil de suportar [...]  
Quanto mais nos aproximamos  
da verdade da nossa história,  
mais temos vontade de lhe dar as costas.*  
JACQUES LACAN

Desde tempos imemoriais, o ser humano busca saber, cada vez mais, acerca de sua própria espécie. Questões inquietantes sobre suas origens e sua finitude, seus pensamentos e suas emoções estão sempre à espreita de respostas. Afinal, quem somos nós? Da Pré-História à atualidade, o ser humano metamorfoseia-se constantemente. Portanto, en-

tre lapidações e burilamentos, construímos a nossa história.

Somos um ser biopsicossocial ainda em estudo, um animal racional e emocional de categoria incerta. Um ser de pulsões sexuais de vida e de morte, cuja própria sexualidade é um enigma ainda indecifrável. Isso porque a sexualidade humana não é um

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

fenômeno puramente natural e sim suscetível às influências sociais e culturais. Ser de inter-relações afetivas, cujos laços que unem, também os entrelaçamentos o desunem, permeados por forças contraditórias de amor e ódio, em que inúmeras personalidades se encontram na incrível arte de amar e ser amado, e se desencontram nas alamedas da rejeição e do abandono.

Mas o que é o amor? E o que são as personalidades? Pois bem, essas são perguntas complexas. E certamente suas respostas ainda são elucubrativas. Contudo, vamos tentar manusear os pensamentos, a fim de elaborar uma narrativa histórica de nossos conhecimentos.

As personalidades humanas constituem um desconcertante emaranhado de estados de ânimos, cognições e intenções diversificadas. Nesse sentido, a personalidade é o conjunto de nossos pensamentos, nossas emoções e nossas condutas, ou seja, uma espécie de unidade integrativa, cujas características essenciais a ser observadas são: inteligência, caráter, temperamento e constituição.

E quanto ao amor? São múltiplas as suas faces e diversas as suas interpretações ao longo da história: platônico, cortês, ágape, mania, ludus, pragma, *storge*, Eros, romântico, confluyente, líquido, livre, etc.

No entanto, somos verdadeiramente herdeiros do amor romântico, que data da Idade Contemporânea (1789) até os dias atuais. Esse modelo de amor alcançou seu ápice no século XIX e propagava o amor apaixonado como alicerce na construção da família, pilar da sociedade, em que o sexo era inseparável do amor e do laço conjugal. O ideal de amor romântico visava um amor recíproco e indissolúvel, cuja finalidade última era a felicidade. E esses ingredientes tornaram-se os principais elementos motivadores do casamento e das relações afetivas (LINS, 2017).

No transcurso dos tempos, Eros proliferou-se em prosa e verso propagando a utopia do encontro complementar e do adágio “foram felizes para sempre”. No entanto, a fa-

tualidade dos desencontros e a efemeridade da paixão forçou a trocar o axioma para “que seja infinito enquanto dure”. Porém, nada relacionado ao campo do enamoramento é de simples entendimento.

Então, podemos deduzir que será algo ainda mais desafiador se enveredarmos no universo das relações amorosas abusivas, de alto teor de toxicidade, e afunilarmos ainda mais essa complexidade analisando as relações heterossexuais entre homens psicopatas integrados e suas parceiras mulheres, ao mesmo tempo, vítimas e complementárias de uma emboscada amorosa predatória.

### **E quando o príncipe encantado dos contos de fadas é um psicopata?**

*A única certeza que se tem da paixão é que ela não pode durar muito, embora a proposta da paixão seja a de tornar-se eterna.*

MARLI MONTEIRO

Segundo Robert Hare (2013), os psicopatas vivem entre nós, no entanto a sociedade não os enxerga ou não deseja enxergá-los. Queremos acreditar que todos pensamos e sentimos da mesma maneira. Que somos bons e sociáveis. Que nos importamos uns com os outros. E que funcionamos conforme padrões similares de consciência moral, ética e honradez.

A verdade? É que somos da mesma espécie, porém muito diferentes. E o psicopata, através de sua surpreendente insensibilidade e total ausência de empatia, tem inúmeras formas de provocar danos irreversíveis nas pessoas para além dos delitos, que porventura possam cometer.

De acordo com os estudos de Vicente Garrido (2001; 2005), os psicopatas se sentem superiores a todo mundo. Sua personalidade é marcadamente caracterizada pela megalomania, pelo hedonismo e pelo egocentrismo. Em seu convívio social, são verdadeiros camaleões, apresentam uma imagem sedu-

tora, cativante e confiante. Mas são pessoas perversas, maquiavélicas e narcisistas. São especialmente famosos pelo seu narcisismo maligno, caracterizado por uma excessiva necessidade de atenção e adoração, uma espécie extrema de culto ao ego. Destacam-se ainda pela escassez de emoções morais como o amor, a compaixão a culpa e o arrependimento. São frios, calculistas, mentirosos, parasitas, inescrupulosos, irresponsáveis e transgressores de regras morais e sociais.

Além disso, vale assinalar que os psicopatas possuem um déficit emocional, como se possuíssem uma afasia semântica, ou seja, eles conhecem a letra do texto, mas desconhecem a melodia que o envolve. Apresentam uma anomalia na capacidade de viver e reconhecer a experiência emocional e, assim, se conectar a outras pessoas, estabelecendo relacionamentos reais e duradouros. Isso quer dizer que a deficiência deles está no campo das emoções, naquilo que nos vincula afetivamente com o outro ou com todas as coisas do universo. Em suma, são conscientes, mas não possuem consciência moral, portanto a dificuldade reside em compreender conceitos básicos, como bondade, comprometimento e lealdade. No entanto, não apresentam problema algum de ordem cognitiva ou deficiência de raciocínio; são conscientes do que é certo e errado e do que envolve o bem e o mal (GARRIDO, 2005).

### **Relação afetiva amorosa entre o psicopata e a sua complementar**

*Em um nível muito pessoal,  
eu só queria saber  
que força é essa  
que toma uma pessoa  
e a leva à beira do abismo.*  
ROBERT RESSLER

Conforme a teoria triangular do amor de Sternberg (1989), para que as relações amorosas sejam consideradas saudáveis, faz-se mister que haja três ingredientes básicos. O

primeiro deles é composto pela paixão que irá conduzir ao romance, à atração física e ao ato sexual, promovendo, assim, o surgimento do segundo ingrediente, que é a intimidade, rubricada na seara da empatia, do carinho e do entendimento mútuo, para só então desembocar no terceiro ingrediente, a decisão de continuidade, que é selada na forma de compromisso.

Portanto, para que se concretize a construção do amor, faz-se necessário que as três partes do triângulo se fechem. Nesse sentido, torna-se impossível para um parceiro psicopata lograr esse sentimento amoroso, pois é incapaz de completar essa equação afetiva.

No entendimento de Hugo Marietán (2000; 2005; 2008), o psicopata possui três formas de se relacionar com o outro:

- O modo associativo: quando dois psicopatas se necessitam por possuírem talentos distintos e indispensáveis para lograr um determinado fim.
- O modo tangencial: quando o psicopata interage com uma vítima ocasional, existindo coerção e prática de ações delitivas sem a participação da outra pessoa;
- O modo complementar: quando um psicopata se une a alguém que o complementa.

Nesse modelo de interação, ambos participam ativamente para manter o vínculo, ou seja, além de a pessoa envolvida ser vítima da sedução, da manipulação, da persuasão e dos encantos superficiais do psicopata, ela se tornará partícipe na manutenção dessa relação.

O amante psicopata vê na pessoa da complementar alguém que vem para preencher seus buracos negros, porque ela ilumina sua escuridão com emoções morais que ele não possui. Nesse aspecto, ela passa a ser um acessório que serve para aperfeiçoá-lo, e ele, através de sua habilidade em exercer violência psicológica, irá explorá-la emocional, sexual, social e financeiramente durante o tempo que for do seu interesse. Ele ainda ativará certas zonas escuras que sua companheira

desconhecia possuir e, com isso, logrará desinibir certas repressões, eliminando tabus e rompendo com as barreiras do proibido (MARIETÁN, 2000; 2005).

Nesse sentido, ele consegue que sua companheira realize o inimaginável, aprisionando-a nesse novo universo existencial que a faz oscilar entre o êxtase das estrelas e as profundezas do inferno. Destarte, nada irá justificar o preço das humilhações, das desqualificações, ou seja, da deterioração de sua pessoa.

Ele vai escolhê-la, vai desarmá-la com palavras, vai controlá-la com sua presença. Ele vai encantá-la com sua inteligência e planos. Vai lhe mostrar o que realmente significa se divertir, mas é você quem vai pagar a conta (HARE, 2013, p. 37).

A complementária se torna uma espécie de codependente do psicopata e, assim, ela acredita que sua felicidade depende do bem-estar do seu amante e algoz e termina priorizando as necessidades dele em detrimento das suas. É excessivamente permissiva, tolerante e compreensiva com os abusos sofridos. Nessa relação tóxica, ela tenta resgatar, cuidar e corrigir os erros do psicopata. No entanto, ao desejar salvá-lo das trevas, termina por precipitar a sua própria vida no caos do abismo em que se encontra (MARIETÁN, 2008; 2011)

Mas quem são essas mulheres que amam psicopatas?

Sandra Brown (2018), afirma em seus estudos que elas são extrovertidas, cooperativas, competitivas e impulsivas, buscam emoções, detestam a monotonia, investem nos relacionamentos, possuem autodirecionamento e um alto nível de sociabilidade.

Segundo as pesquisas de Iñaki Piñuel (2016), as mulheres que se tornam alvo dos psicopatas integrados são de alta categoria humana, intelectual e moral, em geral, bem-sucedidas no campo pessoal, social e profissional.

Já Patrícia Faur (2012) ressalta o lado metódico, previsível, organizado e sistemático dessas mulheres, assinalando que elas ficarão fascinadas ao conhecer um homem surpreendentemente caótico e desestruturado. Em suma, podemos extrair a conclusão de que a luz da bondade busca iluminar a escuridão da maldade.

### **Etapas da relação e indicadores do psicopata integrado nas relações de casal**

*Eu semeei os meus sonhos  
onde você está pisando agora;  
pise suavemente  
porque você está pisando  
nos meus sonhos.*  
W. B. YEATS

Segundo Brown (2018), no início do relacionamento, os psicopatas são muito envolventes, simpáticos, expansivos, persistentes e excepcionalmente charmosos. Nesse sentido, as mulheres que tiveram ou têm uma relação amorosa com psicopatas descrevem a união inicial como eletrizante, uma conexão instantânea, almas gêmeas, sexo extraordinário, fascinação e intensa vinculação.

Para melhor compreender esse processo de enamoramento, iremos discorrer as etapas da relação calcados nos estudos de dois pesquisadores.

- Iñaki Piñuel (2016), que aponta: encantamento/adrenalina, isolamento/cativeiro emocional, vampirismo, destruição/anemia psíquica, afastamento/contato zero.
- Vicente Garrido (2001), que indica: tentativas de controle e isolamento, agressividade manifesta e velada, desprezo e humilhação, manipulação, negação dos erros e culpabilização externa, fachada externa de boa aparência.

Inicialmente imperam a paixão, o romance e a atração sexual, ou seja, é nessa fase de bombardeio amoroso que reina o encantamento. A intoxicação química da paixão

(feniletilamina, anfetamina, oxitocina, dopamina) evoca um magnetismo emocional e sexual arrebatador, em que o sexo é utilizado como instrumento de poder e controle.

Nessa fase, a mulher confunde a perseguição intensa do psicopata com intimidação, passando rapidamente da atração para o apego e do apego para o vínculo afetivo, mas desconhece que o seu amante psicopata não forma vínculo porque isso exigiria o espectro completo de emoções. Infelizmente ele apenas consegue se apegar como nós nos apegamos aos objetos que possuímos enquanto eles nos interessam.

Posteriormente surgem as tentativas de controle e isolamento em relação aos amigos, à família e ao trabalho. Dessa forma, o psicopata cria e estabelece os laços de dependência e necessidade, que favorecem o controle das decisões e ações de sua parceira. As agressividades se mesclam em formas manifestas e sutis. Mentem, enganam e manipulam com avidez. Devido à carência de sentimento de culpa ou pesar, jamais se desculpam por nada, inclusive sempre que são descobertos em suas tramoias, invertem o jogo se vitimizando, estimulando a piedade e culpabilizando a companheira. Jogam com a teatralidade e a simulação, e sugerem a existência de uma triangulação, ou seja, uma infidelidade anunciada e negada para desestabilizar emocionalmente sua parceira. Ela deve saber que ele é cobiçado por outras mulheres e que a qualquer momento poderá ir embora (PIÑUEL, 2016).

Ao lado de um psicopata as mulheres percebem que as ameaças ao vínculo amoroso são constantes – como cada vez que desconfiam que estão sendo traídas, quando ele ameaça abandonar o relacionamento ou quando ele se desconecta e fica distante ou indiferente. (BROWN, 2018, p.189).

No entanto, a essas alturas do relacionamento, a mulher já está completamente adicta ao psicopata e fará de tudo para não ser

descartada, mesmo que isso implique perder a própria dignidade. Está exausta emocionalmente e desenergizada fisicamente, pois existem dois relacionamentos acontecendo ao mesmo tempo (o ser encantador de outrora e o ogro assustador do presente). Sua adaptação aos dois lados do psicopata cria uma dissonância cognitiva, que consiste em sensações de desconforto resultantes de duas crenças contraditórias.

Arelada à dissonância cognitiva, existe claramente a perda da autonomia traduzida na capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. Além disso, o psicopata é um exímio *gaslighter*, ou seja, um experto na manipulação de informações com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade mental. Portanto, através do fenômeno *gaslighting*, ele estará no controle da realidade de sua companheira (SARKIS, 2019).

### Saindo de cena e se reconstruindo

*Enganar os outros.  
É isso que o mundo  
chama de romance.*

OSCAR WILDE

Faz-se mister ressaltar que, geralmente, quando o vínculo afetivo se rompe, é porque o psicopata deixou de ter interesse em sua companheira, ou seja, após longo tempo de exploração parasitária envolvendo sedução, subjugação e controle, ele irá descartá-la para ingressar em outra relação com zero de culpa, remorso ou amor.

Dito isso, queremos assinalar que, mesmo quando a mulher descobre que tudo que o psicopata contou sobre si mesmo e suas crenças eram mentiras, que ele não a amou, mas satisfaz suas necessidades pervertidas dominando-a psicologicamente, ela ainda tentará entender onde errou e averiguará o que pode fazer para tê-lo de volta. Quando a relação acaba, ela não perde só a relação: perde parte

de sua identidade, ela já não lembra mais a mulher que era antes (PIÑUEL, 2016).

No final do relacionamento, como pontua Lins (2017), brotam intensos e variados sentimentos que se revezam entre incredulidade, negação, impotência, tristeza e raiva. Além disso, ressalta que

[...] cada experiência de perda não é única; somam-se a ela outras de mesma natureza em fases anteriores da vida e que são reeditadas de forma inconsciente (LINS, 2017, p. 124).

Nesse aspecto, o apoio dos familiares, dos amigos e de profissionais é de suma importância para o desenlace. Isso porque a mulher apresentará danos inevitáveis como sentimento de autoculpabilidade, baixa autoestima, sentimentos antagônicos e possíveis sintomas dos transtornos de estresse pós-traumático, depressão, toxicomania, distúrbios do sono e da alimentação, entre outros.

Na saída de cena, é de vital relevância que a mulher se agarre às memórias de traição e abuso para possibilitar sua recuperação, porque o transe hipnótico ao qual esteve submetida durante tanto tempo, a faz conservar as lembranças de quando estiveram intensamente conectados. Isso fatalmente a fará voltar a acreditar em suas promessas de mudanças de hábitos. Mas a verdade é que o psicopata jamais reconhecerá seus erros e, se por acaso pedir desculpas e fizer juras de amor, é unicamente porque sente falta de dominá-la e controlá-la novamente.

De acordo com Trindade (2009), a ausência de sensibilidade e a indiferença aos sentimentos alheios são características presentes no psicopata. Ele sempre irá mascarar a realidade e inverter a verdade dos fatos em prejuízo alheio e benefício próprio. O parceiro psicopata desconhece o sentimento de solidariedade e empatia, tampouco incorpora o significado emocional de uma experiência vivenciada. Por isso, à guisa de prevenção, é bom ter em mente que o passado do psicopata é seu futuro.

Nesse sentido, como eles não apreendem com a experiência, a recomendação é afastamento e contato zero. Isso porque uma pessoa que não sente culpa, nem vergonha, nem contrição por suas ações está livre dos cabrestos morais que a fariam se desculpar e não voltar mais a cometer as mesmas condutas errôneas. Por isso, mesmo que o sofrimento seja intenso e se assemelhe a uma síndrome de abstinência, deve-se evitar qualquer contato, pois a mínima aproximação fará o metrônomo voltar a iniciar tudo outra vez (PIÑUEL, 2016).

### **Tecendo os últimos comentários sobre a psicopatia**

*Acredito que só uma pessoa  
que nada aprendeu,  
não modifica suas opiniões.*

EMIL ZATOPEK

Lamentavelmente, não podemos compreender com empatia a mente de um psicopata nem perscrutar suas expressões emocionais com nosso coração, tampouco estamos imunes aos encantos da paixão e às ciladas da conquista, portanto ainda somos presas fáceis de um predador voraz de almas afetuosas.

A bem da verdade, a ciência ainda se inquieta e se debruça nos estudos sobre a existência de seres humanos que por razões diversas não completam o processo de inserção na civilização, ou seja, são humanos mais não humanizáveis. Os psicopatas sofrem um déficit na integração do mundo emocional com a razão e a conduta. Portanto, tratar de um psicopata é uma luta inglória, pois não há como mudar sua maneira de ser, ver e sentir o mundo.

Por mais bizarro que possa parecer, os psicopatas parecem estar inteiramente satisfeitos consigo mesmos. Infelizmente, a destruição que eles deixam atrás de si é algo inenarrável e indescritível, pois de todos os *homines sapiens* o psicopata sabe ser a espécie mais mortífera nos anais da humanidade.

### Abstract

To study psychopathy is to realize that, although we are all human beings, we do not think and feel the same way because we do not function according to the same standards of moral conscience, ethics and honor. Psychopathy goes beyond the categories of gender and sex. It is, therefore, an individual condition, of multifactorial cause and can be fed through social, cultural and political structures. In this article, we chose to analyze the love relationships between integrated psychopathic men or so-called sub clinics (narcissists, wicked and Machiavellian) and their female partners (complementary). An emotional relationship, woven and spun, along lines of seduction, enchantment, manipulation, humiliation, gaslighting, contempt and annihilation. It is under the nefarious consequences of this roller coaster of contradictory feelings that these women (active victims of violent psychological vampirism) arrive at the office, in order to break away from the inexorable fate of this deadly love encounter.

**Keywords:** Toxic love relationships, Psychopathy, Criminal psychology, Psychoanalysis.

### Referências

- BROWN, S. *Mulheres que amam psicopatas: como identificar homens com distúrbios de personalidade e se livrar de um relacionamento abusivo*. São Paulo: Cultrix, 2018.
- FAUR, P. *Amores que matam*. Porto Alegre: L&MPocket, 2012.
- GARRIDO-GENOVES, V. *Amores que matan: acoso y violencia contra las mujeres*. España: Algar, 2001.
- GARRIDO-GENOVES, V. *El psicópata: un camaleón en la sociedad actual*. España: Algar, 2005.
- HARE, R. D. *Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- LINS, R. N. *Novas formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- MARIETÁN, H. *El complementario y su psicópata*. Buenos Aires: Ananke, 2008.
- MARIETÁN, H. El complementario y su psicópata. *Revista Alcmeon*, Buenos Aires, v. 9, n. 3, 2000.
- MARIETÁN, H. *Mujeres ancladas en psicópatas*. Buenos Aires: Ananke, 2011.
- MARIETÁN, H. Tipos de relación del psicópata. *Revista Alcmeon*, Buenos Aires, n. 47, 2005.
- PIÑUEL, I. *Amor Zero: cómo sobrevivir a los amores con psicópatas*. Madrid: La esfera de los Libros, 2016.
- STERNBERG, R. J. *El triángulo del amor: intimidad, pasión y compromiso*. Barcelona: Paidós, 1989.
- TRINDADE, J. (Org.). *Psicopatía - a máscara da justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2009.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 28/12/2019

### **Sobre a autora**

#### **Maria das Mercês Maia Muribeca**

Psicóloga clínica.

Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica da Paraíba.

Doutora em Psicologia (Fundamentos y Desarrollos

Psicoanalíticos) pela Universidad Autónoma

de Madrid/España, título reconhecido pela UFRJ.

Professora titular, Professora de Psicopatologia

do Centro Universitário

de João Pessoa - UNIPÊ (2009-2019).

Supervisora do Estágio Clínico em Psicanálise

da UNIPÊ.

Coordenadora dos cursos de especialização

em Criminologia e Psicologia Investigativa Criminal

e em Psicanálise, do Centro Universitário

de João Pessoa (UNIPÊ).

#### **Endereço para correspondência**

E-mail: <m.muribeca@gmail.com>

# *A psicanálise no contexto institucional da humanização da assistência em saúde<sup>1</sup>*

*Psychoanalysis in the institutional context of the humanization of health care*

Ricardo Azevedo Barreto

## **Resumo**

Este artigo debate a abordagem psicanalítica no contexto institucional da humanização da assistência em saúde. No decorrer da discussão, são formulados muitos questionamentos sobre o ser humano, enfatizando a coisificação observável no mundo atual, entre outros aspectos. No trabalho psicanalítico de assistência em saúde, é destacada a importância da humanização como uma oposição à coisificação dos relacionamentos.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Humanização, Saúde.

Quem é o ser humano? O que faz no mundo social? Quanto de alienação existe no que é produzido ao longo da história da humanidade? No percurso histórico dos seres humanos, quantas cenas assustadoras são encontradas? Considerando os tropeços da humanidade na construção de suas modalidades de existência, como pensarmos em instituições sociais saudáveis na atualidade?

Andrade, Rolemberg e Barreto (2019, p. 200) alertam:

Pensarmos sobre a saúde abrange discussões amplas e profundas que incluem vários níveis de análise acerca do ser humano e da sociedade.

Partindo da posição de que não sabemos claramente quem é o ser humano, o que poderíamos dizer acerca da humanização? A cena inicial poderia ser assustadora, a in-

xistência do que olhar e falar, quando o significativo é o humano?

Almeida (2018, p. 72) fala:

Somos psicanalistas em devir. Essa é a nossa condição. Nunca estar prontos. É uma condição socrática: saber que não sabemos.

Segundo Ferreira (2010), a origem da palavra “humano” vem do latim *humanus*. Designa o que é relativo ao ser humano ou dele próprio. Humanizar seria dar condição humana, tornar-se humano, civilizar, entre outros exemplos.

O que é relativo ao humano ou dele próprio? A condição de humanização nos é ofertada nos contextos psicossociais e institucionais presentes? Temos nos tornado humanos? O pacto civilizatório é um sobrevivente em nosso mundo de incertezas e metamorfoses na atualidade?

1. Trabalho apresentado no *Painel 1 – Psicanálise nas instituições* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

Abram (2000), ao falar sobre Winnicott, sublinha a importância para esse autor do ambiente para o desenvolvimento emocional e a saúde mental do ser humano.

A construção de “ambientes suficientemente bons”, tão valorizados pelos winnicottianos para o desenvolvimento dos seres humanos, pode ser desenhada como condição extremamente relevante à humanização em qualquer esfera da existência.

Nas qualificações sobre o ser humano, as dimensões enfatizadas podem variar. Os recursos privilegiados de linguagem e cognição são, entre outros exemplos, notáveis. Com a abordagem psicanalítica, as dimensões inconscientes do funcionamento das pessoas, dos grupos e das instituições sociais abrem as perspectivas de análise do assunto.

Quanto às tentativas de compreender o humano, podemos considerar múltiplos discursos provenientes de distintos campos do conhecimento, tais como biologia, evolucionismo, sociologia, história, direito, teologia, filosofia, ética, psicologia, psicanálise, artes, entre outros, e a interação entre tais pontos de vista.

À guisa de exemplificação, ouçamos alguns posicionamentos filosóficos (ALFARO, 2019, p. 11; SOUZA, 2019, p. 18-19):

Para Aristóteles, “o ser humano é um animal político”.

De acordo com Hobbes, “o homem é o lobo do homem”.

Por Descartes a consciência humana é enfatizada. A perspectiva do racionalismo cartesiano destaca o pensamento: “penso, logo existo”.

Foucault *apud* Monteiro (2019, p. 32) propõe pesquisar a genealogia humana e apresenta “a problemática do poder como central na construção da vida do sujeito em sociedade”.

Nas áreas da saúde, observamos que o paradigma biomédico está bem presente ainda hoje. Podemos encontrar não incomumente uma terminologia predominantemente naturalista ao haver referência ao humano em

tal território do saber: natureza humana, células, tecidos, órgãos, organismo, bioquímica, neurotransmissores, sinapses, etc.

Todavia, Barreto (2017) salienta que ocorre, de modo significativo, o esquecimento da amplitude do universo e das construções do sujeito da linguagem na cultura em um mundo de coisas.

Se o mundo tem se coisificado nas diferentes esferas sociais, a humanização delinea-se, cada vez mais, como um mosaico de desafios.

Harari (2018, p. 427) comenta:

Há 70 mil anos, o *homo sapiens* ainda era um animal insignificante [...] Nos milênios seguintes, ele se transformou no senhor de todo o planeta e no terror do ecossistema. Hoje, está prestes a se tornar um deus, pronto para adquirir não só a juventude eterna como também as capacidades divinas de criação e destruição.

[...] diminuímos a quantidade de sofrimento no mundo? [...] [...] e a melhoria no destino da humanidade ainda é muito frágil [...] [...] continuamos sem saber ao certo quais são nossos objetivos [...] ninguém sabe para onde estamos indo. Somos mais poderosos do que nunca, mas temos pouca ideia do que fazer com todo esse poder [...]

Conforme observamos, a situação da humanidade e do humano é muito delicada e complexa, um desafio extremo ao século XXI, o que exige um debate proficiente de *experts* de várias áreas e/ou pontos de vista, assim como dos cidadãos de modo geral.

Uma preocupação profunda é o que percebemos em termos de contatos humanos: o ser humano não incomumente vem sendo posicionado como uma coisa. Nesse lugar, como se constituir? Estamos falando da coisificação do humano, de sua objetificação, como modelo relacional assustador no mundo atual, que pode se alastrar cada vez mais no futuro com impactos variados e velozes,

mas cujas origens antecedem em muito/a atualidade.

No cenário de confluência do humano, com a tecnologia hipermoderna que se aprimora velozmente em um mundo predominantemente globalizado e conectado, balizado pela busca de poder das pessoas e pelo imperialismo do consumo em muitos contextos, como pensar no futuro de todos nós? Como construir tal futuro da humanidade? Não é incomum encontrarmos hoje a menção a uma “pós-humanidade”, quando se travam debates sobre o humano na contemporaneidade...

No campo das variações que estão ocorrendo no modo de existir, estabelecer relacionamentos e trabalhar, Schwab (2017) faz referência à quarta revolução industrial emergente, que agrega tecnologias físicas, digitais e biológicas. Tal revolução, segundo o autor, produzirá inúmeras alterações no cenário mundial.

Uma perspectiva psicanalítica, além de sustentar que muito não sabemos sobre nós mesmos em função do inconsciente, descortina romantismos que se colam à noção de um ser humano idealizado, o que pode ocorrer sob diversos vértices.

Para a psicanálise, o ser humano é motivado por forças opostas de pulsões/desejos, concepções morais e éticas, bem como por tentativas de equilíbrio psíquica no mundo em que vivemos. Sendo assim, lidamos com as conflitivas existenciais, a ambivalência amor-ódio e o mal-estar do existir de forma mais ou menos construtiva/destrutiva. Se a civilização busca dar contornos à barbárie, essa não cessa de se inscrever na história da humanidade e das culturas humanas.

De acordo com Hall e Lindzey (1984), a energia psíquica se distribui entre o id, o ego e o superego, sendo que um sistema pode dominar a energia em relação aos outros. A compreensão da distribuição e da utilização da energia psíquica é um tema ressaltado pelos autores.

Podemos perguntar: quais tipos de funcionamento psíquico têm predominado no mundo atual? Encontramos que formas majoritárias de investimento pulsional?

Uma dimensão crucial é a óbvia contraposição da humanização à coisificação dos relacionamentos sob qualquer forma. O ser humano é impreterivelmente oposto a uma coisa. Por outro lado, a observação da coisificação massiva dos seres humanos em diferentes contextos atuais da sociedade é uma sombra que precisamos enfrentar.

Entretanto, tais considerações não atenuam outras. Não sabemos, sem fendas, quem é o humano, nem sobre suas origens e seu presente, nem sobre o futuro que está construindo.

Preferimos, portanto, não cristalizar os significados relacionados ao vocábulo “humano”. É assim que desenvolvemos o nosso cuidado em oficinas de capacitação para profissionais de saúde ou em outras ações de humanização nas interfaces da psicanálise com as artes, como a música, a pintura, o teatro, etc.

[...] a relação falta-desejo pode apontar para um movimento interminável dos processos de subjetivação [...]. Sou *outro*, a alteridade, do que reconheço racionalmente ou, ainda, me defronto com outros em mim mesmo a cada mobilização subjetiva (BARRETO, 2013, p. 110).

Almeida (2018, p. 72) fala da psicanálise como:

[...] um movimento, uma potência e, assim, poderia realizar diferentes operações para recortar, para fazer circular, para remanejar tensões instituídas [...].

No campo da linguagem, os sentidos não são unívocos, mas ocorrem os efeitos da multiplicidade, do diverso. Uma orquídea pintada em um quadro pode ser uma paciente hospitalizada em uma instituição de saúde

em busca de caminhos artísticos de sublimação da dor humana, uma pessoa como uma flor, por conseguinte.

Um objeto inanimado por meio de projeções de um ou mais seres humanos numa atividade lúdica no contexto institucional da humanização da assistência em saúde pode ser tão humanizado que passa a ser palavra viva e fecunda que se desdobra, produzindo possibilidades de reinvenção do(s) sujeito(s) diante dos dilemas da existência, dos confrontos com a dor, o sofrimento, o isolamento, etc.

Nas artes, temos muitos exemplos de que aquilo que chamamos de humano não é uma substância, nem tem contornos definidos e/ou pleno conhecimento de si:

[...] A gente não sabemos tomar conta da gente [...] A gente somos inútil [...] (Ultraje a Rigor).

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é (Caetano Veloso).

Mário Quintana (1993, p. 17) expressa em seus versos em *O autorretrato*:

No retrato que me faço  
– traço a traço –  
Às vezes me pinto nuvem,  
Às vezes me pinto árvore...

A pulsão em busca de objetos pode desenhar muitos caminhos... Podemos acompanhar os investimentos e os contrainvestimentos psíquicos e nos surpreender tanto com a adesividade quanto com as possibilidades de posições subjetivas mais flexíveis do ser falante no relacionamento consigo mesmo, com os outros e o mundo.

De acordo com Hall e Linzey (1984), na dinâmica psíquica, destaca-se o deslocamento da energia na relação com os objetos, marcando a versatilidade psicológica.

Na psicanálise e/ou nas artes, nós nos deparamos com o inacabamento do que é

constituído subjetivamente como humano nas tentativas de simbolização através de sintomas, dos sonhos, das produções artísticas, etc.

Garcia-Roza (1996) fala que só existe psicanálise com base na clivagem da subjetividade. O sujeito não se reduz a ser sujeito do enunciado, e a subjetividade para a psicanálise não é unificada ou identificada à consciência.

Giacomelli (2011) fala do sujeito em psicanálise movido pela angústia do conflito, dividido, sujeito do inconsciente, faltoso, desejante e singular.

O psicanalista analisa o que se encena e reedita no analisando, o que pode facilitar o fluxo pulsional no contato com o mundo, entre muitos outros efeitos. Se o ser humano não se reduz ao enunciado, como sujeito se refaz interminavelmente a partir do inconsciente.

Por sua vez, a humanização da assistência em saúde pode ser pensada como:

[...] devolver ao sujeito o que lhe foi extirpado pelo processo de coisificação do ser humano, que tem sido muito intenso [...] (BARRETO, 2010, p. 139).

Um trabalho psicanalítico de humanização da assistência em saúde, por conseguinte – na contracorrente da coisificação do humano – não tenderia à substancialização dos sujeitos. Estaria aberto aos processos de subjetivação e à expressão do inconsciente nas instituições de saúde ou em outros âmbitos em que mal-estar, criatividade, sublimação e reparação podem confluir.

[...] na área de saúde, às avessas, institui-se, no giro epistemológico, como perspectiva, o ser humano como obra de arte viva, poética, discursiva, pulsante [...] (BARRETO, 2010, p. 144).

Outro ponto que salientamos é que as concepções sobre saúde nos trabalhos nessa

área são de suma importância. Para Dejours *apud* Andrade, Rolemberg e Barreto (2019), saúde teria relação com ter meios de traçar um caminho pessoal e original no que concerne à busca de bem-estar.

É com os sujeitos não coisificados e por meio da escuta psicanalítica e seus efeitos de subjetivação que pensamos em trabalhos de humanização em instituições de saúde.

Entretanto, o que são instituições? Salienciamos que existem muitas conceituações possíveis...

Com base em Guilhon Albuquerque, Guirado (2004, p. 44) pensa em instituição como:

[...] um conjunto de práticas, ou de relações sociais, que se repetem e se legitimam enquanto se repetem.

No campo institucional em hospitais, centros de saúde ou outros contextos, podemos desenhar trabalhos fecundos de psicanálise na humanização da assistência em saúde, rompendo a coisificação de papéis instituídos. Escutando e vendo de fora, por outro lado, a psicanálise pode encontrar forte expressividade no contexto institucional da humanização da assistência em saúde.

Salienciamos ainda que a mcdonaldização da sociedade em vários âmbitos (RITZER, 1993), a disneyzação na sociedade de consumo (BRYMAN, 2004), a fragilidade dos laços humanos, o amor líquido (BAUMAN, 2004) e o cenário de conexões virtuais (LOPES *et al.*, 2016) podem ser pensados como condições, entre outras, para a compreensão deste nosso planeta e o que temos chamado de humano.

Entretanto, não paremos de indagar quem é o ser humano. Por meio de questionamentos da psicanálise em interface com outras áreas do conhecimento, temos muito a criar no que tange ao contexto institucional da humanização da assistência em saúde, o que nos desafia intensamente em um mundo de coisas.

### **Abstract**

*This paper discusses the psychoanalytic approach in the institutional context of the humanization of health care. In the course of the discussion, many questions about the human being are asked, emphasizing the observable objectification in today's world, among other aspects. In the psychoanalytic work of health care, we highlight the importance of humanization as an opposition to the objectification of relationships.*

**Keywords:** *Psychoanalysis, Humanization, Health.*

## Referências

- ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Tradução de Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ALFARO, E. Berço da razão. *Leitura & Conhecimento*, Bauru, ano 2, n.3, p. 8-13, 2019.
- ALMEIDA, A. M. M. Com a corda no pescoço: psicanálise e clínica em tempos atuais. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 49, p. 71-80, jul. 2018. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- ANDRADE, S. B. C.; ROLEMBERG, M. R. B. S.; BARRETO, R. A. Psicologia em saúde coletiva: escuta e “Caixa de Pandora” na urgência de um hospital geral. In: OLIVEIRA, W. A. et al. *Perspectivas em saúde coletiva: modelos e práticas interdisciplinares*. Curitiba: CRV, 2019. p. 199-207.
- BARRETO, R. A. Psicanálise e arte: o programa de humanização no hospital São Lucas em Sergipe. *Estudos de psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 137-146, jul. 2010. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- BARRETO, R. A. Nas avenidas da linguagem. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 107-112, jul. 2013. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- BARRETO, R. A. Sobre o futuro da psicanálise no mundo das coisas. *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 48, p. 79-88, dez. 2017. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRYMAN, A. *The disneyization of society*. London: Sage, 2004.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- GIACOMELLI, C. Psicanálise. In: PAYÁ, R. *Intercâmbio das psicoterapias*. São Paulo: Roca, 2011. p. 21-28.
- GUIRADO, M. *Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- HALL, C. S.; LINDZEY, G. A teoria psicanalítica de Freud. In: \_\_\_\_\_. *Teorias da personalidade*. Tradução de Maria Cristina Machado Kupfer. São Paulo: EPU, 1984. v. 1. p. 23-53.
- HARARI, Y. N. *Sapiens - uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2016.
- MONTEIRO, F. Sob o signo do capital. *Leitura & Conhecimento*, Bauru, ano 2, n. 3, p. 24-33, 2019.
- QUINTANA, M. O autorretrato. In: \_\_\_\_\_. *Os melhores poemas de Mário Quintana*. Seleção de Fausto Cunha. São Paulo: Global, 1993. p. 17.
- RITZER, G. *The mcdonaldization of society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1993.
- SCHWAB, K. *The fourth industrial revolution*. New York: Crown Business, 2017.
- SOUZA, E. O desenvolvimento iluminista. *Leitura & Conhecimento*, Bauru, ano 2, n.3, p. 16-23, 2019.
- ULTRAJE A RIGOR. *Inútil*. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/ultraje-a-rigor>>. Acesso em: 24 out. 2019.
- VELOSO, C. *Dom de iludir*. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/caetano-veloso>>. Acesso em: 24 out. 2019.

**Recebido em:** 10/12/2019

**Aprovado em:** 15/12/2019

## Sobre o autor

### Ricardo Azevedo Barreto

Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo (USP). Tem mestrado e doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP. Especialista em psicologia hospitalar pelo CEPSIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP. Teve experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA). Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Sergipe. Foi presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2014-2017). Foi membro do Conselho Administrativo do Hospital São Lucas em Sergipe. Foi professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT) por muitos anos. É um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). É um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis (IFP)*. Desenvolve trabalhos na área de humanização da assistência, articulando psicologia, psicanálise, artes e humanização.

### Endereço para correspondência

E-mail: <riazebarreto@gmail.com>



# *A escuta nas instituições e possíveis consequências psíquicas para o psicanalista<sup>1</sup>*

*Listening in institutions  
and possible psychics consequences  
for the psychoanalyst*

Stetina Trani de Meneses Dacorso

## **Resumo**

A organização/instituição se tornou objeto de estudo da psicanálise quando psicanalistas ultrapassaram as paredes dos consultórios e as sociedades de psicanálise passando a fazer parte de diversos espaços institucionais. Muito se produziu sobre o inconsciente institucional e as relações nas instituições, incluindo as consequências nos atores institucionais. Este artigo é uma análise e um questionamento sobre as possíveis consequências psíquicas para aquele que escuta o indizível nos espaços extramuros da psicanálise.

**Palavras-chave:** Instituição, Escuta institucional, Inconsciente institucional, Psicanalista.

## **Introdução**

A psicanálise se estendeu para o além muro, fazendo-se presente em vários estabelecimentos/ instituições. Psicanalistas ultrapassaram os espaços dos consultórios e exercem seu ofício em outras instituições, inclusive em funções não condizentes com sua especificidade.

Antes de continuarmos, faz-se necessário esclarecer que, no início do estudo de intervenção nos estabelecimentos, ocorria uma distinção entre estabelecimento/grupo e instituição. Instituição era o lugar do inconsciente no grupo com a rede imaginária de relações e com um sistema de significantes que regulam a vida social e seu funcionamento. E organização/estabelecimento – às vezes também chamados de grupos – são

as concretudes oriundas da instituição que reúne pessoas em torno de um objetivo (LAPASSADE, 1983).

Aqui utilizaremos o termo “instituição” como sinônimo de “estabelecimento”, que é onde as relações entre sujeitos se passam. Vamos pensar, neste artigo, na instituição como o espaço onde

[...] psicanalistas trabalham, de maneira permanente ou parcial, onde tratam, ensinam, dirigem, clinicam; fundam instituições e exercem funções hierárquicas, políticas, econômicas ou todas juntas (KÄES, 1991, p. xv).

Nas últimas décadas, a produção de saberes psi cresceu unida a discussões sobre intervenções na chamada nova clínica e com

1. Trabalho apresentado no *Painel 1 – Psicanálise nas instituições* do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

demandas dos vários espaços do coletivo, que geralmente são institucionais.

Nosso olhar vai para as instituições cujo objetivo é ligado ao humano e não a objetos concretos. Ali a produção material é que recebe o impacto das consequências das relações humanas. Nas outras instituições voltadas para objetivos humanos, como educação, saúde, lazer, religião, tudo vai se concentrar na produção das relações entre as pessoas, entre pessoas e suas relações com a instituição e até na produção dos próprios sujeitos que a compõem.

O psicanalista se encontra nos dois tipos de instituição. O olhar purista do psicanalista nas sociedades psicanalíticas e na clínica ficou restrito num mundo globalizado com planos de saúde, aumento de centros universitários e o crescimento das várias linhas de abordagens terapêuticas. A exigência de estudo e aperfeiçoamento aumentou na mesma proporção. Assim, devemos pensar no efeito de anos de exercício da psicanálise (na clínica e em outras instituições) e no psicanalista.

Todos esses exercícios implicam submissão a regras institucionais. Não há sociedade sem um sistema de repressão do coletivo, sem sistema de parentesco, de regras de aliança e filiação. A Lei vai cobrar de cada membro do grupo a ordem social que foi imposta não por um mas pela união de irmãos, procurando proteger todos da maldade de um ou pelo menos tentar. Temos conhecimento e vivências de que cultura ética e justiça não são compatíveis.

### Escutando a história...

Em *Psicologia das massas e a análise do eu*, Freud ([1918] 1996) pontua que toda psicologia é antes de tudo uma psicologia social: há sempre um outro, inclusive um outro interno. Este texto, assim como outros textos culturais, nos legou, ao longo do tempo, uma vasta produção sobre instituições.

Após IIGG, precisando atender um número grande de pessoas e com a consequente crise financeira, há o desenvolvimento e

o aprimoramento das bases teóricas para a terapia de grupo. Além de teóricos das várias linhas, existe uma grande contribuição da psicanálise. Paralelamente, crescia a dinâmica de grupo com trabalhos em pesquisa ativa e que também utilizava da psicanálise no que já existia de teorias sobre grupo.

A crescente e desordenada industrialização das sociedades iniciada no final do século XIX produzia seus efeitos ou consequências: acidentes de trabalho, alta rotatividade de funcionários e obviamente baixa produção. Após várias pesquisas e experimentos, Elton Mayo (LAPASSADE, 1983) instala um tempo para lanche quando os funcionários conversam entre si e sobre sua vida. Consequentemente, a produtividade aumenta, e percebe-se que a relação entre pessoas no local de trabalho tem seu peso no todo da organização.

Para aqueles que trabalhavam nas organizações era uma novidade o comprometimento emocional e psíquico dos trabalhadores, não era apenas uma questão de emprego/salário. Como consequência dos trabalhos de Elton Mayo (LAPASSADE, 1983), recorre-se a um saber que se desenvolvia paralelamente: o estudo de grupos.

A dinâmica de grupo se instala nas instituições como possibilidade de maximizar as relações, melhorar os conflitos, diminuir a alta rotatividade e, obviamente, aumentar a produção como consequência dos itens anteriores. Os *experts* das relações humanas e do social são solicitados a contribuir para um melhor funcionamento das organizações/instituições.

A dinâmica de grupo passa a ser utilizada de modo contínuo, porém as consequências das tentativas de harmonizar a qualquer preço as relações em seu interior – sem sucesso, diga-se de passagem – deram origem ao estudo sobre as relações humanas nas organizações e os efeitos nos psiquismos dos atores institucionais.

Não é possível pressionar para uma boa convivência ignorando os conflitos entre os

atores institucionais, o desânimo e a frustração em relação à organização/instituição, as formas de gestão e o modo como afetam as relações e as características individuais. Hoje há estudos riquíssimos sobre as doenças do trabalho, que foram se especializando e chegando a pesquisas sobre as doenças específicas de determinados ofícios.

A crise da modernidade e da globalização do capital interferiu não só nas organizações de produção como também nas de saúde mental, educação, academias, sociedades de psicanálise. Nenhuma ficou a salvo! Convocou pensadores a encontrar uma forma de intervenção que minimizasse os efeitos de metas a serem cumpridas, do ganho de capital globalizado e mesmo manter vivas várias instituições. Isso aconteceu com muitas organizações nos vários setores da sociedade provocando mudanças em seu regimento e seu estatuto.

Dessa forma, o institucionalismo foi surgindo por compreender que estar numa instituição não deixa ninguém indiferente nem imune. Poder e saber andam de braços dados. Quanto maior o acúmulo de saber, maior o monopólio do poder, e dentro das instituições vão se estabelecer classes executivas e burocráticas. Os saberes de outros grupos são desvalorizados e impedidos de se mostrar por verdades estabelecidas e valores exagerados. A dissociação entre saberes provoca desvalorização de outros saberes, paralisando produtividades e desejos.

O institucionalismo foi se fortalecendo em vários setores da sociedade, à medida que se percebia que ficamos afetados pelas relações pessoais que ocorrem no interior das organizações/instituições. Afetados por suas Leis, por sua burocratização, por seus objetivos explícitos e implícitos, por sua história passada e presente e até por seu espaço físico.

É óbvio que em tudo está inscrito o inconsciente institucional, termo cunhado por psicanalistas que passaram a escutar as instituições. As paredes falam, os *ghosts* andam pé ante pé assustando e sussurrando; a

história oral, passada de boca em boca, cria representações sobre as relações, os objetivos e as pessoas.

O institucionalismo é uma abordagem sem um mestre. Vários teóricos contribuíram para o seu surgimento nos setores de produção, saúde e educação, nos legando diferentes formas de leituras e intervenções nas organizações/instituições.

É praticamente impossível enumerar todos. Mas, para se ter uma ideia das influências nos vários pensares do institucionalismo, levantemos alguns nomes sem fazer distinção entre escolas ou discorrer sobre a fecundidade de seu pensamento:

- Sigmund Freud, inicial e fundamental, e seus textos culturais;
- crítica da moral judaico-cristã e meditação sobre o poder:
- Sartre, Marcuse, Reich, Lacan, Foucault, Mannoni, Althusser;
- trabalho e relações humanas: Taylor, Elton Mayo;
- culturalismo: Malinowski, Fromm;
- psicanalistas kleinianos: Bion, Elliot Jacques;
- os freudomarxistas argentinos: Pichon, Reviere e Bleger.

E para não ficar mais exaustivo: Lévi-Strauss, Derrida, Barthes, Pestalozzi; Laing e Cooper; Castel, Baudrillard; Lapassade e Lourau; Gauffman; Rene Kaes e Rodrigués.

E os brasileiros: Gilberto Velho, Célio Garcia, Jurandir Freire Costa; Guilhon Albuquerque, Paulo Freire, Marlene Guirado, Gregório Barembliit.

Sinto que estou deixando de lado teóricos e pensadores importantes, E provavelmente estou. mas a intenção é expor a riqueza de influências no que nomeamos de 'institucionalismo' e *a posteriori* 'análise institucional', abarcando a intervenção em todo tipo de organização: humana e de produção.

A psicanálise foi ocupando um espaço cada vez maior através da inserção dos psicanalistas nas instituições. E passamos a ter leituras instigantes a esse respeito.

## Psicanálise e instituições

*Mesmo no tempo mais sombrio  
temos o direito de esperar alguma iluminação,  
e que tal iluminação pode bem provir,  
menos das teorias e conceitos,  
e mais da luz incerta, bruxuleante  
e frequentemente fraca  
que alguns homens e mulheres,  
nas suas vidas e obras,  
farão brilhar em quase todas  
as circunstâncias  
e irradiarão pelo tempo  
que lhes foi dado na Terra.*  
ARENDE, 1968.

A ocupação de vários espaços pelos psicanalistas instigou a produção de trabalhos:

- discussões sobre a possibilidade de transmissão da psicanálise nas instituições acadêmicas;
- atuação e intervenção de psicanalistas em instituições de saúde mental, escolas e tantas outras;
- criação das sociedades de psicanálise;
- presença de psicanalistas em todos os tipos de instituições como atores institucionais.

Cada um desses lugares nos fornecem material específico para estudo. Na produção de análise institucional, temos pares que escreveram sobre cada uma das questões que levantamos.

Quando os psicanalistas ultrapassaram os muros das sociedades e consultórios, consideramos que um dos primeiros espaços a ser ocupado foi o das instituições de ensino. A presença de psicanalistas na academia tem produzido textos e polêmicas.

Por mais que professores tenham que seguir suas ementas e que as disciplinas ministradas não estejam diretamente ligadas à psicanálise como teoria e/ou clínica psicanalítica e/ou supervisão clínica, esse profissional inevitavelmente usará em sua transmissão o suporte teórico que o sustenta.

Partindo dessa premissa temos discussões entre os que acreditam não ser possível essa transmissão na academia e aqueles que apostam nessa possibilidade. Os que questionam essa transmissão o fazem esclarecendo que as regras institucionais comprimem o discurso no lugar do universitário e do mestre.

O mestre endereça o saber ao discípulo considerando-o um receptáculo vazio. E a avaliação é o guarda de honra da transmissão. Quando a avaliação traz bons resultados, significa que o processo de transmissão foi total (LOLLO, 2013, p. 15).

Essa situação, típica e característica do mundo acadêmico, dificulta a emergência do sujeito e seu desejo. Segundo Lollo (2013, p. 16), a retórica de Lacan tinha como objetivo não ser inteira, ser obscura, provocar interrupções através de jogos de palavras, silêncios, digressões e tantos outros elementos para fragmentar o discurso e emergir o sujeito desejante, curioso.

Para Lollo (2013), ensinar a aprender é da ordem do singular: alguém se dirige a um outro que, ao receber, dará um destino ao que foi dito. Toda transmissão é singular assim como também para o receptor. Só há transmissão na presença da escuta do outro. Escuta que é do receptor que *a posteriori* produz um novo saber.

Ora, acredito que só se está disponível a essa escuta se aquele que transmite estiver recoberto do sentimento da transferência endereçado pelo receptor. Assim, o psicanalista na universidade, se não em grande porcentagem, mas numa boa medida é capaz de possibilitar esse tipo de situação. A transmissão da psicanálise no meio acadêmico está submetida às regras organizacionais (como nas sociedades) não há como fugir a isso.

Contudo, a transferência – base para o trabalho clínico e instalação de um analista – é que vai levar alunos aos grupos de supervisão, palestras, grupos de estudos na academia. Após a graduação, muitos vêm até as sociedades às quais estamos ligados para fazer sua formação, instalando o novo em nossos

espaços. Os jovens da academia vão procurando as sociedades e as mantendo vivas e dinâmicas! (FREUD, [1913] 1996).

Muitas das atividades de nossas sociedades psicanalíticas são feitas no espaço acadêmico. Incentivamos as pesquisas que encontram colegas dispostos a realizá-las. Não estamos deixando de lado a distinção entre clínico e acadêmico. São duas formações distintas com produções distintas.

Assim, talvez seja preciso rever muito do que se escreve sobre a transmissão da psicanálise na academia. O psicanalista no espaço acadêmico produziu muitas pesquisas e análises, frequentou congressos e se relacionou com pares, produzindo o enriquecimento da teoria psicanalítica. Ao desejo de transmitir se une a demanda de admiração e reconhecimento dos outros atores institucionais.

Retomando o histórico da presença/atuação da psicanálise nas instituições, constata-se que a queda do patriarcado e a consequente interpelação de qualquer autoridade nos levam a questionar como garantir autoridade numa sociedade/cultura não mais hierárquica. Há um esgotamento dos discursos de legitimação que interfere nas relações institucionais.

Em nossos tempos sombrios, as instituições, mais do que nunca, demandam “ser analisadas”, um pedido tanto explícito quanto implícito, de ouvir o “não dito”, e nós, felizmente ou infelizmente, é que escutamos. Vamos caminhar um pouco com alguns deles.

Nos vários teóricos sobre a leitura da instituição, o mais didático foi José Bleger (1992), psicanalista argentino que, identificado com a leitura da escola inglesa, utilizou alguns conceitos para a apreensão:

- *Instituído*: As leis institucionais, seu regimento, os direitos e deveres dos atores institucionais, isto é, de todos os que têm uma permanência na instituição desempenhando uma função para seu funcionamento.

- *Instituinte*: Não lei, transgressão do instituído. Pode levar tanto ao crescimento

quanto a destruição. Depende da singularidade de cada uma das instituições e de como os grupos instituintes atuam.

- *Transversalidade*: O efeito das leis, das decisões e das ocorrências do mundo externo nas organizações.

- *Encomenda e demanda*: Encomenda se refere à solicitação do *staff* institucional a profissionais para que algo que está ocorrendo seja resolvido; demanda é o desejo institucional que vai surgir deformado.

Valendo-se da teoria de Elliot Jacques e estendendo-a à instituição, Bleger (1992) analisa que, se o instituído é claro, mantém encapsuladas as condutas regressivas dentro da instituição, o núcleo aglutinado.

Se não o é, vão se manifestar condutas regressivas, como excesso de licenças médicas, acidentes de trabalho, quebra de patrimônios, interpretação de sinais do não verbal, angústias excessivas e sentimentos de aniquilamento, apatia que pode levar à morte institucional – conceituada como a indiferença com os objetivos e ideais institucionais.

Não há uma instituição ‘ideal’. Todas apresentam seus núcleos regressivos, porém, quanto maiores esses focos, mais patologias temos nesses espaços. A soma do instituído com instituinte resultará na institucionalização, que é um processo singular de cada instituição, porque promove o que podemos nomear de clima institucional, inconsciente institucional, linguagem da instituição.

Para Bleger (1992), o interventor psicanalista deve realizar um enquadramento que possibilite a indagação operativa, que fará emergir a demanda institucional, de forma deformada e disfarçada como são os derivados do inconsciente. No movimento de desenrolar esse trabalho, a instituição tomará em suas mãos o processo de se autoanalisar e a consequência é a autogestão. Relações horizontais e não verticais, com base na demanda dos atores institucionais que ali interagem, produzem objetivos e clientela, e são impactados por ambos (BLEGER, 1992).

René Käs (1989) utiliza *O mal-estar na cultura* (FREUD, [1930] 1996) e nos remete ao sofrimento inerente de estar numa instituição. Isto é, há o sofrimento por estar na cultura.

Ao adentrarmos em uma organização-instituição, o sofrer aumenta por termos de nos adequar à “linguagem da tribo”; nos adequar a leis que existem independentemente de nós, nos vemos prescindíveis (ferida narcísica). Abrimos mão da individualidade e passamos a fazer parte do corpo erógeno institucional, que implica o efeito do agrupamento em nosso psiquismo: as identificações, os pactos inconscientes, os silêncios, as idealizações, os sintomas partilhados.

Ao adentrarmos na mente institucional, percebemos que existe um acordo entre os sujeitos implicados para manter a continuidade dos investimentos e os benefícios do vínculo. É um acordo inconsciente, pacto denegatório para se calar diferenças, o enunciado nunca é formulado, é um deixar de lado, uma proteção contra o negativo. Acordo tácito sobre um dizer que deve permanecer inconsciente.

A instituição é um objeto psíquico comum: ela não sofre. Nós é que sofremos por nela estar, pela nossa relação com a instituição e sofremos nessa relação. É a instituição em nós, o que em nós é a instituição que sofre. Sofremos pelo não reconhecimento de nossa individualidade. Sofremos pela ferida narcísica. Sofremos pelo ideal institucional não alcançado, pelos sacrifícios do Eu, pelos benefícios não alcançados, pelo excesso e pela falha institucional e também pelos pactos não cumpridos! E mais: muitas vezes não sabemos que sofremos nem porque sofremos.

Quando esses sofreres ficam intensos e excessivos sem espaços onde possam se sustentar, como perder a ilusão na instituição ou não crer mais em seu ideal, surgirá a patologia institucional. Teremos o ataque à instituição, entre atores institucionais e ataques/agressões aos clientes institucionais, (KÄES,

1989). A todos esses ruídos o psicanalista escuta, seja exercendo seu ofício, seja sendo um ator institucional que ali exerce uma função.

Eugène Enriquez citado por Käs (1989, p. 53-54) analisa a morte institucional, que ocorre em silêncio, como lhe é característico.

A família, a Igreja, o Estado e os grupos educativos e terapêuticos podem, com toda razão, ser considerados como instituições, porque todos colocam o problema da alteridade, ou seja, da aceitação do outro enquanto sujeito pensante e autônomo por cada um dos atores sociais que mantêm com ele relações afetivas e vínculos intelectuais [...] servem [as instituições] como lei organizadora tanto da vida física como da vida mental e social dos indivíduos que delas participam. [...] favorecerá a manifestação das pulsões sob a condição de que sejam metaforizadas em desejos que sejam socialmente aceitos e valorizados, [...] trabalho a favor do projeto mais ou menos ilusório da instituição.

O circuito das pulsões vai produzindo seu efeito. Eros possibilita identificação, sentimento de fraternidade, intimidade. Há o sentimento de partilha e estabilidade, evita-se as tensões e os conflitos. Quando uma instituição substitui o modelo de trabalho de eficiência por um modelo de fusão, de comunicação infalível, ela denuncia o medo da diferença, da perda, do vazio. Evitar as tensões produz um movimento de autorregulação para preservar a condição estável.

Nessa condição, a pulsão de morte ganha espaço. Quanto mais se pressiona no sentido da ilusão de igualdade, mais emerge o desejo de transgressão, conflito e rivalidade entre irmãos. A instituição funciona com burocracia, repetição de comportamentos, limitação das iniciativas, fuga de responsabilidades.

O significado da presença de Eros é favorecer “unidades vastas” (FREUD, [1930] 1996), possibilitar o conforto psíquico “de um bem comum”, mas não evita o desejo

de transgressão, que caminha de mãos dadas com a criatividade e ambas surgem pela proibição.

Com o tempo, a instituição morre. Morre não apenas porque fechou as portas e não presta mais um dado serviço à comunidade. Morre porque fica estagnada e os atores institucionais não investem em seus objetivos e ideais. A recusa dos conflitos e embates, e a dificuldade de administrar as alteridades cobram seu preço na carne e no psíquico no cotidiano institucional.

Como temos afirmado, não há possibilidade de frequentar uma instituição e ficar imune a elas. As instituições constituem sistemas culturais e simbólicos, imprimem sua marca em nosso corpo, nosso pensamento e nossa psique – “linguagem da tribo”. A pulsão de vida aglomera e nos possibilita a realização de trabalhos impostos pela instituição. O trabalho em comum provoca reunião e renúncia às descargas pulsionais, e nos compromete com o ideal institucional. Mas os conflitos, os questionamentos e as crises institucionais trazem o medo do desaparecimento. De fechar. Acabar. Como tem acontecido com tantas nestes tempos difíceis.

### **Então, escutamos: considerações e questões**

*Em todo o seu trabalho,  
Freud se dedica a ouvir.  
E ouve sonhos, histórias,  
descrição de sentimentos,  
impressões, sensações, atos falhos, declarações.  
No que ouve, reorganiza cenas e tramas  
que interpreta ao sabor de suas hipóteses  
sobre a dimensão inconsciente do psiquismo.*  
GUIRADO, 2004, p. 52.

Anteriormente neste artigo pinçamos os vários espaços que o psicanalista tem ocupado, considerando o acadêmico como um dos primeiros enquanto professor-psicanalista. Elegemos dois caminhos: um com o exercício do ofício de psicanalista e o outro com a

posição de ator institucional sem o exercício manifesto de psicanalista, mas tomado pelos ruídos institucionais.

Para pensarmos sobre os espaços organizacionais, convocamos três teóricos que os pensaram sob a ótica psicanalítica, cada um deles privilegiando um conceito para tentar compreender os vários ruídos que acometem esses agrupamentos.

Na segunda tópica, Freud ([1923] 1979) privilegia o aparelho auditivo que vai constituir as vozes do supereu, as representações com força de ditames inconscientes, provocando como derivados interpretações, condutas e consequências psíquicas. Se no *setting* nos apoiamos no método, no enquadre psicanalítico, o mesmo não é tão acessível nos espaços extramuros, ficando à mercê do que nos cerca.

As sereias meduzam pela voz. O que uma realiza pelo terror, as outras obtêm pelo “encanto” (ASSOUN, 1999, p. 84).

A instituição é Lei, pacto de regras para barrar o prazer e o desejo de um. A mutação do laço/pacto coletivo interfere nas relações institucionais. Diante do caos instituinte pressionando o instituído, diante da exigência de um excesso de harmonia e/ou do sofrer geral institucional, tenta-se reformular a Lei, as regras coletivas. Aí o paradoxo! Tal qual um bebê que se apoia na constância da mãe e dos seus atos, que vão permitir as primeiras representações, levando a tentativas de comunicação com esse meio e esse outro não eu (FREUD, [1911] 1996), nós fazemos o mesmo com o funcionamento institucional, nos apoiamos psiquicamente: cremos em sua não mutação, em sua existência imortal. Consequentemente, cada resignificação, a cada reformulação é a ameaça de morte.

Para os mais antigos, é uma nova instituição, já que o que existia deixou de existir! Aí surgem as doenças, as cisões, o não comprometimento com os novos ideais, os desligamentos! Todo instituído é redondo, fálco,

numa tentativa de amarrar. porém, não há um instituído capaz de dar conta de toda a instituição. O instituinte é não todo, falho, barulhento.

Uma instituição é um corpo vigoroso que contém instituído e instituinte. Quando o primeiro não é claro, provoca o grito do não dito e a patologia institucional surge com agressão aos frateros institucionais, ao patrimônio, a si mesmo, ao desempenho da tarefa que lhe cabe naquele espaço e, o mais grave, podem ocorrer ataques à clientela que a organização foi criada para atender.

A instituição se cala e massacra. Estamos a perceber mesmo que não compreendamos: sensação de estranhamento, escuta dos atos e ‘des-atos’, silêncios, patologias, acidentes, licenças, discursos paranoicos. No mundo acadêmico, a sala de aula possibilita a fala que assegura um certo alívio através das trocas, discussões e (por que não?), as pesquisas. Esses colegas têm a transmissão como desejo; ideais a ser alcançados e pela transferência demandantes/seguidores amorosos. A mistura desgovernada de leis e paixões. O ideal que a instituição constrói, erige e idealiza nos mantém unidos na esperança de alcançá-lo, aceitando sacrifícios e feridas narcísicas – somos mais um – para alcançá-lo. O ganho e o crescimento institucional nos levam junto. Nos orgulhamos ao falar das instituições a que pertencemos: o sobrenome familiar; o local em que nos graduamos, o bairro em que moramos, o restaurante que frequentamos; as instituições em que trabalhamos. O ideal institucional preenchido compensa a ferida de se adequar à linguagem da tribo.

Para o psicanalista é possível ler, ver e ouvir os discursos institucionais da mesma forma que o discurso no *setting*. Na instituição temos significantes que se repetem, não passam despercebidos, mesmo que não se saiba o que fazer com eles. O automatismo da repetição: o inconsciente institucional. Esse automatismo é fonte de mal-estar. As instituições são habitadas por subjetividades que interagem independentemente do gerencia-

mento ser autocrático. E fora do *setting* não há a proteção do enquadre ou mecanismos construídos para tal no exercício do ofício. A transferência presente nas relações e que estabelece um analista ao lhe ser dirigida uma demanda, também está presente na organização/instituição com o turbilhão de paixões pulsionais: transferências, relações parentais, pactos inconscientes, relações incestuosas, ciúmes, inveja, coisificação do outro e – acima de todo esse turbilhão e até como consequência – a demanda de amor e admiração.

Podemos nos referir ao analista ideal que cumpre os *a priori* que cada vereda teórica da psicanálise assinala como fundamental ao ser analista. Porém, no dia a dia temos o humano desamparado, narcísico, precisando sobreviver cotidianamente à sua história, vida e ofício.

Temos produções sobre a teoria, sobre aquilo com que nos deparamos na clínica, sobre a impossível profissão de ser analista, sobre regulamentar ou não a psicanálise, sobre a constituição de um analista, sobre a história da psicanálise, seus percussores, sociedades e cisões!

Mas e sobre o analista? Cumprindo todos os quesitos, está imune às consequências do exercício de seu ofício? Argumentar que cada analista é único e singular é suficiente para não pensarmos sobre *os analistas*? Por um lado, nosso trabalho é solitário e, por outro, fazemos parte de várias “tribos”. Posturas de distanciamento, sentimento de superioridade e exclusão de outros pares são atitudes perceptíveis e quase unânimes entre todos aqueles que estudam as instituições inclusive as psicanálticas, estudadas por psicanalistas (ELVIRA, 2016).

A oportunidade do trabalho em comum, a “transferência de trabalho” é um caminho de laço produtivo para amenizar – ou pelo menos tentar – os narcisismos das pequenas diferenças. O importante é que nossa escuta não nos transforme em seres inconvenientes, mas em aprendizes a política institucional, que é bem diferente da do *setting*.

Lopes (2010), no artigo sobre o ofício do psicanalista, analisa as características inerentes e necessárias a esse exercício tais como: sublimação, uma dose de culpa e desejo de reparação e um certo tom narcísico, que na instituição tornam o psicanalista uma pessoa de difícil convívio.

O fazer repetido provoca efeito de reconhecimento, de legitimidade, tornando-se natural aos nossos olhos e provocando o desconhecimento da relatividade, do fazer diferente. E lá estamos nós escutando agora a recusa da diferença!

Não nos esqueçamos de que ser analista é um tecido composto pela história de cada um de nós, nossa dor e nossa patologia que através da análise estabelece uma estilística de vida com um estilo único de ser analista e transmitir a psicanálise sem esquecer seu desamparo, suas feridas narcísicas e suas demandas de amor e reconhecimento.

Não é possível negar que somos afetados por nosso ofício, então temos de levantar questionamentos e começar a analisá-los seriamente. Enquanto atores institucionais como pagamos em nossa carne e corpo libidinal? Como nosso circuito pulsional paga por esse exercício? Como pagamos em nossa solidão interna pela percepção do mundo e pessoas à nossa volta?

Deve ser imenso o silêncio em que tais ruídos e movimentos têm lugar. E quando se pensa que a tudo isso ainda se acrescenta a presença do mar longínquo, ressoando talvez como o tom mais íntimo daquela harmonia pré-histórica, só se pode desejar ao senhor [Franz Kappus] que, cheio de confiança e paciência, deixe trabalhar em sua pessoa a grandiosa solidão que não poderá mais ser riscada de sua vida. Essa solidão permanecerá e atuará, de modo decisivo e sutil, em tudo que o senhor tem a experimentar e a fazer, como uma influência anônima, como o sangue dos antepassados que percorrem as nossas veias continuamente, compondo com o nosso próprio sangue o que somos de único e irrepetível

vel a cada nova guinada de nossa vida (RILKE, 2010. p. 90).

### **Abstract**

*The organization/institution became the object of study of psychoanalysis when psychoanalysts went beyond the walls of psychoanalysis offices and societies and became part of several institution spaces. Much has been produced about the institutional unconscious and relations in institutions, including the consequences for institutional actors. This article is a questioning of possible psychic consequences for those who hear the unspeakable in the extramural spaces of psychoanalysis.*

**Keywords:** *Institution, Institutional listening, Institutional unconscious, Psychoanalyst.*

## Referências

- ARENDE, H. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ASSOUN, P.-L. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- BAREMBLIT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.
- BAREMBLIT, G. *O inconsciente institucional*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- DOCKHORN, C. N. B. F. A psicanálise na universidade: desafios do fazer do psicanalista. *SIG Revista de Psicanálise*. Disponível em: [http://sig.org.br/wp-content/uploads/2016/10/N7\\_EmPauta2.pdf](http://sig.org.br/wp-content/uploads/2016/10/N7_EmPauta2.pdf). Acesso em: 15 out. 2019.
- DUFOUR, Dany-Robert. *As angústias do indivíduo-sujeito*. Disponível em: <http://www.diplo.com.br/fechado/21/02/01.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.
- ELVIRA, O. A. *Liderazgo y poder em la institución psicoanalítica*. Buenos Aires: Biebel, 2016.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: \_\_\_\_\_. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 237-244. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: \_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- GUIRADO, M. *Instituições e relações afetivas*. O vínculo com o abandono. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- KÄES, R.; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E. e outros. *A instituição e as instituições*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LOLLO, P. Psicanálise e transmissão do saber. *Trivium. Estudos interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 15-20, jan./jun. 2013. ISSN 2176-4891.
- LOPES, A. J. O ofício – quase impossível – do psicanalista. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 21-32, jul. 2010.
- MENEZEZ, L. S. *Desamparo*. São Paulo: Casapsi, 2012.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução de Pedro Sussekind. São Paulo: L&PM Pocket, 2010.
- ROMANO, E. *Las palabras con “acto”*. Sobre “El análisis del hablar; del interpretar, de las palabras”, de Luisa G. de Álvarez de Toledo. Buenos Aires: Lugar, 2012.
- WINOGRAD, M.; SOUZA, Mi. *Processos de subjetivação clínica ampliada e sofrimento psíquico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

Recebido em: 15/12/2019

Aprovado em: 28/12/2019

## Sobre a autora

### **Stetina Trani de Meneses Dacorso**

Psicóloga. Membro Efetivo e Psicanalista  
do Círculo Brasileiro de Psicanálise

- Seção Rio de Janeiro.

Professora de Teoria Psicanalítica/supervisão do  
curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior  
de Juiz de Fora (CES-JF).

Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro  
de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF).

Mestre em Psicanálise - AWU-IOWA/USA.

Presidente Círculo Brasileiro de Psicanálise

- Biênios: 2010-2012 e 2012-2014.

Especialista Clínica da Sexualidade Suprema/JF.

Coordenadora do curso de Formação em Psicanálise  
do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica  
de Grupo e Psicodrama -JF.

Membro da Comissão Científica

da Revista *Estudos de Psicanálise*

Professora da Especialização

em Teoria Psicanalítica:

Clínica e Cultura do CES-JF.

### **Endereço para correspondência**

E-mail: <stetina-dacorso@ig.com.br>



# *Experiências extraordinárias entre o xamanismo e a psicanálise: uma reflexão psicopatológica transcultural<sup>1</sup>*

*Extraordinary experiences  
between shamanism and psychoanalysis:  
a cross-cultural psychopathological reflection*

---

Víctor Cruz de Freitas  
Ka Ribas  
Paulo Roberto Ceccarelli

## **Resumo**

No presente trabalho propomos compartilhar nossas “experiências extraordinárias” para além do *setting* psicanalítico, ensejadas a partir do projeto *Espaço de Saúde Integra-Ativa*. Tal projeto foi criado por dois psicanalistas e um xamã/curandeiro, com o objetivo de proporcionar palestras e promover discussões acerca dos benefícios das práticas integrativas e complementares de saúde (PIC) para a saúde mental e de outras práticas análogas a estas, como foi o caso do xamanismo.<sup>2</sup> Numa perspectiva integrativa entre o xamanismo e a psicanálise, conforme a ótica da psicopatologia fundamental e transcultural, propõe-se reflexões acerca dessas experiências extraordinárias. Resta-nos a questão: quais são os riscos de a contratransferência cultural se transformar em defesa, quando os universais constitutivos do humano propostos pela psicanálise se singularizam diferentemente segundo as culturas.

**Palavras-chave:** Xamanismo, Psicanálise, Transculturalidade, Contratransferência cultural.

---

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

2. Xamanismo é um termo cunhado por antropólogos para definir um conjunto de práticas ancestrais de cura, êxtase, devoção e conexão com o transcendente. Esse conjunto de práticas é encontrado em todo o mundo, o que transforma o xamanismo em um fenômeno universal e essencialmente humano. Suas origens remontam há 40 ou 50.000 anos, no período paleolítico, o que o torna a primigênia forma do ser humano de se conectar ao sagrado e a mais antiga prática espiritual da humanidade. A expressão originou-se a partir da palavra “Saman”, que é a denominação dada pelos povos das estepes da Sibéria e Mongólia à pessoa, ao especialista que domina e utiliza essas práticas ancestrais e detém o conhecimento e sabedoria ancestral a elas relacionados. Entre os fundamentos do xamanismo, estão o reconhecimento do sagrado e transcendente nas diferentes manifestações de vida e respeito pela ecologia; a utilização de inúmeros recursos naturais de cura oferecidos pela natureza disponíveis nos reinos mineral, vegetal e animal; a relacionalidade e interconectividade de tudo; a necessidade de expansão de consciência humana e a comunicação com os outros mundos, dimensões e realidades. Disponível em: <http://kawribas.blogspot.com/2017/03/os-beneficios-do-xamanismo-para-o.html?m=1>. Acesso em: 07 de abril de 2020.

*O xamanismo traz a certeza de que os seres humanos não estão sozinhos em um mundo estrangeiro, rodeados por demônios e “forças do mal”. Semelhantes aos deuses e seres sobrenaturais, aos quais são feitos sacrifícios e orações, os xamãs são “especialistas do sagrado”, homens capazes de “ver” os espíritos, de subir aos céus e encontrar-se com os deuses, de descer ao mundo inferior e lutar contra os demônios, a doença e a morte.*

Mircea Eliade

## Introdução

Desde 2015 vimos/ investigando os benefícios de práticas xamânicas para o tratamento das adições e toxicomanias<sup>3</sup> e, subsequentemente, para outras afecções psíquicas como ansiedade, estresse e depressão.

Em 2016, em visita aos centros Hampichicuy e Takiwasi na alta selva amazônica peruana, foi possível ter um primeiro contato com a utilização de saberes ancestrais e com o uso de plantas sagradas integradas à psicoterapia ocidental voltada para o tratamento das toxicomanias e outras adições.

Ao cerne da Clínica Ampliada de Saúde Mental<sup>4</sup> (CASM) com as modalidades psicanalíticas, psicoterápicas e psiquiátrica, criamos um projeto denominado Espaço de Saúde Integra-Ativa.<sup>5</sup>

Este projeto foi fundado por dois psicólogos psicanalistas e um xamã/curandeiro com

o objetivo de proporcionar palestras e promover discussões acerca dos benefícios das práticas integrativas e complementares de saúde (PIC), e de outras práticas análogas como foi o caso do xamanismo para a saúde mental.

Após um ano de investigações e discussões, acompanhando o movimento da OMS e do SUS no que diz respeito à regulamentação de cerca de 23 práticas integrativas e complementares de saúde, avançamos um pouco mais em nossas investigações.

Consequentemente, algumas dessas PICs<sup>6</sup> foram/são utilizadas terapeuticamente no Espaço de Saúde Integra-Ativa, justamente por termos compreendido seus benefícios para o tratamento do sofrimento mental a título adjuvante.

Entendemos que, no campo da saúde mental, os profissionais envolvidos serão interpelados pelas dimensões orgânica, antropológica, etnológica, ambiental, cultural, filosófica e espiritual.

A perspectiva da psicopatologia fundamental nos ajuda a compreender tais fenômenos<sup>7</sup> e contribui

[...] para a redefinição do campo do psicopatológico. Ela propõe uma reflexão crítica dos modelos existentes e uma discussão dos paradigmas que afetam nossos objetos de pesquisa, nossas teorias e nossas práticas. A Psicopatologia Fundamental reconhece e dialoga com outras leituras presentes na polis psicopatológica. A noção de fundamental deve ser compreendida no sentido de uma “fundamentalidade”, uma “intercientificidade dos objetos conceituais. Trata-se de um projeto de natureza intercientífica, onde a comparação epistemológica dos modelos teórico-clínicos e de seu funcionamento propiciaria a ampliação do limite e da operacionalidade

3. Minimamente, diríamos que o uso cerimonial de plantas psicoativas poderia funcionar como uma forma de gestão do gozo na medida em que o enquadre e a condução do xamã abriria a possibilidade de uma nova maneira de o indivíduo se relacionar com os psicoativos.

4. A CASM é uma *Clínica Ampliada de Saúde Mental* situada no município de Belo Horizonte, que conta com uma equipe multidisciplinar de psiquiatras e psicólogos, e atua em diversas abordagens teórico-práticas. Desde 2013, busca acolher as pessoas com sofrimento psíquico e promover tratamentos individualizados visando a melhora da qualidade de vida, almejando ser referência em tratamento psiquiátrico e psicológico em Belo Horizonte.

5. O Espaço de Saúde Integra-Ativa é uma proposta voltada para a promoção de saúde, prevenção de doenças e para redução de danos e das condutas de risco.

6. Referimo-nos às práticas do yoga, arteterapia, musicoterapia e constelação familiar, já regulamentadas como PICs.

7. Observamos o aumento considerável de práticas complementares de saúde, assim como um advento de práticas cerimoniais ritualísticas que envolvem o uso de plantas sagradas psicoativas.

de cada um destes modelos e, consequentemente, uma transformação destes últimos. A Psicopatologia Fundamental é o fórum de toda a metapsicopatologia (CECARELLI, 2005, p. 373-374).

O autor prossegue:

É importante frisar que não se trata de uma interdisciplinaridade, mas de uma transdisciplinaridade, pois campos diferentes, cada qual com métodos, procedimentos e objetivos próprios não se comunicam facilmente. A transdisciplinaridade reúne, em uma ampla rede de significações, os conhecimentos específicos e singulares de cada modelo em torno de uma concepção ética comum aos diferentes saberes. Isso possibilitará a existência de um campo discursivo que produza interações e leve a construções metafóricas (CECARELLI, 2005, p. 374)

É provável que o advento de práticas cerimoniais ritualísticas com o uso de plantas sagradas psicoativas nos centros urbanos seja tributário da falência do discurso dos ideais coletivos tradicionais, o que faz com que o desamparo ressalte. A ausência de sentido para a vida, assim como o vazio e a diminuição da capacidade de sonhar, são marcas do atual mal-estar de nossa cultura.

Em Birman (2014, p. 51) podemos observar a perda ou diminuição da capacidade de desejar ou sonhar:

[...] na atualidade estaríamos no mundo do informe, sem poder sonhar e desejar, mutilados que estamos de nossas possibilidades de fantasmear, sendo engolidos pela dor de existir e pelo pesadelo. É o real, no que existe de mais desértico, que sintetiza a nossa atualidade na sua nudez. É o deserto do real que delinea o campo do sujeito hoje, na ausência de qualquer horizonte possível.

Seria possível almejar um resgate ou incremento da capacidade de sonhar a partir

das experiências propostas pelas práticas xamânicas do Temazcal e do Ciclo de Medicinas?

Como poderíamos integrar tais práticas e nos servir dos efeitos das mesmas em benefício da saúde mental e do tratamento para o padecer psíquico?

\*\*\*\*\*

## Capítulo 1 - Experiências extraordinárias

As origens do xamanismo remontam aos primórdios da humanidade, porém é somente no século XIX que o fenômeno xamânico passa a ser investigado com mais critério, inserindo-se no discurso ocidental sobre primitivismo e no debate acerca da magia e da racionalidade.

No século XX, o pesquisador romeno Mircea Eliade jogará nova luz sobre o estudo e a interpretação do xamanismo.<sup>8</sup> Conforme a visão de Eliade, por uma ruptura no equilíbrio psíquico do xamã, o xamanismo opera como uma técnica arcaica do êxtase. Em sua obra sobre discurso xamanístico e literatura *Xamanismo – a palavra que cura*, o pesquisador Marcel de Lima Santos apresenta os seguintes conceitos de xamã e xamanismo:

Os xamãs são pessoas que podem escapar da vida mundana e mergulhar em outros níveis de consciência através do chamado voo mágico. Entretanto, ao contrário dos médiuns, os xamãs agem conscientemente. Isso significa

8. “De fato, a obra clássica de Mircea Eliade foi a primeira a fornecer um estudo histórico do fenômeno do xamanismo, sistematizando e unificando as até então espalhadas e escassas fontes etnográficas. Eliade é certamente o principal pesquisador do xamanismo entre os pensadores ocidentais, [...] a visão hoje consagrada do fenômeno como um conceito religioso fundamental, isto é, do xamanismo como ingrediente primordial da religião, é proveniente de sua extensa pesquisa sobre o assunto. Longe de ser uma autoridade neutra, Eliade é por assim dizer o criador da categoria “xamanismo”. [...] Como publicou muitas obras seminais em temas ligados à religião, Eliade foi certamente o primeiro pesquisador ocidental a considerar a problemática do xamanismo e defini-la em sua complexidade” (LIMA SANTOS, 2007, p. 20).

que eles podem mover-se do mundo racional do conhecimento lógico em direção ao reino mágico do reconhecimento sobrenatural, o qual fornece ao xamã mensagens inalcançáveis pelos níveis usuais de consciência.

[...]

Essas práticas xamânicas envolvem o alcance de um estado alterado de consciência do xamã por meio de um desarranjo consciente e extremo da psique, ou seja, de um “voo” mágico em direção de um estado extático da percepção. Isso é alcançado por meio de um número de técnicas que, em termos gerais, incluem o jejum, o afastamento solitário e/ou a ingestão de plantas sagradas, assim como a batida incessante do tambor acompanhada de cantos rítmicos e *performances* dramáticas (LIMA SANTOS, 2007, p. 21-23).

Nesse sentido, a experiência xamânica assume o caráter de uma exploração dos campos da consciência. O voo mágico do xamã é uma jornada rumo ao mistério, às dimensões além da racionalidade e do pensamento linear; transcende, transpõe e subverte preceitos, paradigmas e crenças previamente estabelecidas, que são muitas vezes consideradas absolutas e rígidas. Retira o participante do lugar comum e de sua aparente segurança emocional. Uma luminosa incursão ao universo onírico.

O xamanismo é uma experiência poderosa e formidável, que requer um equilíbrio mental e espiritual extremo, na qual xamã e paciente realizam uma viagem emocional, ao transportarem o limite de um mundo paralelo, para penetrar no domínio mítico da matéria dos sonhos (LIMA SANTOS, 2007, p. 24).

Atualmente, as práticas xamânicas encontram-se difundidas e são acessíveis ao público em geral, uma vez que já extrapolaram os limites da cultura originária, chegando aos grandes centros urbanos.

Porém, há que ressaltar a importância da devida preparação por parte do oficiante, as-

sim como o seu reconhecimento de “especialista” e seu vínculo a uma tradição xamânica. Isso se torna fundamental para a legitimidade e para a segurança da experiência xamânica.

Originalmente, esse saber transmitido oralmente era zelosamente guardado. O candidato a “xamã” passava por duros testes que verificavam a sua capacidade de lidar com as impactantes experiências, os domínios das artes e os saberes de seu ofício.

A vocação muitas vezes era assinalada por uma ruptura em sua vida, manifestada na forma de uma enfermidade que quase o levasse à morte, ou um contato direto com alguma força da natureza (como um raio ou o ataque de um animal). Algo que o destacaria do destino comum dos demais membros de sua comunidade e que indicaria sua missão.

Apesar das significativas mudanças e do estabelecimento do xamanismo no mundo moderno, a necessidade de vinculação a uma tradição se faz presente e não anula a necessidade de ritos e iniciações para a credibilidade e eficiência de um especialista.

Ora, estamos tratando de uma rede de conhecimento desenvolvida e testada no decorrer de milênios, ancestral, que garante um mapa, um plano seguro para a exploração do vasto e fantástico universo da consciência.

Apesar de abertas a indivíduos que não sejam originalmente de seu contexto cultural, as tradições xamânicas, ainda hoje, se pautam pelo rigor na transmissão de seu saber e na formação de seus especialistas.

Chamamos isso de “linhagem ancestral”, pois une a sabedoria do passado ao momento atual, dando ao especialista legitimidade, credibilidade e competência para exercer o seu ofício, mesmo que não tenha nascido em uma comunidade tribal.

Esclarecido esse ponto, iremos agora abordar duas práticas xamânicas que temos oferecido e realizado com pessoas que buscam o xamanismo para a cura e autoconhecimento: a Cerimônia de Temazcal (sauna sagrada) e o Ciclo de Medicinas (vivência com a ingestão de plantas psicoativas).

## Temazcal

Sobre a cerimônia de *Temazcal*, o líder espiritual mexicano Aurelio Díaz Tekpankalli nos esclarece a respeito da linhagem do *Fuego Sagrado de Itzachilatlán*:

Para nosotros, una de las primeras enseñanzas que existen dentro de la Tradición, es el origen. El origen nuestro es en el vientre de la Madre Tierra, y es una de las primeras ceremonias que tenemos a la hora de venir a tomar forma, a tomar fuerza, a tomar, de alguna manera, suerte en la vida. Se le llama ceremonia de Temazcal<sup>9</sup> (TEKPANKALLI, 1996, p. 51).

O Temazcal é uma prática indígena milenar que consiste em uma “sauna sagrada”. Trata-se de um banho de vapor, por meio do qual o participante experimenta uma elevação espiritual e do estado de consciência. [Trata-se de um banho de vapor, que proporciona ao participante uma experiência de elevação espiritual e alteração do estado de consciência.]

Esta cerimônia é encontrada em praticada por diferentes povos e tradições, com destaque para a região conhecida como Mesoamericana (México e América Central) e as Planícies do atual EUA (onde é conhecida com o nome de Inipi). Porém, a técnica de cura com a utilização de vapor é comum em outras culturas e tradições ameríndias, inclusive nos Guarani que a chamam de *Opydjerê*.<sup>10</sup>

9. Tradução livre: Para nós, um dos primeiros ensinamentos que existem dentro da Tradição, é a origem. Nossa origem é no ventre da Mãe Terra, e é uma das primeiras cerimônias que temos na hora de vir a tomar forma, a tomar força, a tomar, de alguma maneira, sorte na vida. Chama-se a cerimônia de *Temazcal*.

10. Denominação usada na aldeia Mbyá Guarani, Tekoha Yynn Moroti Wherá, localizada em Biguaçu, Estado de Santa Catarina e sede da Igreja Nativa Guarani Tatá Endy Rekowé.

O nome *Temazcal* vem do Nahuatl, antiga língua ainda falada no México. Originalmente conhecida como Temazcalli ou Tematzcalli, é alvo de variadas interpretações e traduções, entre elas, “casa de limpeza” ou “casa de purificação”. Essa prática é igualmente conhecida como tenda do suor, caba do suor ou *Sweat Lodge*.

A cerimônia acontece numa pequena cabana ou tenda de formato circular, que simbolicamente representa o útero da mãe, pois é quente, úmido e escuro. Os toques de tambor, característicos dessa cerimônia, reproduzem os batimentos acelerados do coração de um bebê.

No centro da tenda são depositadas pedras previamente aquecidas numa fogueira externa que, por sua vez, representa o pai, o fogo do Sol que fecunda a Terra. As pedras vão incandescentes para a tenda, fecha-se a porta e joga-se água nelas liberando o vapor que alcança a todos os participantes que, sentados em círculo, começarão a suar.

A escuridão total no interior da tenda, o calor excessivo, os cantos e os toques de tambor realizados pelo condutor da cerimônia, tudo contribui para uma experiência extraordinária. Nas pedras quentes, antes de ser jogada a água, também se costuma colocar ervas e plantas aromáticas, com fortes e agradáveis odores. Assim, nesse ambiente, a privação da luz e conseqüentemente da visão é compensada pela estimulação dos demais sentidos.

Fisiologicamente, o *Temazcal* estimula órgãos internos e limpa toxinas acumuladas por medicamentos, produtos químicos, alimentação inadequada, fumo e bebida alcoólica. Promove uma limpeza sanguínea, estimulando as glândulas. Pelo suor liberado pelo calor são eliminadas toxinas, bem como ácido úrico, colesterol e gorduras. Também é eficaz para reduzir a obesidade e promover o rejuvenescimento da pele, a limpeza dos seios nasais e paranasais através dos vapores aromáticos de plantas curativas. Alivia si-

nusite, catarro, asma e bronquite. Seu efeito relaxante combate a insônia e o estresse. Porém, todos os processos de limpeza do corpo físico e de desintoxicação promovidos pelo *Temazcal* são apenas a primeira parte do processo de cura.

O *Temazcal* estimula processos de transformação interna, alcançando o âmago do indivíduo. O contato com o silêncio propicia um sentimento de paz e quietude que preenche e acalma, permitindo a auto-observação. Nessa situação é possível trabalhar dores físicas e psíquicas, fobias e medos. O escuro, o local fechado, a permanência em uma posição aparentemente incômoda e o calor são fatores que levam ao despertar de diversos sentimentos. Uma cerimônia de *Temazcal* favorece a consciência de que somos capazes, elevando a autoestima, valorizando a pessoa e trazendo nova força para a vida.

A duração da cerimônia é marcada pela abertura da porta da tenda e a entrada de novas pedras. Geralmente isso acontece quatro vezes, em referência ao aspecto quádruplo de manifestações da natureza (as quatro estações, os quatro elementos, as quatro fases da lua, etc.). Em média todo o processo é concluído após cerca de três horas, podendo ser mais extenso.

A sensação após a conclusão da cerimônia é de profundo relaxamento e, ao mesmo tempo, euforia e vigor físico. Os participantes experimentam uma força interna e grande capacidade de realização. A saída de dentro da tenda representa o momento do nascimento, completando o parto, por isso o *Temazcal* é considerado uma cerimônia de renascimento.

### Ciclo de medicinas

A ingestão de plantas sagradas, mágicas e visionárias, em sua capacidade de estimular e provocar a experiência extática (o “voo mágico”), é um importante recurso do xamanismo. Existe uma ampla variedade de plantas e diferentes formas de utilização em rituais e cerimônias.

Caminhar na natureza, realizar uma peregrinação, percorrer uma rota sagrada, subir lugares elevados, como o topo de montanhas, também é uma vivência xamânica. Muitas vezes, esse ritual em movimento é acompanhado pelo uso das plantas sagradas. O ato de caminhar carrega um profundo simbolismo e sentido metafórico como um reflexo da própria vida. Há culturas e tradições que exploram bem essa prática e compreendem o caminhar como uma atividade espiritual. É o caso da cultura guarani.

Os guaranis têm, até os dias de hoje, um profundo respeito pelos caminhos. O “caminho”, o “caminhante” e o “caminhar” são realidades e conceitos preciosos dentro do seu complexo mundo cultural.

Tanto que eles, notadamente os mbyás, orgulhosamente se autodefinem como tapejaras. Esta palavra, algumas vezes, aparece traduzida como “povo sempre em movimento”. [...] Mais que isso: a tribo inclusive sacraliza as caminhadas, que chama de oguatá (BOND, 2009, p. 180-181).

No livro *o Caminho do Peabiru*, a rota indígena sul-americana, que liga o litoral sul do Brasil ao oceano Pacífico, a historiadora Rosana Bond (2009, p. 182) cita a antropóloga Flávia de Melo para falar do sentido espiritual do “caminhar”:

Oguatá Porã significa literalmente boa caminhada. O caminhar tem uma conotação cosmológica fundamental para os Guarani. [...] É a forma com que os deuses construíram o mundo, e o caminhar pelas distintas aldeias, reconstruindo suas casas, roças, suas vidas, enfim, reproduz essa conduta (das atividades). [...] Em sentido mais amplo, oguatá é uma metáfora para “viver”. As oguatá, ato de caminhar, ou as “viagens”, são ações fundamentais para a aquisição e a utilização dos poderes xamânicos.

O caminhar na natureza com a ingestão de plantas mágicas, atividade que denominamos de “ciclo de medicinas”, tem sido utilizado por nós como prática xamânica. Nessas práticas são utilizadas algumas plantas sagradas conhecidas por povos tradicionais como “medicinas”.

O local de nossa prática tem sido as montanhas do entorno do Parque Estadual da Serra do Rola Moça, região metropolitana de Belo Horizonte (MG), que apesar da proximidade com o centro urbano, conserva belas paisagens naturais e é rica em diversidade de fauna e flora.

Quanto às medicinas, temos utilizado, alternadamente ou conjugados, o tabaco (*Nicotiana tabacum* e *Nicotiana rustica*); a ayahuasca (bebida feita do cipó *Banisteriopsis caapi* junto às folhas da *Psychotria viridis*); wachuma (*Echinopsis pachanoi*) e os honguitos (*Psilocybe cubensis*).

A atividade consiste em caminhar até o topo de uma montanha, com propósito (definido) de cura e autoconhecimento mediante a ingestão ritual de plantas sagradas. Nesse contexto, a caminhada assume o caráter de uma metáfora da própria vida do caminhante. Em estado de consciência ampliada, pode-se fazer *insights* e significativas reflexões acerca da alma e da vida.

Toda a atividade, desde antes da subida da montanha inclusive a prática ritual com a ingestão das medicinas, o momento de partilha da experiência com os participantes até a descida, demanda cerca de 8 horas. A etapa final, a descida da montanha, faz analogia à descida do voo mágico, pois na chegada ao pé da montanha o participante ou participantes já se encontram praticamente em um estado de consciência ordinária. Não obstante, sentindo a força e o impacto transformador da experiência.

\*\*\*\*\*

## Capítulo 2 - Uma leitura psicanalítica e transdisciplinar

Conforme demonstramos anteriormente,<sup>11</sup> os estados ampliados de consciência – sobretudo aqueles engendrados pelo uso de plantas de poder psicoativas – ativam e potencializam algumas funções já exercidas pelo nosso próprio organismo quando em estado extremo ou extraordinário.

Entre eles, observamos:

- Desorientação psíquica, que pode ser acompanhada pela perda momentânea da consciência e da noção de unidade.
- Ampliação/modificação da sensopercepção e da consciência.
- Sentimento de unidade com o todo, “sentimento oceânico”.
- Produção de imagens representativas/metafóricas.

D. Nanni (2015) complementa nossa observação acerca dos estados ampliados de consciência acrescentando a ativação e a intensificação de sensações corporais e anímicas, assim como a capacidade que esses estados têm de reduzir significativamente os momentos de racionalização e de intelectualização de modo que os *insights* sejam consideravelmente favorecidos.

Consonante o entendimento sobre a sensopercepção e a consciência (JUNG, 1964), observamos que não é possível perceber plenamente, tampouco entender por completo. Tudo isso depende necessariamente da quantidade e da qualidade dos sentidos, do armazenamento e do acesso ao material inconsciente, portanto existe uma limitação significativa. Podemos inferir com certa tranquilidade que toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos e que existem aspectos inconscientes

11. Artigo *Psicopatologia das adições e alguns entraves clínicos* apresentado no VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamenta (2016) e na palestra intitulada *Ayahuasca e o Incremento da Matéria dos Sonhos* no Centro de Atenção à Saúde Mental - Belo Horizonte (2017), evento do Espaço de Saúde Integra-Ativa.

da nossa percepção da realidade e da memória. Percebemos isso no fenômeno do sonho noturno.

A partir de Freud ([1900] 1996), é possível considerar, entre outras coisas, que os sonhos são produções do inconsciente que nos ajudam na compreensão dos traumas e conflitos, uma espécie de ajuda especial para digerir aqueles restos de vida diurnos que excedem no psiquismo. Pensar por imagens é mais próximo dos processos inconscientes do que pensar por palavras (FREUD, [1923] 1996).

Como método de exploração da vida psíquica através da associação livre de ideias, dos chistes, atos falhos, sintomas e dos sonhos, a psicanálise permite o acesso ao material inconsciente, abrindo a possibilidade de tratar o sofrimento psíquico que acomete os indivíduos.

O modelo ontogênico da construção da subjetividade é proposto por Freud a partir de/considerando um corpo pulsional originário que se complexifica consoante o desenvolvimento psicosssexual, muito embora Freud nunca tenha desconsiderado a participação da perspectiva da filogênese.

Alguns autores vão além. Racamier (1992) compreende que o sujeito é o único gerador e responsável pelo seu engendramento. Para o autor, o inconsciente não é obrigado a permanecer na psique, o que amplia a concepção de subjetividade.

A noção do rizoma,<sup>12</sup> de Deleuze e Guattari (1980), ajuda-nos a melhor elucidar o potencial criativo de novas redes de conexões ao acreditar num universo de infinitas possibilidades. Assim, podemos ir além

do Édipo no sentido de reestabelecer o ser humano em sua totalidade e na diversidade de suas relações. É legítimo, pois, associar o “corpo sem órgãos” às experiências extraordinárias que evocam os estados ampliados de consciência, ainda que, paradoxalmente, esse/tal fenômeno possa culminar no risco de o indivíduo se perder na infinidade ou cair no vazio.

Segundo Jung (1964), os sonhos não são apenas um depósito de restos diurnos e de vida, tampouco um quarto de despejos dos desejos reprimidos. Para o autor, valeria a pena entender os sonhos como um “grande guia, um amigo e um conselheiro do consciente”.

O homem só se torna um ser integrado, tranquilo, fértil e feliz se o seu processo de individualização está realizado, ou seja, quando consciente e inconsciente aprendem a conviver em paz e completando-se um ao outro (JUNG, 1964, p. 11).

Ferenczi (1924), em *Thalassa*, demonstra que seria necessário ir mais além da ontogênese até a infância da espécie humana.

N. Abraham e M. Torok, em *Lécorce et le noyau*, (2001) propõem pensar a psicanálise como uma ciência universal que precisa ir além da dualidade “organismo-psiquê”, no sentido de reestabelecer o ser vivo em sua totalidade. Para os autores, uma sessão de análise deveria poder nos conduzir até o passado mais remoto dos seres vivos.

Nesse sentido, consideramos pertinente almejar um resgate e um incremento da capacidade de sonhar a partir das experiências extraordinárias propostas pelas práticas xamânicas e do ciclo de medicinas.

Conforme Abraham e Torok (2001), somos tecidos de símbolos, nos átomos, nas células, nos fins ideais. Tais símbolos levam em suas histórias o sentido de sua gênese. A psicanálise das origens é ao mesmo tempo uma filosofia e um instrumento de exploração, de busca (de sentidos, logo terapêutica).

12. O rizoma é um conceito inspirado na botânica. O rizoma apresenta-se das formas mais diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concretizações em bulbos e tubérculos [...] Em um rizoma, cada traço não *renvoie* necessariamente a um traço linguístico: as cadeias semióticas de toda natureza são conectadas a estes conforme os modos de codificação mais diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não apenas os diferentes signos, mas também os estatutos dos estados das coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 13).

Ademais, é munida de mecanismo técnico e finalismo místico, oriundos do *Thalassa*, reunindo em si causa e sentido, corpo e alma, fenômenos e transfenômenos.

A regressão, processo psíquico descrito por Freud (1900, 1901 e 1905), é tomada em analogia por Gastelumendi (2016, p. 6) no que se refere ao uso da ayahuasca.

Durante la experiencia con ayahuasca ocurre una regresión por lo general intensa, producido tanto por efectos bioquímicos cuanto por el entorno. Debido a que la forma más frecuente del ritual es a oscuras, en un relativo silencio de los participantes y en medio de los ícaros del chamán, se facilita, digámoslo en el lenguaje freudiano de 1900, el movimiento regresivo de los estímulos en el aparato psíquico. Los estímulos internos tenderán a descargarse en el polo perceptual del mismo, generando los sueños durante el dormir, pero también las visiones durante la toma de ayahuasca, siendo ambas manifestaciones de una regresión tópica. Al mismo tiempo, la ayahuasca irá produciendo cambios somáticos, modificando también el funcionamiento de la mente, de la percepción, del *self*.

Constatamos, entretanto, que as imagens e os símbolos forjados a partir das experiências extraordinárias (psicodélicas) são mais vigorosas e pitorescas do que aquelas dos sonhos, além de ser acompanhadas de um importante conteúdo afetivo.

A atribuição de sentidos e os afetos continuam sendo nossos principais focos no que se refere ao potencial terapêutico proveniente do encontro transdisciplinar, transcultural e integrativo entre as práticas do xamanismo e da psicanálise.

Vieira, Bastos e Teixeira (2017, p. 151) nos ajudam a elucidar que

No dizer de Freud, o elemento indiferenciado seria na verdade a pulsão, que só ganha qualidade perceptiva como afeto ao se associar ao objeto que lhe confere uma representação.

O afeto passa, assim, a ser definido como tonalidade subjetiva da descarga pulsional associada a esse elemento representativo. Neste sentido, notamos que a pulsão só afeta a percepção se receber uma representação da linguagem, cujos elementos se organizam, como se verá, numa lógica independente do discurso da consciência.

Os estados ampliados de consciência decorrentes de práticas xamânicas parecem nos abrir a possibilidade, tal como nos sonhos, de trabalhar com um material inconsciente pouco acessível.

Segundo Ferreira (2016, p. 4)

Pesquisas recentes com neuroimagens fazem uma comparação da experiência com a ayahuasca com os sonhos, pois as áreas que são ativadas são semelhantes, observaram que a ayahuasca ativa uma região do cérebro relacionada à memória e outra ligada à visão, e a intensidade da ativação na área visual seria a mesma se a pessoa estivesse com os olhos abertos.

Não obstante, diríamos que, no caso da ayahuasca, entre outras coisas, ocorreria algo mais aproximado a um sonho lúcido do que um sonho ordinário, pois são incomuns relatos de perda de consciência durante as mi-rações.

Para que o sujeito consiga, então, se apropriar das metáforas que farão parecer real seu paraíso, será necessário cativar e se deixar ser cativado por aquilo susceptível de proporcionar o bem, em outras palavras, envolver-se o mais verdadeiramente possível com o amor, pois é por falta dele que se sofre e é por falta dele que se padece. [...] trata-se de uma proposta de tratamento do anímico em seu sentido mais amplo e mais profundo (FREITAS, 2016, p. 10).

Enfim, ressaltamos que, por mais espetaculares que sejam, as imagens nos interessam

menos do que a psicoativação afetiva, os *insights* e a atribuição de sentidos.

### Considerações finais

O advento de práticas cerimoniais nos centros urbanos nos instiga a investigar os limites e as possibilidades de um diálogo transcultural, dentro de uma perspectiva discursiva ensejada pela psicanálise e pela psicopatologia fundamental, e apoiada pela experiência clínica.

Entretanto, é importante estarmos atentos para que os novos sentidos produzidos por essas práticas, sobretudo nos centros urbanos, não se transformem em uma espécie de prótese<sup>13</sup> totêmica capaz de nos amparar na falta de sentido de uma cultura que falha, produzindo a “contratransferência cultural” (CECCARELLI, 2016). Isto é, produzir “sentidos” que, no fundo, apenas mascaram, pela repetição do mesmo em cópias variadas, o mal-estar que levou o sujeito a procurar novas saídas.

Segundo Freud ([1913] 1996, p. 115), o totêmico

[...] constitui tanto uma religião como um sistema social. Em seu aspecto religioso, consiste nas relações de respeito e proteção mútua entre um homem e o seu totem. No aspecto social, consiste nas relações dos integrantes do clã uns com os outros e com os homens de outros clãs.

Nosso primeiro alvo de discussão é a capacidade que estas cerimônias – regadas a plantas de poder – teriam em propiciar a produção de novos sentidos e/ou de fazer um resgate sensível dos afetos/emoções e do corpo.

13. Prótese (do grego antigo *prósthesis*, “adição, aplicação, acessório”) é o componente artificial que tem por finalidade suprir necessidades e funções de indivíduos sequelados por amputações, traumas ou deficiências físicas de nascença. A prótese pode virar “um substituto ideal”, com a vantagem de ser mais resistente. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%B3tese>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

Observamos uma totemização das plantas sagradas ou de poder, na qual

[...] a vinculação entre um homem e seu totem é mutuamente benéfica, (pois) o totem protege o homem e este mostra seu respeito por aquele de diversas maneiras [...] (FREUD, [1913] 1996, p. 115).

Ademais, o

Totem é [...] um nome indicativo de ancestralidade [...], possui também uma significação mitológica” (FREUD, [1913] 1996, p. 117).

Parece haver alguma relação entre o que denominamos Totem e o Ideal do Eu. No caso da ayahuasca e de tantas outras medicinas ancestrais consideradas como plantas *maestras* ou plantas professoras, percebemos que elas têm também a mesma função do mentor, isto é, trazem *enseñanza*.

Os mitos representam o capital fantasmático de uma cultura. Eles possibilitam construir o ponto de partida que permite fundar, historicamente, a origem do homem, dos animais e das coisas, assegurando dessa forma um ordenamento do irrepresentável às representações linguísticas, ou do gozo ao desejo. Os relatos míticos têm a função de cura (CECCARELLI, 2012, p. 67)

Segundo Freitas (2017),<sup>14</sup> o uso da ayahuasca incrementaria o que ele denomina de matéria dos sonhos.<sup>15</sup> A matéria dos sonhos seria composta pelos símbolos inscritos em um inconsciente coletivo, mas que se personaliza (individualmente). Encontramos ressonância com esse modo de entender o psiquismo nos trabalhos de Jung (1964) sobre as relações entre os sonhos e os mitos.

14. Palestra *Ayahuasca e o incremento da matéria dos sonhos* realizada no Espaço de Saúde Integra-Ativa do Centro de Atenção à Saúde Mental, em Belo Horizonte, no dia 28/08/2017.

15. Termo criado pelo autor.

Isso se dá em função da história de cada um, da sua subjetividade, das suas experiências e vivências. Ademais, se para a psicanálise os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração do inconsciente (FREUD, [1900] 1996), a utilização de psicodélicos/enteógenos – sobretudo no contexto cerimonial ritualístico – incrementaria ainda mais esses recursos (sonhos).

A matéria dos sonhos é de inspiração mitológica e arquetípica, e proporciona um encontro com os resíduos arcaicos. No campo do xamanismo e de outras manifestações religiosas/espiritualistas, são transmitidas por fábulas, cantos, contação de histórias, rezos, ícaros, hinos, etc.

A psicoativação da matéria dos sonhos se dá pelo acesso ao material inconsciente individual/coletivo, e chegaria conforme imagens e símbolos que, por sua vez, são enlaçadas afetivamente.

Para os autores, a atribuição de sentido e significação para a vida, atrelada às funções totêmicas (religiosa e social) tem muito potencial curativo.

Devemos ainda estar atentos aos ensinamentos de Freud ([1927] 1996) e ficar alertas quanto ao caráter ilusório, quiçá delirante das representações religiosas. Para o autor, a cultura é o que cria estas representações.

Cria-se um tesouro de representações, nascidas da necessidade de tornar suportável o desamparo humano, edificado a partir do material (*ics*) que são as lembranças da própria infância e do gênero humano (FREUD, [1927] 1996, p. 341).

André (1995), sob as plumas de Freud, nos diz que a denegação é um mecanismo forte presente nas doutrinas religiosas e sinaliza uma afeção narcísica, na qual, entre outras coisas, denega-se a morte. É neurotizante, pois cria-se normas e ritos de proteção e de purificação para preservação da espécie, “Não matarás”. É também psicotizante, pois garante a vida eterna e distingue muito pouco a ilusão da alucinação: a religiosidade tende a restaurar, sob um modo alucinatório,

o narcisismo ilimitado correlato do sentimento de impotência infantil. Freud não está distante de retomar as palavras de Marx: “A religião é o ópio do povo” e considerar que sua ação pode ser assimilada à ação de um narcótico.

Naturalmente, devemos salientar que, no campo da saúde mental, tais práticas não são indicadas aos indivíduos portadores do sofrimento psíquico como psicótico, incluindo os TAB, por risco de descompensação.

A partir de uma experiência extraordinária e transcultural, existiria a possibilidade de o sujeito se apropriar satisfatoriamente das metáforas religiosas que farão parecer real o seu paraíso?

Quais os riscos de a contratransferência cultural transformar-se em defesa quando os universais constitutivos do humano propostos pela psicanálise se singularizam diferentemente segundo as culturas? (CECCARELLI, 2016).

Nossas pesquisas teórico-clínicas sugerem que os elementos presentes na contratransferência cultural, assim como os que sustentam a psicopatologia fundamental (a particularidade dos caminhos do *pathos* de cada sujeito, devido à singularidade de sua história), podem servir tanto para propiciar uma visão diferente do sofrimento psíquico quanto para aumentar o diálogo entre diferentes formas de sublimação.

Muito embora haja pesquisadores que propõem o uso clínico de psicoativos, nossa aposta é numa proposta integrativa, na qual os psicoativos e as experiências extraordinárias ficariam ao encargo dos xamãs/curandeiros.

### Abstract

In this work we propose to share our “extraordinary experiences” beyond the psychoanalytic setting, arising from the Integra-Ativa Health Space project. This project was created by two psychoanalysts and a shaman / healer, with the objective of providing lectures and promoting discussions about the benefits of integrative practices and complementary health services (PIC) for mental health and other practices similar to these, as was the case with shamanism. In an integrative perspective between shamanism and psychoanalysis, according to the perspective of fundamental and cross-cultural psychopathology, reflections on these extraordinary experiences are proposed. The question remains: what are the risks of cultural countertransference becoming defense, when the constitutive universals of the human proposed by psychoanalysis are differentiated according to cultures.

**Keywords:** Shamanism, Psychoanalysis, Transculturality, Cultural countertransference.

### Referências

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. *L'écorce et le noyau. Champs essais - Psychologie et psychanalyse*, n. 885, Paris, 2001.
- ANDOKA, F. “Qu'est-se qu'un coprs sans organes?” *Philosophique* [en ligne], 16 | 2013, mise en ligne le 13 juin 2016, consulte le 07 mars 2018. URL: <<http://journals.openedition.org/philosophique/838>> DOI: 10.4000/philosophique.838
- ANDRÉ, J. Préface. In: \_\_\_\_\_. *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF, 1995.
- BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BOND, R. *História do caminho de Peabiru*. Aimberê: Rio de Janeiro, 2009.
- CECCARELLI, P. R. Contratransferência cultural e método clínico. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 19(4), p. 707-719, dez. 2016.
- CECCARELLI, P. R. Mitologia e perversão. In: PASTORI, S.; NICOLAU, R. (Orgs.). *Encontro transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo: Escuta, 2012. p. 61-88.
- CECCARELLI, P. R. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mille plateaux*. Paris: Les éditions de Minuit, 1980.
- ELIADE, M. *Shamanism: archaic techniques of ecstasy*. Princeton: Princeton University Press, 1964.
- FERENCZI, S. *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas psicanálise, 3).
- FREITAS, V. C. *Psicopatologia das adições e alguns entraves clínicos. VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, João Pessoa (PB), 2016.
- FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).

FREUD, S. *L'avenir d'une illusion*. Paris: PUF, 1927.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 25-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: \_\_\_\_\_. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

GASTELUMENDI, E. Una mirada psicoanalítica a la experiencia con ayahuasca. *Revista 12 SPP*, 2016. Lima, Perú.

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LIMA E FERREIRA, F. A experiência com ayahuasca como via para o reconhecimento do inconsciente. NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. São Paulo, 2016.

LIMA SANTOS, M. *Xamanismo – a palavra que cura*. São Paulo: Paulinas; Ed. PUC Minas, 2007.

MELLO, F. C. *Aetchá Nhanderukuery Karáí Retarã – Entre deuses e animais; Xamanismo, parentesco e transformacionismo entre os Chiripá e Mbyá Guaraní*. 2006. 300 fl. Tese (Doutorado em antropologia social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

NANNI, D. *Cuatro escritos sobre el uso de ayahuasca en psicoterapia*. Paraná: Fundación La Hendija, 2015.

RACAMIER, P. C. *Le génie des origines: psychanalyse et psychoses*. Paris: Payot-rivages, 1992.

TEKPANKALLI, A. D. *Una voz para los hijos de la tierra*. Tradición oral del Camino Rojo. Iglesia Nativa Americana de Itzachilatlan, Illinois, USA, 1996.

VIEIRA, M. A.; BASTOS, A.; TEIXEIRA, A. *Semiologia da afetividade: o afeto que se encerra na estrutura. Psicopatologia Lacaniana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

**Recebido em:** 15/11/2019

**Aprovado em:** 12/12/2019

## **Sobre os autores**

### **Víctor Cruz de Freitas**

Psicólogo.  
Mestre em Psicologia: Psicopatologia e Psicanálise pela Université Paris VII, Diderot, França.  
Sócio-diretor e psicoterapeuta da CASM (Clínica Ampliada de Saúde Mental).  
Postulante junto à Sociedade Brasileira de Psicanálise – MG (SBP-MG).  
Formação em Psicanálise, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).  
Professor de pós-graduação.  
Professor do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade.  
Membro do grupo Aberto Sándor Ferenczi.  
Coordenador do Núcleo de Investigação sobre o Corpo e cocoordenador do Grupo de Estudos Toxicomanias e Psicanálise da CASM.

### **Ka Ribas**

Homem Medicina, terapeuta sistêmico e educador.  
Especialista em História da América Latina.  
Condutor de cerimônias ancestrais e membro conselheiro da Igreja Nativa Guarani Tatá Endy Rekowé.  
Idealizador do Método A.R.C.O. - Aplicação e Resgate de Conhecimentos Originários.  
Cocoordenador do Espaço de Saúde Integra-Ativa.

### **Paulo Roberto Ceccarelli**

Psicólogo.  
Psicanalista.  
Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.  
Pós-doutor pela Universidade de Paris 7.  
Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX <www.imsex.com.br>).  
Diretor científico do Centro de Atenção à Saúde Mental (CESAME <www.cesamebh.com.br>).  
Membro da Société de Psychanalyse Freudienne - Paris, França.  
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em psicopatologia fundamental.  
Pesquisador do CNPq.  
Professor Adjunto IV da PUC Minas.  
Professor e orientador de pesquisas do mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Professor e orientador de pesquisas na pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).  
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

## **Endereços para correspondência**

### **Víctor Cruz de Freitas**

E-mail: <vcruzfreitas@gmail.com>

### **Ka Ribas**

E-mail: <aguiaecondor@gmail.com>

### **Paulo Roberto Ceccarelli**

E-mail: <paulorcbh@mac.com>

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

*A sobrevivência da psicanálise no Brasil:  
O Movimento Articulação das  
Entidades Psicanalíticas Brasileiras<sup>1</sup>*

*The survival of psychoanalysis in brazil:  
The Articulation Movement of  
Brazilian Psychoanalytic Entities*

---

**Anchyses Jobim Lopes**

*Não sei se o senhor adivinhou  
a ligação secreta entre  
A questão da análise leiga e  
O futuro de uma ilusão.  
Na primeira quero proteger  
a psicanálise dos médicos.  
Na segunda dos sacerdotes.  
Quero entregá-la a uma categoria  
de curadores de alma  
que não necessitam ser médicos  
e não podem ser sacerdotes  
(Carta de S. Freud a O. Pfister)*

*E a lembrança da tranquilidade,  
rigor, estima pela Articulação e  
sotaque portenho de Ana Maria Sigal.*

**Resumo**

A origem do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras em 2000. Tentativas espúrias de regulamentação da Psicanálise no Brasil a partir dos anos 90. Currículos e propostas ligadas a entidades religiosas usando o nome da Psicanálise. Projetos de lei e ações judiciais arquivados com o auxílio da Articulação. Descrição das reuniões do movimento. Consensos obtidos entre as sociedades e federações participantes da Articulação: tripé de transmissão (teoria, clínica e análise pessoal), transmissão artesanal, a Psicanálise é leiga e laica. Livros produzidos pela Articulação. As tentativas mais recentes de regulamentação da Psicanálise no Brasil. Ações atuais da Articulação no Senado Federal.

**Palavras-chave:** Regulamentação da Psicanálise, Articulação das Entidades Psicanalíticas, Tripé de transmissão, Psicanálise é leiga e laica.

---

1. Palestra proferida no encerramento do XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

## **Introdução: quase 20 anos “sem lenço e sem documento”**

Em junho de 2020, o Movimento Articulação da Entidades Psicanalíticas Brasileiras fará 20 anos. Congrega a maior parte das sociedades e federações psicanalíticas de nosso país. Nestas duas décadas, de 18 a mais de 25 pessoas participaram em cada uma das reuniões, representando de 17 a mais de 20 instituições (se as filiadas a federações forem contadas individualmente, o número pode alcançar seis dezenas).

Durante todos estes anos, a Articulação jamais deixou de se reunir entre duas e quatro vezes ao ano. Criou uma dezena ou mais de manifestos que foram levados a vários lugares, principalmente ao Congresso Nacional. Documentos cujos objetivos, pelo menos até o presente, foram bem-sucedidos. Publicou dois livros de coletâneas de artigos – *Ofício do psicanalista: formação vs. regulamentação* (ALBERTI *et al.*, 2009), *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise* (SIGAL *et al.*, 2019). O primeiro livro inclui um texto até então inédito de Freud no Brasil, além de um número ainda não contabilizado de artigos em publicações acadêmicas ou não.

Só que em um país que tanto aprecia a burocracia e a segurança jurídica cartorial, formalmente a Articulação não existe. Não possui CNPJ, estatuto publicados no Diário Oficial, endereço fixo, organização formal com mandato da diretoria. Há quase vinte anos a Articulação só existe pelo desejo, mais popularmente conhecido como amor à psicanálise e em defendê-la de apropriações espúrias. Por isso mesmo, a Articulação refuta qualquer formalismo legal. Ele a colocaria exatamente no lugar que abomina, uma suprainstituição regulamentando toda a psicanálise no Brasil.

A Articulação se compõe da diversidade de instituições com as mais diferentes leituras de Freud. Em realidade um movimento criado por um grande saco de gatos, que se uniu por um objetivo político comum, para o qual ao longo de anos alguns consensos

fundamentais foram acordados. Mas jamais conseguiria reunir membros de todas as entidades participantes em um único evento como um congresso de psicanálise. Entretanto, forma um movimento em que o valor dessa diversidade, palavra que curiosamente rima com liberdade, passou a ser cada vez mais apreciado.

## **O nascimento da Articulação**

Ao final dos anos 1990, candidatos de uma das sociedades psicanalíticas onde lecionava trouxeram a xerox da página inicial de um *site*. Intitulava-se Escola Superior de Psicanálise. A página era ilustrada por um brasão semelhante aos governamentais e o lema *Pela Moralização da Psicanálise*. Surpreso pela configuração completamente diferente das páginas das instituições psicanalíticas mais conhecidas na internet (que então eram muito poucas) e copiando o nome da famosa instituição militar Escola Superior de Guerra, achei que era apenas uma das várias charlatanices que acompanham a história do saber freudiano desde seu início, principalmente no Brasil.

Em abril ou maio de 2000 recebi um telefonema, não lembro se do Conselho Federal de Psicologia (CFP) ou da Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), hoje Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), que congrega as instituições brasileiras da International Psychoanalytic Association (IPA). O telefonema informava sobre uma reunião do CFP e da ABP com várias federações e sociedades psicanalíticas. Não ficou claro o tema da reunião. Entrei em contato com Luís Maia, então presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), que concordou com o meu comparecimento. À época estava em meu primeiro mandato como presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Realizada no Hotel Glória em junho de 2000, a reunião foi presidida por Ana Mercês Bahia Bock, presidente do CFP e Wilson Amendoeira, presidente da ABP. Também compareceram o representante do Conselho

Federal de Medicina (CFM) responsável pela área da Psiquiatria e o representante da Associação Brasileira de Psiquiatria. Pelas sociedades psicanalíticas, além do CBP e da ABP, compareceram representantes do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ<sup>2</sup>), da Escola Brasileira de Psicanálise-RJ (EBP-RJ), da Letra Freudiana - Escola de Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo) e da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ) (JORNAL DO FEDERAL, 2000, s. p.).

Os coordenadores da reunião apresentaram aos presentes que várias instituições de cunho religioso há tempo divulgavam formações psicanalíticas. Mas a que foi o objeto da primeira reunião foi uma denominada de Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB),

[...] fundada em Niterói [...] que até o final do ano vai formar 2.000 psicanalistas por meio de cursos de 20 meses (16 horas/aula por semana) de duração em 14 estados [...] (JORNAL DO FEDERAL, 2000, s/p.).

Com o passar dos anos, muitas outras instituições similares foram debatidas, mas a fórmula pouco variou. A questão da análise leiga, aceita e discutida em texto pelo próprio Freud (1926), fora distorcida para racionalizar o ensino massa de algo não freudiano. Prática em grande parte dos casos ofertada como se fosse um curso de graduação. Tratava-se de cursos em média com dois anos de duração, quase sempre nos fins de semana. A parte teórica ministrada por apostilas e muitas vezes apenas com aulas *on line*. Geralmente propõem uma 'análise didática' de 50 sessões e um 'paciente piloto' também para 50 sessões. Algumas nem isso. A parte clínica se reduz à apresentação de casos pelo professor e análise pessoal apenas algumas sessões grupais *on line*.

2. O Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro e o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro são sociedades que possuem origem histórica comum a partir da federação constituída pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise, mas em 1978 o CPRJ retirou-se da federação.

Aos presentes no Hotel Glória foi distribuído material da SPOB. E todos ficaram entre o espanto e o medo ao saber também que em vários estados havia a formação de Conselhos Regionais e Federal de Psicanálise Clínica. E breve também seguiria a proposta de uma legislação para a regulamentação da psicanálise como profissão por esses conselhos. Perplexos com tantas informações, até então alheias ao meio psicanalítico, ficou marcada nova reunião ao final do ano: nasceu o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras (denominação que começou a ser usada pelos participantes embora não se lembre exatamente quando).

Alguns dias mais tarde, recebi o telefonema de um repórter ou editor do *Jornal do Federal*, publicação do CFP. Informado que seria para matéria sobre a reunião ocorrida no Hotel Glória, respondi a algumas perguntas pelo telefone. Uma vez que não sou psicólogo, não recebo de rotina essa publicação.

Mas pouco tempo depois recebi em minha residência a visita de uma Oficial de Justiça com a notificação e a entrega de um processo criminal por calúnia, injúria e difamação pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil referente às declarações dadas ao *Jornal do Federal*. Também receberam semelhante processo toda a diretoria do CFP, a equipe do *Jornal do Federal* e dois outros dos psicanalistas que participaram da reunião no Hotel Glória e deram entrevistas à publicação do CFP: Wilson Amendoeira, presidente de ABP e Romildo do Rêgo Barros, que participara da reunião representando a Escola Brasileira de Psicanálise.

Entrei em contato com o Conselho Federal de Medicina, que conduziu o caso ao Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. Por serem médicos, ao criminalista do sindicato coube a defesa dos três entrevistados pelo *Jornal do Federal*. Mais tarde o mesmo profissional também assumiu a defesa do corpo editorial do jornal e de membros do Conselho Federal de Psicologia. Os processos pas-

saram anos sendo procrastinados pelos trâmites do Judiciário. Até serem extintos em 2009, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) revogou a Lei de Imprensa editada em 1967, por ser resquício da ditadura militar e todos os processos dela derivados foram extintos.

As informações da primeira reunião do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas estavam corretas. Em 13 de dezembro de 2000, o deputado evangélico Eber Silva (PDT-RJ) encaminhou ao Congresso o Projeto de Lei n.º 3.944, que tratava da regulamentação da profissão de psicanalista.

Mas agora parte da comunidade psicanalítica brasileira já estava em alerta. Ao longo das reuniões outras sociedades passaram a integrar a Articulação. Foi encaminhado à Câmara um abaixo-assinado repudiando o projeto de Lei. Foi assinado por mais de 65 sociedades e federações psicanalíticas, mais algumas assinaturas por entidades universitárias, também subscrito pelos Conselhos Federais de Psicologia e Medicina e pela Associação Brasileira de Psiquiatria. O contato foi feito com deputados Paulo Delgado (PT-MG), autor da Lei n.º 10.216, conhecida como a Lei de Reforma Psiquiátrica, e Sérgio Miranda (PCdoB-MG) que se pronunciaram contra o projeto.

A partir do auxílio de uma colega residente em Brasília, Maria Ida Fontenelle, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e do Percurso Psicanalítico de Brasília, foi possível iniciar a uma ação diretamente na capital da república. Com a viagem de alguns outros colegas da Articulação ao Congresso Federal, foi fortalecido o *lobby* realizado no parlamento. O projeto Eber Silva acabou sendo arquivado.

Mas em outubro de 2003, outro projeto quase idêntico foi encaminhado pelo deputado Simão Sessim (PP-RJ). Projeto com o mesmo propósito e apoio das mesmas instituições de origem religiosa. Mas a Articulação crescerá. O movimento diretamente no Congresso foi retomado. Em agosto de 2004

o próprio deputado autor do segundo projeto pediu sua retirada.

A novela sobre os Conselhos de Psicanálise Clínica durou muitos capítulos. Porém, teve final feliz. Em julgamento de 3 de fevereiro de 2011, a Ministra Ellen Gracie, do Superior Tribunal Federal, negou o seguimento do Recurso Extraordinário interposto pelo Conselho Federal de Psicanálise do Brasil.

Com isso o referido Conselho está impedido de praticar os atos consubstanciados em seu “Estatuto Social”, bem como, de utilizar o título de Conselho Federal. Essa decisão mantém a anterior, [...] (SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2011).

**Primeiros consensos:  
psicanálise não se define,  
mas não é aquilo, é transmitida  
pelo tripé, é artesanal e laica**

À medida que novas sociedades e federações psicanalíticas vieram participar da Articulação ocorreu uma constatação curiosa. Apesar do aparecimento de várias instituições que até então se desconheciam, todas – originárias da IPA ou dissidentes e antagônicas, com suas leituras de Freud kleinianas, winnicotianas, lacanianas – sempre tiveram imediatamente a percepção de que a grotesca mistela apresentada pela *Ortodoxa* e similares não era psicanálise: ensino por apostilas, cursos de fim de semana, muitos apenas a distância, com a duração de dois anos ou menos.

O primeiro currículo apresentado na Articulação incluía disciplinas como hipnose, parapsicologia, neurologia e até primeiros socorros. Alguns anos mais tarde, outra proposta apresentava em sua página na internet, de um total de 12 disciplinas: neurociência, mitologia, C. G. Jung, Wilhelm Reich, psicossomática e farmacologia. Acrescente-se alguns dos já mencionados exemplos da parte clínica: como supervisão o estudo de casos trazidos pelo professor e a análise didática individual ou em grupo, 50 sessões *on-line*.

Outra característica desses cursos é seu apreço pelo concretismo e pelas formalidades. Há décadas ocorre a discussão sobre a possibilidade de alguém poder se intitular psicanalista mesmo após ter cumprido as extensas exigências de uma instituição, ou se necessita de uma experiência trazida tanto por sua análise pessoal como através da clínica que o permita se autointitular de psicanalista.

Mas havia e há instituições que vendem formações de dois anos ou menos e dão grande valor é a formaturas com o uso de becas e a outorga de ‘diplomas’ em auditórios. Assim como fornecem aos seus alunos carteiras de estudante e para seus formados carteiras profissionais. Também surgiram Sindicatos e Ordens de Psicanalistas. Alguns vendem carteirinhas e o anel de psicanalista.

Essas supostas formações frequentemente incorriam em logro, uma vez que, por não ser legalizada, a Psicanálise não é legalmente uma profissão, mas uma ocupação e, por mais longas e caras que sejam as formações sérias, por não serem regulamentadas pelo MEC, as sociedades não podem ofertar diplomas, mas apenas simples certificados.

Mais que meras formalidades, a propaganda do tipo “Tenha uma nova profissão: seja psicanalista” permitiu que algumas instituições fossem processadas por propaganda enganosa. Além da decisão do STF, talvez seja o motivo pelo qual hoje seus *sites* costumam explicar que o exercício da psicanálise é legalizado enquanto uma ocupação e até mesmo que o nome Conselho de Psicanálise seria apenas um nome de fantasia.

Embora um tema muitas vezes discutido, a diversidade de instituições que participam da Articulação, nunca se conseguiu uma definição do termo “psicanálise”. Mesmo quando na primeira década uma dirigente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), convidada para debater sobre o papel da universidade junto à psicanálise, solicitou que se criasse uma definição do que é psicanálise, porque não

havia nenhuma aceção oficial. Após acalorados debates, houve como sempre

[...] entre os participantes da Articulação, o consenso de que não há o consenso do que seja Psicanálise, mas seguramente não era *aquilo* (as propostas de formação que originaram o surgimento da Articulação e todas as congêneres das quais se tomou conhecimento ao longo dos anos) (LOPES; RIBEIRO, 2009, p. 54).

A Articulação é um movimento político, não reuniões de psicanalistas tal jornadas ou congressos. Além da premência em combater as tentativas espúrias de legalização, a diversidade das sociedades torna discussões teóricas e clínicas muito difíceis. Contudo, em relação a algumas questões abrangentes foi necessário o consenso. A partir de longas e ásperas discussões, o primeiro desses consensos foi o de que a transmissão da psicanálise se dá pelo tripé teoria, prática clínica e análise pessoal. Tripé que, independentemente de ser pela IPA ou por uma instituição laciana radical, dura muito mais que dois anos e do qual o mais importante é a análise pessoal. E isso também forma o grande diferencial com o saber universitário. A universidade não pode exigir, indicar ou controlar analistas para seus alunos. A universidade pode e deve ensinar algo sobre a psicanálise, mas a psicanálise mesmo só se aprende no divã.

Já escrevera Freud sobre os admiradores da psicanálise nas *Conferências introdutórias a psicanálise - terceira parte (teoria geral das neuroses)*, naquela designada *Resistência e recalque*:

Todo mundo está rapidamente disposto a tornar-se adepto da psicanálise – com a condição de que a análise pessoalmente o poupe (FREUD, [1917] 1978, p. 289, tradução nossa).

O segundo consenso foi o que de a transmissão da psicanálise é artesanal. As sociedades e federações são instituições muito pequenas se comparadas não apenas como

as pseudoformações, sejam de origem religiosa ou não, que se gabam de terem formado milhares de ‘psicanalistas’. As sociedades e federações que participam da Articulação também são numericamente insignificantes quando comparadas com os grandes grupos multinacionais que vieram a dominar quase todo o mercado de instituições particulares de terceiro grau no Brasil, com sempre crescente aumento de graduações a distância ou turmas presenciais com cem alunos ou mais.

Nas instituições da Articulação os próprios membros são os seus donos e gestores: proprietários dos meios de produção. As instituições da Articulação prezam pela transmissão por pequenos grupos. Cartéis e seminários que pouco chegam a mais de uma dúzia de pessoas. Pelo convívio por meio de supervisões individuais ou coletivas com os psicanalistas mais antigos. Pela participação em jornadas, congressos e mesmo na continuidade da transmissão dentro das sociedades por todos os novos participantes. Uma transmissão do saber individual e artesanal, oposto de uma linha de montagem com o único objetivo de obter índices crescentes de lucro.

O terceiro (ou o primeiro se tivermos em conta a origem da Articulação) consenso da Articulação é o de que a psicanálise é laica, não pode estar atrelada a nenhuma instituição ou corrente religiosa. Tanto devido a sua história e sua criação por ateus, como Freud, Klein, Lacan e a maioria dos outros nomes que poderiam ser citados, como por ser o instrumento de uma leitura extremamente crítica da origem e do uso da religião.

Desdobramento desse consenso da Articulação é o de que a psicanálise defende a seus adeptos a escolha de qualquer crença ou por crença alguma. E não pode ser utilizada para doutrinar ou catequizar. Esse propósito ficou muito claro nas apostilas e nos currículos de cursos de orientação religiosa que chegaram à Articulação. Assim como através da experiência de psicanalis-

tas de sociedades participantes da Articulação, que foram convidados a dar aulas em algumas dessas instituições ou até mesmo nelas se inscreveram para estudá-las melhor. Como pode ser visto acima, o ensino é diluído com disciplinas que nada têm a ver com a psicanálise. Além disso, a leitura direta de Freud, sempre desestabilizadora, ou é muito diluída ou nula.

O que conduz à indagação que surgiu desde a primeira reunião do movimento: por que algumas instituições religiosas tanto procuram se apoderar do significante, mas não do conteúdo da obra de Freud? Para desfazê-lo?

Pela profusão das pseudoformações vemos que é uma ótima fonte de renda. Entretanto também podemos investigar outro motivo complementar ou até mesmo mais importante. Religiosos e fiéis passam a ter um conhecimento comum sobre algo que se passa por psicanálise. Se por um lado o nome de Freud está associado à sexualidade, todas as formas de repressão podem ser vendidas falsamente em seu nome. Por outro dá mais prestígio aos religiosos e professores, eles não supõem saber: eles sabem!

No volume primeiro da *História da Sexualidade*, Foucault (1988) descreveu como o método psicanalítico descende da confissão cristã. Só que o objetivo de Freud se tornou o oposto ao da religião. Ao invés de ser um instrumento para culpabilizar e com isso converter o outro às crenças da religião, o método um tanto inquisitivo de Freud nos anos 1890, acabou por tornar-se a livre associação e a atenção flutuante. Ideais de liberdade da fala e da escuta, em que o desejo possa livremente se manifestar. Já, explícita na noção de religiosa de pastor, que implica na tutela e condução do rebanho, é que ele possui o conhecimento certo sobre as pessoas que visa administrar e controlar. O poder pastoral é uma forma de exercer o poder paternal e carismático daquele que sabe o que é melhor para os outros. Figura que é o fulcro de um eu ideal projetado externamente.

Como sintetizou em debate o colega da Articulação, Luís Francisco Camargo, representante da Escola Brasileira de Psicanálise na Articulação<sup>3</sup>:

Essa é a questão, a apropriação do nome da psicanálise para pastorear e vigiar o rebanho. Os adeptos de Lacan chamam isso de avesso do avesso, o conhecido discurso do mestre. O hipnotismo por outras vias.

**Apresentação das reuniões da Articulação. Outro consenso: toda análise é leiga**

Desde a primeira em junho de 2000, nunca mais a Articulação parou de se reunir em momentos mais críticos até quatro vezes ao ano e nos períodos mais tranquilos duas vezes.

À época da primeira reunião, entre os próprios psicanalistas, não havia um mapeamento da psicanálise séria no Brasil. A ABP e o CFP escolheram algumas mais conhecidas, quase todas do Rio de Janeiro. A história da psicanálise no Brasil é uma história de cisões. Desde tentativas de monopólio pelas sociedades derivadas da IPA, inclusive com projetos passados de regulamentação, até o outro extremo em que há instituições, principalmente algumas lacanianas, que não reconhecem uma leitura de Freud que não seja a seu modo.

Essas e outras questões fazem com que até hoje não exista um livro abrangente com a história da psicanálise no Brasil. Muitas vezes na Articulação se menciona a necessidade de um dia realizar um congresso exclusivo sobre esse tema. A ideia jamais foi além dessa frase. Mas a Articulação teve como mérito ao longo dos anos mapear a psicanálise no Brasil. Muitas vezes com a participação de instituições que não frequentam diretamente as reuniões, mas estão a par do que é discutido e subscrevem os manifestos.

3. Agradecemos a autorização de Luís Francisco Camargo para publicação neste artigo.

As filiadas do Círculo Brasileiro de Psicanálise, e mesmo as sociedades que nele se originaram e depois saíram da federação, quase todas aceitam não médicos ou psicólogos para formação. À medida que o número de entidades participantes foi aumentando e muitas sociedades lacanianas começaram a participar, instituições que com poucas exceções aceitam a análise leiga, a questão da análise leiga tornou-se premente. Já na primeira reunião o Vice-presidente do CFP defendera uma legislação contra a análise leiga e a favor de uma regulamentação atrelada à formação psicólogo. Sua fala não obteve resposta.

Em menos de dois anos da reunião inicial, ficara patente que a psicanálise no Brasil, sendo um seguimento da própria história da psicanálise desde Freud, ultrapassava em muito esta ou aquela graduação universitária. O CFP não mais enviou representante às reuniões. Continuou apoiando o movimento e assinando os manifestos da Articulação, mas sempre a distância.

Em paralelo outro consenso foi obtido pelo movimento: toda análise é leiga. O tema da análise leiga perpassou todo o primeiro livro *O ofício do psicanalista* (ALBERTI et al., 2009) e foi o título específico de um dos capítulos. Como se fosse pouco, o livro trouxe em seus apêndices um texto e uma tradução (realizada pelo colega Eduardo Vidal da Letra Freudiana) inéditas de Freud no Brasil, o *Pós-escrito de "A psicanálise leiga"* (FREUD *apud* ALBERTI et al., 2009, p. 169-180), suprimido a conselho de Ernest Jones e Max Eitingon.

Com a saída do CFP, por quase dez anos as reuniões foram organizadas e presididas pela ABP, depois denominada FEBRAPSI. Foi outro consenso o de que as reuniões nunca deveriam ser na sede de uma das instituições participantes, mas no terreno neutro do salão de um hotel. E a data da próxima reunião é sempre decidida pelo plenário como o último ato de cada encontro. Até hoje a organização consta apenas da reserva e pagamento de uma sala do centro de convenções de um hotel, assim como o envio e a cobrança refe-

rente a cada sociedade ou federação, quantia igual para todos.

Wilson Amendoeira presidiu a Articulação por muitos anos e, apesar do receio que o nome da IPA causa em muitas instituições, sempre agiu de modo democrático e conciliador. Ao término de vários mandatos na presidência de sua federação, foi substituído por outro colega da FEBRAPSI que seguiu do mesmo modo.

Mas numa terceira ou quarta mudança de representantes da IPA no Brasil ocorreram desencontros. Primeiro uma reunião foi desmarcada a menos de duas semanas de antecedência. Houve intensa troca de *e-mails*. E como não havia tempo hábil para reservar outro hotel, a Letra Freudiana-Escola de Psicanálise ofereceu o auditório no segundo andar de sua sede em Ipanema, Rio de Janeiro. Única vez em vinte anos que o local de uma reunião foi a sede de uma das participantes. O representante da FEBRAPSI acabou também comparecendo.

Algum tempo após, um novo representante da FEBRAPSI, vindo pela primeira vez a uma reunião da Articulação e possivelmente pouco informado sobre a dinâmica do movimento, pareceu crer que o fato de organizar e presidir a reunião lhe dava poder sobre as demais instituições. Foi deposto. Assim, há dez anos a organização e a presidência de cada reunião é realizada de modo rotativo entre as participantes sediadas no Rio de Janeiro. Não é um rodízio fixo, mas todas as participantes sediadas no Rio de Janeiro já organizaram e presidiram mais de uma vez as reuniões.

### **Lutas passadas e presentes da Articulação: toda análise é laica e leiga**

Uma vez arquivados os dois projetos de lei que originaram o início da Articulação, e tomados os consensos acima, a discussão seguinte das reuniões foi a de se posicionar em relação à Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP). Essa entidade, criada a partir

de um grupo de trabalho do CFP, propôs-se a regulamentar todas as práticas psicoterápicas no Brasil. Em princípio a ABRAP defendia a regulamentação apenas das práticas psicoterápicas, mas o termo “psicoterapia psicanalítica”, embora cause horror a muitos psicanalistas, foi debatido na Articulação. Concluiu-se que seria um subterfúgio semântico que acabaria abrangendo a psicanálise no Brasil como um todo.

Na prática foi o que veio a ocorrer nos anos seguintes em alguns países europeus. Assim como ocorreu na Itália, onde a psicanálise foi inicialmente colocada à parte das psicoterapias. Contudo, uma ação judicial acabou colocando-a dentro das psicoterapias e restringindo-a aos psicólogos. Embora ainda não tivéssemos conhecimento do que ocorrera no país europeu, já se discutia na Articulação que algo semelhante ocorreria se vingasse a proposta da ABRAP. Indo contra outro dos consensos da Articulação já discutido: não pertencendo à medicina ou psicologia, ou qualquer outra área, toda análise é leiga. Psicanalistas originários da psicologia também questionaram que a ABRAP usurparia funções pertencentes ao CFP e que seria mais uma taxa a ser paga.

Um dos fundadores da ABRAP foi convidado para uma das reuniões da Articulação, no que prontamente aceitou. Apesar de sua boa vontade, a leitura do projeto epistemológico que supostamente fundamentaria a constituição da ABRAP, tentava colocar no mesmo barco mais de uma dúzia de condutas terapêuticas de origens e pressupostos completamente diferentes, e até antagônicos, como terapia cognitivo-comportamental e humanista existencial.

Aos olhos dos participantes da Articulação mostrou, ainda mais, a impertinência da psicanálise no meio das psicoterapias em geral (LOPES; RIBEIRO, 2009, p. 57-58).

Os projetos de lei apresentados e arquivados no Congresso Nacional e a proposta da

ABRAP não visavam apenas regulamentar o ensino e a prática. Existiam e existem grandes somas de dinheiro em questão. Qual ou quais entidades poderiam fazer-se representar como representantes legítimas e exclusivas da psicanálise perante a Agência Nacional de Saúde? O que implicaria o monopólio de reembolso de consultas e convênios (LOPES; RIBEIRO, 2009, p. 58).

No caso de instituições de origem religiosa, houve mesmo a pressuposição de que governos estaduais poderiam fornecer recursos. Ana Bock, que presidiu a primeira reunião do movimento, dirigia o CFP na época em que foi aprovada a Resolução CFP 01/99, que vedava a patologização e a terapia de orientações sexuais não herteronormativas, popularmente conhecidas como “cura gay”. Apesar da oposição e ações judiciais de grupos religiosos, que chegaram até o Supremo Tribunal Federal, até o presente a resolução foi mantida. Mas especialmente no estado do Rio de Janeiro, a pressão por terapias de reversão de orientação sexual, assim como de internação compulsória de dependentes químicos e o retrocesso do movimento anti-manicomial e da Lei da Reforma Psiquiátrica são sempre reivindicações de grupos religiosos fundamentalistas e alguns partidos políticos.

### **Lutas passadas e presentes da Articulação (II): outros projetos de lei**

Em 2009 surgiu o projeto de Lei do Senador Almeida Lima (MDB/SE) sobre a regulamentação do exercício das atividades de terapias, incluindo em seu bojo a psicanálise, e com a proposta de criação do Conselho Federal de Terapeutas (FENATE) e dos Conselhos Regionais de Terapeutas. O trabalho da Articulação e mais especificamente esta proposta foram discutidas em artigo publicado na *Estudos* pela colega Deborah Pimentel do Círculo Psicanalítico de Sergipe (PIMENTEL, 2010). Estabelecia a proposta do autor do projeto, que as atividades seriam exercidas

[...] por profissionais qualificados em cursos reconhecidos pelo FENATE, com carga horária mínima de 180 horas, acrescidas de estágio. Para oferecer formação adequada aos profissionais em terapia, foi sugerida a criação de uma Faculdade de Terapias Profissionais (PIMENTEL, 2010, p. 28).

E, enquanto tal faculdade não fosse oficializada, o autor propunha a criação de curso de capacitação profissional técnica de nível médio! Só esse item da proposta seria suficiente como indicação de completo desconhecimento da riqueza e complexidade tanto da psicanálise quanto do ser humano. A partir do trabalho da Articulação e do primeiro livro publicado, acrescenta a colega de Sergipe

De que transmissão afinal estaríamos falando? [...] A transmissão em psicanálise é única e é exclusivamente a transmissão de uma experiência analítica e, portanto, pertence ao campo do testemunho. Não se transmite o ato psicanalítico, ele é sempre uma criação singular vinculado mais à ética do que à técnica. Sem a integração entre a análise pessoal, estudos teóricos e uma boa supervisão de técnica não existem processos de formação analítica (PIMENTEL, 2010, p. 29).

Repetiram-se os manifestos e o contato direto com parlamentares por participantes da Articulação. E em 2011 o referido projeto foi arquivado.

Em 2017 o Senador Telmário Mota (PTB/RR) propôs o Projeto de Lei n.º 174, que “Regulamenta a profissão de Terapeuta Naturista, nas modalidades medicina oriental, terapia ayurvédica, outras terapias naturais, e terapias psicanalíticas e psicopedagógicas” (SENADO FEDERAL, 2019).

No grupo das terapias psicanalíticas, o autor aloca as seguintes modalidades: a psicanálise clínica, a psicanálise didática, a psicanálise infantil, a psicanálise teológica, a psicanálise cognitiva, a psicossomática e a

psicanálise hospitalar. A extensa lista de terapias provocou reações contra o projeto além das já esperadas da Articulação, com o acréscimo de terapeutas das outras modalidades envolvidas.

Contudo, em 2018, o mesmo senador apresentou o Projeto de Lei n.º 101, que exclusivamente “dispõe que o exercício da profissão de psicanalista é livre em todo o território nacional, quais são os requisitos da profissão, suas competências e deveres” (SENADO FEDERAL, 2019).

Subscrevemos o comentário de Luís Francisco Camargo, publicado pela Escola Brasileira de Psicanálise:

O PLS 101/2018 é mais temerário, pois é mais aperfeiçoado que o anterior [...]. No artigo n.º 3, a complexa questão sobre o que é um psicanalista é respondida por meio da habilitação em cursos de graduação, pós-graduação (*stricto e lato sensu*) e cursos livres desenvolvidos por entidades de “notório” saber, com carga horária mínima definida. [...] (CAMARGO, 2019).

Esses três últimos projetos de lei resumem os propósitos por baixo de todas as propostas de regulamentação que levaram à existência da Articulação. Apagar o conteúdo e a origem da obra freudiana e em seu lugar vender a psicanálise como mais uma arma do arsenal religioso. E ao mesmo tempo vendê-la a seus fiéis como mais uma das falsas quinquilharias, mais uma do catálogo de ídolos que sua própria religião deveria proibir. Reduzi-la de modo superficial e mecânico em apenas mais um produto a ser vendido pelas universidades particulares. Difundi-la como nome famoso apenas para encobrir técnicas ou leituras superficiais, mas em moda, como livros de autoajuda ou como *coaching*.

### **Conclusão: um significante muito valioso para estar ao desabrigo**

Durante uma das primeiras reuniões da Articulação, o colega Romildo do Rego Barros

(EPB-RJ) comentou que “a Psicanálise é um significante muito valioso para estar ao desabrigo”. E o eco desta frase, de tempos em tempos, retorna.

Um significante está sempre em aberto por jamais se encaixar plenamente em um significado. O que mais de vinte psicanalistas tentaram em mais de uma vez na Articulação. Conceituar a definição de psicanálise. Como todo significante verdadeiro, cria muitos significados, todos incompletos. E quanto mais potente, maior sua força de criação. Mas que também conduz a tentativas de restringir o significante ‘psicanálise’ juntando com outro: “do ego”, “do *self*”, “kleiniana”, “winnicottiana”, “lacaniana”, entre outras. Método que pelo menos tem a utilidade de delimitar um campo de trabalho, possibilitar a prática clínica e o aprofundamento da pesquisa teórica.

Logo, sua riqueza origina-se nessa incompletude. Freud sempre sublinhou que o significante por ele criado tinha sua gênese no “Eros do divino Platão”. Motivo pelo qual todas as tentativas de usurpação do significante “psicanálise” geram tanta indignação. Tentam soldá-la a uma definição imaginária, empobrecendo-a em algo falso e obturante.

E por ser significante verdadeiro, não se encaixa direito a nenhum arquivo ou catálogo. Não reside em uma determinada área acadêmica ou curso de graduação específico. Não possui endereço ou morada fixos. Não sabe direito quem ou o que é. É rico e pobre ao mesmo tempo, tal o Eros de Platão. Sua errância é sua riqueza. Necessariamente tem de estar ao desabrigo.

O que já deixou confusos legisladores favoráveis à causa da Articulação. Responderam eles: ‘Sim, este projeto é ruim, iremos rejeitá-lo. Então, redijam vocês um projeto bom, para que possamos aprová-lo’. Afirmar para pessoas que foram eleitas e são pagas para fazer leis, que a causa da Articulação é a não regulamentação, as deixa perplexas.

**Abstract**

*The origin of the Articulation Movement of Brazilian Psychoanalytic Entities in 2000. Spurious attempts to regulate Psychoanalysis in Brazil since the 1990s. Curricula and proposals linked to religious entities using the name of Psychoanalysis. Law projects and lawsuits filed as an effect of the Articulation's work. Description of the movement's meetings. Consensuses obtained between the societies and federations participating in the Articulation: transmission tripod (theory, clinic and personal analysis), artisanal transmission, Psychoanalysis is lay and secular. Books produced by the Articulation Movement. The most recent attempts to regulate Psychoanalysis in Brazil. Current actions of the Articulation in the Federal Senate.*

**Keywords:** Regulation of Psychoanalysis, Articulation of Psychoanalytic Entities, Tripod of transmission, Psychoanalysis is lay and secular.

**Referências**

- ALBERTI, S.; AMENDOEIRA, W.; LANNES, E.; LOPES, A.; ROCHA, E. (Orgs.). *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- CAMARGO, L. F. E. Sobre as novas tentativas de regulamentação da psicanálise. *Correio Express*. Revista eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: <[https://www.ebp.org.br/correio\\_express/2019/12/20/sobre-as-novas-tentativas-de-regulamentacao-da-psicanalise](https://www.ebp.org.br/correio_express/2019/12/20/sobre-as-novas-tentativas-de-regulamentacao-da-psicanalise)>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- FOUCAUT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREUD, S. Introductory lectures on psycho-analysis (1917 [1916-1917]). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XVI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. Pós-escrito de "A psicanálise leiga". In: ALBERTI, S.; AMENDOEIRA, W.; LANNES, E.; LOPES, A.; ROCHA, E. (Orgs.). *O ofício do psicanalista*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- JORNAL DO FEDERAL. *A psicanálise violentada*. Conselho Federal de Psicologia, Brasília: julho 2000, ano XV, n. 64.
- LOPES, A.; RIBEIRO, M. M. C. Apresentação das reuniões da articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. In: ALBERTI, S.; AMENDOEIRA, W.; LANNES, E.; LOPES, A.; ROCHA, E. (Orgs.). *O ofício do psicanalista*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PIMENTEL, D. Regulamentação da profissão de psicanalista. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 34, p. 27-30, dez. 2010. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- SENADO FEDERAL. *Atividade legislativa*. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129523>>. Acesso em: 01 set. 2019.
- SIGAL, A. M.; COMTE, B.; ASSAD, S. (Org.). *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2019.
- SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Jurisprudência*. Disponível em: <<https://stf.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/18157438/recurso-extraordinario-re-546679-pr-stf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

**Recebido em:** 19/12/2019

**Aprovado em:** 28/12/2019

## **Sobre o autor**

### **Anchyses Jobim Lopes**

Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ.  
Doutor em filosofia pela UFRJ.  
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).  
Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.  
Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.  
Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.  
Ex-professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da PUC-RJ.  
Ex-professor adjunto da Faculdade de Educação da UCP.  
Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da UNESA.  
Um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).  
Presidente do CBP-RJ 2000-2004, 2008-2012 e 2014-2018. Presidente do CBP 2004-2006 e 2017-2021.  
Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

### **Endereço para correspondência**

E-mail: <anchyses@terra.com.br>

*Ser psicanalista:  
um ofício meio doido*

*Being a psychoanalyst:  
Kind of a crazy job*

Luís Claudio Figueiredo

**Resumo**

Esta reflexão sobre o ofício de psicanalista foi inspirada no romance *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, que narra a irreverência, a instabilidade e a crítica ao mundo adulto feita por um adolescente americano da década de 1940. O texto busca a relação de certas fantasias deste adolescente com as ideias que Christopher Bollas desenvolveu no livro *Apanhe-os antes que caiam* (2013) sobre o atendimento de pacientes em sofrimentos extremos; a partir daí, tece considerações a respeito do lugar da ambição e da onipotência, mas também da necessária modéstia dos psicanalistas em suas práticas. O trabalho faz referências à matriz freudo-kleiniana e a Wilfred Bion para falar da atividade analítica, e também ao que o analista precisa ter de infantil, imaturo e inconsciente.

**Palavras-chave:** Analista implicado, Analista reservado, Adoecimentos psíquicos, Práticas clínicas.

*Sabe o que eu queria ser?  
Quer dizer, se eu pudesse escolher qualquer merda? [...]  
Enfim, eu fico imaginando um monte de criancinhas brincando  
de alguma coisa num campo imenso de centeio e tal.  
Milhares de criancinhas, e ninguém está por ali  
– ninguém adulto, assim – fora eu.  
E eu estou parado na borda de um penhasco maluco.  
O que eu tenho que fazer é que eu tenho de pegar todo mundo  
se eles forem cair no penhasco  
– quer dizer, se eles estiverem correndo  
e não olharem para onde vão,  
eu tenho de aparecer de algum lugar e apanhar eles.  
Era a única coisa que eu ia fazer o dia todo.  
Eu ia ser o apanhador no campo de centeio e tal.  
Eu sei que é doido, mas é a única coisa  
que eu queria ser de verdade.  
Eu sei que é doido.  
(SALINGER, [1951] 2019, p. 208-209).*

## **Introdução: a longa crise depressiva de Holden Caulfield**

O relato de Holden Caulfield, 17, desde suas últimas horas na escola de que acabava de ser novamente expulso, atravessando alguns dias de liberdade, desorientação, encontros e encrucas em Nova York, antes de retornar à casa dos pais, até sua última comunicação, já internado em uma clínica psiquiátrica, cobre exatas duzentas e cinquenta e três páginas, na edição da *Todavia* (SALINGER, 2019). É uma narrativa cheia do humor, da irreverência, da instabilidade, do tédio, da depressão e da crítica ao mundo adulto desse adolescente americano da década de 1940, no pós-guerra.

Vamos lendo fascinados esse relato, mas é apenas nas páginas 208 e 209 que encontramos um esclarecimento do título do romance: *O apanhador no campo de centeio*. Quando li esse trecho, que aqui foi colocado como epígrafe, imediatamente me lembrei do livro do psicanalista Christopher Bollas (2013) *Apanhe-os antes que caiam*.

Podia jurar que Bollas se inspirara nesse trecho do livro de Salinger. Nunca obtive alguma confirmação dessa suspeita, mas ela me abriu o horizonte para as considerações que se seguem em torno de nossas práticas clínicas. Em especial, do que nelas pode haver de ‘doido’, como na fantasia amalucada e hiper-reparadora do garoto Holden Caulfield, no final das contas, um garoto inteligente, muito bom e generoso.

No mesmo momento me veio o desejo de dedicar este pequeno texto aos amigos do *Terceira Margem do Rio*, que há vinte cinco anos se reúnem – sob o signo de uma certa loucura mansa (o nome diz tudo) – para conversarmos sobre nossas experiências, nossas inquietações, nossas ideias.

### **A psicanálise, evidentemente, não é só isso**

Não fazia parte do empreendimento de Freud uma pretensão salvífica dessa monta. Ao contrário, o *furor curandis* é por ele condenado e dessa condenação não se tornou obsoleta. Não obstante, a clínica psicanalí-

tica muitas vezes foi obrigada a ‘estender as mãos’ para pacientes muito adoecidos que correm, desarvoradamente, para a borda do abismo e precisam ser, sim, apanhados antes que caiam.

Foi assim com os casos relatados por Bollas (2013), e tinha sido assim quando a analista inglesa Anne Alvarez (1992) cunhou a noção de ‘reclamação’ diante de um paciente autista, quando intui que, se não o apanhasse, ele cairia para sempre e definitivamente. Antes deles, essa fora a índole de uma parte muito significativa das inovações que Sándor Ferenczi introduziu na psicanálise em seus derradeiros trabalhos. Mas antes de avançar, seria conveniente retomar em que medida a prática psicanalítica *não se assemelha* à fantasia do personagem de J. D. Salinger.

Não apenas o salvar a todo custo não fazia parte da clínica freudiana nem da kleinobioniana, dado o reconhecimento de forças contrárias ao tratamento operando o tempo todo – as resistências combinadas do isso, do eu e do supereu e, em particular, as chamadas pulsões de morte – como a suposição de onipotência de Holden Caulfield não nos ajuda em nossa labuta.

Nos imaginarmos como ‘o único adulto na borda do penhasco’ é um péssimo começo para virmos a ocupar o lugar do analista a quem cabe escutar, exercer a complexa tarefa de uma escuta polifônica (FIGUEIREDO, 2018), que nos dê acesso às diversas dimensões inconscientes do paciente, de nós mesmos, do campo analisante e dessa entidade que se forma pelo entrecruzamento dos inconscientes que nesse campo habitam. Uma entidade tão estranha que já foi denominada de ‘quimera’ e de ‘monstro’, pelo que tem de enigmático, confuso e monstruoso (DE M’UZAN, [1978] 1987; REIS, 2016).

As operações da escuta polifônica, por mais complexas e desafiadoras que sejam, nem de longe se parecem com o que se espera do apanhador no campo de centeio, salvando milhares de criancinhas na borda

do abismo. O fundamental, ao contrário, é sustentar essa disposição peculiar de mente de ‘esperar o inesperado’, deixar vir o novo, deixar-se afetar pelas comunicações inconscientes do paciente, deixar-se submeter ao adoecimento da quimera (de que somos parte) nas transferências e contratransferência neuróticas, narcísicas e psicóticas. Em todas, aliás, podemos experimentar alguma dose de loucura, e “*madness*”, efetivamente, consta do título do artigo de Bruce Reis (2016) acima mencionado, dedicado às obras de Michel De M’Uzan, Thomas Ogden e Christopher Bollas.

É claro, enfim, que há riscos aí sempre presentes, seja o risco de loucura, seja o de adoecimentos psicossomáticos, ambos associados a momentos de perda de ‘identidade’, estados passageiros de alguma despersonalização, muito bem descritos por De M’Uzan. Mas não é ainda o risco da loucura onipotente e persistente de se julgar o único adulto na borda do penhasco, responsável por centenas de criancinhas descontroladas e em perigo.

Ao contrário, sabemos perfeitamente que de um perfeito adulto – vigilante e consciente – não temos muito e que, na verdade, só podemos exercer nossa atividade analítica dando uma função importante ao que também temos de infantil, imaturo e inconsciente.

É da combinação paradoxal de nossa condição híbrida – infantil e adulto; consciência e inconsciente – que precisamos para instalar e sustentar a situação analisante, deixando a ela a responsabilidade de propiciar e potencializar nossas capacidades de trabalho psíquico: trabalhos do sonho, trabalhos do luto, trabalhos do humor e da criação, trabalhos do morrer.

A ‘cura’, e não a salvação, será o produto dessas operações de trabalho psíquico consciente e inconsciente e poderia ser concebida muito singelamente como a elaboração permanente e continuada – ainda que sujeita a algumas interrupções – de nossas experiências emocionais, em particular, as mais perturbadoras, na forma de agonias e angústias.

Desses trabalhos psíquicos esperamos a expansão da nossa capacidade de lidar com os afetos, as ideias e a ampliação de nossa competência para tolerar adversidades e incertezas. Vale dizer, concebemos a ‘cura’ na forma de nos tornarmos mais humanos e mais reconciliados com nossa humana condição, finita e imperfeita.

Como se vê, estamos muito longe das fantasias de Holden Caulfield, embora haja também aqui uma certa proximidade com a loucura e com os adoecimentos psicossomáticos, como disse acima. Querer ser psicanalista *assim* e só fazer isso o tempo todo, nós também sabemos que é perigoso e doído, embora não tão doído quanto pensava e sabia ser o personagem de Salinger.

**Mas a psicanálise também é isso; de vez em quando, muito isso... e, no fundo, um pouco disso, o tempo todo**

#### **Preliminares: o analista implicado e superimplicado**

Estamos falando de presença implicada e em grau de implicação. Embora sempre necessária na formação das “quimeras”, monstruosas e muito loucas, da situação analisante, e na sua transformação, na psicanálise, a maior parte do tempo, e na maioria dos casos, a implicação pode e precisa ser conservada dentro de limites. Eles se expandem, quando não se rompem, quando se impõe a tarefa de apagar as crianças na borda do penhasco.

É disso que se trata no livro de Bollas (2013) e me surpreendeu não haver nele nenhuma alusão ao romance de Salinger, que Bollas seguramente conhece e aprecia. Nesse pequeno volume *Catch them before they fall* verificamos a necessidade de os psicanalistas reconhecerem que, mesmo que a psicanálise não seja fundamental, isso também deva ser isso em certas situações.

Mais claramente, precisa ser isso de vez em quando, como nos casos relatados pelo analista em que se avolumam os sinais de um colapso se aproximando. Era, aliás, o

caso do próprio Holden Caulfield, mais do que o das criancinhas que ele queria salvar e que estavam, afinal de contas, brincando e correndo no campo de centeio, enquanto ele errava de encontro em encontro, de encrenca em encrenca, desorientado e às voltas com o tédio e a depressão. Tudo sugere que a fantasia onipotente e hiper-reparadora do garoto era uma projeção sobre as crianças do perigo que ele corria e do colapso que dele se aproximava, reservando-se o papel seguro do grande salvador.

Não obstante, há efetivamente indivíduos que se aproximam sem saber do abismo – mas não correndo e brincando, é claro – e que precisam ser apanhados antes que caiam. A tradição ferencziana na psicanálise, que comparece no livro de Bollas, por intermédio de Balint e Winnicott, inaugurou essa corrente que tanto se abre para pacientes colapsados ou em marcha para o colapso, como se dispõe a grandes alterações de enquadre para responder às suas necessidades de sustentação.

Embora Bollas enfatize a raridade dessas condições que o levam a fazer profundas alterações no enquadre, penso que no fundo, o tempo todo nosso ofício na psicanálise está atravessado por uma fantasia desse tipo, ainda que ela precise ser parcialmente reprimida e elaborada – e não apenas disciplinada por um ‘superego técnico’.

São evidentes os riscos de quando a psicanálise é excessivamente ou exclusivamente isso. Tanto há os riscos para o paciente que, supostamente, ‘precisando ser salvo’, é infantilizado e alienado na fantasia do analista salvador, tiranicamente salvador. Como há os riscos para o analista em sua onipotência reparatória à la Holden Caulfield, uma forma mansa, mas nem tão mansa assim, de doideira.

Os riscos do excesso de implicação podem ocorrer também na matriz freudo-kleiniana, em que a onipotência do analista também pode operar para o bem e para o mal. Contudo, tanto em Freud como em Melanie

Klein e Wilfred Bion encontramos elementos da teoria e da clínica que nos impõem modéstia em nossas ambições terapêuticas. Já os riscos do excesso na matriz ferencziana parecem muito maiores, justamente porque nela são minimizados os obstáculos, as resistências, as ‘reações terapêuticas negativas’ e outras decorrências das pulsões de morte, de destruição e de regressão ao inanimado. A implicação excessiva pode levar o analista para o fundo do penhasco, onde ele manterá o paciente encarcerado.

### O analista em reserva

Mas eis que podemos aprender também a reserva com o mesmo Holden Caulfield: poucas páginas depois de contar sua fantasia à irmã querida, ele já não se imagina mais como o único adulto na borda do penhasco; agora é um adolescente que, sentado em um banco, vê efetivamente a irmã brincar no carrossel do Central Park.

É quando diz:

As crianças todas ficavam tentando agarrar a argola dourada, e a nossa amiga Phoebe também, e eu estava meio com medo que ela caísse da desgraça do cavalo, mas não abri a boca e não mexi um dedo. O negócio com as crianças é que elas querem agarrar a argola dourada, você tem de deixar e não abrir a boca. Se elas caírem, caíram, mas é ruim se você disser alguma coisa (SALINGER, [1951] 2019, p. 251).

Que transformação! Numa avaliação justa, cair do cavalinho pode arranhar o joelho ou mesmo quebrar um braço, mas nada de espetacular. É possível ficar quieto e, se cair... caiu. Comparando com a fantasia claramente defensiva em que Holden transfere para as criancinhas sua própria impotência e falta de sustentação, reservando-se o lugar idealizado do salvador – o apanhador no campo de centeio – o que se apresenta agora é um sujeito preocupado e atento, mas sem veleidades salvadoras.

Cabe, assim, ressignificar toda a fantasia do apanhador no campo de centeio. As crianças estão felizes e *brincando*. Quem estava na borda do penhasco era Holden: era ele que corria o risco de despencar; aliás, já estava despencando (ao menos, até sentar-se no banco do parque para acompanhar Phoebe no carrossel). Mas aquela fantasia hiper-reparadora e onipotente reaparece agora *elaborada* nessa nova posição do adolescente, preocupado, mas contido. É preciso confiar nas habilidades de Phoebe (e ela não caiu) e lhe dar o direito de fazer suas próprias experiências.

### Virando analista

Acredito que uma fantasia onipotente como a que transcrevi como epígrafe dificilmente esteve ausente na escolha do ofício de psicanalista. No melhor dos casos, pode ir sendo em parte reprimida e em grande parte elaborada para dar lugar à sua presença reservada em nossa mente, mas sem deixar de existir em nossa reserva psíquica. Aliás, nossa reserva no plano intersubjetivo depende de conservarmos essa fantasia em reserva no plano intrapsíquico.

Algo da nossa condição de apanhadores no campo de centeio se preserva, posto que profundamente transformada, mas a postos para voltar à atividade em muitas situações clínicas em que é preciso reclamar nossos pacientes amortecidos e mortificados, apanhá-los antes que caiam ou que se reestruturem como *broken selves* (BOLLAS, 2013, p. 13-19), pacientes da falha básica, como dizia Balint. Mas a maior parte do tempo, podemos nos manter à escuta, sentados em nossas poltronas, como Holden no banco do Central Park.

### Um tal psicanalista de lá e sua indisponibilidade para a loucura terapêutica

Mas o adolescente rico de Nova York não teve a sorte do encontro com essa psicanálise, nem antes do colapso, nem depois.

Na última página do livro, internado em uma clínica psiquiátrica, ainda narra:

Um monte de gente, principalmente um tal psicanalista daqui fica me perguntando se eu vou me esforçar quando voltar para a escola em setembro. É uma pergunta tão idiota, na minha opinião. Quer dizer, e tem como você saber o que vai fazer até chegar a hora de você fazer? A resposta é, não tem como. Eu acho que vou, mas como é que eu posso saber. Juro que é uma pergunta idiota (SALINGER, [1951] 2019, p. 253).

Podemos imaginar que se trate da psicanálise novaiorquina da Ego Psychology, hegemônica na época e na região, mais que tudo interessada na reconstituição das competências egoicas desse adolescente inteligente, informado, perdido e destrambelhado. A hipótese não é descabida; Salinger acreditava que quase todos os psicanalistas da cidade se dedicavam a adaptar para a normalidade.

No livro *Franny & Zooey* (1955), encontramos o diálogo:

Se você não consegue, ou não quer pensar no Seymour, então vai lá de uma vez e chama algum psicanalista ignorante. Pode ir mesmo. Você vai lá e chama algum analista com experiência em ajustar as pessoas aos prazeres da televisão e da revista *Life* toda quarta-feira, e viagens pela Europa, e a bomba H, e as eleições pra presidente, e a primeira página do *Times*... e sabe mais o que de gloriosamente normal [...] Eu acho que deve ter um psicanalista em algum canto da cidade que ia ser bom pra Franny [...] Mas acontece que eu não conheço nenhum (SALINGER, [1955] 2019, p. 95-96).

O que Zooey imagina para sua irmã à beira do colapso (Seymour, o irmão mais velho, já havia sucumbido e se suicidado) não poderia dar certo se o analista fosse ‘terrivelmente freudiano ou terrivelmente eclético, ou só terrivelmente normal’; aí ela ia sair pior

do que Seymour saiu. Faltaria a esse analista um grãozinho de doidice... Uma doidice pela qual o analista seria grato:

Ele ia ter que acreditar que foi pela graça de Deus que ele foi inspirado a estudar psicanálise, pra começo de conversa... Ia ter que acreditar que é pela graça de Deus que ele tem a inteligência nata até pra conseguir ajudar seus pacientes. Eu não conheço nenhum analista bom que pense desse jeito. Não dava para ser alguém que nem tivesse uma gratidão louca e misteriosa por sua inteligência e perspicácia (SALINGER, [1955] 2019, p. 97).

Aquela psicanálise dominante na cidade de New York era indisponível para o mergulho na loucura – algo de fato muito doido – que nos leva, agradecidos, para territórios sombrios, convulsionados ou inertes, que têm o poder de nos deprimir e de nos tornar, de nos adoecer, mas de onde podemos sair renovados e mais integrados, nós e nossos pacientes. Faltava a ao psicanalista de lá, quem sabe, a fantasia louca em reserva, e a Holden, com o perdão pelo trocadilho, ficou faltando *holding* no sentido preciso de sustentar o *ser e o durar ao longo do tempo*.

### ***Catch them before they fall!***

#### **uma outra psicanálise**

Em um dos capítulos de seu livro de 2013, Bollas (2013, p. 75) nos diz: “Mais que tudo, o paciente que está entrando em colapso precisa de tempo”. Tempo para o colapso e mais tempo ainda para uma lenta recomposição integradora.

Tempo era justamente o que o analista de Holden Caulfield não queria lhe dar e lhe fazia a pergunta idiota: vai se *esforçar* na escola quando voltar em setembro? Não sabemos exatamente, mas o relato deve estar sendo feito pouco depois do Natal, pois os dias cruciais do colapso de Holden antecedem o 25 de dezembro. O tal psicanalista de lá tem pressa na recuperação do garoto, o que, se acontecesse, deixaria cronificada uma

condição de ‘*self* quebrado’, e não se aproveitaria o colapso para um trabalho analítico de integração da personalidade.

### **Um ofício meio doido**

Mas isso não nos autoriza a conceber toda a psicanálise à luz dessa fantasia infantil. Nem, ao reverso, rir dela e dela nos desfazer de forma definitiva. O que sugiro, é que viemos a ser o que somos parcialmente reprimindo e parcialmente elaborando uma fantasia louca e onipotente de reparação, e mantendo-a como uma reserva psíquica, não apenas porque a ela precisamos recorrer em determinadas circunstâncias clínicas, mas porque dela continuamos a extrair uma porção de esperança todos os dias de nossa existência, principalmente os chuvosos.

O quanto devemos a essa doidice reprimida e bem guardada é algo difícil de avaliar. Sabemos que em alguns de nós ela retorna com maior facilidade, o que torna, aliás, esses psicanalistas mais afeitos e aptos para tratar casos muito cabeludos. Um exemplo eloquente, para não falar novamente em Ferenczi, era o grande analista americano (da região de Washington) Harold Searles, com seu apreço pelos pacientes psicóticos e *borderline*. O risco é ser doido demais.

Em outros analistas, a fantasia desmiolada está mais bem reprimida. Receio pertencer a essa turma. O risco é ser doido de menos.

Em todos os agrupamentos de analistas encontramos essas diferenças quanto à evidência da fantasia infantil onipotente. É difícil, contudo, imaginar algum analista em atividade – inclusive os mais sóbrios – que não conserve uma boa dose dela. (Ao menos, falo por mim e, acredito, pelos meus amigos mais próximos e queridos).

Nesse caso, isso deve significar que todos levamos pela vida afora, dentro de nós, algum traço do adolescente Holden Caulfield e, se nossa interpretação tiver sido justa, alguma coisa das criancinhas que ele imaginava em grande perigo e queria apanhar antes de caírem. Pelo que agradecemos.

**Abstract**

This reflection on the job of psychoanalyst was inspired by J. D. Salinger's novel *The Catcher in the Rye*, which recounts the irreverence, instability and critique of the adult world by an American teenager in the 1940s. The text relates certain fantasies of this teenager to the ideas Christopher Bollas developed in his book *Catch them before they fall* (2013) about the care of patients in extreme suffering; from then on, it makes considerations about the place of ambition and omnipotence, but also the necessary modesty of psychoanalysts in their practices. The work makes references to the Freud-Kleinian matrix and to Wilfred Bion to talk about the analytical activity, and also to what extent the analyst needs to have infantile, immature and unconscious characteristics.

**Keywords:** Analyst involved, Reserved analyst, Psychic illness, Clinical practices.

**Referências**

- ALVAREZ, A. *Live company*. New York: Routledge, 1992.
- BOLLAS, Chr. *Catch them before they fall*. New York: Routledge, 2013.
- DE M'UZAN, M. La bouche de l'inconscient (1978). *La bouche de l'inconscient*. Paris: Gallimard, 1994.
- DE M'UZAN, M. Pendant la séance (1987). *La bouche de l'inconscient*. Paris: Gallimard, 1994.
- FIGUEIREDO, L. C. Escutas em análise. Escutas poéticas. *Psicanálise: caminhos em um mundo em transformação*. São Paulo: Escuta, 2018.
- REIS, B. Monsters, dreams and madness: Explorations in the Freudian Intersubjective. *The International journal of psycho-analysis*, 97(2), p. 479-488, 2016 (DOI 10.1111/1745-8315.12416).
- SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio* (1951). Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Todavia, 2019.
- SALINGER, J. D. *Franny & Zooey* (1955). Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Todavia, 2019.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 08/12/2019

**Sobre o autor****Luís Claudio Figueiredo**

Psicanalista.

Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e e Livre Docência em Psicologia pela USP.

Professor doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor Associado da Universidade de São Paulo (PUC-SP).

**Endereço para correspondência**

E-mail: <lclaudio.tablet@gmail.com>



# O inconsciente é a política – ato/desato social

*The unconscious is politics – social act /unact*

Messias Eustáquio Chaves

## Resumo

É a partir do significante que o autor aborda o tema deste trabalho. O significante se inscreve num corpo hominídeo mudo. Ao longo do tempo, faz dele um *sapiens*, um ser falante, humano inteligente, construído pelo processo de aculturação, desde a linguagem primitiva do par parental até uma linguagem bastante complexa. Exuberante em seus significantes fundamentais, inscritos através das dramáticas experiências do Édipo e da castração simbólica vividas no seio da família e nos laços sociais precoces.

**Palavras-chave:** Inconsciente, Política, Inscrição, Instância, Registro, Estrutura psíquica, Ato.

ἀι μακάρι δεινάι εἰσιν – ai macai deinai eissin –  
as batalhas são terríveis – diversidade.  
A singularidade do sujeito do inconsciente e  
o mal-estar na civilização  
A moral dos costumes da aculturação e  
a ética da psicanálise

## Primeira questão

Lacan (1967) diz que “o inconsciente é a política”.

[...] se Freud escreveu em algum lugar que a ‘anatomia é o destino’, haverá talvez um momento quando se revelará a uma sã percepção exatamente isso que Freud nos descobriu e que também se dirá que eu não disse exatamente que a política é o Inconsciente, mas tão simplesmente: ‘o Inconsciente é a política’. Eu quero dizer que o que liga os homens entre si, o que os opõe, é precisamente o que nos tem motivado a produzir os ensaios que nos levem ao instante de articular a lógica.

Do Isso, que certamente aí está, é possível inferir as seguintes questões:

- O que Lacan quis transmitir com esse enunciado?
- O que Lacan realmente quis dizer?

- O que liga os homens?
- O que os opõe?
- O que os leva ao gozo sexual e ao gozo da agressividade?
- O que os leva ao amor e ao ódio?
- O que os leva às disputas, ao enfrentamento, às lutas de todos os tipos, ao entrelaço das diversidades, aos mandamentos do supereu, seus imperativos de gozo?
- O que leva os humanos a falar e a calar, a rir e a chorar, a cantarolar e a vociferar?
- O que os leva à piedade, ao perdão, ao amor ao próximo, à propaganda de felicidade eterna, à solidariedade e ao sacrifício pelo semelhante?
- O que Lacan quer dizer com “instante de articular a lógica”?
- O que os paradoxos da matemática de conjunto, das contradições lógicas, influenciaram Lacan a enunciar que “o

inconsciente é estruturado como ‘uma’ linguagem”?

- E o que a psicanálise tem a ver com tudo Isso?

Pensemos nos matemas, nos grafos, nos objetos topológicos inventados por Lacan desde a fita de Möebius até a topologia dos nós.

### Segunda questão

Por que é possível pensar que o inconsciente estruturado como ‘uma’ linguagem é lógico, matemático, paradoxal e que ele seja “a política”?

É porque a fala humana, a linguagem, é a única maneira de perceber e de dizer do Isso das pulsões, do real da vida e da morte, tanto quanto dos sonhos e das fantasias, assim como das escritas poéticas e literárias?

Linguagem é representação da fala e, ao mesmo tempo, dos pensamentos, dos sentimentos, dos desejos e dos contradesejos?

Ela é a transmissão das pulsões e suas defesas automáticas, das fantasias de desejos recalcados, desmentidos e até mesmo rejeitados, foracluídos?

É sempre no nível do significante que devemos procurar as respostas possíveis?

Lacan, em seus dois textos *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957) deixa claro que um significante sozinho não tem sentido algum, ou seja, podemos dizer coloquialmente que um significante não pode significar a si mesmo, porque a sua significação é correlata ao deslizamento dos significantes na cadeia ou rede significante. E o mais importante se revela na lógica de que o significante só pode passar para o registro da significação porque há um sujeito trabalhando ali nesta rede. Em razão do que será elaborado na sequência deste artigo, é importante chamar a atenção do leitor para a palavra “sujeito”.

Sabe-se como Lacan ([1957] 1998) definiu o que é um signo e o que é um significante:

- Signo é o que representa alguma coisa para alguém;
- Significante é o que representa um sujeito para outro significante.

Então, pensemos: a palavra “social” sozinha, como um significante, não pode significar a si mesma. Ela sozinha não significa socialismo. A palavra “capital” sozinha não significa o sistema capitalista. É preciso uma rede de significantes para que eles possam produzir significação. Se uma palavra representar alguma coisa para alguém, ela é um signo. Se uma palavra representar um sujeito para outra palavra, ela é um significante.

### Terceira questão

Quando Lacan, em seu seminário *A lógica do fantasma* (1967), associando livremente, subverte o dito “A política é o inconsciente” para “O inconsciente é a política”, o que ele quis nos dizer? Já que leitura e interpretação são atos de cada um na sua singularidade, é possível elaborá-los assujeitando-se a todos os riscos? Então, o termo “política” nos remete ao texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (LACAN, [1958] 1998, p. 596).

Lacan fala de “tática da interpretação”, de “estratégia da transferência” e de “política da falta-a-ser”, assim: “A política do analista se faz melhor colocando-se em sua falta-a-ser do que colocando-se em seu ser”.

Então, pergunta-se:

É possível pensar uma política para o ser humano em geral, que seria aquela fundada na consciência moral, na ilusão de completude, nos mandamentos da religião, na ética aristotélica do bem supremo, e pensar outra política também para o ser humano em geral, mas que seria aquela fundada no real do inconsciente, na castração simbólica, na incompletude do ser, na ética do desejo do sujeito dividido em sua falta-a-ser?

Então, é possível fazer as seguintes deduções:

- Se a ética da psicanálise é a ética do desejo, o inconsciente é a política do de-

sejo do analista em sua falta-a-ser (A) dirigindo o tratamento desde a posição de objeto *a* no discurso analítico.

- O analisante, falando livremente tudo o que quiser, será conduzido pelas suas associações e pelos atos analíticos no encontro com a sua falta-a-ser no inconsciente (\$), encontro com o real do impossível da completude do ser.
- O analisante descobre a impossibilidade de dizer tudo, tanto quanto o analista de escutar tudo em cada sessão de análise, em cada transmissão da psicanálise, em cada escrita, em cada ação no campo do Outro, enfim, em cada encontro da vida com a morte.
- O inconsciente é que comanda tudo nas atividades humanas, pois ele é a política – do desejo e da defesa, da ética e da moral, da oratória e da escrita, da arte e do esporte, da polícia e da religião, do governar e do educar, do analisar e do transmitir a psicanálise – seja no consultório ou na cidade, seja no regime democrático ou no regime autocrático, pois o inconsciente comanda o ser falante e a humanidade.

#### Quarta questão

Qual o contexto no qual o autor deste trabalho é capturado por este dito de Lacan, “O inconsciente é a política”?

Pois bem, no ano 2018 vive-se intensa agitação política no Brasil, recolhimento do que já vinha acontecendo desde 2014 e acirrado até 2016 com o impedimento da presidente Dilma e a posse do seu vice Michel Temer. Campanhas eleitorais intensas e disputas acirradas durante dois anos até as eleições presidenciais de 2018.

Este autor escuta e presencia grandes preocupações e ansiedades tanto em seu consultório, quanto nas ruas e nas transmissões de mídia falada e escrita. Nunca antes havia presenciado tanta união entre membros de um determinado partido qualquer e, ao mesmo tempo, tanta discórdia e disputa entre membros de partidos diferentes.

Fica-se pasmo ao constatar que no Brasil há 35 partidos registrados na Justiça Eleitoral (ONU-Wikipédia) e pergunta-se: para que tantos? Surgem daí muitas outras perguntas e reflexões sobre a estrutura política neste País, suas criações desde o início da república, as características de cada um, seus *slogans*, seus objetivos, suas propagandas, o uso que fazem do dinheiro público, as leis feitas para preparar os caminhos das eleições e do ato de governar.

É possível dizer que ‘o inconsciente de cada sujeito’ em sua função no parlamento e no executivo de uma nação é o efeito de deliberações quase sempre perversas em benefício de suas próprias necessidades e desejos?

É assim desde o início da humanidade em todo o planeta Terra?

Desde o início da civilização com a descoberta do fogo, todos querendo poder, dinheiro e sucesso?

Faz parte da luta para domar a natureza, garantir alimentos e sobreviver, defender-se de animais selvagens, de outros humanos ladrões e assassinos?

Com a civilização, a aculturação, o progresso na educação e no trabalho, o que mudou?

Caminha-se para frente e para trás ao mesmo tempo?

Tudo volta sempre ao mesmo lugar?

O que a psicanálise tem a ver com Isso e pode fazer com Isso?

A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações (LACAN, [1957] 1998, p. 518).

#### O preço ético do amor: o comandante

Cabe uma pergunta:

Poderia o sujeito se eximir dessa introdução?

Eros e Ananké estão na raiz de sua impossibilidade. Dependência e desamparo colocam

o sujeito infantil à mercê do Outro e sobre esta base se assenta a *ética* sustentada no sistema da lei e da cultura. Somente dentro do sistema é possível a legislação do Bem e do Mal, a transgressão e o castigo. Freud os faz depender da “angústia social”: “bom” é aquilo que possibilita contar com o outro, “mau” o que afasta o outro. A “angústia social” é angústia pela perda do amor ou angústia indeterminada pela perda do objeto libidinal. Assim, a perda do amor e o resultante desamparo deixam o sujeito à mercê de perigos insuspeitos. O inesperado é que, instaurado o *amor*, se inicia também um novo perigo tão ameaçador quanto Ananké. Desamparo de sinais opostos, mas nenhum alheio ao perigo: desamparo por Ananké e desamparo por Amor (ameaça de perda de amor); lá o perigo é exterior, aqui é exterior-interior. A ameaça é gerada de dentro... *como supereu* (GEREZ-AMBERTÍN, 2009, p. 150).

Assim, afirma Freud ([1930] 1974, p. 81):

[...] os seres humanos desejam e buscam, constantemente, poder, dinheiro e sucesso.

### Ponderações

Um bebê pode nascer em qualquer lugar deste nosso planeta Terra. Em abril de 2019, conforme dados da ONU, contabilizou-se 7,7 bilhões de habitantes, a maioria na China, Europa Central e Oriente Médio.

Geralmente, se tudo correr bem, o recém-nascido deixa o útero, grita-chora e vai para o colo da mãe. Emocionadas, as primeiras palavras que a maioria das mães diz ao bebê é “meu amor”. Assim, uma mãe dá início à *lalangue*, a fala materna ali enlaçada com *das Ding* [a Coisa] e faz a inscrição primeira do amor. Grito, choro, primeiras mamadas, enlaçadas às falas da mãe, dão início a estruturação da linguagem, ao campo do grande Outro, onde pulsões, sensações, percepções de ruídos, de sons, de palavras, criam o inconsciente de cada um ao longo dos cinco primeiros anos de crescimento da criança.

O real das pulsões, o simbólico das palavras, o imaginário das fantasias, enlaçados topologicamente, Id-Ego-Superego, RSI em cada sujeito, singularmente, paradoxalmente.

É possível pensar que o inconsciente é um paradoxo de contradições lógicas estruturadas como *uma* linguagem, pois cada sujeito é único em seu inconsciente, em cada um dos 7,7 bilhões de habitantes da Terra, não importando a língua de cada povo, pois cada língua tem a sua estrutura de linguagem feita de significantes colhidos no campo do Outro – do par parental, da pequena família, da grande família e, depois, da Escola Infantil e da Cidade.

Cada ser, em qualquer lugar do planeta Terra, se faz sujeito de seu inconsciente estruturado pelas vivências do Édipo e da castração simbólica dos quais a própria linguagem dá testemunho, seja em português, seja em chinês, seja em qualquer outra língua.

Dessa linguagem estruturante do inconsciente de cada um poder-se-á delinear o Destino de cada sujeito em sua *falta-a-ser*, castrado simbolicamente, ninguém sendo capaz de dizer tudo, nem ser completamente perfeito e feliz, pois a forclusão, o desmentido e o recalque são as defesas que estruturam e emolduram as psicoses, as perversões e as neuroses de cada um no espaço-tempo da construção da humanidade.

Se a linguagem é o canal que representa tudo o que habita no inconsciente do sujeito, sabemos com Freud e Lacan que é através dela que identificamos as manifestações pulsionais, egoicas e superegoicas de cada um em sua singularidade. O inconsciente é complexo, é contradição lógica, é marcado pelos significantes inscritos pelas vivências da infância e marcante desde *lalangue*, desde o significante primeiro, Um, S<sub>1</sub>.

Destaca-se aqui a importância do significante na construção do laço social – em seus *atos* e *desatos* – mais do que no efeito simbólico e imaginário de todas as suas frustrações, disputas, agressões, verdadeiras guerras. Isso é do inconsciente de cada um. Não há in-

consciente plural, coletivo, cultural. Cada sujeito leva para a cultura ou civilização os seus significantes particulares, inscrevendo-o nos laços sociais através de suas identificações com alguns outros na sociedade, outros que podem ser até mesmo uma grande família de parentesco, uma comunidade, uma instituição, uma organização empresarial, uma igreja, um partido político, um povo, uma nação.

Assim, Lacan pergunta e afirma: será que tudo se limita à gênese do supereu, cujo esboço se elabora, se aperfeiçoa, se aprofunda e se torna mais complexo à medida que a obra de Freud vai avançando?

Essa gênese do supereu não é apenas uma psicogênese e uma sociogênese. Na verdade, é impossível articulá-la mantendo-se simplesmente no registro das necessidades coletivas. Alguma coisa impõe-se aí, cuja instância distingue-se da pura e simples necessidade social.

Tento aqui permitir-lhes individualizar sua dimensão sob o ‘registro da relação com o significante e a lei do discurso’, se quisermos situar de maneira rigorosa e correta a nossa experiência (LACAN, [1959-1960] 1988, p. 15).

Para referendar o que foi dito, vejam o que diz Marta Gerez-Ambertín (2009, p. 162):

Há mais uma advertência referida a um suposto supereu cultural quando Freud reflete sobre o risco de arrancar os conceitos “supereuicos da “esfera em que nasceram e se desenvolveram”. Entendamos que, embora do supereu só se possa esperar efeitos dissolventes e catabólicos, não é possível pensar um *supereu cultural coletivo*. Os efeitos aos quais aludimos são incidências do Ideal, dos Mandatos e da própria estrutura cultural em cada um de seus membros, caso a caso e um a um, em uma singularidade que *não admite coletivização*. A cultura tenta “normalizar” os porcos-espinhos, se é verdade que aproximá-los demais os fere (pelos ferrões do mandato), dissolvê-los e separá-los os mata (na medida em que anula os Ideais entrelaçados ao Amor).

Para entender a ética da psicanálise, precisamos distinguir moral e ética como tão bem nos precisou Lacan, se referindo em Kant, Heidegger, Hegel. Essa distinção – necessária – entre moral e ética, encontramos desde os gregos antigos, principalmente em Sócrates, Platão e Aristóteles, o que nos indica que essas questões fazem parte da reflexão humana desde o século IV a.C.

Ao longo do tempo, essa distinção sofreu transformações e ganhou, com Lacan, uma formalização que coloca a moral na dimensão da obrigação e a ética na dimensão do desejo. A ética em Lacan é a ética do sujeito como morada do desejo. Na última parte do seu seminário da ética, pergunta Lacan ([1959-1960], 1988, p. 373: “Agiste em conformidade com o teu desejo?”.

Essa é uma questão que estimula muitas das nossas reflexões, pois se trata do desejo inconsciente, efeito da castração simbólica, convivendo no inconsciente lógico, paradoxal, com inscrições multifacetadas colhidas no campo do Outro e teorizadas como pulsionais, superegoicas, egóicas e, assim, atitudes tanto morais quanto éticas desse sujeito de seu inconsciente. É na análise pessoal que se é capaz de localizar tais efeitos inconscientes paradoxais, identificá-los e tratá-los.

Para perceber como o inconsciente é paradoxal, basta observar a questão que Lacan coloca ao iniciar *Os paradoxos da Ética ou Agiste em conformidade com teu desejo?*, a última sessão do *Seminário 7: A ética da psicanálise*, e enlaçá-la com o que ele havia dito na introdução desse mesmo seminário, tal como está a seguir:

[...] a análise é a experiência que voltou a favorecer, no mais alto grau, a função fecunda do desejo como tal. [...] na articulação teórica de Freud, *a gênese da dimensão moral não se enraíza em outro lugar senão no próprio desejo*. É da energia do desejo que se depreende a instância do que se apresentará no término de sua elaboração como censura (LACAN, [1959-1960], 1988, p. 12, grifo nosso).

Mas de que desejo Lacan está falando?

É do desejo nas psicoses, nas perversões ou nas neuroses?

Como esse desejo está estruturado borro-meanamente?

É do desejo do analista em sua prática clínica, cuja formação passou pela experiência da análise pessoal, pela castração simbólica, pela retificação subjetiva, pela elaboração de sua falta-a-ser inserida no contexto da ética de uma psicanálise levada até as últimas consequências?

Os efeitos de uma boa análise garantem ao sujeito mais sabedoria e sorte em seus laços familiares e sociais?

As evidências indicam que sim, é possível, mas não há garantia absoluta. Contudo, o que parece plausível é que os analistas em geral conseguem construir um saber como lidar com o real da vida e da morte, de lidar com os seus desejos e suas censuras, de fazer as melhores escolhas para si mesmo, de estabelecer uma reflexão ética e um juízo crítico sobre a moral dos costumes numa comunidade, numa instituição, numa cidade, numa nação.

Assim, afirma Lacan ([1959-1960], p. 373-374):

A ética consiste essencialmente – é sempre preciso tornar a partir das definições – num juízo sobre a nossa ação, exceto que ela só tem importância na medida em que a ação nela implicada comporta também ou é reputada comportar um ‘juízo’, mesmo que implícito. A presença do juízo dos dois lados é essencial à estrutura. Se há uma ética da psicanálise – a questão se coloca –, é na medida em que, de alguma maneira por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação – ou simplesmente pretende isso.

Alguns leitores talvez queiram me perguntar – você abordou somente o aspecto da singularidade do sujeito. E o social, a presença do cidadão na sociedade, na polis? E este autor responde da seguinte maneira: o

significante, ao representar o “sujeito” para outro significante, estrutura o inconsciente como “uma” linguagem e emoldura o campo do Outro.

No âmbito desse Outro da linguagem, inscrevem-se as instâncias do Isso, do Eu, do Supereu e os registros do Real, do Simbólico, do Imaginário. O inconsciente é tudo isso junto na essência da estrutura do seu território. Tudo na vida e na morte do ser falante é causado, dirigido, comandado pelo inconsciente de cada um em sua singularidade lógica, seja na prática clínica, seja na vida social, comunitária, institucional, empresarial.

Na medida em que o sujeito do seu inconsciente faz laço social, suas características singulares se encontram com as do outro por identificações imaginárias e simbólicas. Assim, são construídas relações de compartilhamento de ideias, de atitudes, de comportamentos, de movimentos sociais. É possível perceber a força determinante do inconsciente na direção e comando do sujeito. É ele que faz a política na direção do tratamento analítico. É ele que faz a política na direção de instituições, de cidades e de povos.

Momento lógico, segundo Freud e Lacan, que atesta com evidências o fato de que a estrutura psíquica de cada ser humano já está consolidada em seu eixo básico, uma espécie de espinha dorsal do que virá pela frente. O inconsciente comanda e determina as escolhas do sujeito: imaginárias e simbólicas.

Tais identificações inconscientes tiveram início em seus enlaçamentos e amarrações topológicas desde a experiência do “estádio do espelho” (LACAN, [1949] 1998), passando por pontos de fixação e apresentando-se na idade adulta através das escolhas pessoais que cada sujeito faz movido pelo seu desejo.

Desejos e identificações levam o sujeito a escolhas inconscientes no âmbito das diversidades pulsionais, fantasmáticas e simbólicas. Os efeitos desse enlaçamento acontecem e se fazem notar na experiência da análise pessoal e na vida social.

Assim, escolhe-se fazer determinado curso superior e não outro, determinada formação artística e não outra, trabalhar como empregado e não como empreendedor autônomo, gostar dessa pessoa e não daquela, simpatizar pelas ideias e propostas deste partido político e não de outro partido qualquer, havendo tantos a ser escolhidos e assim por diante.

O que determina a escolha subjetiva de um partido dentre 35 partidos diferentes no Brasil é o inconsciente que se estrutura na infância de cada um e, depois, se implica na vida social, fazendo escolhas movidas por desejos e identificações.

Não há um “dentro” ou “mundo interno” separado de um “fora” ou “mundo externo”, pois ambos se interligam de uma maneira lógica, isto é, topológica, representada pela fita de Möebius. O dentro e o fora do sujeito estarão sempre interligados no amor e no ódio até que a morte os separe.

É possível lembrar-se de outro objeto topológico, a garrafa de Klein, que, semelhante à fita de Möebius, demonstra o mesmo efeito estrutural do inconsciente em seu laço social. Vale a pena pensar sobre os paradoxos políticos desde *Moisés e o monoteísmo*, desde os filósofos e os políticos gregos, desde o império romano, desde Jesus Cristo e a Igreja Católica, desde todas as religiões e todos os governantes de Estado até o mundo atual.

Assim, para finalizar, é possível dizer que todo psicanalista sabe que não há um saber clínico sem uma teoria, nem uma teoria sem a experiência clínica. Ambos fazem parte do funcionamento dialético da falta e do desejo.

É impossível pensar o registro da falta sem a dimensão do desejo – desejo este indestrutível, segundo escreve Freud no finalzinho de *A interpretação dos sonhos*. Desejo e falta são efeitos, são significações produzidas pelo significante fálico, ou seja, pelo ‘falo’ como o significante ao mesmo tempo da castração e do desejo.

O que é a verdade? Um verdadeiro paradoxo, pois, na estrutura do inconsciente, a

verdade é topológica, uma contradição lógica, uma meia verdade.

É nessa dupla dimensão que ele estrutura a dialética edipiana e o complexo de castração simbólica. Sem a castração simbólica não há acesso ao campo do desejo, ao campo da falta-a-ser, restando ao sujeito ficar aprisionado no registro do supereu arcaico herdeiro do assassinato do pai primevo e do gozo incestuoso com a mãe. Poder ‘bem-dizer’ o saber e a verdade do real da clínica é ato constitutivo da ética da psicanálise. Ela é filiada e sustentada pelo estatuto do “inconsciente estruturado como *uma* linguagem”.

Assim, a ética da psicanálise implica que o analista, pelo menos na perspectiva analítica, não ceda de seu desejo, como nos recomenda Lacan ([1959-1960] 1988, p. 385:

A única coisa da qual se possa ser culpado é de ter cedido de seu desejo.

## Referências

---

FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* (1927[1974]). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 17. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 75-81. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Tradução de Stella Chebi. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma* (1966-1967). Sessão de 10 maio 1967. Inédito.

**Recebido em:** 12/11/2019

**Aprovado em:** 08/12/2019

## Sobre o autor

### Messias Eustáquio Chaves

Psicanalista.

Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Especializado em Psicologia Clínica

- Conselho Regional de Psicologia, 4ª Região-MG.

### Endereço para correspondência

E-mail: <mesquioves@gmail.com>

# Arkangel: o episódio mais freudiano de Black Mirror

Arkangel:  
the Black Mirror's most Freudian episode

Patrícia Lins de Paula

## Resumo

A série antológica de ficção científica *Black Mirror* popularizou-se na *Internet* pela abordagem inteligente e inédita de como o mau uso da tecnologia pode arruinar as relações humanas e agravar o mal-estar do indivíduo. Prazeroso e desconfortável, o episódio em estudo – *Arkangel* – aborda o dilema da pós-modernidade com as peculiaridades narcísicas e manipuladoras da natureza humana dentro das relações parentais. Neste artigo abordamos o típico caso de uma mãe superprotetora que disfarça o desejo de poder sob uma fina casca de preocupação e cuidado com sua única filha, e o desdobramento implosivo que disso pode resultar, à luz de Alfred Adler, Donald Winnicott, Michel Foucault e Sigmund Freud.

**Palavras-chave:** Controle, Maternagem, Narcisismo, Poder, Relações parentais.

O desejo de poder, tão presente nos estudos de Alfred Adler, pode se expressar nos comportamentos mais perniciosos, não obstante aparentemente protetores, ocultados sob uma fina casca disfarçada de cuidado e amor, como a preparação diária, quase religiosa, do *shake* matinal de Sara por Marie, no episódio *Arkangel*, da série *Black Mirror*.

Esse tema do poder e controle já havia sido abordado por Freud ([1914] 2004) no seu texto *Introdução ao narcisismo*, quando afirmou que a criança, como objeto de ternura parental, sua majestade, o bebê, seria o símbolo de uma representação narcísica que satisfaz aquele que a apreende. Sobre os filhos, portanto, é projetada toda perfeição não realizada pelos progenitores (*e impossível!*), traduzida em cuidados na primeira infância e revelada como ações aparentemente naturais, atribuídas a pais responsáveis e preocupados.

Quando aborda o narcisismo, Freud ([1914] 2004) considera-o etapa fundamen-

tal do processo de constituição do eu e estabelece que, quando ama, o sujeito ama o próprio eu realizado no plano imaginário. Portanto, consideramos que, por trás da maternidade de Marie, há o narcisismo; assim como em qualquer maternidade, em maior ou menor grau.

Como afirma Freud ([1914] 2004, p. 110):

O comvente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocadamente sua antiga natureza.

Mãe abusiva e controladora, que parece viver sob forte e contínua tensão psíquica de ter que dar conta de tudo por sua filha Sara, num mecanismo obsessivo de vigiar (vendo sem ser vista), Marie usa a maternidade como um modo de produção individual, uma vez que não compartilhou a filha com

nenhum parceiro, a não ser a participação – coadjuvante – do avô materno na criação, reforçando a ideia da “minha filha”, a que “eu gerei” e, portanto, que “eu protejo”, ou dito de outro modo, a que “eu manipulo” e a que “eu controlo”.

De fato, são inegáveis o amor e o desvelo da mãe ao preparar o alimento da filha, como o *shake* matinal, sempre presente nas cenas. Mas cumpre refletir quando o cuidado vira doença, ou seja, quando a mãe passa a não mais dissolver probiótico na bebida, mas a pílula do dia seguinte, para abortar uma gravidez inesperada e desconhecida pela própria filha!

Winnicott (1990), na sua célebre obra *Natureza humana*, apresenta as três funções essenciais da maternagem: apresentação dos objetos, *holding* [sustentação] e *handling* [manejo]. Define a mãe suficientemente boa como aquela devotada, ou seja, aquela que tem adaptação sensível e ativa; e a insuficientemente boa como aquela que não tem capacidade de se identificar com as necessidades do filho, que substitui as necessidades do bebê pelas próprias necessidades, pois o bebê não existe sozinho, mas é parte de uma relação.

Assim, a superproteção materna, além de não ser propriamente um cuidado de alteridade (com o outro) mas consigo mesma, pode predispor a criança a doenças psicossomáticas, como a asma.

A mãe narcísica, ou seja, aquela que desenvolveu o transtorno de personalidade narcisista (TPN), é autocentrada, autorreferente, com relação à qual nunca há um convívio pacífico. Em geral, produz na criança o abuso psicológico, que provoca tristeza e mágoa, mas para os outros (sobre os quais não exerce influência direta) mostra-se alegre e extrovertida – exatamente como Marie.

Para ela, a filha bem-sucedida (como uma extensão de si mesma) mostra que é uma boa mãe. E ao contrário do que acredita (ou faz os outros acreditarem), não tem propriamente um gênio forte, mas uma estrutura

emocional muito fragilizada, utilizando manipulação (comunicação indireta ou fofocas, mentiras).

Apoiada numa tecnologia experimental que implanta um *chip* no cérebro de crianças para monitoramento dos pais, Marie tomou essa decisão – sem analisar mais detidamente os efeitos físicos e psicológicos de um corpo estranho vigilante em sua filha – “para o melhor de Sara”. Melhor para quem? É assim que Sara se desenvolve nos primeiros anos: como uma criança observada em sua localização, em seus sinais vitais, com a possibilidade da mãe poder ver o que ela vê e adicionar filtros com limitação de conteúdo às cenas que se apresentam à filha perante seus olhos.

Desse modo, em geral os filhos respondem às mães patologicamente narcisistas com uma excessiva dependência, como objeto do gozo (freudiano) da mãe, sentindo que sua missão é sempre ajudá-la e servi-la.

Winnicott (1988, p. 181) afirma:

É necessário compreender o impacto sobre a criança do inconsciente reprimido por baixo da superproteção compulsiva da mãe.

Assim, a menina se desenvolve psicologicamente dependente e com um mecanismo de estímulo-resposta deturpado. Skinner provavelmente adoraria avaliar este caso. É como se fosse um animal condicionado, num cativeiro vigiado sob os olhos atentos de sua mãe. Ainda criança, a brincadeira e a distração com o gato que escapole no parque, e ela o segue, parece definir metaforicamente as cenas que se desdobram, do animal que aproveita as brechas abertas em seu cativeiro para desfrutar da liberdade possível na vida real.

Parece ainda que o mecanismo de defesa de Marie, gerador de profundo adoecimento psíquico nela mesma, apresenta como estratégia criar uma redoma, vivendo em função da filha Sara (a imagem da tela do celular de

Marie é uma foto de Sara), o que inclusive a atrapalha para viver sua vida e estabelecer relacionamentos, buscando afastar também da filha todas as outras pessoas que podem representar risco de liberdade ao aprisionamento, recorrendo a ações manipuladoras, para que no fim, só reste uma única pessoa a quem Sara possa recorrer: Marie.

Entretanto, se a pretexto de proteger, o cuidador tolhe o sujeito a viver livremente, ele age em prejuízo da normalidade psíquica.

Adler (1931, p. 48) sintetiza bem essa ideia:

O maior perigo na minha vida é quando alguém me restringe e impede meu livre desenvolvimento.<sup>1</sup>

Como o organismo humano vive num ambiente patogênico, cheio de micro-organismos que promovem estímulos à imunidade natural, a qual é a resposta de equilíbrio orgânico, psicologicamente o desenvolvimento emocional sadio precisa de estímulos reais para desenvolver os mecanismos de defesa emocionais e (por que não?) as resistências. Portanto, o uso desmesurado da proteção artificial acaba atrofiando tais possibilidades de defesa.

Manter uma visão distorcida da vida, com imagens de violência e sexo censuradas, gerou uma espécie de dificuldade para Sara fazer suas próprias escolhas e, com isso, uma maior tendência de projeção de culpa, que mais tarde explode em violência.

A resposta emocional agressiva, como a ação de Sara se autoferir com o lápis afiado, denota uma raiva reprimida que não se expressava exatamente na linguagem – os vazios do discurso na realidade emocional que não tem nome, só dor.

É notório, sobretudo com o crescimento de Sara (já na adolescência), que há uma espécie de competição, quase rivalidade, da

mãe em relação à filha. Poderíamos esperar de Sara a preservação da dependência e da inibição como resposta ao aprisionamento, mas ela entende que o afeto não precisa representar plena fidelidade de pensamentos. Então, passa naturalmente pela fase da mentira, dissociando-se da mãe enquanto sujeito, uma vez que nem tudo precisa ser abertamente dito, e que há experiências individuais e compartilhadas com outros, das quais a mãe não precisa participar. E isso não implica falta de amor ou cumplicidade.

Um exemplo disso é sua relação com Trick; ele é para Sara a via da verdade sem filtros, com o qual estabelece um laço transferencial, de confiança. Amigo da mesma idade, com quem mais tarde inicia-se afetiva e sexualmente, desde muito cedo mostrou que a visão de Sara da realidade era filtrada, deturpada. E porque o proibido aguça o desejo, Sara demonstra querer saber “como a vida aconteceu”.

Desde a experiência com sexo e drogas até exposição a cenas de violência, Trick oferece a Sara possibilidades até então vedadas, que disparam em Marie um descontrole traduzido em desespero. Ela mobiliza contatos sociais para afastar os perigos da libertação de Sara, ameaça denunciar Trick à polícia e, ao perceber que Sara está no início de uma gravidez inesperada, vai à farmácia comprar um comprimido abortivo, despedaça-o e mistura no *shake* matinal, ignorando a vontade da filha.

Foucault ([1987] 1999), no contexto da vigilância hierárquica, define que essa vigilância obscura, que deve ver sem ser vista, é o ápice de um poder discreto, operador de adestramento, como o panóptico de Bentham.

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados [...], onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma

1. Tradução livre de “*It is the greatest danger in my life when some one restricts me and prevents my free development*”.

figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado [...] – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar (FOUCAULT, [1987] 1999, p. 221).

Ninguém aguenta por muito tempo viver sob rígido controle e disciplina, que estão na contramão do amor.

Assim, é natural a resposta do sujeito oprimido de libertar-se pela violência e abandonar o opressor. E é justamente o que acontece: Sara confronta Marie e rompe com o círculo vicioso, quebrando o *tablet* numa agressão física contra a mãe. Naquele momento ela rompe o padrão dependente e opta por aceitar os riscos desconhecidos de uma carona para qualquer lugar. É porque para quem foi prisioneiro, nunca será alto demais o preço a pagar pela liberdade.

### Abstract

*Black Mirror, an anthological and science fiction series, became popular on the Internet for its clever and unprecedented approach to how the misuse of technology can ruin human relationships and aggravate the individual's malaise. Pleasant and uncomfortable, the current episode, Arkangel, addresses the dilemma of postmodernity with the narcissistic and manipulative peculiarities of human nature within parental relationships. In this article we discuss the typical case of an overprotective mother who disguises the desire for power under a thin shell of concern and care for her only daughter, and the implosive unfoldment that this can result, in the light of Alfred Adler, Donald Winnicott, Michel Foucault and Sigmund Freud.*

**Keywords:** Control, Motherhood, Narcissism, Parental Relationships, Powering.

## Referências

ADLER, A. *What life should mean to you*. London: Brown and Company, 1931, p. 48. Versão digital disponível em: <<http://www.alfred-adler.us/what-life-means.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1987). Tradução de Raquel Ramalheite. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In \_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 55-120. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 97-119. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

**Recebido em:** 25/11/2019

**Aprovado em:** 20/12/2019

### Sobre a autora

#### Patrícia Lins de Paula

Psicanalista. Palestrante. Escritora. Graduada em Engenharia Elétrica, modalidade Eletrônica, pela Universidade Salvador (UNIFACS), pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (IMES) e em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Membro participante do Círculo Psicanalítico da Bahia.

#### Endereço para correspondência

E-mail: <[patricialins@patricialins.org](mailto:patricialins@patricialins.org)>

# *Normas de Publicação<sup>1</sup>*

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os que não foram publicados, nem no todo nem em parte, em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.
2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficarà a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma.
3. Poderão também ser publicados:
  - 3.1 Reflexões sobre a psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento;
  - 3.2 Casos clínicos;
  - 3.3 Entrevistas;
  - 3.4 Resenhas;
  - 3.5 Ensaios.
4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas abaixo:
  - 4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
    - 4.1.1 Folha de rosto com o título do trabalho, nome dos autores e titulação. No corpo do trabalho não deverá constar o nome dos autores, com o objetivo de manter o anonimato na avaliação feita pelo corpo editorial.
    - 4.1.2 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
    - 4.1.3 Resumo expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.
    - 4.1.4 Palavras-chave, de três a cinco, que identifiquem o conteúdo, para a completa descrição do assunto, após o Resumo.
    - 4.1.5 *Keywords*, de três a cinco, após o *Abstract*.
    - 4.1.6 Referências. Citadas como no exemplo a seguir:
      - 4.1.6.1 Registrar as referências em ordem alfabética conforme os exemplos, observando os detalhes de dois pontos, abreviaturas e vírgulas, bem como qualquer outro assinalado abaixo:

---

1. Normas atualizadas para as próximas edições.

a) De livro

AUTOR. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Exemplos: CERVO, A. L. *Metodologia Científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. PIMENTEL, D. *O sonho do jaleco branco*: saúde mental dos profissionais de saúde. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

b) de capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

Exemplos:

FREUD, S. Sobre a psicoterapia [1905]. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. VII, p. 239-251.

LAMBOTE, M. C. O tempo anunciador. In: LAMBOTE, M. C. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 103-109.

PIMENTEL, D. Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria. In: PIMENTEL, D.; ARAUJO, M.G. (Orgs.). *Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, p. 9-13.

c) de artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano. Exemplos:

PIMENTEL, D; VIEIRA, M.J. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Psychê*, São Paulo, n. 15, p. 155-165, jun. 2005.

BERNARDES, W. S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

d) Outros modelos de referência, consulte os editores ou o *site* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

5. Tabelas e gráficos deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização no texto entre dois traços horizontais.

6. As citações deverão estar acompanhadas de suas fontes, com as respectivas páginas.

6.1 Direta: Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Neste caso é obrigatório colocar sobrenome e ano da obra, além da página.

As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

6.1.1 Até três linhas

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

Ex. a) Como diz Pontalis (1998, p. 274): “Nossas memórias para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.

Ex. b) “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, p. 302).

#### 6.1.2 Mais de 3 linhas

Devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor (tamanho 10) e espaçamento simples. Não há necessidade de colocar entre aspas.

Ex.: Conforme Freud (1919):

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar o seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (FREUD, 1999, p. 424).

#### 6.2 Indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

Ex. a) Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

Ex. b) A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

Ex. c) Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN *apud* LEITE, 2000).

7. Usar o mínimo de notas de rodapé, porque as referências do texto devem vir no corpo do texto.
8. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP o exame e aprovação dos trabalhos, em primeira instância, de seus respectivos sócios, e o encaminhamento à Comissão Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.
10. Os originais deverão ser enviados em duas vias, devidamente numeradas e rubricadas, com espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, não excedendo 8 laudas. O título do trabalho deve conter no máximo dez palavras e o tamanho da fonte 14, em negrito.

10.1 Os originais deverão ser encaminhados também em mídia eletrônica no Word 1997-2003.

10.2 Os autores deverão enviar os originais para a sede do Círculo Brasileiro de Psicanálise, com carta dirigida aos editores, autorizando a publicação e ratificando ser um trabalho inédito.

A carta deve conter o título do trabalho, nome do(s) autor(es) com sua titulação acadêmica e institucional, e o endereço físico e eletrônico do autor principal.

10.3 Os trabalhos deverão ser enviados para:

**Revista Estudos de Psicanálise**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21)2236-0655

E-mail: <cbp.rj@terra.com.br>

## ***Roteiro de avaliação dos artigos***

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.







Círculo Brasileiro de Psicanálise